

~~sc~~

~~12584~~

H. J.

12788



GOSTA LOBO

POLITICA
MORAL, E CIVIL,
AULA DA NOBREZA LUSITANA,

*Authorizada com todo o genero de erudição sagrada, e profana para
a doutrina, e direcção dos Principes, e mais Politicos;*

DIVIDIDA EM VARIOS VOLUMES, EM QUE SE DA: NOTICIA
de todas as virtudes, e vicios Moraes. De todas as Sciencias, e Artes Li-
beraes. Particularmente da Astronomia, Geografia, e Chronologia. Das
faculdades Bellica, Nautica, e Equestre. Da Historia Sagrada, e Eccle-
siastica. De todas as Religioens da Europa, e Ordens Militares, e Regula-
res da Igreja. Da Historia Geral. Da Fundação dos Imperios, origem das
Monarquias, differenças dos Governos, e razoens porque os Estados cres-
cem, se conservaõ, e diminuem. Da Historia Particular. Da Historia, e
Genealogias de Portugal. Das Leys, e Costumes, das Batalhas, e Tratados
dos outros Reinos. Da Historia fabulosa: Dos interesses dos Principes. Das
Maximas da Corte, que ha de seguir, e dos livros necessarios, que deve ler
o Politico Moral, e Civil.

OFFERECIDA

AO AUGUSTO, E FIDELISSIMO MONARCA

D. JOSEPH

NOSSO SENHOR

POR

DAMIAÕ ANTONIO
DE LEMOS FARIA E CASTRO.

T O M O VI.

LISBOA:

(85) Na Oficina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor
da Congregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.

M. DCC. LIV.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

POLITICA MORAL E CIVIL
AULA DA NOROCCIDENTALIA

Ampliada com um volume de conhecimentos e de problemas
de doutrina, e de conhecimentos filosoficos e politicos.

DIVIDIDA EM VARIOS VOLUMES, EM QUE SE DA NOTICIA
de todas as virtudes, e vicios da natureza, e da
de todas as partes do mundo, e de todas as
das, e de todos os conhecimentos da
da Historia Natural, e da Filosofia
da Historia Civil, da Historia
da Historia Natural, e da Filosofia
da Historia Civil, da Historia
da Historia Natural, e da Filosofia
da Historia Civil, da Historia

O F E R T E C I D A
A O A U G U S T O , E F I D E L I S S I M O M O N A R C A
D. JOSÉ
N O S S O S E N H O R
PO R
DAMIAO ANTONIO
DE BEMOS FARIA E CASTRO
T O M O V
L I B R O A

Impressão da Officina da Typographia do Congregado
do Congregado da Typographia da Typographia
Alto da Typographia da Typographia

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Joseph da Costa,
ta, da Companhia de Jesus, Qualificador
do Santo Officio, &c.*

EMINENT., É REVER. SENHOR.

LI por ordem de V. Eminencia o sexto Tomo da obra *Politica Moral, e Civil*, que compoz com a mesma elegancia, que os outros cinco, Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro, e he hum compendio de todas as nossas Historias Portuguezas; e como estas comprehendem, e foraõ obradas em todas as quatro partes do mundo, a que se estende o dominio de Portugal, me parece o mappa mais exacto, que até agora delinearãõ os Geografos. He dignissimo da licençã que pede, pela gloria que dá à Monarquia, e porque se não encontra nelle cousa, que offenda a Fé, ou bons costumes. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, no Real Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus, 5 de Agosto de 1750.

Joseph da Costa.

Vista a informaçãõ, pôde imprimirse o sexto Tomo da obra intitulada: *Politica Moral, e Civil*; e depois de impresso tornará conferido para se dar licençã que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 5 de Agosto de 1750.

Alencastre. Silva.

Do Ordinario.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph da Madre
de Deos, Religioso da Terceira Ordem da
Penitencia, &c.*

EXCEL., E REV. SENHOR.

MAnda-me V. Excellencia, que veja o sexto Tomo da *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*, composto por Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro: e querendo eu satisfazer com promptissima obediencia ao que V. Excellencia me determina, logo que no principio deste livro li o nome do seu Author, fiz conceito de que este artefacto do seu discretissimo engenho, e incançavel estudo, além de ser digno de grande estimaçãõ, e louvor, havia, se não exceder, ao menos igualar a todos os que este doutissimo Escritor tem composto, especialmente em cinco livros, que já tem dado à luz publica, por beneficio do príelo, os quaes estaõ cheyos de tão vastas noticias, e eruditos conceitos, que por mais que a rhetorica com seus engenhosos artificios, e eloquentes figuras, multiplique laminas, avive cores, e apure pinceis para elogiar a vastissima erudiçãõ de hum engenho tão avultado, e douto, depois de fatigar os buris da eloquencia, ha de vir a tirar por ultima conclusãõ, que hum sujeito tão benemerito só pôde servir de assumpto para as admirações, e não de objecto para os applausos; porque os seus agigantados merecimentos saõ tanto para admirados, que até os mais encarecidos hyperboles apenas lhe podem servir de mais diminutos encomios.

Este foy o conceito que fiz, logo que li a primeira folha deste livro, e continuando a revello com attento cuidado, o acabey de ler com não vulgar admiraçãõ da sublimidade dos conceitos, agudeza dos discursos, e vastidaõ das noticias, com que, como em breve mappa, se achaõ recopiladas as mais memoraveis historias antigas, e modernas, as batalhas mais decantadas, as conquistas mais gloriosas, e os mais notaveis acontecimentos, que tem havido em toda a Hespanha, e em que a naçãõ Portugueza se fez sempre

pre, por causa do seu fidalgo animo, e alentadissimo esforço, não só conhecida, mas tambem respeitada em todo o mundo. E podendo a narraçã de tão vastas noticias encher muitos volumes, neste se achã todas, com tão boa formalidade, e exacta individuaçã recopiladas, que o laconico não lhe diminue o claro; antes sim he tão perceptivel o elegante estylo, com que este livro está composto, que claramente dá nelle o seu Author a conhecer ao mundo todo, que he digno de ser nelle mais venerado do que foy hum Aristoteles em Macedonia, hum Solon em Athenas, hum Homero em Grecia, hum Demosthenes em Menfis, hum Seneca em Hespanha, e finalmente outros muitos, que em diversas partes do mundo conseguiraõ de sabios os mayores creditos; porque se estes foraõ insignes em alguma arte, ou sciencia em particular, este eruditissimo Escritor mostra neste, e nos outros livros, que tem composto, que em todas as sciencias he muy versado, e que occupou felizmente o trabalho dos seus estudos em todas as faculdades, para se ennobrecer mais pela extensaõ do seu vasto, e agudo engenho, do que pela antiga fidalguia da sua illustre ascendencia; pois he certo, que os homens mais se nobilitã pelas louvaveis acções, que executã, e prendas de que se adornaõ, do que pela nobreza, que herdaraõ dos seus illustres progenitores; donde infiro, que esta obra, e todas as mais, que este doutissimo Escritor tem composto, dando-o a conhecer por hum muy luzido Astro do Orbe Literario, igualmente lhe concilia hum tão grande credito, que bem mostra, que lhe vem como por herança a honra, segundo o que o Espirito Santo na penna do Ecclesiastico 37. v. 29. afirma: *Sapiens in populo hæreditabit honorem.*

Tambem me parece, que não poderá ter que reprovar nesta obra a mais escrupulosa critica, porque está composto este livro com huma formalidade tão perfeitamente ordenada, e huma eloquencia tão douta, que merecendo as estimações dos sabios, não tem cousa alguma, que lhe possaõ notar os criticos. He bem verdade, que sempre para hum Homero ha hum Zoilo, como Marcial (Epigram.) advertio: *Ingenium magnum livor detraxit Homeri: Quisquis est ex illo Zoile nomen habes*: mas esta obra está composta com huma erudiçãõ tão acertada, que igualmente serve de norma, com que rege aos que da sua liçãõ se quizerem aproveitar, e de espadã, com que dos criticos se pôde muito bem defender;

causa porque com alguma propriedade se lhe pôde alludir o que
Federico IV. quiz insinuar, quando para inculcar a sciencia
unida ao poder, mandou debuxar em hum quadro hum livro
junto com huma espada com esta letra: *Hic regit, ille tue-*
tur; porque o bem ordenado das noticias, o pezo das senten-
ças, a propriedade das palavras, e a agudeza dos conceitos,
com que esta obra se acha formalizada, igualmente a con-
stitue livro para documento dos estudiosos, e espada com que
se pôde defender dos criticos. Este he o juizo, e conceito,
que faço desta obra, que julgo muy digna de se dar à luz pu-
blica, porque não contém cousa alguma, que offenda os ca-
tholicos dogmas da nossa Santa Fé, ou pureza dos bons cos-
tumes. Lisboa, Convento de Nossa Senhora de Jesus, 26 de Ju-
lho de 1751.

Fr. Joseph da Madre de Deos.

Vista a informaçõ pode-se imprimir o livro de que se tra-
ta, e depois torne para se dar licença para correr. Lis-
boa 23 de Agosto de 1751.

D. J. Arcebispo da Lacedemonia.

Do Paço.

Approvaçõ de Paulo Nogueira de Andrade, Aca-
demico da Academia Real da Historia Por-
tugueza, &c.

S E N H O R.

LI como Vossa Magestade foy servido ordenarme, a
sexta parte da *Politica Moral, e Civil*, que pertende
dar ao prélo Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Cas-
tro, Author bem conhecido pelo acerto com que escreveo os
antecedentes volumes: com o mesmo profegue no presente,
desempenhando o conceito, que os doutos formaõ da sua li-
teratura, que só se encaminha à mayor gloria da Naçãõ Por-
tugueza,

tugueza, e a mayor veneraçã de Vossa Magestade. Pelo
que me parece digno da licençã que pede. Vossa Magestade
mandará o que for servido. Lisboa 10 de Julho de 1752.

Paulo Nogueira de Andrade.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio,
e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para
se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem
isso não correrá. Lisboa 26 de Agosto de 1752.

Marquez P.

Ataide.

Vax de Carvalho.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE CONTE'M
este Tomo.

LIVRO I.

CAPITULO I. *Da vinda de Tubal até entrar
a Idolatria na Lusitania*, pagina 7.

CAP. II. *Do governo de Gerião, e mais Reys até
Luso*, 14.

CAP. III. *Do governo de Luso até Ulysses*, 22.

CAP. IV. *De Abidis até à vinda dos Cartagine-
zes*, 29.

CAP. V. *Dos Cartaginezes até virem os Roma-
nos*, 35.

CAP. VI. *Da vinda dos Romanos até Viriato*, 52.

CAP. VII. *De Viriato até Sertorio*, 63.

CAP. VIII. *De Sertorio até Cesar*, 75.

CAP. IX. *Da vinda de Cesar até o Nascimento de
Christo*, 89.

Resumo do que contém este primeiro livro, 101.

*Compendio das Batalhas mais memoraveis, que
se deraõ na Lusitania em todo o tempo da Histo-
ria antiga*, 102.

LIVRO II.

CAP. I. *Successos de Portugal no primeiro Se-
culo depois de Christo*, 107.

CAP. II. *Dos successos de Portugal até a entra-
da dos Godos em Hespanha*, 113.

CAP.

CAP. III. *Da entrada dos Godos até a morte de ElRey Theodemiro*, 123.

CAP. IV. *Do governo de Ariamiro até ao do infeliz Rodrigo*, 133.

CAP. V. *Do reinado de D. Rodrigo até D. Affonso o Casto*, 146.

CAP. VI. *Do reinado de D. Ramiro até D. Affonso V.*, 158.

CAP. VII. *De D. Affonso V. até o Conde D. Henrique, Tronco dos Reys de Portugal*, 169.

Resumo do que contém este segundo Livro, 177.

Compendio das Batalhas mais memoraveis, que se derão em Portugal nos 1073 annos, que contém a Historia do segundo Livro, 178.

L I V R O III.

CAP. I. *Da vida, e acções do Conde D. Henrique*, 180.

§. I. *Pays, e Patria do Conde D. Henrique*, 182.

§. II. *O Conde veyo a Portugal por lugar Thenente de D. Affonso VI., e casou com a Rainha D. Thereza: mostra-se como esta Princeza era filha legitima do mesmo Rey*, 183.

§. III. *Mostra-se como o Conde D. Henrique, e sua mulher D. Thereza foraõ verdadeiros, e legitimos Reys de Portugal*, 186.

§. IV. *Vida, e acções do Conde D. Henrique depois de estar senhor de Portugal*, 194.

CAP. II. *Vida de ElRey D. Affonso Henriques*, 197.

CAP. III. *Vida de ElRey D. Sancho I.*, 211.
D. Affonso II., 215.

CAP. IV. *Vida de D. Sancho II.*, 218.

- D. Affonso III., 221.
 D. Diniz, 227.
 CAP. V. *Vida de D. Affonso VI.*, 231.
 D. Pedro I, 238.
 D. Fernando, 242.
 CAP. VI. D. Joaõ I., 249.
 D. Duarte, 260.
 CAP. VII. *Vida de D. Affonso V.*, 262.
 D. Joaõ II., 268.
 CAP. VIII. *Vida de ElRey D. Manoel*, 277.
 D. Joaõ III., 286.
 CAP. IX. *Vida de ElRey D. Sebastiaõ*, 291.
 Cardeal Rey D. Henrique, 298.
 Os tres Filippes de Hespanha, 301.
 CAP. X. *Da feliz Acclamação de ElRey D. Joaõ IV.*, 305.
 CAP. XI. *Vida de ElRey D. Affonso VI.*, 318.
 D. Pedro II., 337.
 CAP. XII. *Da vida de ElRey D. Joaõ V.*, 345.
 D. Joseph I., 351.
 Resumo do que contém este terceiro Livro, 358.
 Batalhas mais memoraveis, que deraõ as armas dos Reys de Portugal, 358.

L I V R O I V.

- CAP. UNICO. *Da Historia de Portugal em Africa desde a conquista de Ceuta*, 362.
Descobrimientos do Infante D. Henrique, 364.
Expedições de ElRey D. Affonso V. chamado Africano, 370.
Descobrimientos, e conquistas de ElRey D. Joaõ II., 374.
Successos de Africa na Vida de ElRey D. Manoel, 378.
- Suc-

*Successos depois da Acclamação de ElRey D. João
IV., 385.*

L I V R O V.

C AP. UNICO. *Do Descobrimento da India,*
387.

D. Francisco de Almeida, I. Vice Rey da India,
393.

*Continuação dos successos da India na vida de El-
Rey D. João III., 400.*

*Successos da India desde o reinado de D. Sebas-
tiaõ até à Acclamação, 406.*

*Successos da India depois da Acclamação até o pre-
sente, 412.*

L I V R O VI.

C AP. UNICO. *Do descobrimento da Ameri-
ca, e mais successos até o presente, 415.*

*Ordem das Capitanias da Provincia de Santa
Cruz, 419.*

Origem da Guerra Brasílica, 429.

Continuação da Historia depois da Acclamação,
436.

AL MUNICIPIO DE BARRANCOQUILLO
El Sr. Alcalde de Barrio, Sr. Don Juan de Dios
Calle de Barranquillo, No. 100
Barranquillo, Pinar del Rio, P.R.
Presente.

EL MUNICIPIO DE BARRANCOQUILLO
Yo, Sr. Don Juan de Dios, Alcalde de Barrio
de Barranquillo, Pinar del Rio, P.R., en virtud
de las facultades que me confiere el Sr. Gobernador
de Puerto Rico, para el efecto, he acordado y
resuelto lo siguiente:

POLITICA MORAL, E CIVIL,

AULA DA NOBREZA LUSITANA,

Que para a sua erudição abrio

DAMIAM ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

PROEMIO

A' Historia de Portugal.

A Historia de Portugal antiga, e moderna, quasi taõ dilatada como o tempo, mayor que a minha comprehensãõ, extenso mar para taõ pequena concha, immensidade grande para se contrahir a hum punho, e muito mundo para taõ curtos ambitos, he todo o assumpto deste breve resumo.

Escrevo a Historia da minha Patria, e successos de Portugal entre Portuguezes. Nisto digo o meu receyo; porque todos querem, e merecem ser louvados, e não sey se gostãõ, que alguem o seja. Não he viciosa esta emulaçãõ; idéas são magnanimas de huns peitos nobres, que não soffrem, gloriosamente ambiciosos, se

lhes adiantem nos applausos aquelles, aos quaes lhes parecem podem competir no merecimento.

Tarde se lembraraõ os nossos Escritores das memoraveis façanhas dos Heroes Lusitanos, que enterravaõ nos tumulos cadaveres, e memorias, como se fosse offensa da sinceridade daquelles tempos chegarem vivas as lembranças ás nossas idades. Vencemos na Asia muitos Darios, e não houveraõ Curcios, e Livios, que nos dêsem a conhecer na Europa. Em triunfos mayores, que os Gregos, e Romanos, abominamos os Fastos de Roma, e da Grecia, para que os nossos Heroes igualassem aos seus nas obras, porém não na fortuna.

Muito cedo começaraõ as nossas virtudes: mais pareciaõ infusas, que adquiridas; antes in-natas, que aprendidas. E se a diuturnidade dos tempos, corrompendo os costumes, perverte as inclinaçoens; Portugal parece constituiu hum Evo para a sua consistencia, o qual embaraçando-lhe os desconcertos, nunca lhe obstasse as fer-tunas. Pregoa esta verdade o brádo universal do mundo: ninguem ignora, que Portugal triunfou sempre, dos inimigos com o braço forte, de si com a fortaleza do espirito: em huns obrava o duro do ferro, em outros a brandura da inclinaçãõ.

Porém, como a honestidade não ha mister enfeites para ser formosa, a nação tinha por es-quivos todos os adornos, ou se vestia de esqui-vanças para os applausos. Buscava o premio das accçoens na mesma heroicidade das obras; desprezando as insignias exteriores, como se não fossem

fossem marcas devidas á virtude. Este singular despego seja embora filho de huma magnanimidade estupenda: mas como a sublimidade das proezas nos deve servir de generoso estimulo; as pennas, como substitutas do passado, são obrigadas a alentar as memorias caducas, para com a efficacia dos exemplos nobres, communicarem espiritos á imitação, darem alta jerarquia ás resoluçoens.

Neste empenho me mete o amor da Patria, a tanto me provocaõ os desejos da sua gloria. Na grandeza dos seus eventos darey mais complacencia ao discurso, soltando-o alguma cousa da muita brevidade, a que me contrahi; porque somos obrigados a saber melhor o que mais nos pertence.

Todo este volume he para Portugal; e se elle molestar por máo, os nossos Annaes não nos enfadaõ por muitos: tem lugar este por pequeno: he breve, e em Portuguez. Nelle, ainda que com penna desigual ao merecimento, darey louvores a alguns dos nossos Heroes, sublimarey o estylo quanto me permittir a naturalidade, e cuidarey em não perder o fio da narraçaõ.

Escreverey em Portuguez, sem me meter em tanta cultura, que caya do Olympo para voar ao Parnaso: não deixarey o gosto pela moda, o melhor pelo que mais se usa. Tambem não haverá paixãõ, que com advertencia me obrigue a faltar á verdade das nossas memorias; porque nem espero louvores pelo alinho, nem temo as affrontas por sincero: em todos os meus escritos se verá hum desembaraço igual á independencia.

A verdade he o magnifico caracter da Historia : seja esta mal vista por muito clara , antes que applaudida por escura , ou bem olhada por duvidosa.

Para não tropeçar nos absurdos de huma critica impertinente , seguirey os passos dos Authores mais exactos , especialmente nos pontos duvidosos , e controvertidos ; que por isso os passey muitas vezes pelos olhos com o vagar de quem busca , para me não fugirem da memoria com a pressa de quem corre.

Além das noticias extrahidas de varios Escriitores de diversas nações , veraõ os Leitores recopilados neste pequeno volume todos os Tomos da Monarquia Lusitana ; as Europas , e as Aſias de Faria ; as Chronicas de Pina , Refende , e Leaõ ; os Dialogos de Mariz , e o Anacefaleose de Vasconcellos ; as Decadas de Barros , e de Couto ; e no que respeitar ás Rainhas seguirey o Catalogo , que dellas compoz o Reverendissimo Padre D. Joseph Barbosa , com tanta exacção como elegancia.

Para facilitar aos Leitores a comprehensão , dividirey o volume em quatro partes : na primeira , que ha de comprehender tres livros , tratarey a Historia de Portugal na Europa , começando desde o Diluvio até o tempo presente : na segunda , terceira , e quarta escreverey separadamente a Historia de Portugal em Africa , na Asia e na America.

Bem se deprehende da idéa geral desta obra , do tamanho deste volume , e da distribuição desta Historia , que não posso dizer tudo , nem fallar
de

de todos; porque em huma idéa de instrucção não se individuaõ circumstancias, nem em louvores se gastaõ paginas.

Mas sem embargo desta justa satisfação, sempre temo, que succeda ao livro o mesmo, que aconteceu áquella pedra da India, que por não caberem nella os nomes, e façanhas dos poucos Portuguezes, que acompanhavaõ ao grande Albuquerque, se mostraraõ todos taõ queixosos, que o prudente General, para satisfazer aos estimulados, a mandou voltar, e esculpir na face opposta outra inscripção, que denotava o ciume daquelles, que converteraõ em pedra de escandalo a primeira pedra da nossa edificação na Asia.

E se em huma pedra grande não tiveraõ lugar os nomes, e as obras de poucos Portuguezes, como se poderãõ accommodar em hum livro pequeno as acções, e os nomes não de poucos, mas de todos, quantos Portuguezes dignos de nome pelas suas obras, tem procreado este fertilissimo terreno, campo fecundo de corações memoraveis. Impossivel he evitar o desprazer de muitos: porém não me tenhaõ por pedra de escandalo, e contentem-se; porque em edificios mais magestosos, ainda muitas das nossas pedras reprovadas coroaõ o angulo da Heroicidade.

Cuidarey em andar depressa pelo escuro tempo da Historia antiga; assim porque as suas proezas mal scintilaõ por entre as nuvens da diurnidade, e jazem no tumulo fatal do esquecimento, como para me ficar mayor campo, por
onde

onde dilate o passo em terreno mais conhecido. Evitarey para o mesmo fim a extensaõ das disputas na variedade das opinioens, e me encostarey às mais provaveis. Em todo o discurso da Historia, não trabalharey por lisongear com periodos sublimes, e frases empeçadas a fama popular, e ignorante; mas cuidarey em servir com a singeleza da verdade ao sabio applauso dos melhores.

HISTORIA ANTIGA, E MODERNA DE PORTUGAL.

LIVRO I.

Da Historia antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Da vinda de Tubal a Hespanha, e mais successos da Lusitania até entrar nella a Idolatria.

Castigou Deos com hum universal Dilu. An. do Mund. 1656.
vio a corrupção do genero humano, e deste geral estrago escapou Noé, e sua familia para segundos propagadores dos futuros viventes.

Serenados os Elementos, tomou Noé posse do Principado do mundo, de que só elle era senhor, e o repartio por seus filhos. A Jafet, de quem trazemos origem os Lusitanos, coube a Asia desde o Eufrates até ao Dor, ou Tanais, e a Europa toda.

Nembrot, filho de Chus, e neto de Cam, 1774
pertendeo com arrogante vaidade edificar huma soberba maquina para escalar o Ceo. Então se confundiraõ as linguas, e se apartaraõ os homens.

TUBAL, quinto filho de Jafet, trouxe a 1792.
Hespanha o idioma Caldeo. Para fazer esta jornada

An. do nada se embarcou em varias fustas com muita gen-
Mund. te da sua familia , e veyo buscando as mais re-
motas partes do ultimo Occidente. Navegou ao
longo da Costa todo o Mediterraneo : embocou
o Estreito de Gibraltar, e as suas correntes o dei-
taraõ no grande pégo do Oceano , que affustou
estes , que tanta razaõ tinhaõ para temer a con-
gregaçãõ das muitas aguas.

1801. Com este receyo se encoftaraõ á terra os Ar-
gonautas : dobraraõ o Promontorio Sacro , hoje
Cabo de S. Vicente, e agradados do aprasivel si-
tio, que se via pela boca de hum rio junto ao
Tejo, Tubal o escolheo para assento da nova Co-
lonia, e nelle, com a singeleza, e pouco fausto
daquelles tempos, fundou a primeira povoaçãõ
de Hespanha, chamando-lhe Sethubala, que quer
dizer *Ajuntamento de Tubal*; e com pouca cor-
rupçãõ do primeiro nome a conhecemos hoje
por Setuval.

Foy esta a primeira fórma de República, que
vio Hespanha, ordenada com brandas leys, e
pouco maliciosos costumes, idéa em fim de hum
mundo infante. E ainda que os Escriitores Caste-
lhanos pertendem privar a Lusitania da gloria da
mayor antiguidade, no que os acompanha certo
Author moderno, e estrangeiro, que escreveu
em Portugal, o Mestre Floriaõ do Campo atten-
deo mais á verdade, que á lisonja: e o commum
das opinioens recebidas naõ deve ser contrasta-
do com a força de discursos, que só se sustenta
na debilidade de idéas.

Era tanta a multiplicaçãõ na familia de Tu-
bal, que elle se resolveo a penetrar a terra, e
foy

foy dar ás margens do Ebro , aonde se encontrou com muita gente da Provincia de Hiberia , que vinha fugindo da tyrannia de Nembrot. Tubal a recebeo com extremo agrado , como quem via gente visinha em terra taõ distante : deu-lhe para a governar hum filho seu , que entaõ fez chamar Hiberno , para lhe suavizar com o nome do Principe a lembrança da Patria.

An. do
Mund.

Havia mais de hum seculo , que Tubal governava Hespanha , quando compoz para os vassallos leys escritas , e regulou ceremonias Divinas , com que invocassem o Nome do Senhor : unindo desde os primeiros fundamentos os systemas civís da Lusitania com a observancia pura da Religiaõ , de que lhe haviaõ provir todas as suas felicidades.

1902.

Por estes tempos , nos quaes Noé andava pelo mundo vendo a monstruosa propagaçaõ dos seus netos , chegou a Hespanha acompanhado de muita gente , e admirou a fabrica de Setuval , naõ por sumptuosa em edificios vaõs ; mas por bem ajustada em simplicidade regular.

1913.

Observou a integridade dos costumes , a policia das leys , e sobre o seu plano estabeleceo o governo das Cidades de Noela , e Noegla , que dizem fundara em Biscaya. Porém as dissoluções , com que Cam pervertia os innocentes costumes de Italia , naõ nos deixaraõ lograr muito tempo a veneravel companhia de nosso segundo Pay , que partio de Hespanha para reprimir com o respeito das suas cans as travessuras daquelle máo filho.

Tubal ficou na sua Republica , que governava

1953.

An. do
Mund. nava com branda mão, mandando apascentar os rebanhos entre os rios Tejo, e Guadiana até chegar ao Algarve, aonde o nosso Santo Velho veyo buscar morte descansada, e sepulchro conhecido; este em premio das virtudes, aquella em satisfação dos trabalhos.

Chorou Hespanha a morte do seu Povoador, e foraõ as lagrimas humas em diferentes prantos. Todas as idades se lembraõ do seu sepulchro naquelle Promontorio ultimo da terra, que entaõ começou a ser Sacro, como depositario do veneravel corpo de Tubal; Santo depois, como urna do nosso illustre Martyr Vicente, que nelle deixou o seu nome, sem confundir a primeira memoria.

1955. HIBERO succedeo a seu pay no governo da Lusitania, e delle tomou Hespanha o nome de Hiberia. Nesta imagem do primeiro original empregava a nossa gente aquelle grande affecto, que temos por herança aos nossos Principes: fundas são as raizes do nosso amor; não será facil torcello, impossivel arrancallo.

Porém Hiberio, que nasceo junto ao Ebro, não sey se amante da Patria, se pouco agradecido à Lusitania, trocou huma por outra morada, deixando a nossa gente, que começou cedo a soffrer aquelle martyrio, a que só nós haviamos chamar faudade.

A este Rey se attribue a invenção das pecarias, e no seu reinado, que foy de 37 annos, principiou no mundo a competir a malicia, e a ambição; projectando aquellas maquinas, que como filhas da maldade só haviaõ produzir desventuras.

Mas

Mas Lusitania, entregue a hum profundo silencio, em divina conformidade, media os pensamentos pela singeleza, a sifudeza pela consciencia, o trabalho pelo gosto; e empregados os seus moradores na cultura dos campos, e na guarda dos gados, destes se vestiaõ as pompas da Magestade, daquelles se alimentavaõ os gostos mais delicados.

An. do
Mund.

Com a morte de Hiberno tomou posse do Reino seu filho JUBALDA, ou Idubeda, que desconfolou muito aos Lusitanos, por não viver entre elles: sempre a nossa nação quiz Reys, a quem visse, e ouvisse, e com quem se entendesse.

1992.

Jubalda assistio o mais do tempo junto ao Ebro: engrandeceo as Cidades de Tarragona, e de Sagunto, que fundara Tubal; e como era muy inclinado a observar, e medir o curso dos Planetas, fez assento nos altissimos montes, que com o seu cume dividem a mayor parte de Hespanha, aos quaes vieraõ por este respeito a chamar Jubelda, ou Idubeda.

Com 64 annos de governo morreo este Rey, e foy sepultado nos mesmos montes. Todos os povos sentiraõ a falta da sua bondade; caracter nos Principes magnifico, e estimavel, e em todos os successores de Tubal virtude herdada.

2056.

As lagrimas desta morte foraõ equivocadas com o prazer do suave governo de BRIGO seu filho; que se a perda de hum Rey grande he para sentirse, a felicidade de hum successor igual ainda he mayor para estimarse: sempre a esperanza de fortunas novas fez esquecer as posses passadas.

An. do
Mund.

Brigo, para adoçar os Lusitanos desgostados de terem longe de si aos seus Reys, e para lhes ganhar as vontades, maxima muy importante no principio dos governos, fez logo huma viagem ás nossas terras, que o olharaõ como milagre da prudencia, desempenho da Magestade.

Tratou o Rey de augmentar o seu Estado, e empregou as primeiras atençaõs na Lusitania, que povoou de muitas Cidades, as quaes d'elle tomaraõ nome. Ainda conservamos as memorias de Lacobriga junto a Lagos, renovada depois por Bohodes, Capitaõ Cartaginez, de Cetobriga perto de Setuval, de Medobriga visinha a Portalegre, de Conimbriga hoje Coimbra, magestoso ornamento do nosso Reino, e a nossa Athenas Portugueza, de Celiobriga, e de Brigancia, que agora dizemos Bragança.

A outras muitas partes mandou Brigo varias Colonias, e sentem gravissimos Authores, que huma dellas povoara a Phrygia em Asia: que taõ cedo mandámos procuradores a tomar posse daquella parte do mundo. A admiravel conducta deste Rey abafou o ar barbaro, que respirava a nossa gente, a qual do seu tempo começou a mostrar policia no trato, civilidade nos costumes, a amar a sociedade; pelo que podemos respeitar a Brigo por segundo fundador de Hespanha, que não merece mayor louvor quem levanta paredes, que aquelle que planta virtudes.

2108.

Reinou Brigo 52 annos, vida entaõ não muita para hum governo, sempre curta para tanto amor. Succedeo-lhe seu filho TAGO, que herdou do pay, com a posse do Reyno, a inclinaçãõ de
dila-

dilatallo. A memoria deste Rey corre fresca com An. do Muud.
 as aguas do Tejo, e naquella urna movivel im-
 primio no seu nome o epitafio, que não podem
 apagar as idades.

Neste tempo penetraraõ os Lusitanos as ter-
 ras mais fragosas, fazendo trataveis as espessuras,
 ferteis as montanhas. Com 30 annos de governo
 morreo Tago, e tomou o sceptro seu filho Beto.

O nome deste Rey quer dizer *Ditofo*, e elle 2138.
 cuidou em desempenhallo. Delle o tomou a Pro-
 vincia Betica, hoje Andaluzia, e tambem o rio
 Betis, que a réga; mas ha opiniões, que di-
 zem, que antes de BETO reinar já o rio tinha
 o seu nome.

Tanto propagava a gente em Lusitania, que
 o Rey levou muitas Colonias para povoar Anda-
 luzia, e estes foraõ os moradores chamados Be-
 tulos, ou Bastulos. Porém quando a Lusitania go-
 zava em paz os frutos da sua simplicidade, re-
 conhecendo hum só Deos Creador de tudo; o
 incendio da Idolatria, que abrazava a terra, que-
 ria lançar chamas na Lusitania.

O Africano Geriaõ, homem facinoroso, foy
 o perturbador de taõ amavel socego. Não se atre-
 veo logo a entrar nas nossas terras; mas fez as-
 sento na Ilha Eritreya, que huns dizem era a
 de Cadiz, outros que ficava defronte do Pro-
 montorio Sacro, donde saltava na terra firme
 para rebanhar alguns gados aos desprevenidos
 Lusitanos, que aprenderaõ da oppressaõ a depôr
 a simplicidade, a dar os primeiros ensayos ao
 valor.

Esperava Geriaõ na sua Ilha a morte de Be- 2167.
 to,

An. do
Mund. to, e succedendo esta aos 31 annos do seu reinado, o Tyranno, que a desejava, se soube aproveitar della. Entrou na Lusitania rico com os seus mesmos despojos, e com industria de Politico, como se já conhecera o genio da nação, lhe ganhou a vontade com o suave atractivo da brandura, e com o magnetismo da liberalidade: estímulos tão fortes para render corações, que os Lusitanos lhe deixaraõ usurpar o titulo de Rey da mayor parte de Hespanha.

C A P I T U L O II.

Do governo de Geriaõ, e mais Reys, que se seguiraõ até Luso.

2168. **C**Om o novo reinado do estranho GERIAM, começaraõ a ver-se na Lusitania Ritos novos, novas Ceremonias, Sacrificios desusados, e todos os costumes pervertidos; porque, representando a sua maldade hum caracter superior, o respeitavaõ divino, e faltou resolução nos innocentes enganados para não deixar-se cahir nos laços da hypocrisia.

Entraraõ os povos de Hespanha a tomar o primeiro pezo á tyrannia do barbaro Africano; mas elle, fiado no respeito dos Lusitanos, se julgava tão seguro no throno, como se a usurpação fosse direito, abusando da fidelidade de huns vassallos para apurar o soffrimento dos outros. Mas não dura a tyrannia: Geriaõ lavará com o seu sangue o theatro, representará o ultimo acto da Tragedia.

Por estes tempos andava Jupiter Osyris alim-
pando o mundo de tyrannos, abatendo a cer-
viz dos revoltosos; emprego digno de hum peito
nobre, se com as nodoas da impiedade não man-
chasse o caracter de magnanimo. Os povos de
Hespanha pediraõ o seu amparo contra Geriaõ,
e Osyris estimou o empenho para em Hespanha
acreditar o valor.

An. do
Mund.

Geriaõ, com o bando de ladrões, que o
acompanhavaõ, se dispoz para fazer cara a hum
inimigo, temido pelo nome, quanto mais pela
espada. Ordenou aos tres Geriões, seus filhos,
chamados Lominios, que dizem nasceraõ de hum
ventre, que em Lusitania levantassem muita gen-
te, que augmentou o numero das testemunhas do
castigo do Tyranno.

Nunca os Lusitanos haviaõ visto armas; mas
Osyris no combate estranhou os inimigos. Tal he
a nossa fidelidade, que até nos esforçamos por
hum Tyranno, só porque he Rey nosso! Cedeo
finalmente o valor á disciplina, e com a morte
de Geriaõ esmoreceo o animo. Seus filhos se re-
tiraraõ ao asylo da Ilha Eritreya, e Osyris, dei-
xando de usar da victoria, converteo o furor de
Soldado em maximas de Politico. Não quiz es-
candalizar os Lusitanos: mostroulhes, que os tra-
tara por inimigos em quanto Soldados de hum
Tyranno; mas que agora os estimava por leaes,
e valerosos.

Chamou da Ilha aos tres Principes, recom-
mendoulhes a clemencia, entregoulhes as re-
deas do governo, e foy este favor taõ altamente
avaliado dos nossos, que em remuneraçãõ delle
pose-

An. do
Mund. poseraõ as suas almas nas maõs de Osyris; aceitando dellas as ceremonias barbaras, a abominavel idolatria, e o computo dos annos do Egypto.

2202. Reinou Geriaõ 34 annos, e ficaraõ os Lominios, ou GERIOENS, administrando o Reino com outra brandura, e justiça desigual á educaçãõ. Osyris voltou para o Egypto, aonde o chamavaõ negocios, que naõ sãõ do nosso assumpto.

Mostraraõ os Geriões no principio do seu governo, que o Reino, que seu pay havia adquirido com injuria, e violencia, elles conservariaõ com Religiaõ, e justiça. Abonava esta esperança a uniaõ dos seus animos, que deu origem á fabula de ser o nosso Imperio governado por hum Rey de tres cabeças.

Porém o desejo de vingarem a morte de seu pay, para que concorreraõ os moradores de Aragaõ, e Valença, que chamaraõ Osyris a Hespanha, os obrigou a mudar o parecer, e o lugar para estas partes; porque lhes provocasse mais o furor, e desenfreadasse a crueldade a vista dos objectos do seu escandalo.

Desejavaõ os Lominios desfatar as maõs, que lhes prendiaõ os receyos de Osyris, para o que lhe maquinaõ a morte, mancomunando-se com outros vinte e cinco Tyrannos, que affligiaõ varios Estados do mundo: e como trouxeraõ ao seu partido, entre outros parentes deste Principe, a seu irmaõ Typhon; este monstro quando elle chegou ao Egypto, naõ só lhe tirou a vida, mas o fez partir em vinte e seis postas, que mandou a outros tantos conjurados, entãõ mais infelices, se do susto desassombrados.

Oro,

Oro, ou Hercules Lybico, herdeiro do valor deste grande pay, se dispoz a vingar-lhe o sangue, ou morrer na empreza. Contra todos os Tyrannos se poz em campo: Typhon pagou ás suas mãos a aleivosia com a vida; os mais foram levando o mesmo fim; porque Hercules era para todos: nem o assustaram as forças do Gigante Anteo, que dizem tinha sessenta covados de altura; perseguiu-o até a ultima parte de Africa, e se bateo com elle em particular duelo com fortuna igual á justiça da causa.

Faltavam os tres Geriões, que deviam acompanhar na pena áquelles, com os quaes foram complices na culpa. Veyo Hercules á Lusitania, e como se só esta gente fora capaz de lhe impedir o passo, não se atreveo a penetrar os confins. Desconfiou da valentia dos seus, fiou-se na sua: não quiz arriscar a reputação propria com a dependencia das forças dos braços alheios. Mandou com expressoens honradas desafiar aos Geriões, fingindo piedade justa não derramar o innocente sangue dos Soldados pelas desavenças particulares de pessoa a pessoa.

Com presumpção vã aceitaram os Geriões ²²⁴⁴ o desafio, e com ella a morte, que successivamente lhes deu Hercules, tendo reinado 42 annos. A vista deste catastrophe provocou o furor dos Lusitanos, e receou Hercules perder com todos o triumpho, que elle ganhara só. Mas apellando á suavidade, representou á nossa gente ser filho de Osyris, que a livrara de hum Tyranno, elle de tres; e com as acçoens da liberalidade, e entretenimentos gostosos, que a obri-

An. do
Mund. garaõ a aceitallo por senhor, o ficou do Reino,
e das vontades.

Peneitou HERCULES as nossas terras, chegou ao Promontorio Sacro, e mandou nelle edificar hum Templo, entaõ magnifico, em Ritos, e Ceremonias magestoso; tudo á maneira dos Dogmas Egypcios, já politicos, sempre barbaros; porque a summa veneraçãõ dos votos desfigurava mais a gentileza da verdade. Destes me-yos usou Hercules para ser amado: desengane-se o mundo, que Portuguezes naõ se levaõ por força, nem os Hercules o conseguem. Quiz elle ausentarse para Italia, e naõ o soffreraõ as nossas gentes, sem que lhes deixasse hum filho para Rey, que foy o humano HISPALO, Principe taõ agradavel, que as sublevou das passadas oppressões; fazendo esquecer as ruinas com os alivios, as calamidades com a brandura.

Favores singulares fazia Hispalo aos Lusitanos para imitar a seu pay, que entre todos os povos de Hespanha, deixou aos nossos mais engrandecidos, e com a fundaçãõ do Templo mais beneficiados. Elle ordenou se sepultassem os mortos: que por elles se enlutassem os vivos; e que-rem alguns com pouco fundamento, que Hispalo fundasse a Cidade de Sevilha. Com 17 annos de reinado acabou a sua vida, muito breve para hum Rey taõ desejado.

2260. HISPANO seu filho ficou senhor do nosso Continente, que entaõ deixou o nome de Hiberia para tomar o deste grande Rey. No seu tempo adoravaõ os Lusitanos ao Sol nascido, naõ se atrevendo a vello morrer no Oceano, aonde entendiaõ

tendiaõ se submergia: e só o Rey, e os Sacerdotes do Templo podiaõ voltar os olhos ao Occaso. Teve Hispano este Sceptro 32 annos, e fe naõ lhe ficou herdeiro, em quem vivesse depois, Hespanha no seu nome lhe perpetuou a memoria. A morte de Hispano sem successão obrigou seu avô Hercules a voltar a Hespanha, que o recebeo nos corações: os Lusitanos se distinguiraõ nos applausos, assim como elle lho fizera nos favores. Amor, e respeito conciliava a sua veneravel ancianidade: e sobre annos velhos sustentou dezanove o pezo da nossa Coroa. Depoz as armas para polir a civilidade; emprego entaõ mais necessario ao povo, para a sua idade mais proprio. Morreo com inconsolavel dor dos Lusitanos, e foy sepultado no Promontorio Sacro em hum tumulo de estranha fabrica, aonde a Gentildade o adorou como Deos, e o mesmo culto teve no Templo de Cadiz, para que foy trasladado.

Nomeou Hercules para lhe succeder ao seu Capitaõ HESPERO, que sabia representar o cargo na pessoa, desempenhar com as experiencias a obrigação. Os principios do seu governo foraõ taõ suaves, que serviraõ de lenitivo á saudade de Hercules, e Hespanha lhe honrou a memoria chamando-se Hesperia. Mas como o seu amor para com os Lusitanos, e Andaluzes naõ foy muito, todos o soffreraõ mal: mostrando, que sentiaõ menos hum Rey tyranno, que odioso, e taõ pouco agradecido a Hercules, que esqueceo as Ceremonias do seu Templo, para sobre o titulo de máo Rey, imprimir o caracter de ingrato homem.

An. do Mund. Esta defuniaõ facilitou muito a **ATHLANTE YTALO**, irmão de Hespero, a posse de Hespanha, que tanto desejava. Entrou nella com maõ armada, e encostandose aquelles povos ao seu partido, obrigou o irmão a desamparar o Reino, que tyrannizou dez annos, e elle o unio ao seu dominio de Italia.

2322. Quasi sempre assistio Athlante na Lusitania, aonde de Lucaria lhe nasceo sua filha Roma, e dizem, que tambem o seu successor Sicoro. Dez annos governou Athlante em paz, e justiça; mas recebendo avisos do grande credito, que Hespero ganhava em Italia, houve de passar a ella com hum grande exercito de Lusitanos, e Andaluzes, deixando Regente do Reino a seu filho o minino Sicoro. Em Italia foraõ felices os successos de Ytalo, e pouco depois morreo Hespero. Aqui repartio a gente em varias Colonias, e coube a Lusitana a sua filha Roma, que como natural a amava muito; e com ella povoou o monte Capitolino, donde senhoreava aos Aborigenes. Deu Roma o seu nome á nova povoação, que de taõ pequenos principios se talhava para cabeça do mundo, e entaõ lhe lançaraõ os Lusitanos os primeiros fundamentos, que Romulo veyo a ampliar depois com gloria segunda.

2332. **SICORO** começou a reinar quando seu pay partio para Italia. Nada nos contaõ as Historias deste Principe; porque as suas acções, ou foraõ de pouca importancia, ou as sepultou o lapso do tempo. Viveo quasi sempre na Lusitania, e reinou 45. annos.

O Rey Sicoro deixou por successor a seu filho SICANO, que os Lusitanos acclamaraõ com as ceremonias, com que entãõ se celebrava esta inauguraçaõ. Foy muy inclinado á guerra, e as desavenças, que se moveraõ em Italia entre os Aborigenes, e os Lusitanos fundadores de Roma, lhe deraõ occasiaõ de exercitar o genio; porque os ultimos, opprimidos dos primeiros, e de outras gentes bravas de Italia, pediraõ soccorros a Hespanha sua patria. Sahio Sicano do nosso rio Guadiana, que delle foy chamado Ano, com huma luzida frota, mais guerreira, que empavesada; e com os nossos Lusitanos, e Hespanhoes, se fez na volta de Italia, aonde primeiro chegou a fama do esforço a dispor os triunfos. Os inquietadores dos que pacificamente tratavaõ de engrandecer a sua Cidade foraõ asperamente castigados, e feriraõ as nossas armas taõ fundo, que muitos annos estiveraõ as chagas frescas. A mayor parte dos Lusitanos, que levou Sicano, ficou em Italia, e estes saõ as origens dos povos chamados Sicanos, que povoaraõ a Ilha de Sicilia, a que elles deraõ o nome de Sicania. Voltou o Rey para o seu Estado, em que reinou 31 annos, e morreo com lastima dos naturaes, dos estrangeiros com fama.

An. do
Mund.
2378.

Foy acclamado Rey seu filho SIC-CELEO, herdeiro do Reino, e do coraçãõ de seu pay. Tambem como elle passou à Italia com as mesmas armas, com igual fortuna, em soccorro de seu sobrinho Jasio, perseguido das injustas pertenções de Dardano, que depois de destruido, abandonou a Italia, e se retirou à Asia, aonde fundou

2409.

Ab. do
Mund.

fundou a memoravel Troya. Morreo Jasio, e seu tio tomou á sua conta sustentarlhe no throno a seu filho Coribanto contra a opposição dos Aborigenes, que foraõ vencidos; mas quando Sic-celeo se occupava nestas generosas idéas, o arrebatou a morte com 44 annos de governo. A perda desta vida seria inconsolavel para Hespanha, se Sic-celeo não deixara hum tal successor como Luso.

2453.

Tanto desejava o novo Rey Luso tomar posse do seu Reino, que tratou com a mayor brevidade de firmar o Sceptro na mão de Coribanto, como seu pay lhe recommendara; e deixando-lhe muitas tropas, veyo logo à Lusitania, visitou o Templo de Hercules, e nelle foy acclamado Rey.

C A P I T U L O III.

Do governo de Luso até á vinda de Ulisses a Hespanha.

TAõ grande era o amor de LUSO para com os Lusitanos, que como se esquecesse o cuidado das mais Provincias, só o empregava em ampliar, e engrandecer a Lusitania com muitas Cidades, e Fortalezas, que a ennobreceraõ, e seguraraõ. Ella remunerou tantas merces, tomando d'elle o nome de Lusitania para nunca mais o perder. Neste tempo eraõ os seus confins taõ dilatados, como dislémos na Geografia de Portugal Tom. IV. Luso, que conhecia a nossa gente, inclinada á Religiaõ, depoz os pensamentos da

da guerra para se empregar no culto divino. Nestes exercicios de piedade gastou os 33 annos do seu governo: e sabida no Reino a morte de hum Rey tão justo, todos a choraraõ muito, e talvez desejariaõ naõ a prantear tanto.

An. do
Mund.

Subio ao throno de Hespanha SIC-ULO, seu filho, digno successor de tão grande pay, e de grandes esperanças para os Lusitanos, por ter nascido entre elles, se estivera mais tempo no seu Reino; mas o genio marcial o levou a Italia acompanhado de numerosas tropas para livrar os Hespanhoes, que nella viviaõ, da oppressaõ dos Aborigenes, dos Enotrianos, dos Gigantes Cyclopes, e dos Lestrigones de Sicilia. De todos triunfou Sic-ulo, e nos lugares maritimos de Sicilia fundou muitas povoações; mas no melhor dos seus projectos o levou a morte com inconsolavel dor dos seus vassallos, que viraõ espirar nesta vida toda a successaõ dos descendentes de Jupiter Osyris, do qual Athlante Ytalo dizem que era muito parente.

2487.

Reinou Sic-ulo 60 annos, e lastimados os Lusitanos de se extinguirem os seus Reys naturaes, resolveraõ naõ admittir outros. Mais antiga, que as Cortes de Lamego, he a resoluçaõ, que tomou Portugal de se naõ sujeitar a Reys estranhos. Ficaraõ os Lusitanos vivendo em paz por largos tempos, entregues a hum genero de governo livre, e lembrados da primitiva criaçaõ, cuidavaõ da cultura dos campos, e da guarda dos gados. Os Hespanhoes naõ se accommodaõ com este modo de reger dos Lusitanos, e elegeraõ para Rey a hum Capitaõ Africano chamado

2547.

mado

An. do mado Testa , em tempo do qual aportaraõ em
Mund. Hespanha muitas gentes da Grecia , que sahiraõ
da Ilha Jasanto , ou Zacinto , sita na Costa do Pe-
loponesse. Ellas foraõ as fundadoras do celebre
Templo de Diana em Hespanha , com que per-
tenderaõ esquecer a veneraçãõ do de Hercules no
nosso Sacro Promontorio ; mas tanto que esfriou
a novidade , continuou como dantes o primeiro
culto.

2632. Havia 86 annos , que Lusitania não tinha
Reys ; porque não conheceo como taes a Testa ,
e a Romo , que dominou na Andaluzia : porém
no duodecimo anno do governo do ultimo , veyo
a Hespanha com muitos Gregos BACCO , filho
de Semele , mais conhecido pelos vicios , que
pelas victorias. Assustaraõ-se os Lusitanos vendo
tantas gentes estranhas dentro das suas terras
mas observando , que o vinho , e a luxuria lhes
embotava as armas , deposeraõ o medo , e segui-
raõ o exercito para verem simplicies as Damas
alinhadas , e gostarem a harmonia de musicas , e
licores desconhecidos. Com as suas tropas che-
gou Bacco ao Guadiana , donde o não deixaraõ
passar os Lusitanos ; porque se não levantasse com
o Reino , resolutos a não admittir nelle quem
não tivesse o sangue do seu Luso. Percebeo Bac-
co esta politica , e como trazia consigo a seu
filho Lysias , que pelo nome se equivocava com
Luso ; usando de suavidade , fez entender aos
Lusitanos , que a alma do seu amado Rey , de-
pois de estar algum tempo nos Campos Elysius ,
por força da Metempsicose , se introduzira no
corpo de Lysias , o que se provava pela seme-
lhança dos nomes. Os

Os Lusitanos, ou por sequazes da falsa doutrina da transmigração das almas, ou por simpli- An. do
Mund. ces no trato, creram o engano, e acclamaraõ Rey a LYSIAS, do qual, diz Refende, se chamou o Reino Lyfítania. Foy pacífico, e não muy dilatado o governo deste grande cultor dos Deoses, e dos vicios, em que imitou a seu pay; e a sua zizania propagou com producção formidavel; que não repugna a natureza o de que gosta, quando a razaõ não governa.

LYCINIO CACO, Capitaõ, e companheiro 2633. de Lyfias, tomou por sua morte as redeas do governo; mas sem titulo Real. O genio era de tyranno, que o privou da gloria de guerreiro. Forjou as primeiras armas de ferro, que vio a nossa Hespanha, e com ellas venceu em porfiada batalha a Palatuo, que havia succedido a Romo nos Reinos de Andaluzia, e de Valença. Com esta victoria ficou Lycinio taõ soberbo, que se arrogou huma potestade tyrannica sobre todos os povos de Hespanha; e tanto apurou os soffrimentos, que até a fidelidade dos Lusitanos cansou de opprimida. Palatuo cobrou alentos com esta discórdia; veyo a Hespanha, e em breve tempo ajuntou mais forças em menor numero, do que tinha quando Rey; porque o seguiraõ Lusitanos. Buscava Palatuo as nossas terras pelas margens do Guadalquivir, e nellas se encontrou com a Armada dos Argonautas, em que vinha Hercules Thebano. A estes valerosos hospedes pediu Palatuo amparo para reëntrar na posse do seu Reino, a que elles o restituiraõ, derrotando o Tyranno, que foy obrigado a fugir para Italia, aonde lhe succederaõ

An. do
Mund. cederaõ muitas aventuras. Neste tempo arrasou hum terremoto o memoravel Templo de Hercules Lybico; e com a ruina deste milagre da superstiçaõ se abateo o credito da nossa gente, que os estrangeiros respeitavaõ como guarda do monumento de hum Deos.

2723. Eritreyo succedeo no Reino a seu pay Palatuo; mas os Lusitanos o naõ reconheceraõ, nem outro algum senhorio, governando-se em segura paz pelas leys da boa razaõ: porém havia entre elles hum nacional por nome Gorgoris, o qual observou no tronco de huma arvore o primoroso artefacto das abelhas; e dando a gostar aos vizinhos a suavidade do favo, este invento lhe grangeou taõ grande reputaçãõ, que naõ só empunhou o Sceptro da Lusitania, mas unio debaixo do seu dominio quasi todos os pòvos de Hespanha.

2806. Parece que este successo foy muitos annos depois da morte de Eritreyo, todos os quaes estiveraõ sem Reys os Lusitanos, Valencianos, e Andaluzes; e Fr. Bernardo de Brito o colloca no anno de 2806. Nada contaõ as Historias do Rey GORGORIS, a quem com allusaõ ao seu invento, tambem chamaõ Melicula. Consta que teve huma filha, que concebeo de hum moço desigual em qualidade, se he que Gorgoris naõ foy, como dizem, o author desta obra. Della nasceo o prodigioso minino Abidis, objecto da indignaçãõ do avô, talvez para encobrir a affronta pessoal. Mandou-o lançar no Tejo depois de o respeitarem as fêras; e levando-o as aguas aos campos de Santarem, que delle foy chamada Esca Abis, ou Scababis, o criou naquelles matos huma Cerva. Esta
ama

ama lhe communicou a agilidade natural no ali- An. do
 mento; e taõ ligeiro era Abidis, que os moutei- Mund.
 ros de seu avò lhe armaraõ laços para o colherem
 como bruto. Pela fyfionomia o conheceo Gorgoris;
 mas o gracioso ar da sua presença converteo em
 fino amor o refinado odio. Escondeo o Ceo este
 portento para engradecer a Lusitania; e com os olhos
 na futura Christandade Portugueza, parece que de
 antemaõ obrava milagres a Providencia entre as tre-
 vas do gentilismo Lusitano.

Corriaõ os 77 annos do governo de Gorgo- 2820.
 ris, quando reduzidas a cinza as altas torres de
 Troya, caminhavaõ por differentes partes do mun-
 do os authores de tanta ruina. Ulyffes, Rey de
 Ithaca, com huma numerosa frota, entrou pelo
 Tejo; e saltando em terra, os seus companheiros
 se agradaraõ tanto della, que esqueceraõ a Gre-
 cia, e obrigaraõ Ulyffes a fundar huma povoa-
 çãõ, que veyo a ser aquelle magestoso Emporio,
 entaõ chamado Ulyffea, ou Ulyffipo, hoje Lisboa.

Temeo Gorgoris a gente estranha dentro de
 casa, e determinou opporse-lhe; mas a facundia
 de Ulyffes o persuadio tanto, que naõ só trava-
 raõ boa amizade, mas antes Gorgoris lhe offereceo
 para os companheiros mulheres Lusitanas, e a elle
 deu sua filha Calypfo, mãy do minino Abidis, a
 qual tratou por mulher em quanto esteve em Lis-
 boa. Ao mesmo tempo que Ulyffes fundava a sua
 Cidade nas ribeiras do Tejo, o Rey Diomedes
 com outra Esquadra defembarcava nas margens do
 Minho. Em terreno taõ agradavel determinou,
 como Ulyffes, edificar hum padraõ ao seu nome,
 aonde deixasse alguma da gente, que trazia; e

An. do Mund. em memoria de seu pay Tydeo fundou a Cidade de Tyde, que para se distinguir da que agora se diz Tuy, lhe chamaraõ Tydiciano.

Pouco depois de Diomedes arribaraõ a Hespanha Tevero, irmaõ de Ajax Telemonio, e Mnesteo, Rey de Athenas: o primeiro, depois de fundar Cartagena, passou a Galiza, e foy o primeiro legislador, e povoador desta Provincia: o segundo aportou a Cadiz, e deixou o seu nome ao Porto, que muitos Seculos depois se veyo a chamar de Santa Maria. Os nossos Lusitanos naõ estiveraõ muito tempo pacificos com os Gregos de Lisboa; porque estes com as suas embarcações corriaõ as Costas, mais como ladrões, que como vizinhos, e compatriotas. Os primeiros irritados marcharaõ sobre Lisboa, e Ulysses, desgostado de ver a terra inquieta, se recolheu na Armada, e navegou ao seu Reino de Ithaca, deixando Lisboa em grande reputação por causa do magnifico Templo, que dedicou a Minerva, Deosa da Eloquencia. As gentes de Diomedes se derramaraõ pela Comarca de Entre Douro, e Minho, e estes Gregos pelo seu modo de viver à maneira do seu paiz natural, foraõ chamados Grayos, Gronios, ou Gravios; e parece que elles fundaraõ junto à Cidade do Porto a povoação, a que os Lusitanos poseraõ o nome de Gaya. Deste porto de Gaya, mui frequentado de Estrangeiros, e aonde os Gallos depois habitaraõ, se derivou por corrupção o nome de Portugallo.

CAPITULO IV.

Do Reinado de Abidis até à vinda dos Cartaginezes a Hespanha.

EM quanto estas cousas passavaõ na Lusitania, faleceo o Rey Gorgoris com 77 annos de governo; e ausente Ulysses de Lisboa, tomou as rédeas do Reino ABIDIS, neto do defunto. Grande foy a fortuna da nossa gente com o novo Rey; porque como se havia criado entre ella, foraõ reciprocos os affectos, grandes as merces, muita a fidelidade. O primeiro cuidado do Principe se empregou em honrar as brenhas, onde passara a infancia; fazendo edificar nellas a insigne Scalabis, que agora dizemos Santarem, em cuja fabrica o ajudaraõ os Gregos de Lisboa mandados por sua mãy Calypso, que por mulher de Ulysses, tinha entre elles authoridade soberana. Transferio o Rey a sua Corte para o novo lugar, e como a fertilidade dos seus campos era muita, inventou as lavouras, plantar arvores, fazer enxertos; e com estas ideas de agricultura ajuntou mais riqueza, que todos os seus predecessores. Attrahio os moradores barbaros do Certaõ, ensinando-os a viver em sociedade, e com elles povoou sete grandes Cidades, que fundara na Lusitania.

An. do
Mund.
2883.

Em venturosa paz reinou Abidis 35 annos, e 2918. nelle acabaraõ os antigos Reys, ainda que Justino he de opiniaõ contraria; mas nenhum Author os nomeya, e nós levaremos o fio da nossa historia pelo dilatadissimo decurso de huma Anarquia, encostado

An. do
Mund.

costado sempre ás opiniões commuas. Nos ultimos annos do reinado de Abidis começou aquella grande esterilidade, que segundo as tradições, sem duvida erradas, durou 26 annos, sem em todos elles chover em Hespanha, a qual, conforme sentiraõ alguns, se despovoou toda. Impossivel parece que a conjuração dos Ceos, e as conjunções dos Planetas fossem taõ particulares para Hespanha, ficando livres deste castigo as mais Regiões suas visinhas. Laymundo entende, que estes 26 annos foraõ 26 mezes: que todos os lugares altos se despovoaraõ, e naõ toda Hespanha: que a miseria foy extrema: que os rios se secaraõ; e que as mortandades em todas as espécies foraõ numerosas. As chuvas que depois sobrevieraõ, chamaraõ os Lusitanos, e Hespanhoes das differentes partes do mundo, a que os arrastara a fome; e vieraõ os Gregos para Lisboa, os Lusitanos para Setuval, Santarem, e mais lugares, que no horror da soledade, destruido o especioso da primeira fórma, affligiaõ os corações, eraõ agravos para os olhos.

2963.

Por estes tempos chegou à Italia o famoso Grego, e grande Poeta Homero com muitos da sua nação; e encontrando-se alli com muitos Hespanhoes promptos para voltar ás suas terras, se embarcou com elles, e entraraõ pela barra do Guadiana. Os campos, que elle réga, agradaraõ tanto a Homero, que fingio serem os Elyfios: facilhe a hum Poeta organizar divindades, e collocar o Ceo em qualquer parte. Tambem com os Hespanhoes, que a necessidade levou ás Gallias, travaõ os seus moradores grande amizade: e como

fou-

fouberaõ delles a despovoação de Hespanha , os Gallos , que não cabiaõ nas suas terras , vieraõ com elles ás nossas muitos dos que chamaõ Celtas. Chegaraõ os Gallos a Hiberia , aonde os naturaes os receberaõ taõ mal , que tornaraõ a embarcar-se , e vieraõ parar ao Algarve no lugar , em que agora está Tavira. Acharaõ a terra fertilissima , e despovoada ; fizeraõ nella o seu assento , e guiados das aguas do Guadiana , subiraõ até o campo , em que vemos a Cidade de Elvas. An. do Mundo.
3009.

Presume o nosso Refende , que elles foraõ os fundadores desta Cidade , derivandolhe o nome de alguns Gallos Helveticos , que deviaõ vir com os Celtas. Crescida esta gente em numero , formou a idéa de se vingar dos agravos , que recebera dos Hiberos ; que ainda nas idades mais sinceras , eraõ duras de soffrer as descortezias. Com forças bastantes , e animos estimulados , penetraraõ os Celtas as terras de Hespanha ; mas a guerra acabou em casamentos , e communicandose a todos o nome de Celtiberos , não era facil distinguir Hiberos , e Celtas. Habitaraõ os ultimos a nossa Provincia do Alentejo , donde se estenderaõ por muitas terras visinhas ; e familiarisandose com os Turdulos de entre os rios Tejo , e Douro , e com os Vetones da Estremadura , ficou tratavel a mayor parte da Lusitania ; mas entregue a gente estrangeira , que supposto lhe augmentava o Estado , diminualhe a primeira gloria. A abundancia de Hespanha defafiava as nações do mundo , para que viessem passar nella a vida a menos custo. Os Fenices de Tyro foraõ huns dos convidados já pela experiencia ; porque se recolheraõ riquissimos de hu-
ma

An. do
Mund.

ma viagem, que fizeraõ a ella, a tempo que hum horroroso, e casual incendio havia derretido preciosos metaes nos Pyrneos, de que elles se aproveitaraõ, naõ conhecendo os naturaes o valor do que perdiaõ. Voltaraõ segunda vez commandados por Sycheo, Sacerdote de Hercules, e ferraraõ o Promontorio Sacro, aonde descobriraõ os ossos de Hercules Lybico nas ruinas do seu Templo. Transportaraõ-nos a Cadiz, e os collocaraõ no magnifico Templo, que entaõ edificaraõ em honra sua para lhe refucitarem o enterrado culto da Lusitania. Brevemente se deshouveraõ os Andaluzes com os Fenices; e das faiscas da discordia se atearaõ as chamas da guerra: marcharaõ sessenta mil Lusitanos em socorro dos primeiros; poseraõ em total derrota aos segundos; arrasaraõ-lhes as Fortalezas da terra firme, e obrigarãõ as destroçadas reliquias a recolherse á Ilha de Cadiz.

O Templo de Hercules, que os Andaluzes respeitavaõ muito, foy hum dos objectos do furor dos Lusitanos: abateraõ-no até aos fundamentos; roubaraõ-lhe os dons, e quem visse nelle os antigos Lusitanos, parecerlhehiaõ nos Templos gentilicos modernos Portuguezes. Este imaginado sacrilegio irritou aos Andaluzes, e os nossos se apartaraõ: reviveo o animo dos Fenices, e restituiraõ as passadas perdas; porque só as nossas armas faziaõ parar o curso de qualquer valor.

3382.

Tantas oppressões naõ impediraõ aos Fenices focorrer a Cidade de Tyro, sua patria, sitiada por Nabucodonosor: marcharaõ acompanhados de muitos Lusitanos, e bastou o nosso esforço para obrigar aquelle formidavel Principe a levantar Por

Por estes tempos era tal a propagação dos Celtas, que não cabendo no Alentejo, desejaraõ An. do
Mund.
povoar a Beira; mas de sorte, que não escandalizassem os Turdulos, que occupavaõ a Cõsta maritima desde o Promontorio da Lua, ou Cabo de Cascaes, até às embocaduras do Douro. Entraraõ na terra por aquella parte, que os antigos chamaõ Tibucci, onde agora fica a Villa de Abrantes: porém os Turdulos se lhe opposeraõ, e depois de perdas reciprocas, convieraõ em que os Celtas ficassem senhores das partes orientaes da Lusitania, que saõ as que correm da Comarca da Covilhã até às rayas de Castella. Não durou a boa harmonia destas gentes; porque huns homens como brutos, que viviaõ nas mais espessas selvas, a perturbaraõ. Turdulos, e Celtas tiveraõ bem que fazer para os lançarem além do Tejo; e destes Barbaros quer Floriaõ do Campo se chamasse Promontorio Barbarico o Cabo de Espichel.

Estes varios successos passavaõ na Lusitania, e quando menos o esperava, se vio Hespanha ameaçada de hum formidavel golpe, porque o grande Nabuco de Babylonia, vencedor de Faraó Vafres, Rey do Egypto, e de Sedecias, Rey de Juda, pertendeo recobrar o credito, que perdeo sobre Tyro, e vingar a injuria, que recebera dos moradores de Cadiz. Tyro foy obrigada a renderse, e Nabuco se embarcou para executar o segundo projecto. Entrou em Hespanha por Catalunha, e foy talando tudo com taõ gèral estrago, que em nada fez differença. 3408.

Os Fenices de Cadiz, que mediaõ por estes ensayos quaes seriaõ nelles as representações verdadeiras,

An. do *Mund.* dadeiras, se valeraõ do amparo dos vizinhos, especialmente dos Lusitanos, em cujo valor taõ bem reputado poseraõ firme a esperança de morrer velhos com liberdade. As nossas obras desempenharaõ a expectaçã dos afflictos; porque obrámos de maneira, que obrigando a embarcar Nabuco, deixámos inveja aos presentes, aos futuros gloria. Com muitos despojos se pode recolher Nabuco, com mayores applausos ficou Hespanha; mas taõ contrapezado o triunfo, que naõ sabemos distinguir o conveniente; porque derramando Nabuco entre nós a que depois foy péste Judaica, que radicou em Toledo, inficionou todo o nosso hemisferio. Mal desassombrados de hum susto, se viraõ os Fenices occupados de outro mayor; porque os Lusitanos, como authores da sua liberdade, pediaõ em premio da victoria soldos dobrados; e com as armas nas mãos pertenderaõ affugentar a repugnancia. Naõ convieraõ os Fenices na proposta, e seguiu-se ao desengano o rompimento. Os nossos, muito inferiores em numero aos outros colligados, ficaraõ mal no primeiro ataque; porém marchando do Algarve, e Campo de Ourique muitos Turdetanos, e das mais partes da Lusitania numerosos esquadrões de Celtas em socorro dos naturaes, expulsaraõ os Fenices de todas as terras, fecharaõ-nos na Ilha de Cadiz, e para lhes tirarem a esperança da reivindicacã, se estabeleceraõ em toda a Andaluzia, que delles foy chamada Provincia Turdetana.

Defamparados os Fenices de remedio, o foraõ
 34¹². buscar longe, recorrendo aos Cartaginezes, que
 tambem traziaõ a sua origem da Cidade de Tyro,
 e delles

e delles foraõ as propostas bem ouvidas: porém em quanto as suas forças se dispoem a passar o mar, discorramos pelas terras da Lusitania. An. do
Mund.

Occupavaõ-se os Turdetanos de Andaluzia em levantar povoações novas para habitarem: e como o numero dos que passaraõ a esta Provincia era grande, os Barbaros, que depois diffemos, entendendo fariaõ falta na Lusitania, se resolveraõ a opprimir os Turdulos, e Celtas, para lhes roubarem algumas das terras, em que viverem. Naõ puderãõ os rusticos conseguir este intento; porque a ferocidade barbara sem industria, naõ continuava na porfia, e vinha a ceder desesperada: nem os Turdulos podiaõ deixar de defender as suas terras, e a sahida dos seus naturaes para Andaluzia os diminuio taõ pouco, que mal cabiaõ nellas os que ficaraõ; pelo que se resolveraõ a mandar penetrar as brenhas por quinze mil pessoas, as quaes, depois de muitos trabalhos, passaraõ o rio Coa, e se estenderaõ por entre elle, e o de Agueda. Mas já o estrondo das armas de Cartago desafia as attentões da Lusitania.

C A P I T U L O V.

Da vinda dos Cartagineses a Hespanha até entrarem nella os Romanos.

Viviaõ em summa paz os nossos Turdetanos de Andaluzia pelo grande abatimento, em que poseraõ aos Fenices com as suas victorias, quando viraõ sobre si as armas de Cartago, commandadas pelo prudente, e valeroso Mezerbal. 3453.

An. do Mund. nheceraõ os nossos a differença dos animos , e da disciplina no desembarque dos Cartaginezes ; e alcançando a necessidade , que os casos novos tem de novos conselhos , elegeraõ por seu Cabo a Baucio Capeto , ou Carupo , a tempo que os inimigos em plena marcha penetravaõ a terra. Dispoz a necessidade a defenfa , triunfos a bizarría. Baucio no quarto da modorra investio os arrayaes contrarios , em que fez estrago correspondente ao furor do ataque. A unha de cavallo salvou Mezerbal a vida ; Baucio profeguiu a victória : começou a vencer cedo ; que vay muito na guérria dar primeiro.

Taõ cortados ficaraõ os Cartaginezes das nossas armas , que não se atreveraõ tornar a medillas ; mas appellando à astucia , mandaraõ aos nossos embaixadas muy polidas , proposições de paz ao parecer sinceras , e crido tudo pela pouca malicia , ficaraõ em Hespanha as novas gentes , olhadas como Hespanholas. Quando o não puderaõ remediar , advertiraõ os Turdetanos o seu erro , vendo muitas Praças opprimidas do jugo de Cartago : õ mesmo succedeo aos Fenices com Cadiz ; e arrependidos todos , huns de os consentirem , outros de os chamarem , viaõ olhos differentes o mal commum com cura difficultosa. Os Fenices appellaraõ para as armas , rompendo com os mesmos , que vieraõ em seu soccorro : e metidos entre Cartaginezes , e Turdetanos , por toda a parte achavaõ inimigos. Os nossos resolveraõ-se a continuar no engano conhecido , e a sua incurial simplicidade deixou em Hespanha lançar raizes ao fraudulento Imperio de Cartago , que não merece creditos de vale-

valerosa nesta expedição, em que fez Estados proprios os que veyo defender como alliada. Não esta-^{An. do Mund.} vaõ ociosos os nossos Turdulos Lusitanos, em quanto os Andaluzes se occupavaõ nas armas; porque a barbaridade dos Sarrisos, que viviaõ nas florestas da Beira, lhes apurava as paciencias, e houveraõ de comprar o focego a preço de sangue.

Outros semelhantes em brutalidade, sahiraõ de entre Setuval, e o Tejo a buscar terras: entra- raõ pelos campos, aonde agora está Thomar; passaraõ o Mondego, a que os antigos deraõ o nome de Munda, ou Muliadas, e foãõ parar a Viseu. Destes barbaros se povoou a mayor parte da Beira; e elles, com os antigos Turdulos, saõ os Caldeos, que acompanharaõ a Tubal, dos quaes descendem os verdadeiros Portuguezes, e as mais illustres Fidalguias da Lusitania; porque os Celtas do Alentejo eraõ Gallos, e os de Entre Douro, e Minho a mayor parte Gregos da companhia de Diomedes. As muitas guerras, que neste tempo tinha Cartago, lhe impediaõ mandar soccorros aos seus Soldados de Cadiz, entretendo-os com espe- ranças breves, para não desampararem as terras ganhadas. Nada memoravel succedia nestas partes: sómente se faz memoria dos Galegos, que passa- raõ o Minho, para se apoderarem dos campos dos nossos Gayos: porém elles se lhes oppuseraõ, e os obrigarãõ a retroceder menos vangloriosos, mais diminuidos.

Naõ se contentaraõ os Gayos com taõ pou- co: conseguiraõ em Galiza, o que os Galegos in-^{3500.} tentaraõ no Minho, e povoaraõ as Cidades de Yria, e Tydiciano. Em quanto durava esta expedição, foraõ

An. do
Mund. foraõ dous troços de Lusitanos em soccorro dos Cartaginezes: hum commandado por Safo passou a defender Cartago ameaçada dos Tingitanos, que soberaõ como cortava o nosso ferro: outro foy contra Gelon de Sicilia, aonde acabaraõ todos em varios contratempos, e enfermidades. Ausentou-se para Cartago o bizarro moço Safo, que na flor dos annos teve virtudes, a que corresponde-raõ os mayores premios, e vieraõ substituir-lhe o lugar em Hespanha seus primos Hanon, e Hymilcon, iguaes ambos na authoridade, ambos o mesmo no respeito; mas Hymilcon pelo cargo, Hanon pelas qualidades.

Intentaraõ os dous irmaõs descobrir a Cõsta de Hespanha, e Hanon chegou ao Promontorio Sacro, aonde vio as ruinas do Templo de Hercules, e outras cousas notaveis, de que fez aviso a Cartago. Estas noticias foraõ alli taõ bem recebidas, que os Cartaginezes mandaraõ a Giscon, irmaõ dos dous sobreditos, com muitos baixes, para que continuassem a descobrir a Cõsta de Hespanha. Disposeraõ-se os irmaõs para a sua viagem, e deixando a Giscon com o governo, se fizeraõ á vela, tomando cada hum differente rumo. Hanon tem tantas opiniões a favor da sua fortuna, que não nos atrevemos a contradizellas, nem temos valor para seguillas. Dizem, que encoftando-se ás Cõstas meridionaes, chegara a penetrar o Estreito do mar Roxo; mas como este ponto não he do nosso assumpto, averigüe-o a critica dos Leitores.

3533 Hymilcon foy surdindo pouco a pouco pela Cõsta da Lusitania: passou o Promontorio Sacro; do-

dobrou o Barbarico, e tomando terra, o assaltaraõ os rusticos, dos quaes escapou com trabalho: em Lisboa o agazalharãõ bem: continuou a derrota até o Cabo de Cascaes, ou Promontorio da Lua, e descubrio as Ilhas Berlengas, a que Ptolomeo dá o nome de Landobris, e veyo á falla com os Turdulos antigos, dos quaes foy bem recebido por todas as partes até chegar á barra do Mondego. Com muito vagar se informou Hymilcon dos costumes, e interior da Lusitania; e continuãdo a viagem para o Minho, o hospedaraõ bem os Gayos até chegar àquella parte, aonde os Pyrineos se sepultaõ no mar de Galiza, e Biscaya. Desta altura desandou todo o Canjado, e huma tempestade o levou ao Douro, na entrada do qual perdeu algumas embarcações; e por lhe não caber toda a gente nas que restaraõ, muitos dos Cartaginezes ficaraõ na terra. Voltou Hymilcon a Cadiz, e os seus nacionaes, que habitavaõ entre nós, penetraraõ a terra, e foraõ viver no lugar, em que agora está Braga, Cidade, que elles fundaraõ com o mesmo nome em memoria do rio Bragada, que se lança no mar de Africa cortando as terras de Cartago.

Mandou esta República novo Governador a Hespanha, e foy o primeiro Anibal, irmaõ de Saffo, e primo dos tres Capitães, de que temos fallado. Tinha Anibal grandes circumstancias; de todos foy bem recebido, e com a sua prudencia adiantou as felicidades do governo. Desejava Anibal passar à Lusitania, para ver a nova povoação de Braga, e empredeu a jornada por mar, demandando o Promontorio Sacro: porém antes de chegar a elle, desembarcou perto da Villa de Alvor; e dizem

An. do
Mund.

zem os Authores , que em hum Ilhéo junto della fundara huma povoação , que se chamou Porto de Anibal , para servir de escala , e abrigo ás embarcações Cartaginezas. A gloria desta antiguidade não he razaõ , que com pouco fundamento das opiniões a roube Alvor a Villa Nova de Portimaõ , que tem conjecturas mais provaveis para ser ella o Porto de Anibal ; porque nem o rio de Alvor he capaz de recolher embarcações , nem por toda a Cõsta ha Ilhéo com aptidaõ para se formar hum povo , salvo se as aguas o forveraõ.

O rio de Villa Nova tem esta capacidade , e na entrada da barra para a parte do Poente està huma como Peninsula , quasi cercada por dous braços do rio , a que agora chamaõ a Ponta da Area , pela muita que o mar alli tem lançado ; e nesta parte he mais provavel , que Anibal fundasse o seu porto , assim por ser o Ilhéo mais visinho de Alvor , como pelas ruinas , que descubrio a refaca do mar no anno de 1728 , as quaes nós mesmo observámos naquelle lugar. Dissimuladamente hia Anibal ganhando os corações da nossa gente , estendendo o seu dominio por Hespanha , e pela Lusitania desde o Guadiana até o Promontorio Sacro , quando entre Lusitanos , e Andaluzes se levantaraõ discordias , que de pequenos principios vieraõ a causar extremas calamidades. Começaraõ a atizar este fogo os Turdetanos Andaluzes , que foraõ soccorridos pelos Lusitanos seus parentes. Anibal em pessoa acudio aos moradores antigos de Andaluzia , e travaraõ os partidos huma das mais horrendas batalhas daquelle tempo. Era grande o valor dos Lusitanos , mayor a pericia dos Cartaginezes , e depois de

de oitenta mil mortaes de parte a parte não se conheceo mais ventagem, que a de perderem os Cartaginezes a Anibal; e destroçadas ambas as forças, cuidaraõ de retirar-se. An. do Mund.

Taõ quebrantados ficaraõ os Lusitanos, que os Barbaros Sarrios invadiraõ aos Celtas, e deixando a marinha, penetraraõ a terra: mas não lhes duraraõ muito os bons successos; porque os Turdetanos de Andaluzia, fatigados das continuas correrias dos Cartaginezes, voltaraõ para Lusitania, aonde foraõ recebidos como irmãos; e unindose com os Celtas, aniquilaraõ em formidaveis encontros a geração dos Barbaros, antigos moradores da Lusitania, excepto os que habitavaõ a Provincia da Beira. Não só no proprio theatro representava maravilhas o valor Lusitano: nos estranhos fizeraõ figura os nossos Soldados; porque passando muitos a Sicilia com os Cartaginezes empenhados nesta guerra, abateraõ o orgulho dos Athenienses, a destreza dos Agrigentinos, e a arrogancia do Tyranno Dionysio; mas aquelles, para os quaes não foraõ poderosos tantos affiados ferros, acabaraõ todos de enfermidades agudas. 3558.

Veyo de Cartago governar Hespanha o soberbo Hanon segundo, de que a Historia nos dá pouca noticia. Porém no seu tempo, ou pouco depois, vendo os Celtas do Alentejo, que a sua Provincia estava muy carregada de gente, resolveraõ de accordo commum, depois de solemnes juramentos de perpetua irmandade, e de celebrados muitos sacrificios para terem propicios aos Deoses, mandar algumas mil Familias a penetrar a terra, e buscarem a mais commoda, em que se estabelecer. 3590.

An. do Mund. Este ajuntamento estava nas prayas, em que agora vemos Alcacere do Sal, quando chegarão a ellas quatro embarcações da Grecia, que esperavaõ mais duas da sua conserva, e vinhaõ fugindo da guerra do Peloponeſſo a buscar no mundo lugar de deſcanço. As noſſas gentes receberão aos Gregos com muito agrado; juntos, e conformes paſſaraõ o Tejo com beneplacito dos moradores de Lisboa; e fatiſfeitos da fertil amenidade dos campos, que rega o Mondego, deixaraõ nelles huma Colonia de Turdetanos Andaluzes chamados Colimbrios, os quaes fundaraõ a povoação conhecida entãõ por Colimbria, hoje por Condeixa a Velha.

Continuou a ſua derrota o reſto da numeroſa companhia, e antes de chegar ao rio Vouga, edificou a Cidade de Eminio perto das correntes do Agueda. Daqui partiraõ alguns Turdetanos direitos á marinha; encontraraõ ſe com os Turdulos antigos, e de ſeu conſentimento fundaraõ o lugar de Talabrica, naõ longe donde agora fica Aveiro. Em quanto os Turdetanos, e Celtas ſe occupavaõ nella fundação, os Gregos com a mais gente, chegaraõ ás margens apraziveis do Douro, e reſolveraõ naõ paſſar adiante ſem deixarem nellas huma Cidade. Sobre o nome, que lhe haviaõ dar, e a reſpeito da fórma de governo, que havia ter, houveraõ muitas deſavenças entre Gregos, e Luſitanos. Apartaraõ ſe huns dos outros, e ſe derramaraõ pelos valles ſem ordem; que já naquelles tempos ſimplices tinha forças o capricho, authoridade a ambição.

Porém, ſendo huns, e outros repetidas vezes atacados pelos Barbaros do Sertão, viraõ a neceſſidade

fidade que tinhaõ de fazer huma Cidade forte, que An. do
servisse de freyo ás suas irrupções. Correo a fabri- Minn.
ca por conta dos Celtas, os Gregos contentaraõ-
se com lhe pôr o nome; e em memoria de Lace-
demonia, ou Laconia, sua patria, lhe chamaraõ
Lacanimurgi, depois Burgi, agora Burgos.

Os Celtas, e Turdetanos discorreraõ a Provin-
cia de Entre Douro, e Minho, e os moradores de
Braga os receberaõ mal: porém como nos hospede-
des naõ encontraraõ mais que sinceridade sem ani-
mo revoltoso, os deixaraõ livres. Ao passar do
rio Lima discordaraõ os companheiros, e se con-
verteo em furor a amizade: com as armas se ati-
çou mais a raiva: pereceraõ innumeraveis vidas;
e este esquecimento da uniaõ passada, fez que o
Lima tivesse o nome de Lethes, natural pela causa,
fatal pelos effectos. Pelos campos visinhos se esten-
deraõ os que ficaraõ com vida, e deposto o odio,
sentiaõ no muito que lhes faltava, o mais que po-
diaõ ter.

Nestas emprezas se occupava a nossa gente, 3596.
em socegada paz vivia a que ficara em suas casas,
e a que estava com os Cartaginezes, quando che-
gou Bohodes com o cargo de Governador de Hes-
panha: porém achou os Andaluzes taõ desgostados
dos Africanos, que fecharaõ os ouvidos ás suas
propostas, as portas á sua gente. Naõ pode Boho-
des abrandallos com a força, e veyo ao Porto de
Anibal, aonde havia melhor harmonia.

Conheceo Bohodes quanto importava aos inte-
resses da sua República apoderarse da Lusitania;
para o que tratou com os naturaes a fundação de
hum povo mais dentro na Provincia, o qual fosse

An. do
Mund. como feira , e mercado entre hunos , e outros. Os
nossos , que não entendiaõ cavilações , se offerece-
raõ gostosos a trabalhar na obra , e no lugar , em
que agora está Lagos , foy reedificada a antiga La-
cobriga , que nos dias de ElRey Dom Sebastiaõ teve
o titulo de Cidade.

Acabada esta obra se recolheo Bohodes para
3599. Cartago , e veyo occuparlhe o cargo Maharbal ,
homem prudente , e experimentado , que usando
da sua natural brandura em Andaluzia , serenou a
inquietação dos animos , e dissipou os abusos in-
troduzidos ; que não he taõ facil arrancar com o
ferro vicios populares já radicados.

3615. Passou logo ao Porto de Anibal , e pouco de-
pois arribou à mesma parte huma não de Gregos
de Chypre , amigos de Athenas , contrarios de Car-
tago. Maharbal a investio , e rendeo , sem fazer
caso dos idolos de Venus , e de Cupido , com que
os rendidos se abraçavaõ. Logo dará motivo este
successo para se levantar na Lusitania hum dos me-
moraveis padões da sua antiguidade.

Desejava Maharbal penetrar a terra para visi-
tar os Celtas do Alentejo , e chegar a Elvas. Em-
prendeo a jornada sem encontrar opposição em to-
do o caminho ; que não difficultaõ os Portuguezes
receber de paz aos que os buscaõ quietos. Com os
moradores da Cidade estipulou o Cartaginez pactos
de amizade , e correndo a Comarca , lhe deu huma
grave doença , que o obrigou a consultar os Agou-
reiros , os quaes julgaraõ o mal por castigo do Deos
do Amor aggravado , e pela oppressão dos Gregos
escravos , e sem razaõ duramente affligidos.

Empenhou o Cartaginez a Deidade com votos ,
a natu-

a natureza lhe deu saúde, elle aos Gregos liberda- An. do
de, cultos ao Deos Cupido. Perto de Villa Viço- Mund.
za, no lugar, aonde agora está Terena, lhe levanta-
tou hum Templo de fabrica tão soberba, como bem
desenhada. Grande veneração lhe tributou a nossa
gente; que novidades entre Portuguezes sempre
tiverão caracter. Endovelico chamávamos ao tal
Deos; nome proprio para o tutelar do amor pro-
fano, que em desconcertados frenesis a tantos
endoudece.

Postos os Gregos em liberdade sem meyo para
se recolher ás suas terras, pedirão a Maharbal al-
cançasse dos Lusitanos hum sitio para elles viverem
apartados. Deuse-lhes a terra, em que agora está
Santiago de Cacem, e nella fundarão a grande Ci-
dade Merobriga, que no tempo dos Romanos teve
alta consideração.

Nestes, e outros successos foraõ correndo os 3679.
annos, quando foy visto no mundo hum novo, e
formidavel Imperio, estabelecido com tantas victo-
rias, que o seu respeito fez ouvir com assombro o
nome do grande Alexandre. Em todas as partes do
mundo, ainda estando longe as armas, atroavaõ
os eccos do espanto, tão estupendo, que de toda
a parte se enviavaõ Ministros para renderem vassal-
lagem ao famoso triunfador da Asia. Hespanha man-
dou a Maurino, que em Babylonia deu parte a Ale-
xandre da sua commissão.

Quando este Conquistador arrasou a Cidade de 3683.
Tyro, os moradores, que escaparaõ com vida, fo-
raõ para Cartago, donde passaraõ a Hespanha. Al-
guns fizeraõ assento em Cadiz entre os seus antigos
naturaes, outros vieraõ à Lusitania, e unidos com
os

An. do os nossos, fundaraõ a Cidade, a que entaõ chama-
Mund. raõ Myrtiri, ou Mirtyris, alguns annos depois Myr-
tilis, e agora a Villa de Mertola.

Tanta era nestes tempos a propagação dos Celtas, e Turdetanos de Entre Douro, e Minho que naõ cabendo na terra, ordenaraõ dous exercitos de moços para a penetrarem. Hum se encaminhou para as montanhas de Astúrias, outro para as ribeiras do Elza, e em ambas as partes se estabeleceraõ, vivendo entre os antigos moradores juntos, e conformes.

373º. Em quanto os Cartaginezes se occupavaõ em Sicilia na guerra contra Pyrrho, Rey do Epiro, em que naõ tiveraõ pequena gloria alguns Celtas do Alentejo, que nella se acharaõ, os moradores das Ilhas Baleares, ou de Mayorca, e Minorca se rebelaraõ contra Cartago. Este incidente trouxe a Hespanha o valeroso Hamilcar, da illustre familia dos Barcinos, e superior a todos os seus predecessores em religiaõ, em conselho, e em esforço.

Com o ultimo, e mais com o segundo, pacificou os Insulanos: entrou por Hespanha fazendo publica ostentação da sua religiosa piedade; veyo à Lusitania, que achou pacifica, derramou nella merces, no Templo de Cupido dons preciosos, e por toda a parte affabilidades. A devoção do Templo de Minerva o levou a Lisboa, aonde attrahio os corações, e para lançar raizes mais fundas ao amor, casou nesta Cidade com huma Lusitana, em quem competiaõ a formosura, e qualidade.

Esta ultima fineza acabou de avassallar a fé dos Lusitanos; e desta Dama nasceo o grande Anibal, que disputou a Roma o soberano dominio, como

como já dissemos no Tomo V. E porque neste tempo ardia o fogo da primeira guerra Punica, Amilcar voltou a Cartago, levando da Lusitania objecto para o amor, para as armas braços fortes. Na viagem foy obrigado Amilcar a ferrar a Ilha, que agora chamaõ Formentera, antigamente Triquadra, e depois Coelheira, huma das Baleares; porque sentio sua mulher dores de parto, e nesta deserta Ilha deu à luz seu filho Anibal. Daqui velejou para Cartago, logo para Sicilia, aonde ardia a guerra, em que os Lusitanos mostraraõ valor igual em fortunas differentes.

Acabada a primeira guerra Punica, que deixou Cartago tributaria de Roma, ponderou a primeira quanto lhe convinha dominar Hespanha, o que entaõ facilitava o casamento de Amilcar, e as boas esperanças, que dava Anibal. Tornou Amilcar a ella com sua mulher, e os filhos, que já tinha, que eraõ Anibal de dez para onze annos, Asdrubal, Magon, e Hanon, além de huma filha, que depois casou com o Capitaõ Asdrubal. Todos foraõ recebidos com particulares affectos; porque como tinhaõ sangue Lusitano, traziaõ a recommendação em si mesmos. Recuperou Amilcar com brandura muitas terras de Andaluzia: veyo à Lusitania buscar tropas, e com ellas abateo em muitos encontros aos Turdetanos rebeldes Andaluzes; obrando tantas maravilhas na redução de todos os portos maritimos até Barcelona, que elle fundou, e do seu appellido Barcino fez chamar Barcinona, que acabou de acreditar aquella heroica constancia, com que elle só havia sustentado contra Roma a ultima guerra.

An. do
Mund.
3774.

Nove annos havia que Amilcar trabalhava na conquista de Hespanha, e que gozava a fidelidade Lusitana, principal instrumento das suas victorias, agora da honra da sua desgraça. Os nossos Vetones, que habitavaõ do rio Coa até á Foz do Douro, em que se comprehendia Salamanca, Cidade Rodrigo, Lapara, e outras povoações até o Tejo, tinhaõ odios antigos com os Celtas do Alentejo, e com os Turdetanos seus confederados. Aproveitaraõ elles esta occasião de os satisfazer; porque a mayor parte dos que podiaõ pegar em armas, andava com Amilcar no coração de Hespanha. Entraraõ pela Comarca, pondo tudo a ferro, e fogo; incidente que obrigou os Celtas a despedirem-se de Amilcar para acudirerem às suas casas. O magnanimo Capitaõ se offereceo a acompanhallos, e com todo o campo atravessou o intratavel Sertão de Hespanha para tomar os Vetones descuidados na sua Provincia.

Os Gregos Focenses de Andaluzia, que se tinhaõ revoltado contra Amilcar, avisaraõ aos Vetones da sua vinda, mandandolhes bons socorros, com os quaes determinaraõ esperallo na marcha, e atacar a batalha em campo aberto. Cercaraõ o seu arrayal de muitos carros carregados de lenha, a que deraõ fogo no principio do ataque, e espantados os boys, romperãõ as fileiras, sem que o valor, e destreza de Amilcar podesse remediallo. Aqui se atçou o furor da batalha: os Vetones com a ventagem da fórma desordenaraõ os Celtas, e a sua valentia neste aperto igualou as mortes commuas: porém tiverãõ da sua parte a irreparavel perda de Amilcar, que fazendo os officios de bom Sol-

Soldado , e déstro Capitaõ , vendeo bem cara a sua vida ; mas não a podia ter mais larga , havendo no mundo esta honrada morte. Com ella espirou em Cartago a esperança , e ficaraõ nas maõs dos Barbaros as glorias de tantos triunfos.

An. do
Mund.

Succedeo a Amilcar no governo de Hespanha seu genro Asdrubal , que fundou nella a nova Cartago , e era Capitaõ habil para qualquer empreza de estrondo. Anibal de poucos annos começou a fazer a guerra : veyo logo de Barcelona unirse com o cunhado , e dando ambos na povoação dos Focenses Andaluzes , authores da rebeliaõ , não deixou o furor testimunhas da vingança. Asdrubal , em quanto Anibal acabava com o partido de Andaluza , veyo à Lusitania dar o mesmo castigo aos Vetonos , que foraõ muitas vezes derrotados. Esta necessidade os obrigou a elegerem por Capitaõ a modo de Rey hum valeroso homem por nome Tago , que despertou o cuidado de Asdrubal ; mas em fim vencido , houve de vir a concertos , nos quaes Asdrubal o matou aleivosamente com armas valerosas , entaõ pouco honradas.

Ciosos se mostravaõ os Romanos com os adiantamentos de Cartago em Hespanha , e desejavaõ occasiaõ de introduzirse nella. Os Saguntinos , e outros póvos do Reino , movidos pelas instancias dos Francezes de Marselha , facilitaraõ a Roma todos os meynos com a embaixada , que lhe mandaraõ , metendo-se debaixo da sua protecção. Os Romanos os receberaõ , e advertiraõ a Asdrubal , que tratasse aquelles póvos como seus confederados , e se contentasse com a parte de Hespanha desde o Ebro até ao Oceano , deixando para elles a outra parte

An. do até os Pyrneos. O astuto Cartaginez, que conhe-
Mund. ceo a industria, com que os Romanos buscavaõ
motivos para o rompimento, houve de lhes con-
ceder tudo, em quanto Anibal passava a Cartago
a dispôr as idéas para desempenhar a conta, em
que feu pay o tivera, de que havia fer hum Leão
contra Roma. Em quanto estas cousas se dispu-
nhaõ, hum criado fiel de Tago, Lusitano de na-
çaõ, que andava esperando occasiaõ para lhe ving-
gar a morte com a vida de Afdrubal, em huma
funçaõ publica, em que elle estava sacrificando no
meyo dos seus Soldados, o matou a punhaladas,
e ficou inalteravel entre todos. Resoluçaõ, e fide-
lidade Portugueza, desprezadora de todos os pe-
rigos, com que se compra a honra, e a gloria!

3784.

Na flor dos seus annos tomou Anibal o com-
mandamento das tropas em Hespanha: ganhou as
vontades dos Lusitanos; travou estreita amizade
com o primeiro Viriato, que os Celtas do Alentejo
haviaõ eleito por seu Governador; usou da mesma
docilidade com os Andaluzes, e para apagar en-
tre elles as faiscas da rebeliaõ, imitou a idéa de
seu pay, casando com huma Senhora de Castelon.
Acompanhado das nossas gentes, pretendeo senho-
rear toda Hespanha sem respeito aos Tratados es-
tipulados com os Romanos. Dispoz-se para esta
guerra investindo Toledo, aonde foy tanto o san-
gue como os despojos. Nos limites antigos da Lu-
sitania visitou os matadores de seu pay, e a pena
mostrou, que tinha sido geral o delicto. Triunfan-
te Anibal em tantas jornadas, marchou para a no-
va Cartago; mas no caminho teve o encontro de
cem mil Hespanhoes, que lhe pediaõ conta do que

acabava de obrar nas suas terras. Superiores eraõ ^{An. do} em numero, naõ na disciplina: Anibal os atacou ^{Mund.} na passagem do Tejo, que entaõ parecia mar vermelho; e os que escaparaõ da morte, poseraõ a salvação na fugida. Vio-se Anibal temido, toda Hespanha confederada, os Soldados contentes, e declaroulhes a sua resolução contra Roma. Naõ houve algum de valor, a quem naõ parecesse, que tardava a gloria de taõ honrado feito; e porque ella ouvia as queixas da Cidade de Sagunto, sua confederada, marchou contra ella com cento e cincoenta mil Infantes, e vinte mil Cavallos. No decurso dos oito mezes, que durou este sitio, recebeu Anibal muitas Embaixadas de Roma, todas desprezadas pelo Capitaõ Soberbo, que entrou a Cidade com a espada na maõ, sem distinguir sexo, ou idade, culpado, ou innocente.

Este successo foy o rompimento da segunda guerra Punica, que naõ he do nosso assumpto. Só diremos, que Anibal estimou tanto o nosso esforço, que compoz grande parte do seu exercito das nossas tropas. De Lisboa levou muita gente, e entre ella hum esquadrão de bravos montanhezes, que habitavaõ na Serra de Cintra, chamada antigamente Promontorio Artabro, e Artabros os seus moradores. Viriato, seu amigo, o acompanhou em pessoa com muitos Celtas, e Turdulos. Na batalha de Cannas peleijou Viriato como Leão, e nella morreo ás maõs do Consul Emilio Paulo, que vingou a que Viriato dera ao Consul Servilio; mas naõ houve Lusitano, que em Emilio naõ cravasse a lança, faltando à vingança lugar para mais feridas. De Entre Douro, e Minho levou Anibal

An. do Mund. hum bom troço de robustos moços ; e até buscou meyos para se congraçar com os homicidas de seu pay , que haviaõ escapado do castigo , e se aproveitou do seu esforço nesta jornada , em que a Potencia Romana vio taõ abatida a sua reputaçãõ , e quãsi arruinado o seu Dominio , se o ocio de Capua naõ embotara os fios das armas. Mas deixando Anibal em Italia , continuemos os acontecimentos da nossa Lusitania.

C A P I T U L O VI.

Da vinda dos Romanos a Hespanha até o governo do grande Viriato.

3792. **E**M quanto Anibal triunfava nas campanhas de Italia , os Romanos mandaraõ Embaixadores a Hespanha para ganharem algumas Cidades ao seu partido : e tanto que o conseguiraõ , veyo logo a ella com maõ armada Gneyo Scipiaõ , irmão de P. Cornelio Scipiaõ , que já fora desbaratado em Lombardia. O animo de Scipiaõ era combater só os Africanos sem escandalizar os naturaes , que attrahidos da brandura , poderiaõ mudar de resoluçãõ ao primeiro bom successo.

3793. Asdrubal , como se o irmão lhe deixara a fortuna , e a desgraça , que levou a Italia , rompeo a guerra vencendo , e acabou-a sendo vencido. Veyo à Lusitania buscar o poderoso soccorro das nossas armas , mais estimadas na qualidade , que no numero : confederou-se com hum Rey nosso chamado Mandonio , e esta alliança comprimio o desafogo , com que respirava Scipiaõ victorioso. Mas , quando

do era mais necessaria a uniaõ, os Celtiberos se deshouveraõ com Asdrubal, e vieraõ ás maõs com desgraça do ultimo. Esta diversaõ alentou aos Romanos, que refizeraõ, e descansaraõ as suas tropas, em quanto os mesmos naturaes pelejavaõ a favor da sua fortuna.

An. do
Mund.

Já ambos os Scipiõens, pay, e tio do grande Scipiaõ Africano, andavaõ em Hespanha acompanhados de forças, e reputaçãõ, quando Asdrubal determinou passar à Italia com muitas tropas; mas sendo desbaratado no caminho, voltou para a nova Cartago, dahi para Lusitania, e com os socorros da nossa gente recobrou fama, e despojos. Tinhaõ vindo a Hespanha Magon, irmaõ de Anibal, Asdrubal, e Hanon, e o Principe Massinissa, filho do Rey Gala. Desejaraõ os hospedes ver a cara dos Romanos: atacaraõ o campo de Cornelio Scipiaõ, que com a vida perdeu a victoria; acompanhando-o em ambas as infelicidades seu irmaõ Gneyo Scipiaõ, que vinte e nove dias depois foy morto, e desbaratado pelos tres Africanos. Com estes bons successos, devidos á destreza da Cavallaria de Numidia, e ao valor da Infantaria Lusitana, esmoreceo o animo, declinou a opiniãõ Romana, taõ infeliz em Italia como em Hespanha.

Ao mal da guerra se seguirãõ em Hespanha os castigos de huma espantosa peste, e extrema fome; tres horriveis flagellos da humanidade, que affolaraõ o paiz, e tiraraõ innumeraveis vidas; originado tudo de huma densa, e opaca nevoã, que por muitos tempos impedio a communicaçãõ dos rayos do Sol. Naõ espantou menos o mundo o formidavel tremor de terra, que foy sentido em
toda

An. do
Mundo. toda a Europa, arrasando Cidades, e montanhas no mesmo dia, em que Anibal deu a batalha de Trasimeno, sem o perceberem os dous campos, que arrebatados do furor, tinhaõ extaticos os sentidos. Os Cartaginezes ficaraõ taõ ufanos das passadas victorias, que perderaõ a circunspecçaõ; entendendo, que as destroçadas reliquias de Roma sem Cabo naõ levantariaõ os olhos ao seu respeito, quanto mais as maõs às suas armas: porém Lucio Marcio, Centuriaõ Romano, com poucos centos de homens, que pode ajuntar, assaltou em duas noites os desprevenidos arrayaes, e com o preço de trinta e sete vidas Romanas comprou trinta e oito mil mortes Cartaginezas, além de mil oito centos e trinta prisioneiros.

3794. Nas tempestuosas ondas de tantas adversidades fluctuava a nossa Hespanha, quando entrou nella o Pretor Claudio Nero, que foy immediatamente seguido do grande P. Cornelio Scipiaõ, filho do outro Cornelio, e sobrinho de Gneyo, o qual na idade de 24 annos tinha obrado mayores façanhas, do que Fabio, e Marcello.

3795. Entrou Scipiaõ em Hespanha ganhando Cidades, e entre ellas a de Cartagena, ou a nova Cartago, aonde achou riquissimos despojos. Acoadio Asdrubal com muita gente da Lusitania para restaurar tamanha perda, a taõ bom tempo, que chegava de Africa o Principe Massinissa com boa Cavallaria de Numidia, e muitos Elefantes; mas naõ ha opposiçaõ para a fortuna. A prospera de Scipiaõ derrotou tudo; e Asdrubal, conhecendo o descredito de naõ resistir, e vendo perigosa a resistencia, determinou escusar esta, e salvar aquelle,
pas-

passando à Italia em soccorro de Anibal, que já trazia a roda inclinada. Deixou os negocios de Hespanha encarregados a seu primo o segundo Asdrubal, filho de Giscon, que com a gente Cartaginezinha se chegou para Lusitania. Correo a Andaluzia com fortuna ajudado dos soccorros, que Hanon trouxera de Africa: porém Marco Sileno, instruido pelas idéas de Scipião, derrotou todos; Hanon ficou prisioneiro, e Asdrubal, e Magon se retiraraõ a Cadiz sem Soldados, e sem esperança.

An. do
Mund.

Aqui recebeo Magon a noticia de como Asdrubal, que marchava para Italia com hum poderoso exercito em soccorro de Anibal, irmão de ambos, fora no caminho vencido, e morto pelos Consules Claudio Nero, e Livio Salinator; ultima fatalidade, que o obrigou a desfampar Hespanha depois do senhorio de 344 annos, embarcando-se na frota, que tinha em Cadiz. 3797.

Os mais successos desta guerra não nos pertencem. Baste dizermos, que todos foraõ infelices para Cartago: que Anibal abandonou Italia: que Scipião passou a Africa, aonde o acabou de vencer na batalha de Zania, sem mais esperança de remedio: que sujeitou Cartago, e por esta ultima empreza teve o nome de Africano: que Anibal se matou com veneno por não cahir nas mãos do seu contrario, e desprezou valeroso a vida sem gloria: porém entre casos de fortunas tão diversas, o valor da nossa gente foy o mais attendido, a sua fidelidade a mais estimada; e Roma para senhorear taes vassallos, empregou na nossa conquista os esforços, que hirã mostrando a Historia. 3802.

An. do
Mund.
3804.

Dispunha-se Roma para dominar Hespanha ; ella para defenderse. O Senado a dividio em duas Provincias, que haviaõ ser governadas por dous Pretores, chamando Hespanha Citerior às terras, que correm entre o rio Ebro, e os montes Pyrineos, e Hespanha Ulterior às que vaõ do Ebro ate ao Oceano. Os primeiros Pretores, que vieraõ a ella, foraõ Marco Elio, que morreo em huma batalha, que deu aos naturaes da Hespanha Citerior, e Gneyo Sempronio Tuditano, que governou a Ulterior.

3806.

Naõ gastaremos o fio da narraçaõ nas cousas de Hespanha para o empregarmos na Lusitania. No ultimo anno do seu Consulado entrou nella Marco Porcio Cataõ Censorino, que naõ se atreveo a inquietarnos com a força, e em diferentes inscripções deixou testemunhos, de que ganhara alguma da nossa gente com religiaõ, liberalidade, e industria.

3807.

Succedeo a Censorino Scipiaõ Nafica, primo do Africano, sobre o qual ganharaõ os Lusitanos muitas victorias em soccorro dos opprimidos Celtiberos ; mas o industrioso Romano, esperando-os na retirada cansados da marcha, e carregados de despojos, os atacou com a vantagem do sitio, e depois de cinco horas de porfiado combate lhes largámos o campo juncado de doze mil dos nossos cadaveres, e de sete mil e nove centos dos Romanos. Este successo, que alentou o partido contrario, deu mais calor ao nosso furor, prompto, ou à ruina, ou ao despique.

3811.

Com rugidos de Leaõ bramiaõ os Lusitanos por vingança, quando a fortuna lhes metteo a occasiaõ

fião em casa; porque marchando Lucio Emilio Paulo contra os Bastulos de Andaluzia, entraraõ ^{An. do Mund.} por ella os Lusitanos, e atacaraõ o Pretor com taõ desmedido impeto, que apenas escapariaõ testimunhas do castigo, se a pouca circunspecção naõ fizera menos estrondoio este triunfo. Tudo nelle foy morte; porque os Lusitanos tiraraõ da espada para vingar o seu sangue. A manhã seguinte lhes mostrou o dano do seu descuido, ou da sua confiança, vendo a Emilio com vida. Com a perda de vinte mil homens o sentiraõ; mas naõ se jacte a victoriosa Roma; cuide no reparo, que a nossa espada nunca perdeo o golpe da vingança; e se a alta Providencia naõ destinara a sua Republica para dominar o mundo, bem lhe mostraraõ os successos humanos, que só a Lusitania bastava para abater a cerviz da sua soberba. Entrámos por Andaluzia a fogo, e sangue: a Cidade de Asta evitou ser hum dos monumentos do nosso furor, sujeitando-se ao nosso jugo. Sobre ella nos offereceo batalha o Pretor Cayo Catinio, que se arrependeo aos effeitos do primeiro avance; mas os nossos, que só cuidavaõ em matar, esquecerãõ a ordem, e largaraõ o campo com perda. Catinio atacou a Cidade de Asta, aonde foy morto: os nossos se uniraõ com os Celtiberos, e talando as Campanhas com fortuna, levantaraõ noyos troféos sobre as suas mesmas ruinas.

Cayo Calpurnio Pison, successor de Catinio, ^{3818.} naõ se fiou só nas suas forças para investir Lusitanos: convidou seu companheiro Lucio Quincio Crispino, Pretor da Hespanha Citerior, e uniraõ-se ambos para mayor gloria nossa: juncámos os

An. do
Mund. contornos de Madrid, e Toledo de cadaveres Romanos; mas deixando de proseguir a victoria para recolher despojos, viemos a perder o triunfo. Pelas margens do Tejo nos buscaraõ os inimigos, e neste ataque foy desesperaçãõ a contumacia. Callaõ os Escritores Romanos as suas mortes: de cincoenta e tres mil Lusitanos escaparaõ quatro mil com vida: porẽm os nossos vencidos, e vencedores sempre eraõ formidaveis, e os Romanos temiaõ as derrotas pelo dano, os triunfos pelo risco.

3820. Na Pretura de Hespanha Ulterior se seguio Publio Sempronio Longo, que viveo pacifico; porque como os Lusitanos lhe naõ fizeraõ guerra, nenhum dos outros pòvos a intentava. Nós eramos os unicos rivaes de taõ forte poder: e que gloria mayor da Lusitania, que contrapezava com o seu valor as forças do mayor Imperio! Dos casos do seu successor Publio Manlio temos pouca noticia, até chegar com o mesmo cargo Lucio Posthumio, que experimentou entre nós fortunas varias; mas com a gloria de vencer aos Bracarenses alliados dos pòvos Vaseos, seus comarcaõs, ambos inimigos da Potencia Romana.

Tiberio Gracco, que no mesmo tempo era Pretor da Hespanha dáquem dos montes, entrou na Lusitania, e poz sitio a huma das nossas Cidades bem provída de gente, e munições. Representaraõ-lhe os de dentro a impossibilidade de os render; porque tinhaõ bastimentos para dez annos, valor para infinitos assaltos. Respondeo-lhes Tiberio, que ao menos no anno undecimo os havia sujeitar. Os nossos, naõ lhes soffrendo os animos estar fechados, e ociosos, entregaraõ a Praça para desfogarem na campanha os corações. Em

Em successos varios, e pouco sabidos se passa-
 raõ alguns annos até chegar a Hespanha o Pretor An. do
 Marco Manilio, em tempo do qual os Bracaren- Mund.
 ses, que com a origem de Cartago trouxeraõ 3847.
 odio contra Roma, determinaraõ vingar a primei-
 ra injuria. Entraraõ pelas terras amigas augmen-
 tando as suas forças, pelas inimigas empregando-as.
 Elegeraõ por seu Capitaõ ao esforçado Apimano;
 e debaixo do seu mando talavaõ as campanhas,
 e tiravaõ vidas com estrago correspondente à força
 do impulso, que descarregava os golpes: tirou em
 fim o odio da espada.

Acodio o Pretor a fazer parar o curso de tanta
 ruina, as correntes de tanto sangue. Carregada
 de despojos encontrou a nossa gente: ella os entre-
 gou ao fogo, o coração às armas: foraõ abisma-
 das as Aguias Romanas, postas em quietação as 3848.
 suas armas; e se Roma manda por Calurnio Pi-
 fon, e pelo seu Questor Terencio Varro recobrar
 a perda, e o credito, o ultimo com os novos
 Soldados entrega a vida aos fios das nossas lanças,
 augmenta os applausos ao valor dos nossos peitos.

Senhor das campanhas o nosso Capitaõ Api-
 mano, imperiosos com o seu governo os Lusitanos,
 determinaraõ ganhar Cidades; mas subindo os mu-
 ros de Blastofenices, perdeu a vida o Capitaõ im-
 pávido, os nossos o espirito com esta morte. To-
 dos se retiraraõ, abandonando o desalento de mui-
 tos, quanto ganhara o valor de hum; que tanto
 dependem as felicidades da guerra da boa reputa-
 ção dos Cabos. Mas vendo os nossos, que no Lu-
 sitano Cesaron havia qualidades para desempenhar
 as obrigações de successor de Apimano, o elege-

An. do
Mund. raõ por seu Commandante com tanta fortuna, que fez refuscitar a gloria da Patria, e reviver o susto de Roma. Mandou ella para Pretor desta parte de Hespanha a Lucio Mumio, que de longe se jactava em imaginarios triunfos. A passo largo buscava elle ao nosso Cesaron, que encontrou embaraçado na passagem do Guadiana; mas valendo-se da industria, pode chegar a Villa Viçosa para em campo aberto medir o valor em igualdade. Vierão às mãos os bravos Campos: cedeo o nosso esforço ao mayor numero: retiravaõ-se os nossos, e seguiaõ-nos desapiados os Romanos. Então Cesaron, compadecido do estrago, valendo-se da authoridade, e da força, enristou a lança contra os timidos, e obrigou a parar os fugitivos. Compoz hum Esquadraõ, com que renovou a guerra; e dando nos magotes dispersos occupados nos roubos, fez em postas cinco mil. Já os Lusitanos, animados da fortuna do Capitaõ, buscavaõ as bandeiras, e atacavaõ unidos os reaes de Mumio. Aqui foy geral o estrago, grande o furor: outros cinco mil Romanos, fóra Andaluzes, pagaraõ com as vidas a confiança da prospera fortuna do Pretor, como se a desesperaçãõ nos vencidos não fora para temer.

Entrou Cesaron por Lusitania semeando despojos Romanos, e com a nossa victoria respirãõ os Celtiberos, e Numantinos, grandemente opprimidos pelo Consul Quinto Fulvio Nobilior. Mas não durou o nosso gosto; porque à hydra Romana se reproduziaõ cabeças, quando lhas imaginavaõ cortadas. Em outro encontro nos desbaratou Mumio, e perdeu a vida Cesaron: temos a gloria de ven-

3849. cer-

cer Romanos, e de que atégora só Romanos nos vencerão. Por esta victoria fez o Pretor edificar o Templo de Proserpina, que empenhou com votos; e de varias inscrições suas se conjectura, que perto de Villa Viçosa, aonde está a Igreja de Santiago, se acaso não he a mesma, foy edificado o Templo de Proserpina Reparadora.

An. do
Mund.

Naõ se descuidaraõ os Lusitanos do que lhes convinha, em quanto Mumio se empregava nesta obra. Elegeraõ por seu Capitaõ a Cancheno, Cidadão de Lisboa, que ganhou logo a Cidade de Cunisturgi, e tal reputaçãõ com este successo, que penetrou até Gibraltar, sem haver quem lhe impedisse o passo. Aqui resolveo o brio naõ muy prudente repartir as forças; humas para continuarem a guerra na Andaluzia, outras para passarem a conquistar em Africa as Cidades Cartaginezas, e fundar o novo Imperio Lusitano, que estava guardado para as nossas idades. Occupou-se a nossa gente de Andaluzia no sitio da Cidade de Orciles, que dizem ser Origuela; e como os Soldados eraõ muitos, se dividiraõ para roubar as terras, que estavaõ à sua discricaõ; mas o Pretor Mumio, havendo acabado a fundaçãõ do seu Templo, nos buscou com pressa, e a defuniaõ lhe facilitou destruirnos. Poucos dos nossos escaparaõ com vida; porém tem-a-os Roma, que Portuguezes nada ficaõ devendo à honra, e a compraõ até dar tudo por ella.

Veyo à Hespanha Ulterior novo Cabo, que foy o Pretor Marco Atilio, e achou toda a Lusitania em armas. Primeiro que elle, rompemos a guerra, em que o Romano nos matou setecentos homens, e arrafou a Cidade de Ostrace sem della haver mais noticia,

3850.

An. do noticia, nem na historia, nem nas tradições.

Mund.

385 I.

Chegou Galba a Hespanha por successor de Atilio, e com vileza indigna de Romano pertendeo abater o movimento dos nossos corações. No mesmo tempo, governando o Consul Lucullo a Hespanha Citerior, e estando entre os Turdetanos, que viviaõ na marinha desde o Guadiana até Sevilha, os Lusitanos, que dissemos haviaõ passado a Africa, tendo conquistado a Cidade de Tangere, resolveraõ voltar a suas casas, e ignorantes do que passava em Hespanha, desembarcaraõ perto dos arrayaes de Lucullo.

Este os atacou; e como os nossos eraõ inferiores em numero, ganharaõ hum oiteiro, aonde se fizeraõ fortes. Lucullo os cercou nelle para os render por fome. Extrema era esta no Campo; mas aquelles corações resolutos baixaraõ do monte, e animados de huma desesperaçãõ honrada, abriãõ o passo por entre os Romanos. Com razaõ celebrou Lucullo por grande victoria ficarem-lhe nas maõs alguns Lusitanos; porque destas gentilezas naõ vio Roma nos seus Fabios, Scipiões, e Marcellos.

Quieto passou Galba o Inverno; mas o estrondo das armas Lusitanas o obrigaraõ a olhar por si com tempo, e sahir com cedo à Campanha para nos apanhar desprevenidos. Os nossos lhe pouparaõ muita parte do caminho: accendeo-se o combate, e desmayaraõ os Lusitanos: porém doídos da desordenada montandade, que os Romanos faziaõ nos que se retiravaõ, voltaraõ cáras, e fortuna; porque da morte, ou da prisãõ, apenas escapou o Pretor com poucos Cavallos.

Voltaraõ os nossos para sua casa , e fiados no respeito de tamanha victoria , e no destroço dos inimigos , trataraõ da cultura dos campos , pendurando as armas. Galba , aproveitando a conjunctura , nos buscou pelas terras do Algarve com hum Campo de vinte mil homens , fazendo-nos esta nova guerra com as reliquias das ruinas Romanas , que sempre venceo com ellas , e comprava victorias com os destroços.

An. do
Mund.

Os nossos desprevenidos pediraõ pazes. Galba as concedeo , e para serem ouvidas as propostas , pedio aos Lusitanos largassem as armas. Elles o fizeram fiados na fê Romana : e entaõ o infiel , e vil Pretor mandou tocar a degollar , e investindo as suas tropas com o nosso Campo , lastimosamente nos matareaõ nove mil homens nesta covarde traiaõ. Porém della escapou com vida hum Viriato ; elle basta por todos ; naõ tardarà em agradecer a Roma este serviço , e com a sua espada lhe darà mais pezo a esta infamia ; nella terá a Patria correspondente desagravo.

C A P I T U L O VII.

De Viriato até Sertorio.

E Stimou Roma os effeitos da traiaõ de Galba , e desestimou-o a elle por traidor. Viriato , ligissimo Lusitano sem mistura de outra alguma naçaõ , illustre nas obras , humilde no nascimento , largou o cajado para empunhar a espada ; e como testimunha da crueldade se dispoz a vingar hum sangue , que clamava pelo castigo , e pedia ao Ceo justiça.

3851.

Com

An. do
Mund.

Com poucos Lusitanos, que restaraõ daquelle estrago, foy Viriato aos valles, em que elle havia succedido, para ver se alguns tinhaõ escapado com vida; mas partidos os corações da lastima deste catastrofe, fez Viriato que os seus companheiros metessem as mãos nas feridas das innocentes donzellas, e mininos, e jurassem de tomar vingança dos Romanos, ou perder as vidas. Voltou logo à Lusitania; expoz o successo, acompanharaõ-nõ os nossos, penetrou a Carpentania pondo tudo à escala, quando chegava de Roma Marco Vetilio para successor do infame Servio Galba.

Dez mil homens tinha já Viriato: com igual numero, e em melhor fórma, o buscou Vetilio. Muitos dos nossos fugiraõ desordenados: Viriato, com os que pode reduzir, se fez forte em huma Cidade; mas o aperto do sitio obrigava os Lusitanos a desejar a paz. Viriato se oppoz com razões vivas aos animos desmayados: mudaraõ de parecer todos, e elegem a Viriato por Capitaõ general da Lusitania, e defensor da sua liberdade.

Com mil cavallos sahio Viriato da Cidade: todo hum dia sustentou o pezo do Campo contrario, em quanto a gente abandonava a Cidade: amanheceo o dia, e viraõ-se os Romanos sem inimigos em mayor risco. Ardid generoso, que a Viriato estabeleceo o credito, deu fortuna, aos Romanos raiva.

Alegres buscavaõ os Lusitanos a Viriato: Vetilio o seguia com receyo. Nas gargantas de huns montes o esperou o nosso Capitaõ emboscado. Deixou-o descansar no valle; atacou-o de improviso, e quatro mil Romanos sentiraõ primeiro a morte,

do

do que vissem a espada. Nella os acompanhou Vellido; e querendo vingallo o seu Questor, entregou às nossas armas dez mil vidas. Já temos quatorze mil Romanos, que contrapezar com os nove mil Portuguezes: não somos capazes de soffrer injurias; o nosso despique ha de exceder ao agravo.

Já o nome de Viriato se ouvia em Roma com espanto, e os Campos de Madrid, e Toledo experimentavaõ os golpes da sua espada sem resistencia. Exterminou por estes contornos quanto havia de Romanos. Acodio o novo Pretor Gayo Plaucio muito mais poderoso com as tropas de refresco. Viriato lhe apresentou batalha, e quando Gayo quiz aceitalla, se achou só no campo. Com este estratagemia viemos marchando sem o Pretor saber por onde. Mandou quatro mil Cavallos a picarnos a retaguarda: Viriato virou sobre elles, e nem hum restou, que levasse ao Pretor a nova da nossa marcha. Quando este houve vista do nosso Campo, tinha Viriato passado o Tejo, e entrado na Lusitania.

Chegarãõ soccorros a Viriato, que perto de Evora, no sitio a que chamavaõ Pomares, esperou a pé firme os inimigos. Cederaõ no principio alguns dos nossos esquadrões; mas a Companhia de Viriato, animada com os espiritos de hum Leão, deu conta de todos os Romanos: apenas se salvou o Pretor com alguns cavallos. Já Roma teme, que hum Capitaõ taõ bravo profiga as idéas de Anibal, e que o veja cedo às suas portas com a viseira baixa.

Tremolavaõ os nossos Estandartes por toda a Hespanha, quando entrou nella o prudente, e experimentado Pretor Claudio Unimano, que veyo

An. do
Mund. visitar Viriato ao Campo de Ourique, glorioso theatro das nossas mayores façanhas. Boa companhia trouxe o Pretor; mas recolheo-se quasi só. Tudo ficou nas mãos do vencedor; vidas, e despojos: com as primeiras semeámos os valles, com os segundos coroámos os montes. Já não nos cansavamos em recolher bandeiras Romanas, nem ellas se atreviaõ a sahir dos presidios.

Vencido Claudio, rogou a seu companheiro Cayo Negidio, Pretor da Hespanha Citerior, que entrasse por outra parte na Lusitania. Muito sangue derramou na Beira a sua espada; porque não achava resistencia. Viriato acudio em pessoa à sua Patria, e bastou a vista para os Romanos embainharem as armas. Fortificaraõ-se em huns campos, com taõ fortes vallos, que ainda hoje se lhes percebem os vestigios. Viriato se empenhou em rendellos, e sitiou-os. A extrema fome os tirou fóra das linhas, e succedeo no campo de Viseu o mesmo que no de Ourique. Não fez pouco o Pretor em salvar a vida.

Exemplos raros de valor nos vay offerecendo a Historia: he lastima tanta brevidade nas cousas da Patria! Mas como havemos correr muito em taõ pouco campo? Diremos o preciso, por não engrosar o volume.

Trezentos Lusitanos marchavaõ carregados de despojos, quando os atacaraõ mil Cavallos: pozeraõ no chão as cargas; arremessaraõ-se ás armas; mataraõ grande parte dos aggressores; tornaraõ a carregar o peso, e continuaraõ a jornada com mais carga. Com o mesmo embaraço subia hum oiteiro certo rustico nosso, e chegaraõ a insultallo
al-

alguns Romanos de cavallo. Não ha inquietar quem vay de caminho. O rustico lhes atirou com hum dardo, derrubou hum cavallo, com a espada cortou a cabeça do dono, e os mais por não experimentarem o melmo, mudaraõ de opiniaõ, e de marcha: o nollõ Lusitano não alterou huma, e outra.

An. do
Mund.

Não só levou Lusitania ventagens a Roma em varões famosos: tambem tivemos melhores Lucrecias, e mais decantadas Clelias. A Lusitana Ormia excedeo a primeira; porque antes de lavar com o seu sangue a nodoa da pureza, vingou com a morte do adultero Romano a mancha do seu esposo. Este a amava innocente forçada: ella por forçada não quiz viver querida, nem consolar-se innocente. Quando os Romanos entraraõ esta vez nas nollas terras, levarãõ muitos cativos de ambos os generos, e de todas as idades, e todos com as mãos atadas. Sentiaõ as matronas verem-se já longe da Patria, entrando por Castella: mas huma noite, quando os inimigos se haviaõ entregado ao somno, começaraõ ellas a defatar-se com os dentes, e acabaraõ com as mãos. Com boa vontade, ajudadas dos maridos, e parentes, as assentaraõ nos contrarios, e cortando-os com as suas mesmas armas, a todos dilataraõ o somno. Deposeraõ os trages, vestiraõ os dos Romanos, tornaraõ a suas casas, sem no caminho, e no combate se differençaem os sexos.

Nos sete annos, que correraõ desde o de tres mil oitocentos cincoenta e cinco até o de tres mil oitocentos sessenta e dous, em que morreo Viriato, sempre durou a guerra com mais, ou menos força, o que iremos vendo em mayor resumo. O Consul Fabio Emiliano veyo succeder a Lelio; mas,

An. do
Mund. nem a authoridade do cargo, nem o mayor poder foy respeitado da fortuna. Quasi todas as suas tropas perecerão aos fios da espada de Viriato; porque a ociosidade, em que a teve Lelio, lhe deu tempo para affiar-se. Porém vejamos Viriato sujeito à forte; ainda não em ser vencido, mas em retirar-se. Não foy pequena esta gloria para Emiliano, sem outra perda de Viriato, e conseguiu aquella, porque com todo o campo o apanhou dormindo. Este caso pelas circunstancias não diminue em Viriato o louvor de grande Capitaõ; porque o não causou o Não cuidey. Em quanto na Andaluzia se passavaõ estas cousas, se armaraõ contra os Galegos os de Entre Douro, e Minho, que tinhaõ muy longe de si aos Romanos: porém o Consul Lucio Hostilio Mancino, companheiro de Emiliano, receando, que este apparatus descarregasse nos Vaseos, e Celtiberos, os buscou com marchas forçadas, e foy-lhe facil matar trinta mil que achou pelos campos sem ordem, derramados, e desprevenidos.

3858. Chegou o Pretor Popilio a Hespanha, quando Viriato andava por ella invitando os animos para acabarem huma vez com Roma. Tinha entaõ poucas forças; industriosamente pedio pazes, que lhe foraõ concedidas: porém, postos em campanha os Numantinos, Viriato com mais sangue fez o mesmo pelas terras de Riba-Coa: despojo foy da sua fortuna, e da sua espada o mais luzido do exercito; com que se lhe oppoz Popilio.

Alguma vez ha de ceder o varaõ forte. Nos
3859. campos de Evora levou coroas de Viriato o Pretor Quinto Pompeo: tomoulhe bandeiras, e despojos,
o mayor

o mayor foy o applauso. Obrigou-o a fazer pé
atraz; mas para descarregar mayor golpe. Não he ^{An. do}
Viriato capaz de soffrer as injurias dos Soldados: ^{Mund.}
como deixará offender a reputação propria? Ajun-
tou no monte de Venus quatro esquadrões, que
entregou a outros tantos Capitães valentes, se me-
recem este nome traidores. Não eraõ Portuguezes:
logo os daremos a conhecer por cabeças da mayor
infamia, em que perderão a honra deste feito. Bus-
cou Viriato com estas forças desiguaes o Romano
victorioso: investio com furiosa corrente, e tudo
levou diante. Saltavaõ cabeças Romanas longe dos
golpes, e duvidava-se donde vinhaõ: quem levava
humã ferida escusava outra: com menos de qua-
tro mil lançadas morreraõ quatro mil Romanos.
Andava o furor derramado; perdidas todas as ban-
deiras, alargou o Pretor o passo, e podia pedir
premios a Roma pelo bem que fugio neste encon-
tro. Com tal triunfo, mayor por não esperado, fi-
cou Viriato senhor das campanhas: entrou por An-
daluzia, e a cada passo cortava humã palma: já
faltavaõ hombros para o pezo dos triunfos. Com
a delicada industria do Capitão mais experto, ren-
deo a grande Cidade de Utica, bem guarnecida
de Romanos. Penetrou até Gibraltar, correo sem
opposiçãõ a marinha: tudo era temor, e já Viriato
vencia mais com o nome, que com a espada.

Taõ grande era o empenho de Roma nesta ^{3860.}
guerra, que mandou continualla com mayores for-
ças por Quinto Fabio Maximo Serviliano no mesmo
anno do seu Consulado. Soberbo vinha o Consul
com vinte mil Romanos de refresco, Cavallos, e
Elefantes de Numidia, mandados por Micipsa seu
allia-

An. do
Mund.

alliado. Buscou em Utica a Viriato, que por falta de bastimentos se fizera na volta de Lusitania. Na sua ausencia rendeo o Consul cinco lugares, pre-fidiados por dez mil Soldados, que depois de matarem muitos Romanos, a fome os obrigou a entregarem-se a partidos. Infiel, e vilmente mandou Fabio degollar quinhentos; entregou os mais à furia dos Soldados: com a noticia da atrocidade tudo eraõ clamores na Lusitania, e voou Viriato á execução da vingança. Vieraõ ás mãos os exercitos, e o espanto, que os Elefantes causaraõ na nossa Cavallaria, a poz em desordem. Tinha-o prevenido Viriato, que mostrou neste aperto a grandeza do seu coração intrepido. Soube pôr em ordem os desmandados, quando os alaridos contrarios clamavaõ victoria: e tanto a tempo atacou homens, e fêras, que espantou os espantosos. A confiança da primeira fortuna originou nos Romanos o mayor estrago. Como Capitaõ destro salvou Fabio as reliquias do exercito, e conheceo, que offerecer batalhas a Viriato era augmentarlhe motivos para a reputação, instrumentos para os triunfos.

3861.

Entrou o anno seguinte com grande ruido de armas na Lusitania: tudo soava a guerra, tudo eraõ armas, tudo alistar gente. Sitiava Fabio a Cidade de Erißana, armazem das nossas tropas, e defendida de muitas. Com as suas industrias entrou nella Viriato para animar a guarnição, com as suas armas fez levantar o cerco ao Consul, que passou de sitiante a sitiado. No cume de hum monte, aonde achou refugio, o poz Viriato em tal aperto, que houve de sahir delle por meyo de huma paz pouco correspondente à verdade Romana.

Quin-

Quinto Servilio Scipião, irmão do Consul, An. do
depois de convir na paz, motejava della. Esta in-
dustria lhe grangeou o Consulado, e muitas forças Mund.
para vir a Hespanha bulcar infamias em lugar de
triumfos. Rompeo a paz sem motivo; escalou a
Cidade de Arsa junto a Sevilha, perseguiu a Viriato,
para lhe impedir a entrada em Lusitania, os
nossos Vetones lhe serviraõ de escandalo; todo o
coração de Hespanha escalou Viriato, e por toda
a parte eraõ as mortes humas entre armas differen-
tes. Porém Viriato, estimando mais o socego com-
mum, que o applauso proprio, mandou propôr
ao Consul as pazes estipuladas o anno passado, e
a injustiça, com que elle violara a fé dos Tratados;
mas com arrogancia tal, que o Consul conheceo
o Principe pelas palavras. Foraõ os Embaixadores
tres daquelles Capitães estrangeiros, de que ha
pouco fizemos menção. Indignos homens para no-
meados! Mas conheçamo-los para a infamia: cha-
mavaõ-se Dictaleon, Minuro, e Aulaces. O Con-
sul lhes sondou os animos, e achou-os dispostos
para huma traição vil: cativou-os com promessas,
seguroulhes a graça do Senado, persuadio-lhes a
morte de Viriato. Abominavel feito para o primor
de Roma! Na sua tenda dormia Viriato com o
socego de quem era Capitão de Portuguezes. Mas
que cautela foy nunca bastante para hum traidor!
Nella o degollaraõ os tres infames, e morreo Vi-
riato. Conseguio Roma o seu intento, esperem os
traidores pelo premio: não foy pequeno o desprezo
do Consul. Amanheceo o dia, e de huma mesma
causa se produziraõ effeitos oppostos: equivocou-
se a lastima, e o furor: diluvios de lagrimas der-
ramá-

An. do
Mund. ramáraõ chuveiros de sangue. Naõ houve Romano cativo, que escapasse de ser victima da indignaçãõ justa. Seguiraõ-se as honras do cadaver, correspondentes ao amor da vida. Sempre fieis os Portuguezes, todo o excessõ era pouco para o seu extremo: desejariaõ, que as almas vestissem os corpos, e que o negro dos corações fossem os lutos. Finezas em fim pelo grande Viriato.

3864. Fatalmente decahirãõ as nossas glorias com esta morte: o valor, se naõ esmoreceo, calou-se, e os dous annos, que se lhe seguiraõ, saõ nos Historiadores de silencio. Porém os Soldados de Viriato, costumados a viver de despojos Romanos, sahirãõ contra elles sem ordem, e sem Capitaõ. O Pretor Junio Bruto os reprimio; mas para os contentar, lhes deu as terras da Cõsta maritima ao Meyo dia, partidas com a corrente do Guadalaviar, aonde fundaraõ a Cidade de Valença, padraõ memoravel, em que ainda se conservaõ as lembranças de Viriato. Entrou Bruto na Lusitania ganhando Cidades: muito lhe custou a de Eburobricio, perto donde agora está Alfeizaraõ; porque foy sempre o mesmo o nosso esforço: só faltava quem o mandasse. Empenhou com votos a Neptuno; que lá tem o diabo sua hora, e a deu boa a Bruto. Venceo-nos, e levantou hum Templo ao falso Nume.

3865. Decio Bruto, que succedeo a Junio, penetrou o Minho banhado em sangue: tanta morte provocava o brio de ambos os sexos, homens, e mulheres se valiaõ da noite para matar Romanos. Sem tropas inimigas em Campanha via Decio destruir os seus arrayaes; e vingou-se fazendo o mes-
mo

mo aos campos : igual destino experimentou a Cidade de Labrica ; mas a bondade de Decio deixou aos moradores contentes : despertou a colera quando quiz respeito , ufou da brandura quando lhe conveyo o amor : grande lho tiveraõ os Lusitanos , porque os soube levar Decio ao seu modo.

A fortuna de Decio na Lusitania lhe dilatou o governo. Successos varios teve sobre Braga : as matronas foraõ o seu escandalo nos muros , a sua ruina na Campanha : venceo , e foy vencido. Triunfou dos Gallegos , que em numero de sessenta mil vinhaõ em nosso soccorro ; e esta derrota abateq as nossas esperanças. Parou o curso de tantas victorias na Cidade de Cinania , ou Citania , que ficava sobre o Ave , duas leguas de Guimaraens. Naõ sabemos o fim deste sitio ; mas parece o naõ conseguiu Decio , e muitos annos depois foy assolada esta illustre Cidade por poder differente. Aos Enviados de Decio responderaõ os nossos como Portuguezes : naõ temeraõ o ferro , naõ os abrandou o ouro : testimunha Valerio Maximo a inveja de Roma neste caso , como se ella só viera ao mundo para ser magnanima. Tem as suas virtudes muitos contrapezos ; das nossas falle o mundo.

Decio voltou as suas armas contra a Provincia da Beira , aonde experimentou os animos ferozes dos seus moradores barbaros. Venceraõ estes huma batalha , e perderaõ outra ; mas com tal mortandade , que se naõ distinguiaõ vencedores , e vencidos. Passou Bruto o Tejo , e escolheo para Praça de Armas a Cidade de Moro , que ficava aonde agora está o Castello de Almcurol. Aqui se deteve tres annos , até que voltou a Roma pa-

An do ra receber o triunfo de Lusitanos, e Gallegos.

Mundo.

388o.

Treze annos se passaraõ depois do governo de Decio sem successo memoravel; porque as guerras civis entre os irmaõs Tiberio, e Cayo Gracco, originadas da Ley Agraria, que tanto mal causou à Republica, a tinhaõ quasi arruinada; e se a Lusitania tivera hum Viriato, ou Apimano, desta vez sacudira o jugo. O Senado o temeo tanto, que mandou aos seus Governadores, nos trataffem com suavidade; mas os nossos, que naõ sabiaõ ter o odio encuberto, sahiraõ em bandos a devastar tudo, quanto tinha nome de Romano. Acudio de Italia o Proconsul Cayo Mario, que depois de ser vencido em campo, ganhou sobre nós ventagens, e ficaraõ as cousas da Lusitania em profundo silencio. Fatalidade sua, com taes Soldados, naõ ter Capitães como Roma.

390o.

Innumeraveis das suas tropas entraraõ por estes annos na Lusitania a castigar as nossas revoluções. A nada perdoou a sua espada: tudo o que tinha nome, ou inclinação militar perdeu a vida. Porém brotavaõ gente os nossos campos, e toda a Hespanha Ulterior temeo de novo o nosso ferro,

3904.

se naõ acudira a rebatello o Proconsul Lucio Cornelio Dolabella. Igual fortuna logrou com os de Entre Douro, e Minho o Consul Licinio Crasso. Mas espere Roma a desesperação de Portuguezes sem liberdade: tema em Sertorio novos sustos, e Lusitania espere nelle bons successos.

CAPITULO VIII.

*De Sertorio até à vinda de Julio Cesar
a Hespanha.*

Muitos troços da nossa gente haviaõ entrado por Hespanha destruindo todos os campos pertencentes aos Romanos, quando Sertorio lo-grava em Africa prosperas fortunas. Já Hespanha pelo trato tinha conhecimento das suas qualidades. O esplendor das armas illustrou a mediania da sua nobreza. Com ellas servio a Roma sua patria; (era Sertorio de nação Sabino) mas escandalizado della, a abandonou para buscar ventura na vingança. Os nossos lhe mandaraõ embaixadas a Africa, pedindo-lhe quizesse vir governallos; porque Cayo Anio, que viera a Hespanha perseguillo, empregava o feu furor na Lusitania. Era Sertorio muy applicado; observou em Africa muitos monumentos antigos, e descobriu em Tangere o sepulchro do gigante Anteo, que foy morto por Hercules Lybico. En-trou na Lusitania ganhando vontades, e para se-gurar as dos seus moradores, instituiu huma Uni-versidade em Osca, Cidade da Andaluzia, para onde mandou os moços mais illustres da Lusitania, e aonde a nossa nação vio as primeiras letras, em que fez tantos progressos como nas armas. O Por-tuguez Spano lhe trouxe huma cerva branca, que elle criou, e como tinha muitas celebridades, ca-pacitou aos nossos, que por ella lhe communica-va Diana muitos segredos; industria, que lhe gran-geou veneração, e respeito. Vendo-se o nosso Ca-
pitaõ

An. do
Mund.
3920.

An. do
Mund. pitaõ senhor das Cidades da Lusitania , e escolhen-
do para Praça de Armas a de Evora , que ainda
hoje conserva memorias deste seu grande bemfei-
tor , se resolveo a pôr em campo contra os Ro-
manos , naõ muito recobrados dos notaveis deba-
tes de Mario , e Sylla , nos quaes teve Sertorio
grande parte , seguindo a voz de Mario.

Compunha-se o seu exercito de cinco mil ho-
mens da Lusitania , e tres mil de Italia , e Africa,
todos de grande experiencia , e costumados a des-
prezar Romanos , e perigos. Este pequeno esqua-
draõ sustentou contra Roma nove annos de conti-
nua guerra , e combateo os quatro Capitães mais
famosos daquella Republica acompanhados de cen-
to e vinte mil Infantes , e sete mil Cavallos : muitas
Praças avassallou Sertorio por toda a Carpentania,
ou Comarca de Toledo , e mostráraõ os succes-
sos , que o valor , e disciplina naõ temem o ma-
yor poder.

3921. Da terra passou Sertorio a triunfar no mar.
Atacou ao Capitão Romano Cota , que com hu-
ma poderosa esquadra infestava o Estreito de Gi-
braltar , e impedia os soccorros , que lhe vinhaõ
de Africa : todos os vasos , que naõ foraõ ao fun-
do , lhe ficaraõ nas maõs. O Capitão Didio , que
com hum exercito acampava nas margens do Gua-
dalquivir junto a Sevilha , estava ignorante desta
desgraça do seu camarada Cota , quando Sertorio,
cortando as correntes daquelle rio , desembarcava
perto do seu Campo ao romper da Aurora : de tan-
tos mil Romanos apenas escapou quem visse o Sol
naquelle dia. Voltou Sertorio à Lusitânia com igual
fama , que despojos : foy recebido com faustas ac-
cla-

clamações, e repetidos vivas; mayores applausos eraõ o silencio dos corações.

An. do
Mund.

3922.

Temeo Sylla em Roma as novas alterações de Hespanha, e mandou a ella seu companheiro o Consul Quinto Metello Pio, que trouxe igual authoridade, poder, e tyrannia. Destacou a Lucio Domicio, para que talasse toda a Andaluzia: e Sertorio, que lhe não convinha entaõ sahir da Lusitania, ordenou ao seu Capitaõ Herculeyo, que com muitas esquadras da nossa gente, marchasse a reprimir a facção de Sylla, que em Hespanha peleijava com dous odios, da gente, e do Capitaõ. Appresentaraõ os nossos a batalha, que Domicio não quiz aceitar; mas foy obrigado por força, e todos com elle foraõ feitos em póstas. Esta consideravel derrota obrigou Manilio, Proconsul da Gallia Narbonense, a entrar em Hespanha com grande numero de Romanos, e Francezes para salvar as destrozadas reliquias, que vagavaõ pelo campo em perigo, sem refugio. Não alterámos a marcha à vista do mayor poder. Herculeyo, lendo nos nossos semblantes o favor da fortuna, o atacou impavido, obrigando o Proconsul a recolherse a França muy pouco acompanhado: toda a Cavallaria ficou estendida no Campo, e os Francezes, se não triunfaraõ com valor, morrerãõ com gentileza.

Em quanto a nossa gente obrava estas proezas em Hespanha, andava Sertorio às mãos com Metello, que veyo ao Algarve sitiar Lacobriga, ou Lagos; mas as industrias do nosso Capitaõ, e o seu esforço, obrigaõ ao Consul a abandonar a empreza, e retirar-se para Andaluzia. Sertorio o foy perseguindo, e cansando a sua velhice com incessantes

3922.

fantes

An. do
Mund.

santes ataques. Naquelle Provincia pertendeo elle cercar a nossa Cidade de Osca para tomar ás mãos os Estudantes Lusitanos, e vingar nos cultores de huma Pallas as affrontas, que recebia dos sequazes de outra.

392 3.

Porém a prevenção frustrou os designios, e Metello houve de retirar-se a Cartagena para repouzar com menos susto. Sertorio voltou a Evora, aonde o esperavaõ os Embaixadores do grande Mithridates, Rey do Ponto, implaçavel inimigo dos Romanos. Taõ longe chegava o estrondo das nossas armas, e o ecco das nossas façanhas,

Traziaõ estes Ministros plenos poderes para ajustarem com Sertorio huma liga offensiva, e defensiva contra Roma: pediaõ foccorros de Soldados Lusitanos, e nos promettiaõ o de navios. Abraçou Sertorio parte das propostas, e mandou ao Ponto hum esquadrãõ, que suppria na qualidade a falta do num ero.

Era já tal a reputaçãõ de Sertorio, que trouxe de Roma para seu competidor ao grande Pompeo, que triunfou d'elle com industrias, naõ com as armas. Ajuntou-se elle com Metello, e Sertorio com Marco Perpena, vil traidor, que viera de Sardenha com boas tropas da facção de Mario. Tanto era o animo dos nossos, que impertinentes, e inconsiderados, pediaõ ao Capitãõ os deixasse ir combater as forças unidas, mayores com a fortuna de Pompeo, e experiencia de Metello. Moderou Sertorio tanta temeridade, mostrando o poder da uniaõ, e a debilidade da discordia em huma delicadeza taõ admiravel, que animou o Emblema XXV. do grande *Theatro Moral da vida humana*.

Mandou

Mandou vir ao Campo dous cavallos, hum An. do
 velho caindo de magro, outro novo potente de Mund.
 gordo, e dous homens com a mesma desigualda-
 de dos cavallos. Ordenou ao moço robusto, que
 pegasse no cabo do cavallo velho, e lho arranca-
 se. Esforçou elle os seus alentos, e não tirou ao
 bruto hum só cabello. O velho pelo contrario com
 o cavallo novo: foy-lhe tirando as fedas huma a
 huma, e em pouco espaço as arrancou todas. A
 vista deste caso persuadio Sertorio aos nossos a im-
 possibilidade de vencer unidas as Legiões Roma-
 nas, e quam facil ficava destruiilas separadas.

Chegou o nosso Capitão ao Reino de Valen- 3924.
 ça, que como era habitado de Lusitanos, os mais
 delles Soldados de Viriato, o receberão bem, me-
 nos os da Cidade de Laurona, hoje Liria, quatro
 leguas de Valença. Sitiou a Sertorio à vista de Pom-
 peo; e nas disputas de qual dos Campos havia fer-
 senhor das pastagens de hum valle, matámos em hu-
 ma emboscada ao Capitão Decio Lelio com dez
 mil Soldados, sem que nos embarçasse a presença
 de Pompeo. Bem conheceo elle por este successo
 a necessidade, que tinha de retirar-se; mas a repu-
 tação deteve o passo ao temor.

Intentava Pompeo ganhar hum monte, que
 dominava a Cidade: prevenio-se Sertorio, e to-
 mou-o primeiro. Mal soffria Pompeo ver atalhadas
 as suas idéas, e resolveo sitiarnos entre a Cidade,
 e o seu exercito: porém o acutelado Sertorio,
 pondo seis mil homens de emboscada, disse aos
 seus zombando de Pompeo: *Deixay, que eu mos-
 trarey a este rapaz discipulo de Sylla, quanto mais
 importa ao Capitão avisado trazer os olhos atraz,*
que

An. do *que adiante.* Quando menos Pompeo o esperava, Mund. sahiraõ os seis mil da emboscada; escalarão a Cidade, e Pompeo, naõ se atrevendo vir às mãõs com Sertorio, se retirou para os seus reaes, donde vio abraçar a Cidade amiga, a que pouco antes mandara dizer dèsse graças aos Deoses, porque elle tinha cercado desorte aos Lusitanos, que nenhum escaparia com vida.

Rico, e triunfante veyo Sertorio invernar a Evora, que engrandeceo com os despojos Romanos. Cercou a Cidade de muros, taõ fortes, que naõ bastaraõ milhares de annos, e as destruições de Godos, e Mouros para lhes acabar a memoria. Chamou-se esta fortificação a Cerca Velha, e durou até o tempo de ElRey Dom Fernando, que ornando a Cidade de muralhas novas, lhe tirou mais na lembrança, do que lhe deu na grandeza. Fez, além disto, huma obra chea de magnificencia, qual foy o famoso aqueducto da agua da Prata, que ainda hoje ennobrece esta illustre Cidade. Assim o testifica, entre muitos, o nosso Refende, que fez huma Apologia contra a opiniaõ opposta do Bispo de Viseu; persuadindo nella a ElRey Dom Joaõ III. restaurasse as quebras desta grande obra, que o tempo arruinára, e restituisse a Evora a magestade antiga, como fez. Edificou tambem para a sua pessoa huma casa, naquelle tempo sumptuosa; e a sua familia, que constava de tres libertos, e huma criada, (notavel fausto de hum Principe!) deu hum banquete aos visinhos no dia desta dedicação, e celebrou em honra dõs Deoses Lares a festa Compitalia. He bem conhecido em Evora o lugar desta casa, que muitas vezes vimos com as
mais

mais antiguidades illustres, ainda que a pouca ve-
neração dos moradores alterou a fôrma deste glo-
rioso monumento da Patria. Consumou Sertorio
este anno feliz, casando na sua Cidade com huma
Senhora illustre, e rica, filha de Firmio Laberio;
e com este nó do parentesco ficou indissolúvel o
laço da amizade.

An. do
Mund.

Com a Primavera sahiraõ os exercitos à cam-
panha, e sobre as ribeiras do Xucar se avistaraõ os
dous Capitães, valerosos ambos, ambos irresolu-
tos, não querendo arriscar em huma acção o cre-
dito das passadas. Pompeo porém, e ao mesmo
tempo Sertorio, este porque não chegasse Metello,
aquelle porque Metello lhe não roubasse a gloria,
atacarãõ a batalha. Sertorio investio com Pompeo,
Perpena com Afranio. O primeiro victorioso cor-
tava cabeças na esquadra de Pompeo, o segundo
cedia a Afranio o campo, e o triunfo; mas Sertorio,
desembaraçado de Pompeo, acodio a Perpe-
na, e perdeu Afranio a victoria, os seus Soldados
as vidas. Pompeo, cahido do seu cavallo, esteve em
termos de ficar nas nossas mãos, se a cubiça dos
Soldados não acodira primeiro a tirar os jaezes do
bruto, que estimaraõ mais que o dono.

3925.

Todo o exercito de Pompeo perecera nesta
jornada, se a visinhança de Metello não impedira
o alcance. Ordenou Sertorio se tocasse a recolher,
dizendo; *Eu mandára este rapaz Pompeo castigado
para Roma com açoutes, se a vinda desta velha
mo não tirara das mãos.* Mas a gloria deste triun-
fo foy contrapezada com a perda da Cerva, que
era o mayor apoio da authoridade de Sertorio:
porém quiz a fortuna, que apparecesse, e nova-
mente

3926.

An. do mente animada a superstiçaõ com a industria , con-
Mund. tinuou Sertorio a respirar alentos de divino , sopra-
dos pela vaidade de huma falsa fé.

3927.

Derrotado Pompeo , marchou Sertorio para Valença a oppor-se às correrias de Metello , que foy cercado no seu mesmo Campo , donde a necessidade o obrigou a fahir , e o capricho a peleijar. De vencida levava Sertorio o Campo Romano , quando hum dardo , que atravessou a Metello , devendo declarar o triumpho , embaraçou a victoria. Retrocederaõ os Romanos fugitivos , corridos , ou estimulados : converteo-se o valor em desesperaçãõ , a colera militar em furia barbara ; empenhados huns em livrar o Capitaõ cahido , outros em acaballo : porém a confiança da victoria trazia os nossos taõ esquecidos da disciplina , que sendo accommettidos em troços vagos , foy facil obrigarallos a largar o campo por desunidos. Metello , restituído ao seu cavallo , obrava espantosas maravilhas , grandes por muito velho , mayores por mal ferido. Sertorio , com hum esquadrãõ cerrado , detia com formoso animo a corrente contraria , e quando vio acs seus postos em salvo , se retirou a huma Cidade , que fizera forte a natureza sem o soccorro da arte. Aqui o atacou Metello ; mas desmentindo a providencia à prevençãõ , Sertorio entrou com toda a gente na Lusitania , sem que Metello penetrasse o como. Gastou Sertorio o Inverno em visitar os Templos , e dar graças ao Deoses por tantos bons successos ; e consta de huma inscripçãõ , que a sua Ama Julia Donace offereceo huma coroa , e sceptro de prata no Templo de Jupiter , que ficava nas margens do pequeno rio Enxarrama , junto da Villa do

do Torraão, aonde agora está a Igreja dos Santos An. do
Martyres Justo, e Pastor. Mund.

Tanto que a Estação o permittio, se embar- 3928.
cou Sertorio em huma poderosa esquadra para nos
pórtos do Mediterraneo mostrar aos Romanos a
igualdade do seu valor em toda a forte de pelepas.
Foy esta expedição taõ gloriosa, que Pompeo, e
Metello deraõ por perdidos os negocios de Roma
na Lusitania; acabando de os confirmar na desconfi-
ança a rota, que o nosso Capitão Herculeyo deu a seis
bandeiras de Cavallos, e a huma Legião pedestre,
com que Probo Emiliano escoltava hum importante
comboy, que todo ficou nas nossas mãos, e a vida
daquelle estimavel Cabo, com a qual se mostrou
Soldado, e qualificou nos nossos o mesmo caracter.
Estes successos poseraõ aos Romanos em conster-
nação tal, que Metello passou a Navarra, e com
pretextos honrados se retirou para França; por-
que lhe convinha entretanto meter terra em meyo.
Pompeo fez o mesmo para os povos Cacceos, ami-
gos de Roma, donde escreveu ao Senado noticias,
que fizeraõ mayor ecco por hirem acompanhadas
do estrondo das nossas armas. Ingenuamente conhe-
ceo a Cabeça do mundo a grandeza da reputação
de Sertorio, e justamente temeo, que quem triun-
fava de Pompeo, intentaria arvorar os pavilhoens
Lusitanos no alto do Capitolio.

Chegaraõ soccorros de Roma; entraraõ com 3929.
elles os dous Consules em Hespanha; e não sendo
para temer a face dos mesmos inimigos, a desme-
dida confiança dos Lusitanos fez mudar o sembran-
te aos successos. Com muitas tropas andava o nos-
so Herculeyo dispotico na Celtiberia, quando Me-
tello,

An. do tello, separado de Pompeo, o buscou a tempo
Mund. que elle não esperava a visita; e com passo tão ve-
loz nos degollou vinte mil nesta carreira. Alta-
mente avaliou Metello a victoria, em que imprimo
mayor caracter a novidade: e transportada a
jaçtancia de huma idade meya morta, se arrogou
Metello acclamações de divino, e immortal; con-
fundindo os applausos, e a gloria com a mentira da
 vaidade.

3930. Mão he que a fortuna cançe, e a sua roda se
incline. Quiz Sertorio reparar a abatida opiniaõ
de Herculeyo, e quebrou a sua. Combateo unidos
a Metello, e a Pompeo; e ainda que os Romanos
perderaõ mais gente, ficaraõ senhores do Campo,
e ganharaõ a Cidade de Valença; fatalidade gran-
de para os nossos interesses. Precedeo a esta bata-
lha o desafio particular de dous Soldados à vista de
ambos os Campos. Matou o Romano ao nosso;
mas ao levantarlhe a viseira para lhe cortar a ca-
beça, conheceo, que era hum seu irmão facciona-
rio de Sertorio. Carregou-o sobre os hombros; con-
duzio-o ao arrayal, onde se matou sobre o cadaver
com resolução barbara, e gentil. Nesta desgraça se
mostrou superior à fortuna o impavido coração de
Sertorio. Ajuntou as dispersas, mas não destroça-
das, reliquias do seu exercito, tão numerosas,
que sustentou com ellas huma nova guerra. Cer-
cou a Cidade de Caraca, hoje Guadalaxara, para
castigar a irrisaõ, e desprezos, com que os seus
moradores o tratavaõ dos muros: e porque não po-
de rendella com a força, se valeo da industria,
fazendo levantar no Campo tanto pó, que agita-
do do vento, subia a tapar as bocas, que respira-
vaõ

vão improperios. Vio-se suffocada a guarnição, e ^{An. do} houve de entregar-se humilde a mesma arrogancia, ^{Mund.} que pouco antes soberba soprava jactanciosa.

Este admiravel successo restituiu a primeira alma à reputação de Sertorio: e por não perder com o tempo os favores da fortuna, marchou a buscar Pompeo, que sitiava a Cidade de Palencia. Não desprezou o valeroso Romano hum inimigo, que depois de perder palmas nos conflictos, cortava triunfos nas Campanhas. Deu as costas aos muros para fazer cara aos nossos. Sertorio o acometeo com tão arrogante valor, que cahido o seu cavallo, e cercado de Romanos, brandia a lança com impulsos de rayo, e rugidos de leão. Acudio a fidelidade Lusitana ao aperto do seu Principe, e aqui se excedeo o valor a si mesmo. Vistoso era este espectáculo da furia, se a colera não cegara os olhos. Muitos dos nossos perderão as vidas, mais dos Romanos. Ganhámos a victória, e livrámos o Capitão, que se fora capaz de gozar os privilegios de Josué, neste dia acabára com o Gabaon Romano. Salvou a noite a Pompeo; porque o guardavaõ os fados para ainda ter formosos dias.

Metello sitiava Calahorra, em quanto Sertorio combatia com Pompeo. Conseguido o triumpho, marchou o nosso Heroe a medir as armas com o astuto velho, que foy desbaratado nos mesmos reaes com morte de tres mil Soldados; e elle com os mais escapáraõ bem, porque fugiraõ muito. Entrou Sertorio na Cidade, derramando premios correspondentes ás façanhas dos seus defensores. Aqui recebeo a noticia de que unidos Pompeo, e Metello tinhaõ posto apertado cerco à Cidade de Hu-

An. do
Mund.

Huesca ; Praça , que os nossos defendiaõ com gentileza ; porque nella se depositavaõ os mininos Lusitanos , que cursavaõ a sua Universidade. Defronte dos muros da Cidade assentou Sertorio o seu Campo ; mastãõ mal guardado , que assaltando-o Metello em huma madrugada , o obrigou a recolherse com precipitaçaõ na Cidade , deixando nas mãos dos inimigos todas as equipagens. Pouca gente perdeu Sertorio : porém entre os Romanos , que o seguiaõ , ficou taõ arruinada a sua reputaçãõ , que ambiciosos huns para lhe succederm no cargo , avarentos outros para possuirem os prêmios , que promettiaõ Pompeo , e Metello , determinaraõ matallo. Indigna acçaõ de dous Heroes, vil proceder de hum Capitaõ taõ honrado como Perpenna ! Já Sertorio se naõ fiava dos Romanos amigos , e buscou asylo ao seu receyo no sagrado da fé Lusitana , aonde já mais houve , que temer. Sabida dos nossos a traiçaõ , quizeraõ que em Huesca naõ ficasse Romano , que naõ pagasse com a vida só a temeridade de intentalla. Porém naõ ha resistencia aos impulsos do Fado. Perpenna , ao mesmo passo que cortava pelos inconfidentes , urdãa a infidelidade : e convidando Sertorio para lhe dar hum banquete em demonstraçaõ do gosto de noticias falsas , que maquinara a sua idéa , o matou nelle com vinte e huma punhaladas. Assim acabou o memoravel Sertorio , e a ambiçaõ , que lhe traçou a morte , dará ao matador o premio , que costuma.

Grande descredito da honra de Pompeo , vencernos com industrias infames ! Perderaõ os Lusitanos a Viriato , e a Sertorio , por darem demasiada authoridade a estrangeiros : naõ pôdem amar as

Re-

Republicas aquelles, que as olhaõ como alheyas. An. do
Mund.
Com honras iguaes ás do primeiro Capitaõ celebráraõ os nossos as exequias do segundo: e entrando por Lusitania com a Urna das tuas cinzas, collocaraõ em Evora esta, para a sua veneraçãõ, estimavel reliquia; lembrando a Diana a gloria, que devia darlhe depois da morte: porque por meyo da Cerva se communicara com elle a melhor parte da vida.

Naõ sabiaõ resolverse os Lusitanos, vendo, 3931.
que a mayor parte do exercito de Sertorio estava com o traidor Perpena, ao qual aquelle Capitaõ nomeava herdeiro no seu testamento. Todos os lugares planos da Lusitania se despovoaraõ, receosos da vinda de Pompeo, contra o qual se poz em campo Perpena para pagar no primeiro encontro a culpa da aleivosia. Atacaraõ-se os dous exercitos, e no principio da batalha, em quanto estavaõ quentes nos nossos as lembranças de Sertorio, foraõ os Romanos de vencida: porém communicando-se-lhes a fraqueza do novo espirito, perdemos inteiramente o animo. Perpena se escondeo entre huns bosques, aonde o descubrio huma partida de Cavallos, à qual com lagrimas infames pedio a vida o traidor vil; mas Pompeo, sem querer ouvillo, lhe mandou cortar a cabeça, e foy a ultima da hydra Lusitana, que tanto deu que fazer aos Hercules Romanos nesta diurna guerra. Com semelhante, e taõ cumprida victoria se dividiraõ os dous Consules para ganharem, e fortalecerem Cidades, que em Hespanha fizessẽ firme o seu Imperio. Pompeo mandou à Lusitania a seu grande amigo Afranio, Soldado de valor, e merecimento.
Achou

An. do
Mund.

Achou elle despovoados os nossos Campos, e julgando a soledade não effeito do medo, mas da prevenção, voltou a dar conta a Pompeo, que não receou menos novos ardís em huma nação, que sabia tirar ventagens da industria; quando não tinha lugar a valentia.

Marchou Pompeo a sitiar a Cidade de Osma, então Uxama, defendida de Lusitanos. Inexoraveis às propostas inimigas se mostraraõ os nossos: depois da morte de Sertorio estimaraõ mais a fidelidade, que a vida. Todos acabaraõ na defenfa; e os poucos, que restavaõ quando Pompeo entrou na Cidade, se matáraõ voluntarios, acabando livres, e valerosos. Diga Pompeo se admirou Roma esta gentileza nos seus Manlios, e envergonhe-se de nos dar em rosto com hum só Decio. Com forças mayores se apresentou o Romano sobre Calahorra, aonde estavaõ muitos Lusitanos. Ponderou Pompeo as difficuldades da empreza, que lhe impedia recolherse a Roma para receber na flor dos annos o publico triumpho de consumado Heroe. Resolveo em fim a jornada, e para deixar em Hespanha memorias da sua grandeza, fundou em Navarra a Cidade de Pamplona. Afranio ficou com a direcção do sitio, em que encontrou taõ dura resistencia, que os cercados, depois de comerem as mulheres, e filhos, porque os inimigos não chamaßem victoria a hum rendimento sem risco, depois de queimarem tudo, imitaraõ aos Oxomenses com resolução, se segunda, sempre rara.

3941.

Assim acabou o governo de Pompeo, e substituiu Afranio o seu lugar com estragos semelhantes: porém depois delle no espaço de dez annos, que

que corrao desde o de 3931 até o de 3941, na-^{An. do}
 da contaõ as Historias memoravel, além de alguns ^{Mund.}
 Pretores, que por este mesmo tempo vieraõ a Hes-
 panha, os quaes foraõ Publio Pison, Gneyo Pison,
 Quinto Calidio, e Tuberon, que trouxe por Que-
 tor a Julio Cesar, o qual no Templo de Hercu-
 les em Cadiz teve hum admiravel sonho, e pelas
 circunstancias delle lhe pronosticaraõ os Agourei-
 ros o absoluto senhorio da Republica Romana,
 que daqui em diante começou a traçarlhe a sua
 fortuna.

C A P I T U L O IX.

*Da vinda de Julio Cesar a Hespanha com o titulo
 de Pretor, até o Nascimento de Jesu Christo.*

AO grande descuido, que Roma mostrou os ^{3941.}
 annos precedentes nos negocios de Hespanha,
 se ieguio o mayor cuidado; mandando a ella naõ
 menos que ao famoso Cesar, se ainda naõ taõ gran-
 de como depois, já pelo seu merecimento tinha
 lugar entre os mayores. Poucos eraõ os seus annos;
 mas já o valor o havia feito Soldado, escada por
 onde a fortuna o elevou a ser Heroe soberano. Va-
 gos, e derramados andavaõ os Lusitanos, quando
 Cesar lhes entrou pelas portas: e como temia os
 nossos ardís, pertendeo com a crueldade encher-
 nos de terror panico, que embotasse os fios aos
 juizos. Estupenda carnificina executou Cesar na Lu-
 sitania! Mas que barbara indignidade de Cesar!
 Determinaraõ oppôrse-lhe os moradores da Serra
 Herminia, ou da Estrella, fiados no forte dos pei-
 Tom. VI. M tos,

An. do
Mund. tos , e na fortaleza do sitio. Conheceo Cesar a difficuldade de vencer por armas hum , e outro impedimento. Mandou-lhes Embaixadores , que voltaraõ com huma das mais honradas repostas , que inspiraõ os corações magnanimos. Industrias , naõ valor , deraõ o triunfo a Cesar. Guardaraõ mal os nossos suas mulheres , e filhos : contra estes marchou hum destacamento , que foy sentido depois de ter nas maõs a innocente preza. Descuidaraõ-se os nossos das suas almas inteiras para acudirerem a salyar estas ametades dellas. Assim ficou Cesar senhor dos montes , e da victoria , com tal espanto dos lugares comarcaõs , que todos os que habitavaõ para a parte do Douro , desampararaõ as terras para se refugiarem alêm do rio. Cesar os encontrou embaraçados nesta passagem , e os que escapáraõ do ferro , pereceraõ nas aguas : mulheres , e mininos foraõ os despojos da victoria ; e ainda entre ellas houve algumas de resoluçaõ taõ heroica , que abraçadas com as innocentes prendas , se lançaõ no Douro ; temendo mais os grilhoens do cativeiro , que os tragos da morte.

Disputada he a opiniaõ da passagem de Cesar a Galiza nesta Campanha : porêm se entrou nas suas terras , naõ se deteve muito nellas ; porque os Herminios , desassombrados do primeiro susto , se revoltaraõ a favor da liberdade. Acudio Cesar a reconquistallos , e só Cesar era capaz de abatellos. Em dous troços dividiraõ os nossos as suas forças : hum para se oppor a Cesar , outro para senhorear a Cõsta maritima , e segurar a retirada aos vencidos , se se naõ mudasse a fortuna de Cesar. Com a mesma firmeza a experimentaraõ os rusticos , que de-

depois de destroçados, a passo largo se unirão com o outro corpo, até chegarem defronte de Peniche. Nesta Ilha se recolherão os nossos, facilitando-lhes a entrada a vazante da maré. Com o mesmo favor os atacou Cesar, e foy a fortuna differente. Como este era o ultimo refugio, fez o valor os ultimos esforços. Depois de perder muitas tropas, mandou Cesar vir huma Armada de Cadiz; mas quando chegou, estavaõ os nossos taõ debilitados da fome, que se entregaraõ sem desembainhar a espada. Com estas gentilezas poz Cesar o remate à porfiada guerra da Lusitania. Acabou de vencer os Portuguezes, e começou a usar com elles tantas liberalidades, que respeitaraõ por affavel aquelle animo, que pouco antes temiaõ por feroz. Depois de sujeitar a Corunha com as forças navaes, se passou a Roma cheyo de gloria, aonde o deixaremos ideando as mayores maquinas para alcançar o Consulado, e dar fim à Republica Romana; porque nós vamos seguindo o fio da nossa Historia, sem nos embaraçarmos com successos alheios.

Pouco dignos de memoria saõ os aconteci-
mentos, que se seguiraõ depois da partida de Cesar na Propretoria de Tuberon, e no Proconsulado de Publio Cincinato até a Pretoria de Publio Cornelio Lentulo, por sobrenome Spinter. No seu governo pediraõ os Francezes soccorros da nossa gente, especialmente dos Soldados velhos, que haviaõ militado com Sertorio, para com o nosso esforço se opporem à fortuna de Cesar, taõ prospera em França como em Hespanha.

Fazia esta guerra Crasso, Legado de Cesar, e appresentou batalha aos colligados. Sabem mui-

An do
Mundo.

to bem os Francezes , que nesta jornada lhes ensinaraõ os Lusitanos os primeiros rudimentos da Arte da guerra , polindo o modo do seu pelejar barba-ro. Esmoreceo aquella naçaõ depois do primeiro impeto , em que emprega a sua mayor força , e ficaraõ os Hespanhoes sustentando o pezo de huma desigual batalha. Quarenta mil morrerãõ nella , e seriaõ os mais delles Lusitanos ; porque era mayor o seu numero , mais constante o seu valor.

3946.

Nos annos que correraõ desde o de 3946 até o de 3953 foraõ pouco consideraveis os negocios da Lusitania ; porque as desavenças do Pretor Quinto Cecilio Dentato sobre a extracçaõ dos trigos , ainda que fizeraõ desembainhar as armas , se composeraõ facilmente ; como tambem as dos póvos Vacceos , Vetones , e Beiroens ; se bem que os ultimos deraõ tanto cuidado a Roma , que mandou segunda vez a Pompeo passasse à Lusitania , a qual tambem foy horroroso theatro das guerras civís entre elle , e Cesar , para cuja narraçaõ já nos convida a historia.

3953.

Desobediente Cesar às ordens do Senado , se resolveo a appresentar as suas armas sobre Roma contra a parcialidade de Pompeo. Este se retirou para Macedonia a tomar as medidas aos seus negocios : Cesar , com idéas differentes , resolveo senhorear Hespanha em pessoa , aonde os tres Legados de Pompeo , que eraõ os valerosos Afranio , Marco Varro , e Petreyo , faziaõ gentís disposições para lhe impedir a entrada , e conservar o partido. Porém em quanto os Legados Pompeanos se dispunhaõ em Lerida a obstar o passo de Cesar ; elle , fazendo em França mayor o numero das suas

tropas, com generosos ardís desmentio a preven-
 ção contraria: dos muros de Lerida virão os Le-
 gados tremolar nos campos de Hespanha as ban-
 deiras Cesareas, e lançar pontes sobre o rio Se-
 gre, cujas correntes, como as do Cinca, ainda
 que bem guardadas, não poderaõ obrigar a for-
 tuna de Cesar a fazer pé atraz. Não particularisa-
 remos os casos desta guerra, chamada de Lerida;
 porque não nos pertencem: porém diremos, que
 o valor dos Lusitanos, que nella se acharaõ, foy
 o mais attendido: elles ganharaõ para os Pompea-
 nos huma memoravel victoria: Cesar triunfou na
 ultima batalhã, que lhe segurou o dominio de Hes-
 panha. A sua clemencia não quiz mais dos Lega-
 dos de Pompeo, que fazellos passar os montes, e
 deixar a terra.

Vendo-se Cesar sem inimigos em Hespanha, ^{3954.}
 voltou a Roma, ficando o governo da Lusitania
 a cargo do cruel Cassio Longuinho, grande ini-
 migo da nossa gente, contra a qual rompeo a guer-
 ra, e sitiou a Cidade de Mirobriga na raiz do mon-
 te Herminio. Desesperada de remedio, fugio a
 guarnição para o mesmo monte, aonde dizem que
 Cassio a arruinára; mas como todos estes succes-
 sos não tem mais testemunho, que nas inscripções
 breves, e confusas dos monumentos antigos, he
 muy duvidosa a sua verdadeira série. Os Hermi-
 nios parece que se multiplicavaõ das suas mesmas
 ruinas; e vendo-se excessivos no numero, desceraõ
 dos montes para occuparem as margens do Tejo.
 Os moradores do Campo se preveniraõ com foc-
 orros; o mesmo fizeraõ os de Lisboa. Sitiaraõ os
 Serranos esta Cidade, sem deixarem guarnecidas as
 prin-

An. do principaes paragens do Tejo. No cerco mostraraõ Mund. igual descuido, que facilitou ao esquadraõ Camponex extinguir em hum só avance a grande geraçãõ dos Herminios, sem ficar delles mais que o nome nos poucos, que povoáraõ a Serra de Marvaõ e Aramenha.

3955. No anno seguinte se accendeo a guerra em Hespanha com a vinda de Gneyo, e Sexto, filhos de Pompeo, que acharaõ grande favor nos Lusitanos, e no seu Capitaõ o valeroso Filo. Eraõ entãõ Legados de Cesar Pédio, e Fabio, os quaes o avisaraõ do perigo, em que as suas cousas se achavaõ. Encarecem os Escritores a pressa, com que voou Cesar a Hespanha; mas naõ impedio a sua velocidade a formidavel derrota dos seus Legados; porque brigaraõ com Lusitanos escandalizados de Cesar, como diz Resende. Perto de Capara foy esta batalha, que começou escaramuça leve, e acabou em horrendo conflicto. Triunfante Gneyo, marchou a sitiar a Cidade de Ulia, quando Cesar appareceo sobre Cordova. Muitas, e raras gentilezas obráraõ os dous Campos, em que tinhaõ a melhor parte os Lusitanos. Porém Cesar, querendo decidir a questãõ em hum combate, poz cerco à Cidade de Ategua, hoje Teba a velha, para chamar Pompeo à sua defenfa. Acertou Cesar com a idéa, e Pompeo houve de retirar-se quando lhe vio as forças. Destacou o primeiro ao Rey Indo para picar a retaguarda ao segundo; mas Gneyo, mandando passar áquella parte ao Capitaõ Filo com os seus Lusitanos; estes depois de matarem ao Rey Indo, desmentiraõ os designios de Cesar. Com a retirada de Gneyo se amotináraõ alguns Romanos, que

que defendiaõ a Cidade cercada. O resto da guarda, que era toda Lusitana, empenhada por Pompeo, antes que elles se passassem a Cesar, lhes tiraraõ as vidas. Foy obstinada a resistencia, mas infeliz a constancia: entregou-se a Cidade a Cesar, os homens à sua fortuna.

An. do
Mund.

Depois desta conquista se avistáraõ Gneyo, e Cesar nos campos de Munda. Esta foy a Parsalia de Hespanha, em que se abismou a gloria de Pompeo, Em grande aperto poseraõ os Lusitanos da guarda de Gneyo a bizzaria de Cesar: mas elle, como se lhe obedeceraõ os Fados, cortou os louros nos campos da desgraça. Mais de trinta mil Pompeanos ficaraõ mortos, acompanhados de sete mil Lusitanos, que foraõ na morte os primeiros, assim como o haviaõ sido nos perigos. Com cento e cinquenta Lusitanos da sua guarda, escapou Gneyo, e se retirou a Gibraltar para se salvar na Armada, que alli tinha. O Almirante Didio o perseguio no mar, obrigando-o a tomar as nossas terras; mas já por ellas o buscavaõ os Soldados de Cesar. Os nossos, em observancia da sua fé, determináraõ acabar no primeiro encontro: nelle morrerãõ huns, foraõ prezos outros, e Gneyo pode esconderse em huma caverna. Desprezaraõ os nossos temores, e promessas para o não descobrirem: hum infiel Romano o entregou; e investindo-o já muito ferido, com hum joelho em terra, vendeo bem cara a sua vida: matáraõ-no depois de tirar a vida a muitos. Cesar lhe chorou a morte com lagrimas de Principe, que vê acabado o seu competidor. O mundo dá a este pranto o epitheto de clemencia.

Os Lusitanos, que andavaõ dispersos, vendo-se

An. do
Mund.

se livres de inimigos, buscáraõ ao seu Capitão; que acharaõ descabeçado. Aqui se accendeo a co-lera à vista do objecto da lastima, e juramentados todos, se disposeraõ para a vingança. Didio, que tinha parte da sua Armada em terra, experimentou em huma noite o primeiro golpe, em que elle, e muitos dos seus deixaraõ as vidas: foraõ as galés despojos do fogo, o mais dos Soldados. Sexto Pompeo, sabendo da morte de seu irmão, abandonou Cordova, e levou repartido pelos Soldados o grande thesouro, que tinha para manter a guerra. No caminho se lhe juntaraõ muitos Lusitanos, que andavaõ desgarrados depois da batalha de Munda, e a elles deveo escapar com vida do encontro, que teve com Cessonio, matador de seu irmão Gneyo, e Capitão da Cavallaria de Cesar.

Depois de varios casos, passou Sexto Pompeo à Lusitania: Cesar se fez senhor de Cordova, e do mais resto de Andaluzia. Em Sevilha achou grandes difficuldades o seu valor; mas favoreceo-o a sua industria. O Capitão Filo com os seus Lusitanos lhe poz muitas vezes contingente a victoria. Com o golpe de Sevilha, cahio a fortaleza de Munda, e mais povos confinantes; mas querendo Cesar entrar na Lusitania, o receyo das tyrannias executadas no tempo da sua Pretura, invitou os animos para huma vigorosa defensa. Não quiz elle empenhar-se em huma nova guerra, que na contingencia dos bons successos tinha por infallivel ser dilatada. Entrou na Cidade de Béja respirando brandura, e derramando liberalidades. Aqui chamou os Embaixadores das mais Cidades, que tra-

tou

tou com summo agrado; e porque conseguio ajustar pazes com todas, em memoria desta feliz uniaõ, deu a Béja o nome de Pax Julia. Depois passou a Evora, aonde honrou as lembranças de Sertorio, que tinha sido, como elle, parcial de Mario. Aqui se excedeo Cesar em liberalidades; fazendo a Evora Municipio do antigo direito de Lacio, sem ser estipendiaria, como as outras da Lusitania, deixando aos seus moradores os mesmos privilegios, que gozavaõ os de Roma, e que podessem militar nas Cohortes, e Legiões Romanas com as mesmas prerogativas, que os Soldados de Roma; pelo que Evora tomou o nome de Liberalitas Julia. Carregado de triunfos, partio Cesar para Roma a destruir a Republica, e arrogarse hum poder absoluto, e hum dominio dispotico sobre o povo Romano, a que se seguiu huma morte lastimosa, se merecida da ambição, desigual ao merecimento.

Ausente Cesar, ficou Affinio Polion com o governo da Lusitania, e no seu tempo sahio Sexto Pompeo de entre os povos Lacetanos, aonde se havia refugiado depois da sua derrota, e chegando ao Porto de Anibal, com huma frota, que alli ajuntou, se fez pirata no mar. Tantas forças se uniraõ com Sexto, que resolveo continuar as suas idéas em Hespanha. Com os soccorros da nossa gente alcançou ainda ventagens dos Romanos, e matou a Polion em huma batalha. 3961.

Esta victoria deixou a Pompeo taõ senhor de Hespanha, que o Triumvir Marco Lepido houve de o chamar a Roma com promessa de grandes ventagens: mas sendo atacado no mar por Octaviano Augusto, poz termo à sua fortuna, e em Miletto

An. do
Mund. leto deraõ fim à sua vida. Quatro mil Lusitanos, que o seguiaõ, tomáraõ o partido de Bruto, e Cassio, os quaes no mesmo anno foraõ desbaratados por Augusto, e Antonio, e elles verdugos de si mesmos.

3964. As grandes tormentas, fomes, e enfermidades, que por estes tempos opprimiraõ a Lusitania, se seguio a cruel invasaõ de Bogud, Rey Africano, que desembarcando no Porto de Anibal, foy talando tudo até Setuval. O mayor sentimento dos nossos era a ruina do Templo da Nynfa Salacia nas margens do rio de Alcacere. Mas se este desprezo foy feito a huma Deosa do mar, as aguas lhe vingaraõ a injuria, e os Africanos, que escapavaõ das ondas, vinhaõ encontrar nas prayas mais furiosas as da nossa colera. Nenhum escapou com vida, ou na tormenta do mar, ou nas espadas em terra. Os moradores, avaliando por mysteriosa a casual tempestade, reedificaraõ o Templo, e edificáraõ a povoação de Alcacere do Sal, que entaõ chama-raõ Salacia; e veyo a ser Cidade honrada pelo Imperador Augusto com privilegio de Municipio, admittida debaixo da immediata protecção dos Imperadores, e chamada Salacia Imperatoria.

3972. Foraõ correndo os annos em successos tristes, quando se accendeo a guerra entre os Gallegos, e os do Minho, aonde fazia lastimosos estragos a pertinacia, até que huma formidavel peste levou os Gallegos, e estes o mal, às suas terras. Mas como os do Porto haviaõ favorecido aos Gallegos, ou pelo amor da origem, sendo todos Gregos, ou pelo medo, tendo menos forças; os Bracarenses lhes declararaõ a guerra, em que ficaraõ vencedores,

res, e morto o Romano Norbano Calvio, a cuja An. do Mund. conducta se haviaõ sujeitado os do Porto. Tinha seguido a voz do Porto a notavel Cidade de Cinania. Os Bracarenfes, vendo-se dispoticos na Provincia, converteraõ para ella o feu furor. Naõ era facil distinguir, de que parte estava mayor a obstinaçaõ. Cercadores, e cercados apuraraõ os ultimos esforços. Mas como a fome era extrema nos segundos, sahiraõ a vender caras as vidas aos primeiros. Perdidos estiveraõ os Bracarenfes na mesma esperança de vencer; porque peleijavaõ com a desesperaçãõ de vencidos. Acabados os viventes, passou às pedras o estrago: da Cidade de Cinania apenas achamos o nome na Historia.

Estimulou-se Augusto, já absoluto senhor do 3978. mundo, de que em todo elle só os Gallegos, Biscainhos, e Lusitanos de Entre Douro, e Minho não reconhecessem o feu Imperio; e veyo em pessoa a Hespanha sujeitallos. Conseguiu-o a sua espada sem o soccorro do respeito; porque a nossa ferocidade não tremia ao ecco dos triunfos, sem experimentar os golpes. Nestes annos fundou Augusto a Cidade de Merida nos districtos da Lusitania, para habitaçaõ dos Soldados velhos, e estropeados, chamandolhe entaõ Emerita Augusta. Soccorreos os moradores do Porto, que não podião soffrer as pezadas leys dos de Braga; mas a guerra acabou em favores, e Braga teve prerogativas de Colonia Romana, e nome de Augusta com taõ grande applauso dos seus Cidadãos, quanto era excessiva a gloria de Augusto na Lusitania, que o acclamava divino, levantando-lhe Templos, e Estatuas.

An. do
Mund.
3979. Recebeo Augusto em Tarragona Embaixado-
res Lusitanos, e das partes mais remotas do mun-
do, que todo o reconhecia por senhor; dispon-
do-se para aquella geral tranquillidade, no meyo da
qual havia nascer nelle feito homem o Unigenito
de Deos.

3998. Em successos de pouca importancia se foraõ
passando os annos; e esquecida a Lusitania do ar-
dente desejo da sua liberdade, passava em profun-
do silencio sujeita ao dominio Romano. Neste tem-
po promulgou Augusto o Edicto geral para se allis-
tarem as gentes do Imperio, e pagarem o tribu-
to, de que se não isentaraõ a Mãe de Deos, e seu
Esposo S. Joseph. Tinha Augusto repartido a Lusit-
ania em quatro Chancellarias, a saber, Merida,
Béja, Santarem, e Braga, nas quaes se determina-
vaõ as duvidas, e sentenciavaõ as demandas. Nes-
tas quatro partes se fez a dinumeração do povo
Lusitano, em que se contaraõ, segundo refere Fr.
Bernardo de Brito, citando a Laymundo, cinco
contos e sessenta e oito mil pessoas cabeças de
familias: numero monstruoso, que requer huma
tal soma de individuos como apenas terá hoje toda
Hespanha; donde se infere a admiravel quantida-
de de gente, que a esta nossa Peninsula roubaraõ
as suas vastas conquistas.

9939. Nestes mesmos tempos se levantou entre
Douro, e Minho o Lusitano Corocota, e com
muita gente vadia, fez varios insultos, e atacou
em campo ao Capitão Romano, que o obrigou a
retirarse a Biscaya. Nesta Provincia ajuntou gente
semelhante à passada, empregando-a em exerci-
cios iguaes aos precedentes. Picou-se Augusto em

Roma da perturbação, que causava Corocota na Lusitania, estando em paz o mundo. Prometteo tres mil cruzados, e o perdão de qualquer crime a quem lho houvesse ás mãos. Com bizarra gentileza se dispoz Corocota a ganhar o premio. Appresentou-se em Roma Augusto, pedindo o dinheiro, e o perdão. Tudo lhe foy concedido, e de mais a graça do Imperador, que fiou da sua fidelidade a guarda da sua pessoa.

An. do Mund.

Ultimamente, fechado em Roma o Templo de Jano pelo beneficio da paz geral, felicidade que poucas vezes se gozou naquella Republica depois do seu estabelecimento, nasceo de Maria Virgem o Filho de Deos feito Homem, principio da nossa felicidade, e o tempo do seu Nascimento fim da Historia Antiga.

4000.

R E S U M O

Do que contém este primeiro Livro.

C Omprehende a Historia Antiga de Portugal tres Estados: o primeiro debaixo do governo de vinte Reis desde Tubal até Abidis, o qual durou 1652 annos; mas deve advertirse, que neste computo se encerraõ duas grandes Anarquias, a saber, a que correo da morte de Sic-ulo até ao reinado de Lyfias por espaço de 86 annos; e a que vay do governo de Abidis até entrarem os Cartaginezes em Hespanha por tempo de 570 annos. O segundo Estado corre da vinda dos Cartaginezes até à sua expulsão pelos Romanos, e contém o decurso de

COSTA LOBO



An. do 344 annos. O terceiro Estado, que começa da to-
Mund. tal expulsaõ dos Cartaginezes, e principio do do-
minio Romano até ao Nascimento de Christo, com-
prehende 1203 annos.

COMPENDIO

*Das Batalhas mais memoraveis, que se deraõ
na Lusitania, durando o tempo da Historia
Antiga, ajustadas pela Chronologia, que
temos seguido.*

2202. **B** Atalha, em que Jupiter Osiris, Soberano do Egypto,
venceo aos Lusitanos, e matou o seu Rey Geriaõ.
2244. Batalha particular, em que Hercules Lybico, filho
de Osiris, matou os tres Geriões, ou Lominios, filhos de
Geriaõ.
2653. Batalha, que Lycinio Caco, Governador da Lusita-
nia, ganhou sobre Palatuo, Rey de Andaluzia, e de Valença.
Batalha, na qual Palatuo, ajudado de Hercules Theba-
no, derrotou a Lycinio Caco, restituindo-se ao seu Reino,
e fazendo-o fugir para Italia.
- Batalha, que os Andaluzes soccorridos por sessenta mil
Lusitanos ganharaõ dos Fenices de Cadiz, constringendo-os
a abandonar todos os lugares da terra firme.
3389. Batalha, que os Turdulos, e Celtas deraõ aos barbaros
Sarrios, obrigando-os a passar além do Tejo.
3408. Batalha, em que os Lusitanos impediraõ as idéas do
Grande Nabucodonosor, fazendo-o fahir de Hespanha com
affronta.
3453. Batalha primeira, que Baucio Capeto, Capitaõ da Lu-
sitania, ganhou de Mezerbal, Chefe dos Cartaginezes, ata-
cando-os no quarto da modorra.
- Batalha, em que os nossos Gavos venceraõ aos Galle-
gos, que pertendiaõ estabelecerse no Minho, fazendo-os vol-
tar ás suas terras, aonde elles entraraõ; e povoaraõ as Cida-
des de Yria, e Tydiciano.

Batalha, em que o primeiro Anibal foy vencido, e An. do morto pelos Lusitanos, que marcharaõ a soccorrer os Tur Mund. detanos Andaluzes contra os antigos moradores da terra.

Varias Batalhas, nas quaes os Celtas, e Turdetanos 3558. extinguiãõ a geraçaõ dos barbaros Sarrios, excepto os que moravaõ na Beira.

Batalha na passagem do Lima, aonde se deshouveraõ os Celtas, e Turdetanos, com muitas mortes de ambas as partes.

Batalha, que os nossos Vetones ganharaõ dos Celtas, e Turdetanos colligados, e soccorridos por Amilcar, que 3774. nella perdeo a vida.

Batalha nas margens do Tejo, aonde o grande Ani 3784. bal derrotou cem mil Hespanhoes, que lhe disputavaõ a passagem.

Batalha, em que os Celtiberos venceraõ a Afrubal, 3793. irmaõ de Anibal.

Duas Batalhas successivas ganhadas pelos Cartaginezes sobre os Romanos em Hespanha: na primeira morreo Publico Cornelio Scipiaõ, e na segunda seu irmaõ Gneyo Scipiaõ.

Batalha, em que o Centuriaõ Lucio Marcio com pou- 3794. cos centos de homens matou trinta e oito mil Cartaginezes, confiados nas passadas victorias.

Batalha, na qual o grande Scipiaõ Africano derrotou a 3795. Afrubal, e mais Principes colligados.

Batalha, em que Marco Sileno, instruido de Scipiaõ, acabou de derrotar o partido dos Cartaginezes em Hespanha, fazendo prisioneiro a Hanon, irmaõ de Anibal, e de Afrubal.

Batalha ganhada aos Lusitanos por Scipiaõ Nafica, de- 3807. pois de ser por elles desbaratado em muitos encontros.

Batalha de Andaluzia, aonde os Lusitanos fizeraõ em 3811. postas o exercito do Pretor Lucio Emilio Paulo.

Batalha, em que o mesmo Pretor nos matou vinte mil homens; e pouco depois nos ganhou outra o Pretor Cayo Catinio, sendo primeiro vencido pelos nossos.

Batalha de Madrid, na qual os exercitos dos Pretores 3818. Cayo Calpurnio Pison, e Lucio Quincio Crispino foraõ inteiramente derrotados; mas deixandõ de proseguir a victoria, viemos a perder depois quarenta e nove mil homens.

- An. do Batalha, em que o Pretor Lucio Posthumio venceo
Mund. aos Bracarenfes, alliados dos Vaseos.
3846. Duas Batalhas successivas ganhadas pelos Bracarenfes,
2847. commandados pelo valeroso Apimano. Na primeira foy des-
troçado o exercito de Lucio Posthumio. Na segunda venci-
3848. do o Pretor Calurnio Pison, e morto o seu Questor Teren-
cio Varro.
3849. Batalha, na qual o Lusitano Cesaron destruiu o exercito
do Pretor Mumio junto a Villa Viçosa.
 Batalha no mesmo anno, na qual o Pretor Mumio nos
venceo, ficando morto Cesaron.
 Batalha no mesmo anno, na qual o mesmo Pretor per-
to de Origuela nos derrotou, commandando o nosso exercito
o Lusitano Cancheno.
3851. Batalha, em que os Lusitanos destruireão inteiramente
o Campo do Pretor Servio Galba, que despistou esta affronta
com huma traição vil.
 Primeira Batalha de Viriato, em que foy destroçado o
Pretor Marco Vetilio.
3852. Batalha de Evora, na qual Viriato cortou em postas to-
do o exercito do Pretor Gayo Plaucio.
3853. Batalha do Campo de Ourique, em que Viriato fez
huma espantosa mortandade no campo do Pretor Claudio
Unimano.
 Batalha de Viseu, aonde Cayo Negidio, Pretor da
Hespanha Citerior, foy totalmente derrotado pelo mesmo
Viriato.
3857. Batalha, na qual quasi todas as Tropas do Consul Fabio
Emiliano foraõ passadas aos fios da espada de Viriato.
3858. Batalha de Entre Douro, e Minho, aonde o Consul
Lucio Hostilio Mancino degollou trinta mil Lusitanos, que
apanhou desprevenidos.
 Batalha de Riba Coa, na qual Viriato fez em postas o
Campo do Pretor Popilio.
3859. Batalha do monte de Venus, aonde o Pretor Quinto
Pompeo foy desbaratado por Viriato.
3860. Batalha, em que o Consul Quinto Fabio Maximo Ser-
viliano foy derrotado por Viriato, e aonde competiraõ o va-
lor, e a prudencia.

Batalha, em que o Pretor Junio Bruto, depois da morte de Viriato, venceo aos seus Soldados, que o buscaraõ sem Commandante. An. do Mund. 3864.

Batalha que o Pretor Decio Bruto ganhou na Lusitania sobre sessenta mil Gallegos, que vinhaõ em soccorro da nossa oppressaõ. 3866.

Duas Batalhas na Beira, huma em que Decio foy vencido, e outra em que venceo. 3867.

Batalha, na qual o Proconsul Cayo Mario foy desbaratado pelos Lusitanos; mas depois triunfou delles em varios encontros. 3880.

Batalha Naval, em que Sertorio destroçou a Armada Romana, commandada pelo Capitaõ Cota. 3921.

Batalha do Guadalquivir, na qual o exercito de Didio foy feito em postas por Sertorio.

Batalha de Andaluzia, aonde Herculeyo, destacado por Sertorio, venceo a Lucio Domicio, destacado pelo Consul Quinto Metello Pio. 3922.

Batalha, em que o mesmo Herculeyo desbaratou a Manilio, Proconsul da Gallia Narbonense, que veyo a Hespanha salvar as reliquias, que escaparaõ da batalha precedente, ficando toda a Cavallaria Franceza morta no Campo.

Batalha de Laurona, na qual Sertorio matou seis mil Romanos, e o seu Capitaõ Decio Lelio à vista do grande Pompeo. 3924.

Batalha do Xucar, aonde Sertorio desbaratou a Pompeo, que esteve em termos de perder a vida. 3925.

Batalha de Valença, em que Sertorio levava de vencida a Metello; mas perdendo os nossos a disciplina, vieraõ a largar o Campo. 2927.

Batalha na Celtiberia, aonde Metello apanhou prevenido ao nosso Capitaõ Herculeyo, e lhe matou vinte mil homens. 2929.

Batalha, em que unidos Pompeo, e Metello vencerã a Sertorio; mas com mayor perda de gente da parte dos Romanos. 3930.

Batalha de Palencia, na qual Sertorio restaurou a quebra passada, derrotando inteiramente o Campo de Pompeo.

- An. do Mund. Batalha de Calahorra, em que Sertorio, depois de desbaratar a Pompeo, fez o mesmo a Metello.
- 393 L. Batalha, em que o traidor Perpena, havendo morto a Sertorio, perdeu a vida às mãos de Pompeo, e o resto das tropas Lusitanas.
- 394 I. Batalha na Serra Herminia, ou da Estrela, na qual Cesar venceu, e domou a ferocidade dos seus moradores.
- Batalha do Douro, na passagem do qual derrotou o mesmo Julio Cesar os Lusitanos, que pertendiaõ refugiar-se além daquelle rio.
- Batalha, em que os Herminios, tendo-se rebelado contra Cesar, tornaraõ a ser por elle vencidos.
- 395 4. Batalha de Lisboa, aonde os moradores dos seus Campos extinguiãõ de todo a geraçaõ dos Herminios, que sitia-vaõ aquella grande Cidade.
- 395 5. Batalha de Capara, na qual Gneyo Pompeo, ajudado dos Lusitanos, derrotou a Pedio, e Fabio, Legados de Cesar.
- Batalha de Munda, em que Gneyo Pompeo foy desbaratado por Cesar com a perda de trinta mil homens.
- 396 1. Batalha, em que Sexto Pompeo venceu, e matou a Polion, Legado de Cesar.

LIVRO II.

*Da Historia moderna de Portugal desde
o Nascimento de Christo, até ao Con-
de Dom Henrique.*

CAPITULO I.

*Dos successos de Portugal no primeiro Seculo de-
pois de Christo.*

ENtra a nossa narração a sondar hum abyf- An. an-
tes da
Era
vulgar.
mo de incertezas, a vadear hum pégo de
esquecimentos; e desde o principio do
primeiro seculo até à invasaõ dos Alanos, e Suevos
em Hespanha, tudo he silencio; depois a falta de
monumentos confunde as memorias entre a fero-
cidade de nações barbaras; a valentia dos Godos
tinha por descredito unir as pennas com as espa-
das; e o furor dos Mouros fez perder à Lusita-
nia, com os antigos limites, as mais illustres lem-
branças.

Gozava Lusitania o beneficio da paz univer-
sal, e antepunha este amavel socego ao ancioso
desejo da sua liberdade. Tudo entre nós eraõ
idéas pacificas, harmonia concôrde; e ainda que
violentos, mostravamos viver gostosos debaixo do
mando dos Legados, e Pretôres Imperiaes Qua-
drato, e Tito Flavio Claudiano, dos quaes, em
inscripções varias, ficaraõ memorias na Lusitania.

Era
vulgar.
14

Morreo Augusto, e esmeraraõ-se os nossos em testemunhar ao mundo os excessos da sua dor. As nossas Chronicas a referem em estylo mais difuzo. Porém augmentaraõ-se os motivos do pezar com o novo governo de Tiberio, que fomentando a cubiça do seu Proconsul Vivio Sereno, effimou mais o preço do nosso ouro, do que os holocaustos dos nossos corações. Impedio-nos, que a elle, e a sua mãy Livia levantassemos hum Templo; porque os cultos de Deidade lhe não ataffem as mãos para os sacrificios da avareza.

37

Por estes tempos, a fama de Tito Livio chamou muitos Lusitanos a Roma, tão inclinados ás letras, como propensos ás armas. Tambem Plinio nos refere a Embaixada, que na mesma occasião mandaraõ os nossos a Tiberio, dando-lhe parte do homem marinho, que apparecera na Cõsta de Lisboa, de cuja verdadeira existencia não podemos duvidar sem destruir a authoridade de homens tão grandes, como Damiaõ de Goes, Luiz Vives, Alberto Magno, e outros, que largamente cita o sapientissimo Feijó no VI. Tomo do seu *Theatro*, aonde trata destes monstros.

41

Succedeo no Throno Imperial o sanguinolento, vingativo, e incestuoso Caligula, que pertendendo usurpar a Deos a soberania, mandou collocar a sua Estatua no Templo de Jerusalem. O Tribuno Cherea livrou o Imperio deste monstro, em cujos infaustos dias logrou Lusitania a sua mayor felicidade com a vinda do Apostolo Santiago, o qual, primeiro que em outra alguma parte de Hespanha, evangelizou nella, e em Galiza, o nome do Senhor; dando vista com a luz da verdadeira fé à cega

cega obcecção do gentilismo. Então se lançaraõ ^{Era} os fundamentos à Primacial de Braga, a mais an- ^{vulgar}tiga de todas as Sés de Hespanha, aonde o Apóstolo deixou por primeiro Prelado a S. Pedro, hum dos Discipulos, que em Galiza regenerára com o racional leite da sua doutrina. Quando o Santo houve de voltar a Jerusalem, dos nove Discipulos, que havia escolhido, levou com sigo sete, os quaes depois voltaraõ com o seu bemaventurado Corpo a Hespanha; mas deixou, além de S. Pedro, a Torcato, que foy Bispo de Citania, Cidade illustre, de que apenas se conserva a memoria do lugar junto ao Ave, entre Braga, e Guimaraens. Estes foraõ os Protomartyres daquella Provincia, aos quaes fez companhia hum taõ numeroso esquadraõ de Lusitanos, que na grandeza dos prodigios, e no numero dos sujeitos, igualmente se confunde. Por estes tempos veyo Herodes desterrado para Hespanha, e passou ao lugar de Rodio em Portugal, aonde por ordem positiva de Deos, como diz a Veneravel Agreda, lhe tiraraõ os demonios a vida com aquelles rigorosos tormentos, que mereciaõ as suas detestaveis maldades, e enormes sacrilegios.

Com a morte do imprudente Claudio subio ⁵⁴ ao throno do Imperio o Tyranno Nero, e nelle o mayor flagello do Christianismo. Então começou Lusitania a mandar para o Ceo esquadraõs de Martyres, capitaneados pelo primeiro Arcebispo de Braga S. Pedro. Em Evora foy morto S. Marcio; em Braga os tres irmãos Susana, Torcato, e Cocufate, com o mancebo Victor, e o Bispo Silvestre; e nas prayas de Sines arrojaraõ as ondas o

Era
vulgar.

corpo do Romano S. Torpes, valido de Nero antes de ser amigo de Deos. Já nestes tempos o Apostolo Santiago havia recebido da mão de Herodes a mesma aureola, e agora foy trazido o seu Corpo a Hespanha por aquelles sete Discipulos, que ha pouco dissemos, os quaes em seis dias fizeram a viagem de Jope a Galiza. Innumeraveis prodigios obrou Deos com a vinda desta preciosa reliquia; não foy dos menores abrandar a obstinação, e fereza da idolatra Rainha Loba, ou Luparia, que convencida pela sua efficacia, deu a Cidade de Compostella para o mais veneravel de todos os monumentos de Hespanha.

As proezas do celebrado Lusitano Diocles eraõ nestes annos a admiração de Roma; porque na area dos seus Amftheatros, e Circos, com diferente numero de carros, e cavallos da quadrilha, e facção Rufata, alcançou victorias a centos dos mais insignes Athletas de todas as outras quadrilhas. Tantas gentilezas mereceraõ a honra de publicas Estatuas, e de inscripções honorificas.

Nero, enamorado da casta formosura de Popea, mandou governar a Lusitania por seu marido Otho Sylvio, para facilitar com esta ausencia o logro do appetite, que tão delestado sim traçou a Popea. A brandura, e moderação de Otho com a nossa gente foy tanta, que lha agradeceraõ com a elevação ao throno Imperial, ajudando-o com as vidas, e fazendas.

69 Fructificava, com producção admiravel, a semente da divina palavra na Lusitania, quando, com a morte de Nero houve grandes alterações no Imperio fomentadas por Sergio Galba, Otho Syl-

Syl-

Sylvio, e Vitelio, que pertendiaõ a dignidade Imperial. Todos a obtiveraõ, e cada hum com pouca duraçaõ; mas este ponto só he do nosso assumpto pelos grandes esforços, que os Lusitanos fizeram a favor de Otho contra Vitelio protegido dos Alemães; e pela grande gloria, que nas mesmas desavenças adquirio o nosso Emilio Pacense, natural de Béja, chamada entaõ *Urbs Pacensis*, o qual mereceo pelo seu esforço a dignidade Tribunicia.

Era
vulgar.
7º

Em quanto o Imperio estava afflicto com estas perturbações, fazia Vespasiano a guerra em Judea, donde veyo a succeder no throno, deixando encarregada aquella expediçaõ a seu filho Tito. Socegou Roma com o novo governo; a mesma felicidade gozaraõ as Provincias, mais que todas Lusitania. Com obras magnificas a illustrou Vespasiano: a Villa de Chaves lhe deveo tanto cuidado, que tomou d'elle o nome de Aquas Flavias; e ainda conservamos as suas memorias no monte, que se chamou Giresio pelo celebre giro, ou caminho de quinze léguas, que hia de Braga a Orense, no qual se romperãõ alperas, e intractaveis fragosidades.

Por morte de Vespasiano foy acclamado seu filho Tito, que deu ao mundo huma breve alegria com o seu affavel genio, e profusa liberalidade. Era entaõ Questor de Hespanha o grande indagador dos segredos da natureza Plinio, e neste tempo foy Lusitania repartida em tres Comarcas, que reconheciaõ por suas cabeças Merida, Béja, e Santarem. Tambem eraõ muitas as Colonias, e Municipios Romanos, e mayor entre todas a de Braga,

Era ga, que em vinte e quatro Cidades com seus destri-
vulgar. ctos, contava duzentos setenta e cinco mil vizinhos.

81 Não tem Lusitania memorias do cruel Domi-
ciano, e são de pouco momento as de Nerva, seu
96 successor, que adoptou ao Hespanhol Trajano,
Principe justo, e grande bemfeitor da sua Patria.
Elle mandou fabricar a illustre ponte de Alcantara,
sobre o Tejo, chamada de Trajano, se bem que
edificada a expensas de muitos povos da Lusitania,
e poz o remate à de Chaves, que começára Vespas-
fiano. No seu governo obrou acções famosas o
Portuguez Luso, sendo huma das de mayor estron-
do apagar a rebelliaõ dos Judeos de Cirene, que
forão exterminados da Ilha de Chypre, e mais
partes de Levante pela espada do valeroso Lusi-
tano, Commandante das tropas Romanas. Quando
Lusitania levantava padrões a Trajano, a insolencia
dos seus Governadores atigava nella muitas rebel-
liões; e para fazerem mais leve a tyrannia, os
povos carregaraõ o pezo das armas. Com quatorze
Legiões mandou Trajano acudir ao receyo, antes
que se descarregasse o golpe. Ellas foraõ instru-
mento fatal de lamentaveis ruinas: pereceraõ mui-
tos povos, e Cidades, entre ellas a de Lamego,
aonde o estrago foy tanto mais lastimoso, quanto
era a sua grandeza mais illustre. Evitaraõ o mesmo
destino a outros lugares os muitos Lusitanos, que
tinhaõ nas Legiões a primeira authoridade: deveo
Evora este beneficio ao seu natural Lucio Voconio
Paulo, que por ella foy honrado com Estatuas, e
inscripções magnificas.

Já tinha acabado o primeiro Seculo de Chris-
to, quando esta rebelliaõ se levantou na Lusitania:

nella

nella teve principio a Villa de Moura, derivado da Cidade de Arouce a nova, que estava perto da dita Villa, e parece tinha intendencia no governo de Arouce a Velha, que ficava situada entre Caçala, e Alanis. Estas duas Republicas sustentaraõ a paz no meyo do tumulto pela prudente conducta de Marco Atterio Paulino, Cidadão de Arouce a nova, pelo que teve nella Estatua taõ soberba, como os moradores antigos haviaõ levantado a Hercules Thebano, ou como a Protector da Cidade, ou por serem elles originarios da grande Thebas do Egypto.

No anno de 114 morreo Trajano, e foy admiravel a sua morte; porque dada por Deos sem concurso dos homens. Taõ pouco se respeitava naquelle tempo o primeiro Diadema do mundo, que qualquer maõ era para elle atrevida. Com esta morte começou a decahir a gloria do Imperio, cuja desmarcada grandeza já chamava pela sua ruina.

C A P I T U L O II.

Dos successos de Portugal até a entrada dos Godos em Hespanha.

Succedeo Adriano no Imperio, do qual, e da Imperatriz Sabina, se achao na Lusitania memorias de beneficios; poucas do seu successor Antonino Pio.

No governo de Marco Aurelio soffreo Hespanha, especialmente Portugal, huma furiosa inundação das gentes Mauritanas, rebeldes do Imperio.

Era vulgar. perio. Desde o Cabo de S. Vicente até à foz do Douro tudo era fangue, tudo incendios. Soçobrou o repente ao nosso valor, abaterão os estragos os brios Romanos: no tropel de tantas confusões não se podia soffrer, nem remediar tanto mal. Resistio Lisboa pela fortaleza do sitio, comprou o Porto a liberdade. Porém marchando novas Legiões Romanas, unindo-se os nossos recobrados do primeiro susto, corriaõ todos, ou a fazer mais geral o estrago, ou a reprimir o barbaro impeto. A noticia da nossa marcha obrigou a embarcar os Africanos medrosos, porém ricos. No Algarve, junto aonde esteve a illustre Cidade de Osonoba, se achou huma pedra, que testemunhou o valor, com que o Lusitano Lucio Quintilio Gallion livrou a Patria neste perigoso conflicto.

260. No governo dos dezanove Imperadores, que se seguirão até Gallieno, achamos poucas noticias concernentes à Lusitania, e delles apenas os nomes. Neste fatal dominio de Gallieno corria o fangue christão por todos os ambitos do Imperio, que entãõ dividiraõ entre si trinta Tyrannos. Gallieno, covarde, e delicioso, interpoz o reparo depois do golpe lhe quebrar a cabeça. Mandou suspender a perseguiçaõ contra os Catholicos, na qual desde o tempo de Decio, haviaõ subido ao Ceo milhões de Martyres. Entãõ apostatarãõ os Bispos Marcial de Merida, e Basilides de Astorga. Contra elles, e a favor da Fé, se poz em campo Eliano, Diacono de Merida. Convocou Concilio nacional, em que se acharãõ muitos Bispos Lusitanos, e foraõ depostos os dous Apostatas. Estes, sem dor do coraçãõ, se mostraraõ arrependidos ao Papa

Papa Santo Estevaõ; mas o Concilio, consultando em Cartago a S. Cypriano, pelo seu voto, sustentou o justo rigor da primeira sentença. Quando o mundo, opprimido de trabalhos, padecia o formidavel flagello de huma universal peste, sahiraõ innumeraveis esquadrões de Alemanha talando as Provincias do Imperio com tanta furia, que nem ás pedras perdoava a colera. Soffreo este golpe a Lusitania, e debaixo delle ficaraõ sepultados nomes, e Cidades. Eraõ ladrões os Soldados, e como naõ buscavaõ domicilio, o que naõ servia à cubiça, dava-se de barato ao fogo. Poucas povoações ficaraõ entre nós illesas deste damnõ: naõ sabemos se seria para ellas fortuna gozar hum bem entre horrores, mayor o da soledade.

Era vulgar

Por morte de Gallieno se seguiraõ os Imperadores Claudio, e Aureliano, em tempo dos quaes cingiraõ a coroa do martyrio muitos illustres Lusitanos. Entre estes foraõ brilhar ao Ceo aquelles lezidos Fosforos do nosso firmamento, Santa Quiteria, Liberata, e suas sete Irmãs, todas nove nascidas de hum parto, e filhas todas de Cathelio, que reinava em huma parte da Lusitania.

Estava Hespanha cheya de Ministros barbaros, e naõ havia refugio para os opprimidos Christaõs. Depois de cinco Imperadores, que succederaõ a Aureliano, subio ao throno Diocleciano, monstro infaciavel de sangue humano. Tinha os seus poderes em Hespanha Daciano, que entendeo nas instrucções o diabolico espirito de seu amo; e desem-
bainhando contra o Ceo a espada, o encheo de triumphos. O Catholico sangue da Lusitania ficou quasi esgotado com a vinda deste barbaro, que depois

Era vulgar. de tirar a vida em Çaragoça a Santa Engracia, e a muitos illustres Lusitanos, que acompanhavaõ esta Princeza a França, aonde hia casar, veyo a representar no nosso theatro os mesmos catastrofes, a Hespanha lastimosos, ao Ceo plausiveis. Foy prezo em Evora S. Vicente, e suas irmãs Sabina, e Cristeta, os quaes fugiraõ da prisaõ; porque em Avila lhes estava preparada a aureola do martyrio. Parece que no mesmo tempo cingiraõ igual coroa em Lisboa S. Verissimo, e suas irmãs Maxima, e Julia, Martyres invictos, e Patronos desta grande Cidade sua Patria.

306. Chegou o feliz tempo de tomar as redeas do governo do Imperio o grande Constantino para respirar a perseguida Igreja. Socegou este Imperador as inquietações de Hespanha, reprimindo em pessoa o impeto das nações barbaras, que haviaõ occupado algumas terras de Galiza, e Andaluzia; e para melhorar as cousas espirituaes, fez ajuntar Concilio em Toledo, em que se acharaõ muitos Bispos Lusitanos. Nelle se tocaraõ muitas cousas concernentes à disciplina Ecclesiastica, especialmente a divisãõ das Igrejas Metropolitanas, e das que haviaõ obedecer a cada huma dellas.

378. Successos de pouca consideração na Lusitania nos mostra a historia até o tempo do impio Valente, quando subio à Cadeira de S. Pedro o grande S. Damaso, illustre filho da Villa de Guimarães, a pezar da emulação de Madrid, que pertendeo fazernos este glorioso roubo, se virtuoso, injusto. He verdade, que alguma contenda pôde haver a respeito da naturalidade deste Santo; mas ha de ser entre Braga, e Guimaraens. O Breviario Bra-
cha-

charense , com Officio proprio , o celebra por Santo seu : e fazendo nós reflexão nesta , e outras circumstancias , podemos descobrir , que antigamente em Braga houve hum bairro , a que chamáraõ Guimarães ; e porque S. Damaso poderia nascer nelle , foy esta a razaõ porque escreveriaõ os Authores , que S. Damaso era natural da Villa , e não do bairro de Guimarães em Braga , equivocando hum lugar com o nome do outro. Mas , como quer que seja , sempre S. Damaso he Santo nosso. Grande credito deu a Portugal este Santo Varaõ , hum dos mais dignos Vigarios de Christo , e que mais ardentemente desempenhou a obrigação de successor de S. Pedro : taõ abrazado em zelo da fé , que , ajudado dos Concilios , abateo a alta cerviz dos Arrianos , e reprovou o Scisma de Prisciliano , contra o qual foraõ poderosos montantes os Bispos Itacio do Algarve , e Ursacio de Merida.

Neceffitava a perseguida Igreja nestes calamitosos tempos de hum Imperador como Constantino , e destinou a Providencia ao grande Theodosio de nação Hespanhol , segundo Claudiano , e sua mulher Placila natural de Merida em Lusitania , como diz Laymundo. Depois que Theodosio destruiu ao tyranno Maximo , que se havia levantado com parte do Imperio , participou Lusitania do socego das mais Provincias ; mas foy esta tranquillidade como a do mar em calma , que promette depois tempestade mayor ; porque subindo aos thronos Imperiaes do Oriente , e Occidente os covardes Arcadio , e Honorio , começou a fer o Imperio desmembrado , e todo o mundo confundido.

Era vulgar. 396. Sahiraõ entaõ da Gothia, Suecia, Norwega, e outras partes do Septentriaõ, aquellas bravas nações, que com o seu numero espantaraõ a Europa, com o seu valor a dominaraõ. Naõ he do nosso assumpto individuarmos quanto obraraõ no mundo nesta primeira investida tantos povos colligados: pegaremos do fio, que nos toca, por naõ quebrarmos o da nossa particular narraçaõ.

Já Roma se chorava destruida; occupada Italia pelos Godos; França pelos Wandalos, Suevos, e Alanos, e o Imperador Honorio retirado a Ravena sem remedio, e quasi sem refugio, quando a sublevaçãõ de Inglaterra o poz em mayor cuidado. Os seus Capitães Marco, e Graciano foraõ acclamados Imperadores pelos Soldados, que authorisaraõ com este titulo a morte, que successivamente lhes deraõ. Constancio, novamente eleito pelos mesmos, para evitar hum fim igual ao dos predecessores, passou a França. Nella ganhou as vontades das novas gentes; porque em ser rebelde a Honorio levava a mayor recommendaçãõ. A conquista de Hespanha foy o primeiro projecto de Constancio. Acompanhado de seu filho Constante, e de numerosas esquadras dispostas a facudir o jugo do Imperio, chegou Constancio aos Pyrneos. O descuido de Hespanha promettia facilidades à grande idéa de Constancio: porem os dous irmãos Didimo, e Veriniano, que Niceforo diz serem parentes de Honorio, e naturaes de Placencia, marcharaõ de Portugal, aonde andavaõ occupados, para difficultarem a passagem.

412. Conseguio-a Constante; mas parece que naõ sem custo. Já dentro na Lusitania fizeraõ os dous irmãos

irmãos suspender o curso dos rebeldes, que se adiantarão; porque com a multidão nos opprimirão: Suevos, e Alanos eraõ os mais do exercito; a todos se sujeitaraõ os Hespanhoes, especialmente depois que viraõ em suas casas os Wandalos, Suevos, Alanos, e Selingos, que haviaõ ficado em França. A ferocidade barbara destas gentes abafou a policia Romana, e os estylos curiaes, que ella entre nós radicara. Juntos, e conformes viviaõ os estrangeiros, mas com Reys diversos; porque os Wandalos obedeciaõ a Gunderico, os Suevos a Hermenerico, e os Alanos a Resplandiano. Esta foy huma das mais formidaveis invasões, que viraõ as nossas terras: começou nos Pyrineos a primeira corrente, que deixou desertos os seus povoados: depois os Wandalos, e Selingos cometteraõ a Provincia Betica, que delles foy chamada Wandaluzia: os Alanos, e Suevos penetraraõ a Galiza, e Lusitania; e por estas regiões pereceo quasi toda a nossa gente a ferro, a fome, e a peste. Lisboa, Coimbra, Merida, e Idanha foraõ das primeiras Cidades, que soffreraõ os mayores golpes. Livrou a Lisboa o soccorro dos seus Santos Padroeiros: para as mais não bastavaõ os auxilios humanos, e parece que não mereceraõ os divinos. Idolatras, e Arrianos eraõ os hospedes, por isso o mayor estrago coube aos monumentos sagrados. Inestimaveis thesouros de preciosas reliquias pizou a barbaridade; mas para salvar estes despojos dos Santos, convocou o Arcebispo Pancraccio Concilio em Braga. Resplandeceo entaõ a fé dos Bispos Lusitanos, e foy mais poderosa a sua constancia christãa, que todos os esforços da formidavel potencia gentilica.

Era
vulgar.

Passa-

Era
vulgar.
414

Passados dous annos de crueldade, advertiraõ os barbaros, que o estrago feito nas terras, e provimentos tambem a elles prejudicava; porque havendo de viver entre nós, ficava sendo commum o mal, que só traçavaõ para os naturaes. Por esta razaõ determinaraõ repartir entre si as terras conquistadas, e dar aos moradores as mesmas isenções, que antes logravaõ. Daqui em diante começou a fernos mais gostosa a companhia dos barbaros, que a dos Romanos: viviamos entre elles com liberdade, e a isenção dos tributos suavizava o pezo do dominio. Morreo nesta conquista Resplandiano, Rey dos Alanos, e o seu successor Ataces regulou com os outros Principes a demarcação dos confins. Ficou elle com a mayor porção da Lusitania, com parte da Provincia Cartagineza, que se estendia perto de Toledo, e por Corte a Cidade de Merida: alguns dos Wandalos, e Selingos occuparaõ a Andaluzia; e outros, com os Suevos, dividiraõ entre si Galiza, e a outra parte da Lusitania em tal maneira, que Lisboa, e toda a terra, que ha pela Cõsta maritima até ao Minho, era dos Suevos. O restante dos Wandalos ficou com parte de Castella a Velha; e parece que Asturias, Biscaya, e algumas terras de Galiza permaneceraõ na fé, e obediencia do Imperio Romano.

Unidos desta forte os naturaes, e estrangeiros, começou a formar desavenças a ambição valerosa de Ataces, sectario da doutrina Arriana. Assaltou a Celtiberia, e Carpentania: mostrouse a Hermenerico, Rey dos Suevos, sobre Lisboa; tomou-lhe algumas terras, e poz por terra a antiga Colimbria, hoje Condeixa. Mas para perpetuar

tuar a memoria de huma conquista, em que fizera o valor gentís esmeros, oppondo-se à mais obstinada resistencia, escolheo as margens do Mondego para fundar a illustre Coimbra; obra já naquelles tempos soberba, mas impiamente traçada; porque regavao as pedras com o seu suor os Bispos, e Ecclesiasticos, cativos pelo Rey herege nas passadas correrias.

Era
vulgar.

Escandalizou-se Hermenerico do injusto rompimento de Ataces; e confederado com Gunderico, acudio com bastantes forças a impedir a obra, em que achou occupado ao Alano; mas tão prompto para a batalha, que no primeiro avancé ficarao desfeitos os colligados. Proseguiu o vencedor a victoria, e recolheo-se a Coimbra, trazendo por despojo a virtuosa Cindafunda, filha de Hermenerico, que lha deu por mulher; e desta feliz uniaõ trazem origem as Armas da Cidade de Coimbra.

Soube o Imperador Honorio em Ravena a soberba, com que o Rey Ataces invadia as terras, que seguião a voz do Imperio. Accrescia a este mal o estabelecimento de Constancio em França, e o de Ataulfo, Rey dos Godos, na Gallia Narbonense. Nesta critica situaçãõ se resolveo Honorio a entregar o commandamento das suas armas ao valeroso, e illustre Romano Constancio, que desempenhou a expectaçãõ do Soberano, e deu novos brios à decadencia do valor Romano. A primeira expediçãõ de Constancio foy contra o Tyranno do mesmo nome, ao qual sitiou em Arlés; e ainda que trocou a Toga Imperial pela Cogula religiosa, não lhe valeo o sagrado do habito para escapar à violencia da justa, e merecida morte. Desbaratado o

Era vulgar. pay, determinou Constancio dar o mesmo fim a Constante; mas quando movia contra elle as armas, soube, que o Capitaõ Geroncio, tambem rebelde a Honorio, e que pelo defunto Constancio sustentou em Hespanha a Carpentania, e Celtiberia, o havia morto em Viena do Delfinado. Morto Constante, fez Geroncio acclamar por Imperador em Hespanha a seu amigo Maximo; e querendo sustentarlhe este titulo, os Soldados Romanos, zombando da sua covardia, lhe tiraraõ a vida. Desmayou Maximo com a morte de Geroncio: temeo outra semelhante, e trocou por huma morte de estrondo, huma vida miseravel. Retirou-se ao interior de Hespanha desconhecido, e viveo pobre, mas sem susto.

413

Fiava Honorio do seu General Constancio o complemento da sua felicidade, vendo o modo facil com que havia dissipado a rebeliaõ de França, e restituído á Provincia de Inglaterra. Encomendou-lhe a guerra contra o Godo Ataulfo, que foy obrigado a abandonar a Gallia Narbonense, e entrar em Hespanha pelo Ruiselhon. Em Catalunha fizeraõ os Godos o seu assento; elegeraõ por Corte a Barcelona, e daqui começaraõ a fazer-se senhores de toda Hespanha, como hirã mostrando a Historia. O valor de Constancio obrigou o dos Godos a suspender a ferocidade, e admittir propostas de paz com o Imperio. Naõ seguio este exemplo Ataces, Rey dos Alanos, e senhor da mayor parte de Lusitania: fiado elle no seu poder continuava a conquista sobre as Cidades Romanas, e tratava as nações Wandala, e Sueva com magestade de Soberano, sendo todos companheiros.

Co-

Começou o fogo da guerra a abraçar Hespanha. Ataces com os seus Alanos a rompeo cruel ^{Era vulgar.} contra os Wandalos, e Selingos. Constancio, coligado com Walia, Rey dos Godos, que povoava Catalunha, acodio a reparar o golpe, que havia de cahir sobre as terras do Imperio com ruina do seu dominio em Hespanha. Nos contornos de Merida se atacaraõ os bravos Campos, e a gentileza de Ataces abismava o valor dos Godos, e Romanos. Brigou nesta batalha, mais que o valor, a emulação, e nas suas mãos deixou Ataces a vida, os nossos a victoria. Abandonaraõ as destroçadas reliquias a Campanha, buscando huns em Galiza o amparo de Gunderico, a quem pouco antes trataraõ como inimigo: outros acharaõ refugio entre os Suevos de Lisboa. Naõ recolheo Constancio os frutos desta victoria; porque foy obrigado a passar á Italia, aonde a rebelliaõ de Tertulo dava que fazer a Honorio. Porém deixou encomendada a guerra a seu amigo o Rey Walia, que com os seus Godos já passeava pelas terras de Hespanha.

CAPITULO III.

Da entrada dos Godos em Hespanha até à morte de ElRey Theodemiro.

EM quanto Walia fazia a guerra aos Wandalos, e Selingos de Andaluzia, viviaõ os Alanos em socego entre os seus hospedes; e aquelles, perseguidos de inimigos taõ poderosos, augmentavaõ as forças de Gunderico, que os admittia nos seus Estados mais politico, que caritativo. Mal soffriaõ

Era ^{vulgar} frião os Alanos a sujeição, em que se viaõ, e au-
 sente Constancio, rogados pelos Wandalos, e Se-
 lingos Andaluzes opprimidos dos Godos, negaraõ
 a vassallagem promettida a Gunderico, e tomando
 as armas, recobrarão furiosamente as suas terras da
 Lusitania, e da Provincia Cartagineza. Nellas vi-
 veraõ sem Rey, governados pelos Capitães, re-
 conhecendo o Imperio com certos tributos, que
 entenderão lhes segurariaõ a liberdade, e o socego.
 Com o favor de Hermenerico, Rey dos Suevos
 de Lisboa, fundaraõ elles na sua Comarca a Villa
 de Alenquer sobre as ruinas de Jerabrica; se he
 que esta antiga Cidade naõ esteve aonde agora ve-
 mos Povos. Poseraõ-lhe os Alanos o nome de Alen-
 kerkana, que no seu idioma Germanico vinha a
 dizer o mesmo que Templo dos Alanos.

Deste modo ficou a Lusitania, e Galiza no dominio
 de Hermenerico, de Gunderico, e dos Alanos; mas
 entre todos os Estados, mais florente o de Herme-
 nerico, e os Lusitanos muy satisfeitos do seu go-
 verno; porque eraõ admittidos a todas as honras,
 e tinhaõ livre o exercicio da Religiaõ Catholica.
 Esta boa harmonia nos unio tanto, que Portugue-
 zes, e Suevos tinhamos todos o mesmo nome, sem
 que depois o confundisse o dominio das outras na-
 ções, que sujeitaraõ Hespanha; e taõ nobre ori-
 gem nos communicaraõ os Suevos como os Godos,
 ainda que a ignorancia popular, ou a emulaçaõ
 Castelhana, entenda, que nos affronta em nos cha-
 mar *Sevasos*. Nesta tranquillidade viviaõ os nossos
 Suevos, quando Gunderico, deixando-se levar da
 idéa de senhorear aos Alanos da Lusitania, e aos
 Selingos de Andaluzia, rompeo a guerra contra

Hermenerico; suppondo, que desbaratado este, ^{Fra} tudo o mais lhe era facil. Porém o valor do ^{vulgar} Rey Suevo transformou desorte o projecto do Wandallo, que o obrigou a recolherse nas Ilhas de Mayorca, e Menorca sem honra, e sem dominio. Depois sahio Gunderico destas Ilhas a devastar Hespanha: affollou Cartagena com tão pezado golpe, que até o tempo de Philippe II. se não via no seu lugar mais que ruinas; mas quando ganhou Sevilha, querendo saquear a Igreja do Martyr S. Vicente, o afogou o demonio entre as suas portas. Succedeo-lhe no Reino seu irmão bastardo, o affavel Genferico, Principe digno do Imperio se não manchasse a purpura com a abominavel nodoa da Apostasia.

Quando principiou este novo reinado, marchava Ecio, General das tropas do Imperio, a reprimir a furia dos Alanos, e tomar satisfação dos damnos, que Gunderico causara nas terras sujeitas a Honorio. O receyo do perigo obrigou Genferico a unir-se com Hermenerico, e com os Alanos, e Suevos. Retirou-se Ecio vendo a fortaleza do Campo contrario; mas Castino, seu successor, com mayores forças, ganhou algumas ventagens em quanto obrou pelos conselhos do Conde Bonifacio, que viera de Africa em seu soccorro. Porém destruida a harmonia, ausente o Conde para o seu governo, e morto o Imperador Honorio, começáraõ a decahir totalmente os negocios do Imperio em Hespanha. 423

Bonifacio, rebelde em Africa ao Imperador Valentiniano, rogou a Genferico, que se via perseguido de Theodoro, Rey dos Godos, passasse áquel- 427

Era
vulgar. áquellas Regiões com os seus Wandalos, e alguns Alanos; porque em tomar o seu partido, ganhava occasiões para acreditar o valor, e terras para estabelecer hum dominio. Aceitou Genferico a offerta, e na sua ausencia dilatou o nosso Rey Hermenerico os seus confins pelas partes de Galiza, e possuio o Reino Lusitano quasi pelos mesmos limites, que hoje tem. Com a passagem dos Wandalos a Africa, entendeu Valentiniano lhe ficava facil sujeitar os Alanos, e Suevos moradores da Lusitania. Mandou contra elles ao seu General Sebastiano, que ganhou Merida aos primeiros, Lisboa aos segundos; mas arrastado da ambição de reinar, se rebelou ao seu Senhor, e tomou o titulo de Rey, que lhe durou pouco; porque os vassallos, que o reconhecerão, o privarão d'elle com a vida. Então restituirão os Alanos, e Suevos as suas terras: porém Hermenerico, cansado de trabalhos, e opprimido de annos, entregou o Reino a seu filho o bem afortunado Rechila. Mayor herança deu Hermenerico a seu filho no exemplo, que no Estado. Animado com as forças do primeiro, se encontrou Rechila com Andebalo, General do Imperio, que o buscava. Poupou-lhe o caminho para lhe abreviar a vida, que perdeu na sanguinolenta batalha do Xenil: o mesmo fim tiveram as suas tropas, o mesmo as esperanças do Imperio. Foy consequencia desta victoria o rendimento de toda a Andaluzia, Merida, e Lusitania; porém tantas felicidades foraõ contrapezadas com a morte de Hermenerico; se se póde chamar morte a de hum pay, que deixa no successor viva a imagem das suas virtudes. Na Villa de Bretonio, junto
à de

à de Viana de Caminha, acabou este bom Rey ^{Fra} com faudade dos vassallos, dos estranhos com in- ^{vulgar}veja.

Mostrou-se Rechila não só Rey bellicoso, mas Principe Politico. Advertio, que valia mais governar bem, que ampliar o Imperio: e como o seu estava tão dilatado, resolveo-se a desmembrallo para melhor mantello. Largou aos Romanos as Provincias Cartagineza, e Carpentania, e confederando-se com elles, estabeleceo Reino grande, mayor a reputação. Sobreviveo a seu pay oito annos, e tambem não teve que sentir na morte; porque deixou filho a Riciario, igual no valor, na Religião mais feliz. 448

Reino grande, mas inquieto, achou Riciario; e para o segurar, evitando o tumulto, foy dando em segredo morte a todos, especialmente a seus parentes, que se deixaraõ occupar do mesmo espirito revoltoso. Depois se entregou às armas, não soffrendo, que dos Pyrneos a esta parte houvesse dominio de Romanos. Começou a guerra por Navarra, e depois de fazer o terror commum em Hespanha, atropelou difficuldades para passar a França a ver seu sogro Theodoro, Rey dos Godos.

Com brios, e foccorros novos voltou Riciario a Hespanha, acabando de exterminar Romanos: ganhou Provincias, e Cidades: innumeraveis despojos os Soldados, e elle tantos triunfos, que o seu pezo o trouxe a bulcar descanço em Lusitania, para que ella só celebrasse os applausos; porque delles tivera a sua gente a melhor parte. Espirou a fortuna de Riciario com a morte de seu sogro; por-

Era
vulgar.

porque desavindo-se com Theodorico, que succedera a Theodoredos; o Godo, antes que o cunhado o buscasse em França, como sem razão o ameaçara, elle o procurou em Hespanha. Perto de Astorga se atacou a batalha, aonde depois de apurada a industria, e cansado o valor, perdeu Riciario todas as antigas glorias da nação Sueva. Foy esta derrota correspondente effeito do injusto rompimento; e a muita fortuna traçou a Riciario a mayor desgraça.

456

Mal ferido, e desamparado, chegou este Principe a Cidade do Porto; mas como lhe faltavaõ os apparatus da grandeza, que são o estrondo da Magestade, Riciario foy prezo, e entregue a Theodorico, que esquecendo o parentesco, por ter viva a lembrança do injusto agravo, lhe mandou cortar a cabeça. Assim acabou a nobilissima geração dos Reys Suevos, descendentes de Cayano, pay de Hermenerico, e com esta vida, a magestosa grandeza da Lusitania, que muitos seculos não restituio taõ sensivel perda. Victorioso Theodorico de hum Rey taõ bravo, sujeitou com forças, e industrias a nação; e supprimidas algumas rebellioes, ficaraõ os Suevos dominados pelos Godos; taõ lastimados das ruinas da Patria, que, deposta a inclinação das armas, só desejavaõ, que Theodorico lhes dèsse da sua maõ hum Rey para os governar em paz. Sempre foraõ estes os espiritos Lusitanos, que ainda no abyfmo do seu abatimento, queriaõ ver exaltado o throno, e Magestade. Tomaraõ este negocio por sua conta os Bispos, com mais empenho Idacio de Lamego. Passaraõ a França, e obtida a permissaõ de Theodorico, elegeraõ

geraõ Rey a Masdra: porém a nobreza, que se não achou presente a esta inauguração, fãudou a Franta, ambos os Principes com reconhecimento a Theodorico, que não desgostou da divisaõ; porque sujeitos os Suevos a dous Soberanos emulos, não seriaõ para os Godos taõ altivos. Era
vulgare

Pouco tardou, que a divisaõ não produzisse os seus effeitos, consumindo-se hum mesmo povo em huma intestina guerra, que se não acabou com a vida dos dous Rivaes; porque succedendo a Masdra seu filho Remismundo, e Frumario a seu pay Franta, se obstinou mais a porfia, ou porque este odio tinha já raizes, ou porque a ambiçaõ em Principes moços pulsava com mayor espirito. 457

Mas a morte de Frumario poz termo à competencia, e ficou Remismundo absoluto senhor do Principado. A grandeza d'elle deu ao novo Rey mayor cuidado; porque Theodorico olharia na uniaõ prejuizo grande aos seus interesses: porém o politico Remismundo, quando a mayor força lhe facilitava os meynos de facudir o jugo, com submissaõ mais reverente, estribou na vassallagem a Theodorico os avances do seu Imperio. Estimou tanto o Godo esta humildade, que não só confirmou o Reino em Remismundo, mas lhe enviou de França huma filha para esposa; fazendo evidente o gosto desta alliança no magnifico apparatus, com que a Princeza entrou em Hespanha. Nella veyo a Lusitania o mayor mal; porque professando nós os dogmas Catholicos, ella os erros de Arrio, nas caricias do thalamo communicou o veneno ao Principe, elle o mal ao povo no exemplo.

Cem annos inficionou este Scisma as nossas 490

Era vulgar terras, e outros tantos ignoramos a successão dos Reis Suevos. Parece, que com o esquecimento quiz Deos castigar nestes Soberanos a perfidia. Sim se encontraõ nas historias os nomes de Theodulo, Varamundo, Miro, Faramiro, e outros; mas sem acção digna da Magestade até Theodemiro, que deu fim ao Scisma, como veremos. No meyo deste tempo veyo à Hespanha Euricio, Rey dos Godos, e começando por Lusitania as suas emprezas, affollou, e destruiu campos, e Lugares.

494

Nestes annos fataes começou a divina Providencia a acrisolar entre nós com hum prodigio annual a verdade da nossa fé; porque em hum Templo fundado no termo da Villa de Ossel às margens do rio Cambra, de que ainda se conservaõ vestigios, havia hum tanque em fórma de Cruz, o qual todo o anno estava secco. Nos dias da semana Mayor, para cujo tempo se reservava o baptismo dos que haviaõ nascido naquelle anno, fechavaõ os Prelados as portas até ao Sabbado Santo. Neste dia entrava o povo no Templo, e se achava o tanque não só cheyo de agua, mas com hum alto, e prodigioso cogullo. Benzia-a o Bispo com o Chrisma, e bautizado o primeiro infante, se abatia o cogullo, ficando raso o tanque. Continuava a cerimonia, e acabada ella, de repente se sumia a agua, como se nunca alli estivera. A muitos Arrianos incredulos confundio este prodigio; que fô por milagre se rendem obstinados.

549

Occupava Agila o throno dos Godos; e sendo desbaratado pelos Cordovezes, se retirou para as terras da Lusitania, donde marchou contra Atanagildo, o qual, levantando-se com Sevilha, havia toma-

tomado o titulo de Rey de Hespanha , ajudado do favor , e tropas do Imperador Justiniano. Junto daquella Cidade foy a primeira batalha , a que se seguiu outros muitos encontros , todos infelices para Agila , que em Merida perdeu a vida às mãos dos proprios vassallos , e deixou o Reino nas de seu inimigo Atanagildo. Ficou este Principe com todo o Dominio dos Godos em Hespanha , e com as terras da Lusitania desde o Tejo até o Cabo de S. Vicente : porém desasocegado com os mesmos Romanos auxiliares , que a titulo de amigos se hiaõ apoderando das Cidades.

He memoravel o nome de Atanagildo , por trazer d'elle origem o illustre appellido de Ataides em Portugal , e por sua filha Bruniquilda , que foy mulher de Sigeberto , Rey de Austrasia , e depois de Meroveo , filho de Chilperico Rey , de França. Contra esta Princeza se conjuraraõ as pennas do Abbade Jonas , de Fredegario , e do Monge Aimonio , constituindo-a hum receptaculo de avareza , de ambição , de perfidia , de ira , de vingança , de crueldade , e de lascivia : porém os dous Santos Gregorios Magno , e Turonense alimparaõ com a sua authoridade a immundicie , que nas correntes da historia lançaraõ aquellas tres fontes infectas para abater a reputação de huma Rainha.

Por estes tempos se tinha acabado o seculo do Scisma , e começado a reinar Theodemiro entre os Suevos. Era Braga a sua Corte , elle Arriano na doutrina ; mas veyo a ser Catholico por força do milagre , com que S. Martinho , Bispo Turonense , lhe curou hum filho já desamparado das forças da natureza , e dos foccerros da arte. Agradecia

Era vulgar. decia Theodemiro a graça do seu bemfeitor , mandando vir de França entre os apparatus da mayor pompa huma reliquia do Santo : porém Deos , que como infinitamente liberal sempre dá de mais , quando o Rey esperava a reliquia de S. Martinho morto , lhe chegou na sua companhia hum S. Martinho inteiro , e vivo , trazido por superior impulso desde a Grecia para desterrar o Arrianismo da Lusitania , aonde foy Bispo na Igreja , que o Rey levantou ao primeiro S. Martinho , chamada de Dume. Dissipadas as nuvens da heresia , e restituído o povo Lusitano à verdade da sua antiga fé , tratou Theodemiro com o Arcebispo de Braga Lucrecio , de convocar hum Concilio na sua Igreja , e foy o primeiro , em que houveraõ definições de Fé , e reforma de costumes , com a repartição , e termos das jurisdicções de cada Diocefi ; disposto tudo com tanto acerto , que o Rey Wamba não innovou cousa alguma na repartição geral , que depois fez.

57º Conseguidos estes triunfos , tanto mais gloriosos , quanto são mais fortes os inimigos da alma que os do corpo , morreo o Catholico Rey Theodemiro ; mas com a consolação de ficar o seu Estado limpo da heresia Arriana , e de deixar em Ariamiro hum successor , que sendo filho de milagre , mereceria a particular assistencia do Ceo para ser maravilha no throno.

CAPITULO IV.

Do governo de Ariamiro até o reinado do infeliz Rodrigo.

COm felices auspícios subio Ariamiro ao throno dos Reys Suevos; porque applicou os primeiros cuidados à Religião. Convocou o segundo Concilio Bracharense, consultando primeiro a S. Martinho, que havia succedido a Lucrecio no Arcebispado.

Era vulgar.

Dos negocios Ecclesiasticos passou o Rey para os das armas, que bem podem os Principes ser pios, e guerreiros. Com poderosas forças se mostrou Ariamiro aos povos Rucones, ou Aragones, que huns querem fossem os de Navarra, outros os de Aragaõ, e com guerra terrivel os deixou domados. Não durou a Ariamiro o gosto da victoria; porque Leovigildo, ao qual seu irmão Liuva, Rey dos Godos na Gallia Narbonense, tomou por companheiro, e successor nas terras de Hespanha, depois de haver feito nella grandes conquistas, appareceo com poder formidavel nas fronteiras de Ariamiro, descuidado de semelhante visita. Depois de destruições grandes, e impossibilitado para a resistencia, houve o Rey de moderar a ambição de Leovigildo, pedindo huma paz, dictada, se não pelos espiritos do valor, pelos apertos da necessidade. De sua primeira mulher Theodora, filha de Severiano, Duque de Cartagena, tinha já Leovigildo os dous Principes Recaredo, e Hermenegildo, ambos, como seu pay, se-

577

Era vulgar. sectarios de Arrio, e por sua mãy sobrinhos dos Santos Doutores Leandro, Fulgencio, e Isidoro. Hermenegildo, nos seus desposorios com Ingunda, filha de Sigeberto, Rey de Austrasia, teve em dote o mayor thesouro; porque recebeo com ella a verdadeira crença, que desenfreado o furor de seu herege pay. Perseguido deste, buscou Hermenegildo o amparo do nosso Rey, que o recebeo mais Catholico, que Politico, para depois o deixar mais Politico, que Christaõ. Primeiro expoz o Reino por defender hum Principe fiel: depois pelos interesses do Estado perseguiu o mesmo com infidelidade indigna de Principe.

Sitiou Leovigildo a seu filho na Cidade de Sevilha, ajudando-o com as suas forças o nosso Rey Ariamiro, que depois de combater muitas vezes a favor de Hermenegildo, agora o perseguiu, sendo o mesmo o Principe, a causa a mesma. Aqui sobreveyo a Ariamiro a ultima enfermidade, que lhe deu a morte, e a Hermenegildo tambem a ultima, mas gloriosa desgraça, que lhe seguiu eterna vida. Rendeo-se a fortaleza, e fugio Hermenegildo para Cordova: aqui o prenderaõ, e tornaõ a mandar a Sevilha, aonde o barbaro pay, com escandalo da natureza, e horror da razaõ, lhe tirou a vida por ser Christaõ. Naõ tinha Leovigildo ao filho por pedaço da alma, nem podia ser parte da alma de hum herege aquelle espirito, que todo era de Deos.

583

Morto Ariamiro, succedeo no Reino de Portugal, e Galliza seu filho Eburico, em quem veyo a acabar a successaõ, e dominio dos Suevos, estabelecendo-se em toda Hespanha o dos Godos. Era de

de pouca idade o novo Principe, e deixou-o seu pay na tutoria de seu amigo Leovigildo. Estas circumstancias alentaraõ a ambição de Endeca, que de particular Fidalgo naõ aspirava menos, que à grandeza do Imperio. Com bizarros incentivos soube elle ganhar vontades, entre ellas a da Rainha viuva, que o escolheo para esposo, quando elle se dispunha para Rey. Com o matrimonio de Segunda vio Endeca franco o passo para as suas idéas. Affectou zelo tutelar, e em nome do orfaõ Principe foy ganhando Praças, e reputação; estas com tanto furor, como antes as vontades com brandura. Porém, tanto que se achou com forças, fez-se Rey, e obrigou Eburico a tomar o habito de Monge no Mosteiro de Dume.

Era vulgar.

Temia Endeca o poder de Leovigildo, que como tutor, e alliado, empregaria os ultimos esforços para restituir ao Reino o seu pupillo, e lançar fóra ao intruso. Assim succedeo com effeito: mas a quanto arrasta a ambição immoderada! Obrigou Leovigildo a Endeca a ser Monge, e Sacerdote no mesmo Mosteiro: perdoou-lhe a vida, e desterrou-o para Béja: porém ficou sendo tyranno o mesmo, que castigava hum intruso; e quando se elperava ver no throno a Eburico, Leovigildo unio o Reino Suevo aos seus Estados. Perto de cento e oitenta annos havia, que estes Principes eraõ Reys nossos; mas desbaratado, e prezo Malarico, que se fizera acclamar Rey, ausente Leovigildo, tivemos por menor mal soffrer o jugo, que a espada dos Godos.

585

Era nestes tempos perfeitissimo Christaõ o Povo Portuguez, herege o novo Rey; e como os

sen-

Era
vulgar. sentimentos diversos em pontos de Religião sejaõ os mayores males das Republicas, começou Lecvigildo a depôr os Bispos Catholicos, a perseguir os homens veneraveis em letras, e virtudes, entre os quaes se faz especial memoria de Joaõ, Abba-de de Valclara, que foy desterrado para Barcelo-na, aonde fundou o Mosteiro do seu nome, até que chegou ao Principe huma morte correspondente à vida.

586

Respirou Hespanha alentos novos com a elevação do Catholico Flavio Recaredo. Era este Principe Arriano; mas estimulado do exemplo de seu irmaõ o Martyr Santo Hermenegildo, e persuadido de S Leandro, Bispo de Sevilha, detestou os seus erros, e se fez Missionario dos seus vassallos. Quizera logo Recaredo convocar Concilio; mas a inquietação dos Sectarios, depostos dos seus empregos, o obrigou a guardallo para outra conjunctura: deixou lavrar o exemplo, Imperio nos Principes taõ suave, que nunca já mais teve rebeldes. Mas quando o Christianissimo Godo colhia tantas palmas contra o inferno, Basso, General de Gunterano, Rey de França, marchava com sessenta mil homens a augmentar em Hespanha a confusão. Porém Recaredo, fiado no Senhor dos exercitos, desfacou da Lusitania trezentos homens commandados por Claudio, novo Gedeão Portuguez. Chegou elle a Carcastona, aonde o inimigo soberbo andava derramado. Aqui se atacou huma desigual batalha, na qual os Francezes não perderão o Campo, porque nelle ficaram quasi todas as vidas.

Foy geral o espanto de tamanha victoria
Tre.

Tremeo o mundo de ouvir o nome de Recaredo ; o Papa S. Gregorio entre louvores encheo de bençãos ao General Lusitano : e como o nosso Principe já obrava com o exemplo , e com a espada , rendidos todos ás forças do primeiro por não experimentarem os golpes da segunda , ajuntou o Rey o terceiro Concilio Toletano , no qual deu o ultimo arranco a porfia Arriana , que vivera tantos annos obstinada.

Era vulgar
589

Empregou Recaredo o resto dos quinze annos do seu governo em huma continua guerra contra os Romanos , que ainda residiaõ em Hespanha , alcançando delles muitas victorias , com que hia acabando de aniquilar o seu partido. Morreo em Toledo triunfante dos seus inimigos , e deixou abatidos os de Deos , e da Igreja.

601

Liuba , ou Liuva II. succedeo a seu pay ; mas no fim de dous annos o rebelde Witerico , ao qual Recaredo já perdoara a vida por lhe descobrir a conjuração de Merida , o despojou do throno , e lhe cortou a mão direita : porém não tardará o castigo desta maldade , que sempre a pagou a tyrannia. Apoderou-se Witerico do Reino de Hespanha , e seguio-se ao abyssmo da usurpação outro mayor ; porque pertendeo restabelecer o Arrianismo. Mas vendo a firmeza do povo , soube usar da simulação : fingio-se Catholico para com o tempo conquistar vontades , e entregando-se ás armas , em que era destro sem saber vencer , gastou os sete annos da sua intrusão em continua guerra com os Romanos , e não tirou della honra , nem lucro. Os parentes de Liuba o assassinao , e depois foy o seu cadaver arrastado pelas ruas ; que assim col-

609

Era tumaõ alimpar os tyrannos o sangue, que nellas
vulgar. derramaõ.

Succedeo no Reino Flavio Gundemaro, que no mesmo anno da sua acclamaçaõ assistio ao Concilio de Toledo, e fez hum Decreto, em que declarou a sua Igreja por Metropolitana de toda a Provincia Cartagineza. Continuou a guerra contra os Romanos com grande gloria sua. Entaõ governaraõ as Provincias Lusitanas os Capitães Godos, e alguns Condes, que eraõ raros; porque a grandeza deste Titulo recahia em merecimentos, e façanhas naõ vulgares. Só estas em grão heroico tinhaõ entaõ o premio, mayor a effimaçaõ.

612 Por morte de Gundemaro, elegeraõ os Prelados, e Senhores de Hespanha ao valeroso, sabio, e pio Sisebuto para seu Rey. Deueo muito a nossa Lusitania a este Principe, e entre outras Cidades beneficiadas foy Evora das primeiras. Com a sua espada ganhou Biscaya, e outras Provincias aos Romanos; e deu o testemunho mayor da sua piedade em obrigar os Judeos, ou a fazerse Christãos, ou a abandonar o seu Reino. Com oito annos de reinado teve huma morte semelhante à vida, e sentio Hespanha a sua falta.

621 Deixou Sisebuto hum filho, que foy Recaredo II. mas como apenas empunhou o Sceptro tres mezes, poucos Authores o metem na ordem dos Reys Godos, e contaõ immediatamente a Flavio Suintila, naõ filho de Sisebuto, como erradamente escreveo Manoel de Faria e Sousa, mas de Recaredo I. Era o novo Rey muy valeroso, e experimentado na guerra, em que sempre andou occupado contra os Romanos, e Vascões, sendo

Ge-

General do defunto Sisebuto. No principio do seu governo renovou a guerra contra os mesmos inimigos, e conseguiu acabar de expulsar os Romanos de Hespanha, o que lhe deu a gloria de primeiro Monarca de toda ella. Assim se fazem grandes os Principes, e estabelecem a reputação, ou emprendendo acções, que outros não intentarão, ou dando fim áquellas, que outros não conseguirão.

Era vulgar.

Manchou este Rey as virtudes do seu principio com vicios mayores, sobre todos a tyrannia. Os Godos, ambiciosos de gloria, e lembrados de Sisebuto, a cujos reflexos se deixavaõ ver abominaveis os desmanchos de Suintila, trataraõ de pôr no throno huma Magestade exemplar. Com o favor de Dagoberto, Rey de França, seguirãõ elles a voz de Sisinando, que tem mais fundamento para o suppormos hum grande senhor do Reino, e não filho de Suintila como escreveo D. Lucas de Tuy. Este Principe, desamparado de todos, depois de dez annos de governo, se retirou a Galiza, aonde morreo miseravel, e taõ infeliz, que aos naturaes não mereceo lastima, nem aos estranhos compaixão.

631

De Sisinando não temos mais noticia, que o Concilio, que ajuntou em Toledo, no qual se acharãõ setenta e dous Bispos. Succedeo-lhe Chintila seu irmaõ, que tambem convocou o V. e VI. Concilio Toletano em dous annos successivos, aonde se trataraõ muitos pontos concernentes à successão do Reino dos Godos para embaraçar as usurpações com o respeito da Religião.

636

Era vulgar.

Mortos estes Principes, se deixou ver no throno para mayor dor dos vassallos o religiosissimo Tullga; Principe de taõ alto caracter, que nas pennas de Santos tem louvores, que parecem encarecimentos; mas a morte na flor dos annos privou Hespanha de colher no seu governo sazoados os fructos das felicidades.

642

Chindasuindo se apoderou do Reino com as armas; mas governou com prudencia, e justiça o Reino, que adquirira com tyrannia. Reformou as Leys dos Godos, e no sexto anno do seu reinado fez ajuntar o setimo Concilio de Toledo. Morreo no seguinte na mesma Cidade, naõ sem suspeita de veneno.

649

O pio, brando, e affavel Recevindo succedeo a seu pay: e como passou em paz os vinte e tres annos do seu Imperio, elevou o Estado Ecclesiastico a huma estrondosa magnificencia. Teve tres Concilios em Toledo, que foraõ o oitavo, nono, e decimo, outro em Merida. Em hum dos ditos Concilios se achou Fructuoso de Braga, por se haver deposto Pontamio, que naquelle veneravel Congresso confessou voluntariamente haver cometido hum peccado de incontinnencia: e diz certo Historiador nosso com admiravel desembaraço; que entaõ era prodigio hum vicio em hum Prelado, agora he milagre huma virtude. Floreceo Fructuoso em santidade, e milagres; fundou varios Mosteiros, foy Bispo de Dume, e pela referida deposição de Pontamio, Arcebispo de Braga. Neste tempo invadiraõ os Gascoens a Hespanha; mas foraõ poderosamente rechaçados, sem sabermos mais desta guerra, nem da serie dos successos de vinte annos até à morte de Recevindo. Me-

672

Me-

Memoravel he o reinado deste Principe pela gloriosa coroa de Martyr, que a Santa Iria, ou Irene, teceo zeloso o amor profano. Amava-a Britaldo, moço illustre, e passou a frenesi a ternura da paixão. Com palavras brandas curou Iria o seu amante enfermo, e nelle o amor achacado. O Monge Remigio testemunhou este milagre; e então cego, quiz preverter os colloquios do espirito, com que suavemente entretinha a Iria, e mudar em practicas de amante os conselhos de Director. Pasmou Iria do arrojio; porque vivia em seculos mais sinceros; e como conheceo o veneno, facudiu de si o aspide.. Elle então mais maligno, fez com huma bebida, que mostrasse ventre de máy a pura Virgem. Soube Britaldo, primeiro amante, a fingida prenhez, que suppoz verdadeira; e convertido em furor o antigo agrado, determinou lavar com o sangue de Iria aquella nodoa da sua incontinencia, em si a mancha do imaginado aggravado. As margens do rio Nabaõ, aonde estava o Mosteiro, no qual Iria em companhia de suas tias se exercitava em huma vida angelica, foy degollada aquella, que o era na pureza, e lançado nas aguas o seu corpo. Revelou Deos o caso ao Abade Selio seu tio: busca-se o lugar do sepulchro, metido pelos Anjos em outro tumulo de crystal. Defronte de Scalabis o acharaõ os devotos pesquisadores; mas naõ honve forças, que movessem a pedra. Retiravaõ-se contentes, quando viraõ, que o Tejo lhes occultava o seu thesouro, buscando os limites de que fugira para lho pôr patente. Taõ grande rio como o Tejo tem Iria por tumulo, por magestoso Epitafio Santarem, que então

Era vulgar.

Era taõ deixou o nome de Scalabis pelo de Santa Irene,
vulgar. hoje corrupto em Santarem.

Padecia Hespanha perigosos males com a morte de Recevindo; porque seu filho Theodofredo ficara de muy pouca idade, e os Godos reconheciam os Principes pelo valor, naõ pelo sangue. Para pacificar estas revoltas, foy eleito Wamba, ou Bamba, dizem huns, que do sangue Real, outros, que hum pobre Lavrador, que nos campos de Idanha em Lusitania alimentava a vida com o suor do rosto. Se houvermos de seguir esta segunda opiniaõ, deve-se saber, que, referem os Authores, revelara Deos ao Pontifice, que Wamba havia ser Rey de Hespanha: e communicada esta revelaçã aos Estados, se buscou a Wamba, e foy achado quando trabalhava na sua lavoura, qual outro David pastoreando os seus rebanhos. Com magnificas ceremonias se celebrou em Toledo a coroaçã do nosso Portuguez, e Santo Rey Wamba. Porém naõ teve tempo de gostar as suavidades do titulo; porque a rebelliaõ dos Navarros, e outros povos confinantes, o entregou todo ao cuidado das armas; e quando com fortuna, e valor abafava esta revolta, a de Hilperico, Conde de Nimes em França, Cidade entã do dominio de Hespanha, lhe causou novos sustos. Mandou o Rey contra os rebeldes ao seu General o Grego Paulo, que esquecido da fidelidade, se unio com elles: o mesmo fizeram os Catalães, e Navarros. Porém passando Wamba os Pynneos, para onde atrevidamente o desafiara Paulo, se seguiuã humas a outras as victorias. Ganhou Cidades, batalhas, e tomou ás mãos os rebeldes; mas o Rey clemente lhes

lhes commutou a pena de morte em prizaõ per- Era
vulgar.
petua.

Pacifico o Rey nos seus Estados, convo- 675
cou o XI. Concilio Provincial em Toledo, no
qual se acabou de ajustar a divisãõ dos Bispados
de toda a Hespanha, com os limites, e termos
da sua jurisdicçaõ. Neste mesmo tempo teve Hes-
panha novas inquietações; porque huma poderosa
Armada de Africanos infestava com muitos in-
sultos as nossas Cõstas. Entende-se, que esta inva-
sãõ dos barbaros foy disposta por hum Conde Gre-
go desterrado pelos Imperadores de Constantino-
pla, e chamado Ervigo. Este, por haver sido ca-
sado com huma sobrinha do Rey Recesvindo, e
por estar Wamba muy avançado em annos, en-
tendeo, que os Godos o acclamariaõ Rey, tanto que
se vissem atacados pelos barbaros. Naõ conseguiu
Ervigo este intento; porque os Africanos foraõ
vencidos em terra, os navios queimados, e todo
o seu poder abatido. Mas por meyo de outras in-
dustrias veyo Ervigo a ser adoptado por Wam-
ba, que se recolheo ao Mosteiro de Pampliega en-
tre Burgos, e Valhadolid, aonde acabou com mor-
te preciosa, havendo sempre feito vida de Santo.
Com elle podemos dizer se enterrou a felicidade
de Hespanha; porque aquellas grandes calamida-
des, que a esperavaõ no infausito governo de Ro-
drigo, começaraõ daqui em diante a ter muitos
ensayos; que sempre os castigos grandes se perce-
beraõ em estrondosos proemios.

Reconhecido Ervigo por Soberano dos Go- 682
dos, fez ajuntar dous Concilios, hum para se- 684
gurar-se na successaõ, outro para confirmar as de-
ter-

Era
vulgar.
685

terminações do primeiro ; e successivamente terceiro para admittir os Decretos do VI. Concilio Geral Constantinopolitano contra os erros de Apollinar. Depois tratou de contentar o povo, casando sua filha Cixilona com Egica , sobrinho do Rey Wamba , tambem natural da Idanha , e segundo Rey Portuguez , que succedeo no Throno dos Godos.

Por estes tempos refere Isidoro , Bispo de Béja , a grande esterilidade , e espantosa peste , que em Lusitania arrebatou a terceira parte dos homens. Era já nos ultimos annos do reinado de Ervigo , quando elle , para deixar os filhos no agrado de Egica , a quem respeitava muito a nobreza Gothica , e para honrar a memoria do Rey Wamba , edificou os muros de Idanha sua patria com grandeza de Rey , e industria de Politico : o mesmo fazia em Merida o Capitaõ Lusitano Sala ; mas lá virá hum abominavel , e escandoloso Witisa , que arruinando nestas paredes as forças de Hespanha , faça perder aos Godos o Reino , e o nome.

687

Reconheceo Hespanha por seu Rey a Egica , filho de Ariberga irmã do Rey Wamba ; e nelle parece que viaõ os povos resuscitado este grande Monarca : nos excessos se confundia a alegria , e em effeitos diversos era huma a causa do gosto. Cresceo a satisfação dos Vassallos , vendo que o novo Rey repudiava a filha , que Ervigo lhe dera por mulher ; porque naõ gostava Hespanha de venerar como reliquias Reaes os filhos de hum Tyranno. Conyocou Egica varios Concilios sobre pontos diversos , e vivendo em paz , lhe perturbou a har-

698

harmonia o Conde Vitulo de Galiza , que per-
tendeo sentarse no throno Gothico. Esta rebelliao ,
ainda que inquietou Galiza , e as terras de En-
tre Douro , e Minho , depressa foy desvanecida. E
como Egica conhecia em feu filho Witisa , havi-
do em Cixilona , disposicao para reger hum Esta-
do , o nomeou Rey das terras inquietas , as quaes
haviaõ sido patrimonio das armas dos nossos Sue-
vos , ficando elle com Hespanha , e com a Gal-
lia Narbonense.

Era
vulgar.

Naõ herdou Witisa as virtudes do avô
Wamba , nem a piedade de feu pay Egica. Fez
assento entre nós na Cidade de Braga , e quan-
do vinha a apagar discordias , ateou incendios.
Com animo brutal , e espirito cruel , se transfor-
mou em Rey dos vicios , e verdugo dos homens ;
e se o respeito do pay lhe naõ impedira os des-
manchos , com o absoluto dominio daria infame
caracter às desenvolturas.

Morreo Egica , e de Tuy , aonde entaõ
residia , passou Witisa a Toledo para ser accla-
mado Rey de Hespanha. Entaõ revestido da Ma-
gestade arrastou a púrpura insolente : foy o Helio-
gabalo de Hespanha , que na cultura dos vicios
constituia a felicidade do Reyno , precursor fa-
tal do infeliz Rodrigo , que pelos caminhos da
depravaçao aparelhou às nossas gentes o mais
duro cativoiro. Começou pela familia Real a sua
crueldade , tirando a huns os olhos , a outros a
vida : nos objectos de seus torpes appetites em-
pregou unicamente os cuidados. Era o feu Paço
hum vil prostibulo de desenvolturas ; e para dif-
farçallas , concedeo muitas mulheres aos Vassal-
los.

701

Era vulgar. los. Continuou a cobrir a malicia sem pejo , e promulgou huma ley , em que facultava aos Ecclesiasticos o matrimonio. Tantas fatalidades fizeram que os animos pios se enchessem de furor santo , lastimados sobre tudo da corrupção , em que o máo exemplo tinha posto a Nobreza. Então o barbaro Principe mandou lavrar hum Decreto , ordenando , que nenhuma pessoa obedecesse ao Papa ; e para não temer os Vassallos , fez arrasar quasi todas as fortalezas de Hespanha. Escapou Braga deste damno ; porque o Arcebispo Felix o conseguiu do Conde Juliao , já valido deste Rey , e depois (com politico milagre) do succellor , para vir a ser verdugo mais abominavel do Rey , e da Patria. Dez annos depois da morte de seu pay governou Witisa , e quatro antes. Acabou a sua vida , ou de enfermidade , ou com os olhos arrancados pelo Infante D. Rodrigo , em pena de haver feito o mesmo a seu pay : mas de qualquer forte sempre acabou mal ; porque a sua morte foy motivo de lastima para a piedade , para os vassallos de gofio.

C A P I T U L O V.

Do reinado de D. Rodrigo , ultimo Rey Godo , até a morte del Rey D. Affonso o Casto.

707 **H**Avemos chegado ao seculo mais triste de quantos teve Hespanha lastimosos. Elle nos persuade hum dos mais rigorosos castigos de Deos , que nos mostrou a difficuldade , com que dissimula os escandalos dos Principes , sendo tão facil em

em perdoar peccados aos homens. Não he menor fatalidade, entre tantos damnos, a confusão das noticias destas idades; caminho intrincado, por onde havemos andar em trevas.

Rodrigo, e seu irmão Acoſta, que alguns conjecturaõ foy Rey, ambos filhos do Infante Theodófredo, depois de haverem arrancado do throno ao Rey Witifa, e a elle os olhos, o occupou Rodrigo com goſto dos Vaſſallos, que respeitavaõ nelle viva a imagem de seu avô o Rey Chindaſuindo. Mas depreſſa a relaxaçã dos seus costumes apagou a fealdade dos vicios de Witifa, em que o excedeo, ou por mais mal inclinado, ou como infame emulo; que he mais facil nos herdeiros a imitaçã das maldades, que a das virtudes dos predeceſſores. Começou Rodrigo o seu reinado, levantando-lhe funeſtos horroſcopos. Perſeguiu os filhos de Witifa, e tirou a seu irmão Opas o Arcebiſpado de Toledo, mandando-o reſidir no de Sevilha. Retiraraõ-se os Principes para Africa, e em Ceuta os recebeu seu parente o Conde Rechila pelas recommendaçõs do Conde Juliaõ, cunhado do defunto Witifa, e fatal, mas infame, instrumento das noſſas calamidades.

Tinha eſte Conde huma filha, a que huns chamaõ Cava, outros Florinda, formoſura deſgraçada, Helena Heſpanhola, e origem de mais ſentiveis ruinas. Como a qualidade deſta Senhora fazia mais recommendavel a formoſura, cativo o Rey deſta, a elegeo eſpoſa por aquella. Porém arrojada das ondas, entrou na Corte de Rodrigo a Africana Princeza Egilona, ou Eilata; gen-

Era
vulgar

tileza rara, e mais bem olhada por nova. Esqueceo o Rey o primeiro amor para satisfazer o segundo appetite; e vindo a ser Egilona Rainha, ficou Cava no Paço com o emprego de Dama, e com o dissabor de repudiada. O negocio dos filhos de Witisa obrigou Rodrigo a mandar a Africa por Embaixador a Muça ao Conde Juliaõ, ja resentido do repudio da filha, desatendida sendo Princeza, aggravada sendo amante. Satisfeito o segundo gosto, lembrou Rodrigo o primeiro amor de Cava. Foy lançando a paixão novas raizes, e com tal vigor, que ella bastou para arrancar de Hespanha o Throno dos Godos, nella taõ firme, e havia tantos annos arraigado.

Antes de Juliaõ partir para Africa, persuadio ao Rey mandalle acabar aquella grande obra, que começara Witisa: todas as fortalezas de Hespanha se arrasaraõ, todas as armas se destruiaraõ, os corações se affeminaraõ. Seguio-se a Embaixada a Muça; e porque havia ser acompanhada de hum presente magnifico, desprezou Rodrigo temerario agouros prudentes, e entrou nos ferrolhados Paços de Toledo, aonde em vez de riquezas, achou os primeiros presagios das suas ruinas. Desenfrenteu com a ausencia do Conde o appetite do Rey: e como o amor, com poder tudo, he facil, conseguiu Rodrigo como poderoso aquillo, que solicitava como amante. Fez a Cava o mais sensivel ultraje; que como a honra o naõ dissimula, na mesma difficuldade do remedio se apura o brio para farar hum impossivel sem cura. Representou Cava a seu pay a nova offensa, que por cahir sobre chaga ainda fresca,

ca,

ca, imprimio desesperaçãõ no que só devera ser ^{Era vulgar.} dor. Tratou Juliaõ com Muça, Governador de Africa, o seu despique contra Rodrigo, que era Rey, contra Hespanha, que era Patria. Deu Muça aviso ao Califa, este instrucções ao Conde, que voltando a Hespanha, segurou partido, ganhou vontades seguro nestas maquinas; porque o Rey lhe fiara a tua. Em Malaga se acabaraõ estes ajustes, e levando o Conde sua filha para Ceuta, começou a executar o seu abominavel projecto, a todas as idades escandaloso, a Hespanha sempre sensível.

Corria a era de Hespanha 713., quando Tarif Abensarca a invadio com doze mil homens; e como achou o Reino sem defenſa, os animos em huma paz não só indigna, mas vergonhosa, (que ha huns modos de conservar em paz improprios da reputaçãõ dos Reino.) devastou a Andalusia, e sentio este primeiro golpe Lusitania. Via Rodrigo o mal dentro em casa, e ainda que o affustava a memoria da Cova dos Paços de Toledo, não podia crer esta traiçãõ do seu Conde. Tanto se cegaõ os Reys com os validos, que nem os desconhecem vendo os verdugos! Aos clamores do povo acordou o Rey soporado, e acodindo de repente a armar o Reino, poz em campo hum exercito quasi desfarmado. Era seu Capitãõ D. Inigo, ou D. Sancho, Sobrinho do Rey, presume-se que filho de seu irmaõ Acoſta. No primeiro avance morreo este Principe, foraõ desbaratadas as forças dos Godos, tidas até entãõ no mundo por invenciveis, agora desprezadas pela mais vil naçãõ d'elle. Sahio o Rey de Toledo para a Campanha;

Era vulgar. panha ; mas já o Conde , e os Mouros havião passado a Africa , donde , com as riquezas de Hespanha , voltaraõ brevemente mais poderosos a estabelecer nella o seu dominio.

714. Tornou o Conde Juliaõ , e o Mouro Tarif Abenzarca com hum poderoso exercito , a tempo que o Rey D. Rodrigo reparava as arruinadas muralhas , e alistava gente por todos os seus dominios. Ainda elle não tinha juntas todas as forças ; mas sahio a campo com ellas mayores no numero , que na qualidade. Nas margens do rio Guadalete se atacou aquella forte batalha , de que pendia a liberdade , ou a ruina de Hespanha. Durou oito dias este temeroso conflicto , em que o valor , e a porfia esfineraraõ os ultimos esforços. O Rey , montado no cavallo Orelia , se fazia admirar dos seus , invejar dos inimigos ; mas como os Mouros eraõ instrumentos da vingança Divina , ainda que mais fracos , venceraõ no ultimo avance ; e acabou em hum dia a poderosa Monarquia dos Godos , que no discurso de tantos annos mereceo pelo seu valor reputaçãõ , e respeito. Vencida a batalha , aonde alguns Escritores supposeraõ morto ao Rey , abandonou elle o campo , largou as insignias Reaes , e vestindo os trajas , que lhe dera hum Pastor , caminhou para Merida ; mas duas leguas antes de chegar à Cidade , entrou no Mosteiro de Cauliniana , aonde se descobrio ao Monge Romano , em cuja companhia , trazendo a milagrosa Imagem da Senhora da Nazareth , com outras reliquias de S. Bartholomeu , e S. Braz , entrou por Portugal , e pararaõ ambos pertõ da Villa de Pederneira ,

no

no monte , que hoje chamaõ de S. Bartholomeu
junto a nossa Senhora da Nazareth. Era
vulgar.

Nesta soledade venturosa collocaraõ os dous Anacoretas as sagradas reliquias, que foraõ achadas milagrosamente nos dias del Rey D Affonso Henriques; e apartados hum do outro, cada hum em sua cova, se exercitavaõ na mais rigorosa penitencia, quando o Monge Romano passou a gozar os premios da sua santa vida. Rodrigo, vendo-se só, resolveo penetrar mais a terra: deixou no mesmo lugar as reliquias, e na Ermida de S. Miguel em hum monte junto a Viseu, acabou os seus dias penitente, e contrito. Em quanto o Rey, e o Monge do seu deserto conquistavaõ o Ceo, os Mouros por toda a parte avassallavaõ Hespanha. Porfiada foy a resistencia de Merida, porque a defendiaõ Lusitanos: porém o illustre Godo Sacaru, que a governava, vendo que a multidãõ opprimia o valor, veyo a concertos; atraveffou Portugal com toda a gente, e com toda ella se embarcou em demanda das Ilhas Canarias; mas foy parar na celebre Ilha encoberta, que dizem alguns Authores está povoada de Portuguezes, e que tem sete Cidades com seis Bispos, e hum Arcebispo. Refere-se, que nesta Ilha aportara huma não Portugueza, ou Genoveza, e que a sua equipage dera individual noticia dos segredos, que nella se occultaõ.

Succeffivamente foy a inundaçãõ Mourisca cobrindo os campos Lusitanos. Entrou por toda a Provincia do Alentejo, por entre o Tejo, e o Douro, e por entre o Douro, e o Minho. Renderaõ-se as fortes Praças de Evora, Béja, Idanha,

Era vulgar. nha , Alcacere , e Portimaõ. Como naõ haviaõ olhos para ver os estragos , choravaõ as pedras as soberbas ruinas de edificios magnificos, a atrocidade das mortes em todo o genero de viventes, e as sacrilegas profanidades nos sagrados monumentos da Religiaõ. Tirou desta vez a justiça divina da espada contra Hespanha , e com hum diluvio de sangue castigou a corruptaõ dos nossos costumes.

715. Em dous annos senhoriaraõ Muça , e Tarif a grande Peninsula de Hespanha , a cujas Chronicas pertence a sua restauraçã pelo Infante D. Pelayo , primeiro Rey de Oviedo ; os tragicos fins da Rainha Egilona , do Conde Juliaõ , e de sua filha Cava ; que a nós importa-nos contrahir a narraçã aos successos particulares da Lusitania, que só saõ do nosso ponto , e muitos para taõ resumida Historia.

739. Já no anno de 739 , em que morreo nas gar-ras de hum Urso o Rey D. Favilla , successor de D. Pelayo , os Alcaides das Cidades hiaõ facodindo o jugo dos Califas , e fazendo-se reconhecer Reys nos districtos das suas jurisdicões. O primeiro , que entre nos usurpou esta authoridade , foy Alboacen Iben Alhamar , sobrinho de Tarif , e Alcaide de Coimbra. Naõ impediaõ estes Regulos , que os nossos Condes tivessem authoridade nos que haviaõ sido seus Vassallos , e tinhamos livre o exercicio da nossa Religiaõ ; unico alivio na dureza do mais barbaro cativeiro. Com pouca esperança de remedio lamentavaõ as nossas terras por eterna a perda da sua liberdade , quando o Deos , que com a mesma maõ castiga ,

tiga, e consola, elevou ao throno ao Catholico D. Affonso, cunhado de D. Favilla, e reliquia preciosa do Santo Rey Recaredo. Lastimou-se o Real animo deste Principe da desgraça dos Christãos, e dos abatimentos da Religiaõ: empenhou-se por ambos os motivos, e não podia deixar de ajudar o Ceo designios fantos, em que a ambição não tinha parte.

Era
vulgar.

Acompanhado de seu irmão D. Fruela, entrou D. Affonso por Galiza rendendo Cidades; e sem alterar a marcha, sujeitou ao seu dominio Braga, Viseu, Agueda, e Chaves; triumphos grandes, que lhe deraõ a gloria de ser o primeiro Rey de Portuguezes depois da perda de Hespanha. Foy D. Affonso filho de D. Pedro, Duque de Biscaya, e de Navarra; e de sua mulher a Rainha Ormisinda deixou elle successores para o throno, e para as armas.

Herdou D. Fruela I. os espiritos do pay, 753 e foraõ felices auspicios do seu governo a grande victoria, que em Galiza ganhou sobre Omar, filho de Abderramen, que se havia rebelado aos Califas com o Reino de Cordova. Sessenta mil Mouros com o seu Capitaõ foraõ despojo da vencedora espada, e despique dos damnos pouco antes commetidos em Portugal. Triunfante entrou por elle D. Fruela com animo de ganhar Setuval, com tanto mayor empenho, quanto suppunha seria mais vigorosa a resistencia. Aliaben Talif, que se oppoz à empreza, com o seu destroço deixou desembaraçada ao Rey toda a Provincia. Por ella tremolaraõ vencedores os nossos Labaros logo sobre os muros de Setuval gloriosos. Com feya

Era
vulgar. nõdoa manchou Fruela tantas heroicidades : fez
assassinar a seu irmão Wimarano ; porque enten-
deo se lhe queria levantar com o Reino : e pas-
sou a ser castigo barbaro huma depravação da fan-
tasia propria.

Sentiraõ os povos a morte de Wimarano , que
com a gentileza de Absalaõ era ladraõ dos co-
rações de Hespanha ; mas não tardou o castigo
desta atrocidade , recobrando Abderramen grande
parte das terras , que pouco antes ganhara D.
Fruela , e entre ellas Lisboa , Evora , Béja , San-
tarem , e tudo o que vay do Tejo até o Cabo de
S. Vicente.

Este glorioso Martyr , que deu o seu nome
ao famoso Promontorio , foy trazido a elle neste
reinado quasi milagrosamente ; porque vendo se os
moradores de Valença perseguidos de Abderramen,
receando mais os defacatos , que seriaõ feitos às
veneraveis reliquias , do que as oppressões , que
padeceria a sua constancia ; em hum pequeno bar-
co se lançaraõ às ondas , trazendo consigo aquel-
le precioso deposito. Vieraõ trazidos à toa pela
Providencia , e pararaõ no Sacro Promontorio ,
aonde collocaraõ os ossos do Santo , e elles fica-
raõ habitando a despovoada terra. Annos depois
foraõ descobertos estes piedosos Christãos pelo
Mouro Abolacem , que os passou à espada , ex-
cepto os mininos , que levou cativos para Féz.
Elles , e os seus descendentes , viveraõ alli como
Christãos , e sendo alguns feitos prisioneiros pelo
Rey D. Affonso Henriques na batalha do Cam-
po de Ourique , como conservavaõ de pay a fi-
lhe a tradição do lugar , em que jaziaõ as reli-
quias ,

quias, o indicaraõ ao Rey, que as trasladou para Lisboa. Era vulgar.

Naõ dissimulava Hespanha a dor da morte de Wimarano, que foy vingada por Aurelio, o qual tirou a vida ao Rey Fruela, e lhe succedeo no Reino. Era Aurelio irmaõ segundo de D. Fruela, filho de D. Affonso o Catholico, e naõ seu sobrinho filho de seu irmaõ D. Fruela, como erradamente escreveu o Doutor Fr. Bernardo de Brito, a quem seguiu Manoel de Faria e Sousa. Matou Fruela a seu irmaõ, e outro irmaõ tirou a vida a Fruela. Deixou este dous filhos, que foraõ D. Affonso, e Dona Ximena, ambos no mundo assumpto de altas idéas. 766

Poucas memorias tem Lusitania do Rey Aurelio. Elle se confederou com os Mouros, e se fez tributario de Abderramen. Com sete annos de governo morreo este Principe, e lhe succedeo no Reino seu cunhado Silo, ao qual elle casara com sua irmã a Infanta Adofinda. Era Silo Principe Sarraceno; mas depois de Rey perseguio os Mouros por Portugal, Estremadura, e lhes ganhou Merida. 773

Mauregato, filho de D. Affonso o Catholico, e de huma escrava, usurpou o throno, que era devido a seu sobrinho D. Affonso, filho del-Rey D. Fruela; mas custoulhe muito a sustentallo. Deixou este Rey celebre memoria pelo infame tributo, que para manter a sua instrucção, pagou aos Mouros de Cordova de cem donzelas Christãs, victimas innocentes da ambição, offerecidas nos altares da torpeza. Algumas destas donzelas foraõ livres das mãos dos Mouros por huns 784

Era vulgar. bizarros Cavalleiros, ou junto a Mondonhedo em Galiza, ou perto de Viseu em Portugal, ou em ambas as partes: e delles traz origem a familia de Figueiredo, e Figueiroa; porque ou com páos de figueira, ou por haver muitas destas arvores no sitio em que foy a peleija, delle tomaraõ apelido, e armas.

789 Não acabou com a morte de Mauregato este indigno reconhecimento: houve mister, que no anno seguinte o Rey Bermudo I. atacasse as forças de Abderramen junto de Aledo, e depois de hum glorioso triumpho, respirou Hespanha da sua extrema oppressão; e livrouse de pagar hum tributo affrontoso, a que só se sujeitara hum Tyranno. Era D. Bermudo filho do Infante D. Fruela irmão do I. D. Affonso; mas conhecendo a injustiça, que se fazia a D. Affonso, depois chamado o Casto, filho de seu primo o Rey D. Fruela I. ainda que elle andava embaraçado com o delicado negocio do casamento de sua irmã D. Ximena, voluntariamente lhe cedeo o Reino, que era seu. Exemplo de admiravel moderação, ainda que imitado, sempre raro!

791 Occupou D. Affonso o throno de seu pay, e mostrou, que era digno delle, porque o não quiz para os seus filhos. Com huma irmã de Carlos Magno, chamada Bertinalda, dizem alguns Authores, que fora casado D. Affonso; mas elle preferindo às delicias do thalamo, e à successão do Reino, a formosura da continencia, viveo, e foy chamado o Casto. Depois de Rey perfeito D. Affonso com mayor força os finos amores de sua irmã D. Ximena com o Conde D. Sancho,

cho Dias de Saldanha. Ella foy obrigada a reco-
lherse em hum Mosteiro; elle mettido em huma ^{Era vulgar.}
torre, aonde lhe arrancaraõ os olhos. Porém o
minino Bernardo del Carpio, formosa prenda des-
tes amores, foy trazido ao Paço, e criado com
agrados de filho, e ternuras de Infante. No ter-
ceiro anno deste reinado espirou a paz com os
infeis: elles se adiantaraõ em romper a guerra,
e com formidaveis forças entraraõ por Asturias.
Seguiu D. Affonso a retirada dos barbaros, e no
lugar de Lucos se atiou a escaramuça; nella fo-
raõ recobrados os despojos, e setenta mil Mou-
ros perderaõ as vidas. Entrou o Rey por Lusita-
nia, quando Carlos Magno a seu favor fazia o
mesmo por Catalunha; e porque achou atemori-
fada Hespanha pelo estrondo das armas de D. Af-
fonso, foy-lhe facil render Barcelona. Além des-
tas expedições, ganhou o Rey outras muitas Ci-
dades; e he crível, que com o soccorro de Car-
los, que nestes tempos dizem viera a Hespanha
adorar as reliquias de Santiago, milagrosamente
achadas neste reinado, seriaõ muy dilatadas as con-
quistas, em que se empregavaõ dous Monarcas
grandes no poder, e no nome.

Já o famoso Bernardo del Carpio convida-
va com as suas façanhas as atenções de Hespera. 811
nha. Em quanto elle na batalha de Benavente
passava à espada o exercito de Omar, Rey de
Merida, a quem degollou por suas mãos; Alia-
tan, Rey de Cordova, entrava por Lusitania re-
conquistando muitas Praças, que entregou à con-
ducta de Alcama, Rey de Badajoz. Mais pode-
roso com as novas conquistas, marchou Alcama
a fi-

Era vulgar. a ftiar Camora. No caminho o esperou Bernardo, e impediolhe o pallio com a morte, ao exercito a empreza com a derrota. Com dous exercitos fahio Aliatan a vingar a injuria: o primeiro 812 entrou por Castella furioso, o segundo por Portugal para investir Galiza: porém aquelle foy despojo da corage do Rey D. Affonso no choque do rio Ornese: este foy irrisaõ da espada de Bernardo na batalha de Val de Mouro. Com outras famofas acções, que não pertencem ao nosso assumpto, poz o Rey gloriosa coroa aos trinta e tres annos do seu governo; e deixou exaltada a Religiaõ com o seu exemplo, ampliado o Reino com as suas victorias.

C A P I T U L O VI.

Do reinado de D. Ramiro I. até o de D. Affonso V.

824 **C**omo o Rey D. Affonso o Casto não deixou successaõ, quiz-se mostrar agradecido à generosa liberalidade, com que Bermudo I. abdicara em seu favor a Coroa; nomeando-a em seu filho D. Ramiro I. mais digno della pelas virtudes, que pelo sangue. Foy alegre presagio do feliz governo deste Principe a facilidade, com que dissipou em Asturias a rebeliaõ do Conde Nepociano, e a com que derrotou os Normandos em Galiza, aonde entraraõ poderofos, e soberbos. Não tardaraõ os barbaros em inundar Lusitania, porque o novo Rey não quiz pagarlhes o vil tributo das illustres donzelas: porém na sua espada en-

encontraraõ elles não só oppozição , mas ruina. Era vulgar.
 Vadeadas as correntes do Douro , com rapido curso foy Ramiro conquistando Praças até se mostrar sobre Coimbra. Aqui o esperava o seu Rey Alhamar resolutio a impedir-lhe os designios , e segurar a Comarca ; mas vencidas todas as difficuldades , e com ellas o Mouro jactancioso , calcou Ramiro a altivez , e voltou victorioso a Oviedo , deixando com mayores enfanchas o seu dominio , apertados os corações infieis entre o medo , e a miseria.

Houveraõ Escriitores , que julgaraõ interrompido o curso destas victorias com a chegada de Abderramen , Rey de Cordova , e que sobre elle ganhara D. Ramiro a batalha de Clavijo , que foy gloria de Ramiro II. O que a historia conta neste tempo , he o valor de Joaõ , Abbade de Loraõ , tio do Rey , que lhe encarregou a defenza de Monte mór o Velho. Desta Villa sahio o Abbade contra os rebeldes Condes Alderedo , e Pinelo , ambos despojos da sua espada ; e marchou contra Viseu , aonde os barbaros viraõ primeiro as ruinas , que a morte. Nellas descobrio o Bispo de Salamanca o Sepulchro do Rey D. Rodrigo , e foy o primeiro testemunho , de que não morreo na batalha. Em quanto o Abbade Joaõ se occupava nestas expedições , tratava Garcia Janhes , infame Apostata , já chamado Zulema , com o Rey de Cordova o estrago da sua Patria. Era este barbaro hum pobre exposto , que o Abbade fez criar em sua casa com amor de pay , e instrucção de Principe. Com hum formidavel exercito de Mouros , de que era primeiro Cabo , appareceo

Era
vulgar. pareceo elle sobre aquelle lugar, que quando de-
via excitarlhe affectos, lhe procurava furores. Sof-
freo o Abbade com os seus Monges o aperto do
cerco, até que a fome reduzio as vidas ao ulti-
mo extremo, e convidou o valor para a derradei-
ra prova. Não houve coração, que se atrevesse a
render: reciprocamente se alentaraõ os espiritos
para se verem acabar. Nas prendas mais ternas se
começaraõ a enfiar as armas; porque para os
Mouros não acharem cativos, nem despojos, es-
tes se entregaraõ ao fogo; as mulheres, e meni-
nos às espadas. Foy o Abbade o primeiro, que
degollou a sua irmã, e sobrinhos, imitaraõ os
mais este exemplo. Horrendo espectáculo! Mas
se com elle pertende provocar a desesperação mais
brios, a Omnipotencia se dá por desafiada para
obrar milagres. Sahiraõ todos da Villa a morrer
vingados, e sem esperança de vencer, triumpharaõ.
Morreo o traidor Garcia às mãos do mesmo
Abbade, e setenta mil Mouros nas espadas de to-
dos. Porém não podia ser alegre huma victoria,
que tinha por epinicios plausiveis preludios tristes.
Com a ametade das almas entraraõ alguns na Villa,
aonde as encontraraõ inteiras, porque acharaõ to-
dos os mortos resuscitados; e para testemunho do
milagre se divisava na garganta de todos hum sub-
til fio cor de sangue. Ainda hoje se descobre es-
ta marca em huma Imagem da Senhora, e do Mi-
nino, que tem nos braços; porque como na sua
presença se fez o estrago, quizeraõ mostrar-se par-
ticipantes delle, e da victoria. No lugar da bata-
lha passou o resto dos seus dias o Santo Abbade,
e nelle esteve o seu corpo até o tempo delRey
D.

D. Affonso Henriques, que alli fundou hum Mosteiro da Ordem de Cister. Era vulgar.

Glorioso, e triunfante acabou D. Ramiro os vinte e seis annos do seu governo, e lhe succedeo seu filho D. Ordonho, Principe grande em Hespanha, pouco bem afortunado em Portugal. Nelle entrou com as suas tropas, para se oppôr a Mahamet, Rey de Cordova, que com poderosos soccorros de Africa, invadio as nossas terras. Foy porfiada a batalha na Estremadura; e ainda que nella perdeu o barbaro gente em dobro, ficou senhor do campo, e dilatou as conquistas. Muitas Praças se sujeitaraõ ao tyranno jugo, entre ellas Santarem, Leiria, e outras, cujos nomes não chegaraõ às nossas idades. 850

Muito se abateo a corage Mourisca com o novo reinado de D. Affonso o Grande. Impávido foy o coração deste Principe, altas as suas idéas, grandes as suas victorias. Logo que subio ao throno, tratou de fortificar as Praças mais importantes do Reino: em Portugal, Braga, Chaves, e Viseu. Nesta ultima se occupavaõ os nossos, quando o Rey de Cordova foy primeiro sentido, do que visto; e se a desprevençaõ lhe facilitou a victoria, não impedio huma heroica resistencia. O mesmo destino experimentou Salamanca; porque os Mouros, o que não conseguiaõ com valor, opprimiaõ com a multidaõ. Com rugidos de leão escandalizado, sahio D. Affonso à campanha, e com huma corrente de furor fez tremer todo o Reino de Toledo: não houve nelle lugar, que deixasse de lhe provar os golpes, nem resistencia, que lhe detivesse o passo. Com o mesmo impe-

Era
vulgar. to entrou por Portugal; recobrou Viseu, e levantou as bandeiras triumphantes nos muros da soberba Coimbra. Ao ecco de tantas victorias emmudeceraõ os barbaros, e calouse a arrogancia. Entaõ o Rey, defendido do respeito, gastou no culto divino os annos da tranquillidade. Edificou, entre muitos Templos, a magnifica Sé de Sevilha, de que já fallámos em outra parte, e restituiu aos antigos a magestade primeira. Das paredes sagradas passou Affonso a continuar a fortificação das Praças, e reparou as de Portugal até o Tejo. Porém, quando o Rey triumphava dos estranhos com gloria, a rebelliaõ dos seus filhos o reduzio a estado de perder o Reino com affronta. Prudente evitou elle estes loucos desastinos: abdicou o governo, e repartio por elles o dominio, dando a D. Garcia Oviedo, Leaõ, e Castella; a D. Ordonho, Galliza, e Portugal. Deste modo socegou Affonso a ambiciaõ; e depois de algum tempo de vida retirada, passou a gozar melhor Imperio, livre daquelle, aonde os juramentos se quebraõ, e a obediencia se estraga.

910 Foy feliz Portugal no reinado de Ordonho II.; porque depois de successivos triumphos, se lhe rendeo Béja, conquista de alta consideração. Passados dous annos, morreo seu irmaõ D. Garcia; e com o poder ampliado, se estenderaõ às idéas a empresas mayores, multiplicando co-roas às primeiras glorias.

914 Voltou D. Ordonho a Portugal, e tudo levou diante até chegar ao inacessivel Castello de Alhaje, que pela sua fortaleza, era o cofre dos
the-

thesouros barbaros. Tremeraõ os Mouros, especialmente os do Algarve, e Estremadura, ao estrondo desta conquista: offereceraõ-se tributarios ao Rey, que voltou para o seu Reino triunfante, rico, e respeitado. Naõ soffreo Abderramen, Rey de Cordova, esta submissaõ, e com a promessa de grandes soccorros obrigou os Mouros de Portugal a romper os pactos. Cahio Ordonho sobre elles como hum rayo; e quando os conftrangia a pedir-lhe perdaõ rendidos, appareceo Abderramen sobre Talaveira. Aqui se aticaraõ as escaramuças, que vieraõ a ser medonho conflicto. Perdeo o barbaro vinte e cinco mil homens; mas ficaraõ as suas forças taõ inteiras, que entrando por Lusitania, atacou o Porto com desmedida corage: igual opposiçaõ lhe fez o Conde Hermenegildo até chegar D. Ordonho, que depois de huma geral derrota o fez deixar em campo, bandeiras, e despojos.

Suceddeo a D. Ordonho seu irmaõ D. Fruela II., que usurpou a Coroa a seus sobrinhos, os quaes depois reinaraõ. Nada obrou Fruela digno de Rey: foy cruel com muitas pessoas illustres, e no anno do seu máo governo padeceo o Reino calamidades, que passaraõ aos futuros. Os mesmos Vassallos depozeraõ a D. Fruela, e substituirãõ a sua authoridade os celebrados Juizes Nuno Rasura, e Lain Calvo, illustre origem da Familia de Castro na opiniaõ dos Authores da lisonja, ou da calumnia. Porém D. Affonso o Monge, desgostado da vida religiosa, e seu irmaõ D. Ramiro, Principe de altos espiritos, pertenderãõ ambos sentar-se no throno de seu pay, don-

Era vulgar. de se originou huma guerra civil , triste aos Estados , lastimosa à Religiaõ.

927 Até aqui esteve pacifico o nosso Reino governado por alguns Condes , entre elles Hufo Hufes , e D. Guterre Arias ; mas as desavenças dos filhos de D. Ordonho facilitarão aos Mouros o rendimento das Praças mais importantes ; que estes são os frutos das discordias domesticas.

933 Na mayor força destas confusões tinha as redeas de Hespanha o Conde Fernaõ Gonçalves , vendose D. Ramiro obrigado a dissimular a sua authoridade , quando Abderramen , com grande poder , entrou por Castella. A necessidade da commua defenza unio o Rey , e o Conde , os quaes na batalha de Osma destruireão aquelle grande corpo. Celebrou o Ceo com espantosos sinaes este triumpho ; e vistos elles por olhos diferentes , huns os julgavaõ luminarias festivas , outros os entendiaõ Cometas funestos , presagios de novas desditas. Interpretaraõ os Mouros este raro Fenomeno a favor do seu Imperio : empenharaõ os Cacizes a Abderramen para huma nova , e feliz guerra ; foraõ alistados em Hespanha todos os sequezes de Ali ; e com os soccorros , que Almançor trouxe de Africa , se abysmaraõ os nossos campos com hum exercito quasi isento de numero. Innumeraveis Martyres subiraõ ao Ceo nesta fatal invasão : inventou a crueldade tormentos exquisitos , e era entre elles a morte o menor mal. D. Ramiro , e o Conde Fernaõ Gonçalves ajuntaraõ da sua parte a gente , que poderaõ : entrou Portugal com muita , e toda era taõ pouca , que couberaõ a cada Christaõ mil barbaros. Todos os
Gran-

Grandes concorreraõ a ver huma acçaõ , de que pendia a salvaçaõ , ou ruina de Hespanha : a segunda se temeo no primeiro encontro. Retirou-se D. Ramiro à montanha de Clavijo a implorar o soccorro do Ceo , que costuma escolher a debilidade para confundir a fortaleza do mundo. Aqui lhe appareceo o Apostolo Santiago , havendo já o Conde recebido semelhante favor de S. Milhan. O Rey o empenhou com votos , e lhe confirmou o Padroado de Hespanha , que o Santo disse lhe havia dado Deos. Desceo Ramiro com taõ poderoso auxilio a investir os Mouros : revolveraõ-se as pedras neste temeroso conflicto ; e nelle foy visto o Santo Apostolo naõ mandar como Capitãõ , mas brigar como Soldado. Naõ cabem os applausos de taõ grande victoria na brevidade , com que voa veloz a nossa penna. O espanto , que ella causou , obrigou os Mouros a pedirem tregoaõs ao Rey , em tempo das quaes foy elle em romaria a Santiago. Nestas partes percebeo Ramiro os brados da fama , que pregoava a gentileza de Zara , filha de Alboazar , Senhor de Gaya , e se namorou della pelo ouvido : fez diligencia por vella , e acabou de beber o veneno pelos olhos. Resolveo logo Ramiro repudiar Dona Urraca , e pedio a Moura para mulher. O pay lha negou com o pretexto , de que estava promettida ao Rey de Marrocos ; mas como o amor cego tudo atropella , por meyo de hum feiticeiro houve o Rey às mãos a prenda , que amava. Despicoõse o Mouro com roubo semelhante ; mas devido só às suas mãos : furtou a Rainha D. Urraca na pequena povoação de Milhor. Zara foy bautizada em Leão ,
e cha-

Era
vulgar.

Era
vulgar. e chamada Artida: casou com ella Ramiro, Alboazar com Urraca. De Artida nasceo Alboazar Ramires, tronco de algumas familias, que a vaidade honra por descenderem de Rey, ainda que seja Mouro. Quiz Ramiro restituirse a mulher, e deixando os companheiros escondidos, entrou em Gaya disfarçado. A Rainha o entregou ao Mouro; este quizera logo darlhe a morte: porém Ramiro lhe representou, que os Confessores, em pena do seu peccado, lhe mandaraõ viesse morrer diante delle, tocando hum instrumento, que trazia, e era o sinal para os seus lhe acudirem. Subio Ramiro a huma columna; tocou com impulso forte, e vieraõ os Soldados resolutos. Tirou Ramiro da espada, e de hum golpe levou a cabeça do Mouro: arruinouse o Castello, e com a Rainha se embarcaraõ os aventureiros. No seu semblante leu o Rey o pezar, que a morte do Mouro lhe imprimira no coração: atada a huma pedra a lançou às ondas, e ficou livre do obstaculo, que lhe impedia gozar livremente do amor de Zara.

950 Succellos de pouca consideração temos na
955 Lusitania em tempo dos Reys Ordonho III., Or-
956 donho IV., e D. Sancho o *Gordo*. Do primeiro sabemos, que entrou por Portugal poderoso, e assolou Lisboa com espantosa colera. O segundo foy cruel, e com hum anno de governo morreu em huma batalha junto de Cordova. O ultimo passou os onze annos, que reinou, inquieto com a rebelliaõ dos Condes, entre elles D. Gonçalo, Senhor das terras da outra parte do Douro, e na rebeldia o mais obstinado, se bem que de-

depois da morte de D. Sancho, a pagou com a ^{Era} vida no particular desafio, que teve com o Con- ^{vulgar.} de D. Fruela Vermuiz.

Na menoridade de D. Ramiro III. reduzi- 967
raõ os Mouros toda Hespanha ao estado, em que
a acharaõ os primeiros Reys, que começaraõ a
restauralla. Naõ escapou Portugal deste commum
damno; porque Alcoraxis, Rey de Sevilha, o
revolveo de modo, que a gente abandonou os
povoados, buscando no inacessivel das montanhas
algun seguro às vidas. Seria o ultimo este estrago,
se o Apostolo Santiago naõ acodisse a deter
o barbaro curso, que já chegava às visinhanças do
seu sepulchro. Daqui affugentou os Mouros, sacodindo-os
com o flagello de huma devastadora peste. Cresceraõ
os males de Hespanha com os annos de Ramiro;
porque a sua soberba, e crueldade irritou os
Condes, e os povos, que elegeraõ a Bermudo II.
o *Gotoso*, filho de D. Ordoño, de que se seguiu
huma lamentavel guerra, aonde pereceo a flor da
milicia Hespanhola, necessaria para fazer semblante
à desbocada furia dos barbaros. Augmentou esta
os espiritos com a dissipação das nossas forças,
e cresceo o orgulho depois da morte de Ramiro;
porque Bermudo 985
vicioso, só cuidava na satisfação dos appetites,
com que manchou a prudencia, e valor, de que
era dotado. Deixamos as ruinas, que o soberbo
Almançor causou em Hespanha, para nos con-
trahirmos aos estragos, que lamentou Portugal.
Era elle hum lago de sangue, ficaraõ desertos os
povoados, foraõ os Templos sacrilegamente pro-
fanados, e os Seminarios das castas Virgens vie-
raõ

Era
vulgar.

raõ a ser convertidos pela impiedade em nefandos prostibulos da mais depravada torpeza. Ren-derão-se à força das armas infieis Coimbra, Braga, Britonio, Lamego, Viseu, e outras muitas Fortalezas, antes ganhadas com gloria, agora perdidas com infamia. Só a constancia christã se conservou illeza entre tantas ruínas; triumphando a humildade da Cruz da jaçtancia do Inferno. Credito foraõ da nossa Religiaõ nestas idades as prodigiosas vidas de S. Rosendo, Bispo de Dume, de Mondonhede, e de Compostella, filho do Conde D. Guterre Arias, e a de sua parenta Santa Senhorinha, Abadessa do Convento de S. João de Vieira, e filha do Conde Hufo Hufes. Por estes tempos tinhaõ os Mouros novos inimigos em Portugal. Eraõ estes os Gascões, que em tempo de D. Ramiro vieraõ ao porto de Gaya commandados por D. Moninho Viegas, cabeça da familia de Monizes, e por seus irmãos D. Nonego, e D. Sisinando de Vandoma. Fizeraõ estes bravos Capitães gentis obras de Cavallaria, e tomaraõ aos Mouros muitas terras, nas quaes se estabeleçeraõ em Hespanha, e reedificaraõ o Castello de Gaya, que estava como o deixou D. Ramiro II. quando matou a Aboazar.

998

Naõ podia Almançor, Rey de Cordova, ter ociosas as armas: segunda vez entrou por Portugal, e acãbou de destruir aquellas Praças, que na primeira invasãõ arruinara. Passou a Galiza este golpe, e Santiago defendeo o seu Sepulchro com outra peste. Era entãõ formidavel entre os barbaros o desmedido valor do Conde Portuguez D. Frojaz Vermuiz. Acompanhado da
sua

fua gente , marchou elle a unirfe com o Rey D. Bermudo , e no lugar de Alcantanaçor , junto de Osma , esperaraõ a furia , com que o Mouro vinha talando os campos. Aqui se atiqou huma das mais bem disputadas batalhas daquellas idades : esteve o valor à porfia com a multidaõ : renovava esta a peleija com o numero ; aquella mantinha-a com a constancia. Todo hum dia durou o combate ; e declarando-se a victoria de noite , ella livrou os Mouros de mayor perda : porém entre os mais despojos ficaraõ no campo as vidas de fetenta mil homens de pé , e de quarenta mil de cavallo. Esta foy a ultima acção do Rey D. Bermudo II. , e muito mais gloriosa a penitencia , com que no fim da vida expiou os peccados de homem , que commetera entre tantas virtudes de Rey.

C A P I T U L O VII.

Do governo de D. Affonso V. até ao Conde D. Henrique , tronco dos Reys de Portugal.

Succedeo a feu pay em idade de cinco annos D. Affonso V. Principe Catholico , sabio , e valeroso ; virtudes todas , que deveo à fabia conducta , e consumada experiencia do feu tutor , e depois feu sogro o Conde D. Mem Gonçalves , Senhor de grande parte de Galiza , e Portugal. Nesta menoridade começaraõ os Christãos a dilatar os animos , a reparar as Praças , e o Infante Alboazar Ramires a ampliar as Conquistas. Em dous annos successivos , acompanhado de seus

Era vulgar. valerosos filhos D. Trastamiro, e D. Ermigio Alboazar, dos quaes descendem as illustres familias dos Amayas, Cunhas, Tavoras, e Teives, ganhou o Infante Alboazar Ramires as Provincias de Entre Douro e Minho, e da Beira com gloria do seu nome, e temor dos infieis.

Traçava a emulação, ao que parece, peçadas discordias entre os tutores do Rey, e o animoso Conde D. Froela, ou Frojaz Vermuiz, fiel Vassallo do seu Principe, e zelador da sua honra. Tomou a calumnia tanto corpo, que o Conde não se atreveo a soffrer as imposturas; porque a Nobreza de Hespanha, como diz Mariana, mais facilmente faltará à fé do Rey, que ao amor da reputação propria. Intentou D. Frojaz qualificar a sua innocencia, e remir a opiniaõ com as armas. Com os seus Vassallos se poz em campo, e no districto de Mafra desbaratou os Condes inimigos com valor de Portuguez picado. Não se diminuiu a perturbação com a victoria, antes cobraraõ nova alma as imposturas: porém no heroico Conde tambem avultaraõ mais as idéas. Com poderosas forças marchava o Rey D. Affonso a reprimir a rebeliaõ de Oviedo: o Conde augmentando as suas, o seguiu cortez, e destemido; em quanto Vassallo, obsequioso, como inimigo, afouto. Combatia o Rey a Cidade, quando o Conde appareceo com semblante de investir ao Rey.

Temeo D. Affonso o perigo; porque entre dous contrarios soberbos lhe era difficultosa a segurança, o damno certo. Mas lembrouse, que o Conde era Portuguez, e valeroso: mandou

dou continuar o ataque , como se não tivera em Era vulgar. campo tal inimigo. Suspendeo ao Conde a resolução ; mas penetrou a idéa : e com resolução gentil , propria da nação , desmentindo o motivo da sua chegada , baralhou o seu com o exercito do Rey ; e com impetuoso avance lhe rendeo a Praça. Incriveis proezas obrou àqui o brio bizarramente estimulado ; e quando o Conde começava a ser bem visto , com as poeiras do campo , ficou cego. Com as lagrimas dos seus olhos sentio o Rey esta perda ; e provada a magnanimidade fiel de tal Vassallo , testemunharaõ as grandes mercês a mudança do conceito.

Passaraõ alguns annos sem successo memoravel em Portugal até o de 1026 , em que nasceu o famoso D. Ruy Dias de Bivar , vulgarmente conhecido pelo *Cid* , nome que lembra aquelle héroico , e sobre todos agigantado valor , com que no seu tempo abismou o mundo. Nelle era D. Ruy Dias todo Portuguez , e Hespanhol , no sangue o mesmo.

No anno seguinte morreo o Rey D. Affonso do golpe de huma seta sobre Viseu , e subio ao throno D. Bermudo III. prudente , e generoso ; mas nas suas emprezas desgraçado. Foraõ muitas as alterações domesticas , e as discordias estranhas no principio deste reinado. D. Sancho I. Rey de Castella , affectou duvidas sobre os limites dos Estados ; D. Sancho III. Rey de Navarra , pretextou direitos sobre algumas terras , e a tudo houve de acodir D. Bermudo com as armas.

Em Portugal faziaõ guerra aos Mouros D. 1037.

Era
vulgar.

Thedom, e D. Raufendo, filhos de D. Hermi-
gio, e netos do Infante Alboazar Ramires. Ce-
lebre he nestas idades o encontro, que estes dous
Varões tiveraõ com os barbaros na manhã de S. Joaõ
junto às margens do rio Tavora. Dentro das suas
correntes peleijou, e venceo D. Thedom, em
quanto feu irmão fazia o mesmo em terra; e des-
te illustre feito tomaraõ armas, e appellido os
Senhores da grande Casa de Tavora, como em
outro lugar referimos. Neste anno perdeo a vida
o Rey D. Bermudo; porque havendo crescido as
desavenças entre elle, e feu cunhado D. Fernan-
do o Grande de Castella, vieraõ às mãos na ce-
lebre batalha de Lantade, aonde foy morto D.
Bermudo do golpe de huma lança. E como não
deixou filhos o Rey vencedor, que estava casado
com sua irmã Dona Sancha, unio o Reyno de
Leaõ ao feu dominio de Castella. Esta perturba-
ção animou os Mouros, e invadiraõ Portugal:
porém cahio sobre elles a vencedora espada de D.
Fernando, e depois de banhada em sangue na cam-
panha, penetrou a fortaleza de muitas Praças.
Badajoz, Evora, Béja, Merida, e a Villa de Cea
se lhe renderaõ successivamente. Em Viseu viu-
gou a morte de D. Affonso, e em hum temero-
so assalto a nada perdoou a colera; porque a obs-
tinação da defensiva, e a lembrança daquelle Prin-
cipe, fizeraõ obrar temeridades ao valor. Aqui
pagou o homicida de D. Affonso com huma mor-
te atroz o feu glorioso delicto.

Igual fim, com a mesma defensiva, teve a Ci-
dade de Lamego, de que era Senhor Zadaõ Iben,
poderoso Regulo. O sitio de Coimbra foy mais
por-

porfiado; porque em continuos ataques se passaraõ sete mezes, e faltando os provimentos, queria o Rey abandonar a empreza: porém os Monges de Lorvaõ, entaõ muy ricos, sustentaraõ o campo, e logrou D. Fernando a victoria, os Monges muitas merces. Dentro da Cidade armou o Rey Cavalleiro ao famoso Cid, já digno desta honra pelas suas grandes façanhas; e para dever muito a Coimbra, até nos seus campos nasceo o seu Cavallo Bavieca, taõ celebre nös anexins antigos pelas suas habilidades.

Mal soffreraõ os Mouros a perda de Coimbra, especialmente Benalfagi, Senhor de muitas terras na Estremadura. Com gentes numerosas veyo este barbaro levantar os muros de Monte mór o Velho, para daqui, com continuas correrias, infestar os campos de Coimbra. Acodiraõ o Rey, e o Cid para ganharem aos Mouros a nova força, que se rendeo naõ sem grande perda da nossa parte, e foy necessario para esta victoria apurar o Cid todo o seu esforço.

Carregado de triumphos, morreo o Grande D. Fernando, e deixou repartidos os Reinos por seus filhos. D. Sancho ficou com Castella, D. Affonso com Leaõ, e D. Garcia com Portugal. Brevemente se deshouveraõ os irmãos, e da divisaõ se originaraõ tristes discordias. D. Sancho se confederou com D. Affonso contra D. Garcia, que naõ suppunha em seus irmãos estas idéas; porque tendo trasplantada a authoridade no seu valido Verna, este com o seu parecer deu infaustos principios à guerra, calamidadés à patria. Era para a nobreza pezo intoleravel esta privança, yendo

Era
vulgar. vendo em hum homem todo o poder da Magestade, e a Magestade com hum simples caracter sem dominio. Naõ o soffreo o heroico Conde D. Rodrigo Frojaz, em tudo filho do grande D. Frojaz Vermuiz, e no valor taõ igual ao Cid Rodrigo Dias, que costumava dizer o Rey D. Fernando o Grande: *que outros Principes terião mayores dominios, mas que só elle merecera ser Rey de taes Vassallos, quaes eraõ os dous Rodrigos Portuguez, e Castelhana.*

Advertio D. Rodrigo ao Rey o prejuizo, que causava ao Reino aquelle valimento; e porque foy desattendida a proposta, entrou no Paço, que era em Coimbra, e à vista do Rey lhe matou o Privado. Porém a nova, de que seu irmão D. Sancho marchava contra elle, fez lembrar menos esta morte, que aquelle perigo. O Conde, que receava o que lhe poderia traçar a indignação do Rey, unido com seus irmãos, e outros muitos Senhores, estava já em Navarra prompto para passar a França. Mas como a honra comettia estas demasias em tempo, que os Principes necessitavaõ dos Vassallos, e em que os Vassallos só tratavaõ da reputação; o Rey D. Garcia, que havia mister tantas espadas de opiniaõ, e valor, rogou a D. Rodrigo se restituísse ao Reino; porque como seu irmão vinha acompanhado de D. Rodrigo Dias, elle naõ lhe sahia ao encontro sem a companhia de D. Rodrigo Frojaz.

Voltou o Conde a Coimbra, quando chegavaõ a ella com hum poderoso destacamento os Condes Castelhanos D. Nuno de Lara, e D. Garcia de Cabras. Determinou o Rey sahir contra elles em pessoa; mas D. Rodrigo o naõ consentio,

representandolhe, que a espada de hum Rey só com a de outro Rey se media. Elle com seus irmãos os Condes D. Pedro, e D. Bermuiz, tomou a seu cargo a empreza, e na batalha de Agua de Mayas deu boa conta dos inimigos. Morrerão aqui muitos Senhores Castellhanos não sem perda dos Portuguezes, e a troco do fangue de D. Rodrigo, que sahio mal ferido do encontro. Sentio o Rey D. Sancho a falta de tantos Grandes, e com gentes innumeraveis veyo sobre Coimbra despicar a affronta, e o damno. Não achou aqui a seu irmão, que se havia retirado a Santarem, para onde marchou em sua demanda. Assustou-se D. Garcia, vendo a desigualdade das suas forças; mas D. Rodrigo lhe advertio, que eraõ Portuguezas, e que elle, ainda que pouco saõ das passadas feridas, se offerécia com seus irmãos, e sobrinhos para a vanguarda.

Nos campos de Santarem se atacou a batalha, com tanto valor dos bizarros aventureiros, que rompendo o exercito contrario, arrastaraõ a bandeira Real, e deraõ em terra com o Rey D. Sancho, ao qual investio com a lança enristada D. Egas Gomes de Sousa seguido do Conde D. Rodrigo, que com suas mãos o prendeo. Seu irmão D. Pedro avisou ao Rey D. Garcia, que marchou a tomar entrega do prezo, e sentir a morte do Conde aberto em feridas novas, e rotas as antigas. Chegado D. Garcia, lhe entregou o Conde a seu irmão prisioneiro, dizendo: *Eu Senhor morro gostoso por vos deixar triumphante: para mim nada quero; lembrai vos destes Fidalgos Portuguezes, que se offerecerãõ à morte para vos livrarem*

Era vulgar.

1071.

Era
vulgar.

urarem de affronta. Em todos os vossos casos segui o seu conselho, não errareis ; porque assim elles , como os seus predecessores estimaraõ tanto a verdade , que nenhum queria a vida , aonde se aventurava a honra. Proferidas estas palavras , se lançou o Conde sobre o seu escudo , e beijando a Cruz da espada , acabou a vida aquelle coração impavido , hum dos mais magnanimos , que vio o mundo em todas as idades.

Justamente sentio Paulo Emilio a prisaõ de Perseo , Rey de Macedonia , receando , que no mesmo dia , e no mesmo theatro se mudasse a scena. Assim succedeo a D. Garcia ; porque lhe faltou a circumspecção de Emilio , e veyo a perder a confiança , quanto ganhara a valentia. Entregou o Rey a seu irmão prezo a alguns Cavalheiros de confidencia , e continuou em perseguir os fugitivos desmandado , e afouto. Entretanto o Rey D. Sancho , facodindo-se das mãos , que o guardavaõ , se unio com os seus , a taõ bom tempo , que com huma tropa de refresco , acodia o Cid ao estrondo da batalha. Novos alentos cobrou D. Sancho com tal soccorro ; e remettendo ao irmão , que se retirava victorioso , conseguiu desbaratallo. Ainda aqui foy taõ grande a nossa resistencia , que os dous irmãos , e sobrinhos do defunto Conde , ficaraõ mortos no campo para immortal gloria dos illustres Pereiras , seus descendentes. Tanto se trocarã as sortes , que D. Garcia foy prezo por seu irmão D. Sancho , e mais bem guardado , foy recluso no Castello de Luna ; aonde dizem que esteve toda a sua vida. Submitterã-se as nossas terras ao jugo do vencedor,

e tor-

e tornou Portugal a unir-se a Castella, até que morrendo estes dous competidores, seu irmão D. Afonso os herdou a ambos, e incorporou no seu Estado os Reynos, que seu pay desmembrara.

Poderoso D. Affonso VI. com a uniaõ de tantos dominios, empregou as suas armas sempre triumphantes contra os Mouros, e fez gloriosas conquistas, que não pertencem neste lugar à nossa penna, governando-se entretanto o Reino de Portugal por diferentes pessoas, até que o mesmo Rey o deu em dote a sua filha com titulo de Condado, para haver de casar com D. Henrique de Borgonha, glorioso Progenitor dos Reys Portuguezes, e elle verdadeiro Rey de Portugal.

R E S U M O

Do que contém este segundo Livro.

A Historia de Portugal desde o Nascimento de Christo até ao Conde D. Henrique, contém quatro Estados, a saber: o primeiro no governo de cincoenta e cinco Imperadores Romanos desde Augusto Cesar até Honorio I. por espaço de 408 annos. O segundo no governo dos Reys Alanos, e Suevós, que foram lançados do throno por Leovigildo, Rey dos Godos, por tempo de 173 annos. O terceiro no governo absoluto dos Godos, que começou em Leovigildo, e continuou por outros dezafete Reys até D. Rodrigo pelo discurso de 132 annos. O quarto no dominio dos Mouros, e governos de vinte e

Era nove Reys de Leão , e Castella desde D. Pelayo
 vulgar. até D. Affonso VI. que deu Portugal em dote
 ao Conde D. Henrique , o que comprehende o
 lapso de 358 annos.

COMPENDIO

*Das Batalhas mais memoraveis , que se derão
 em Portugal nos 1073 annos , que contém
 a historia do segundo Livro.*

- 410 **B** Atalha de Coimbra , na qual Ataces , Rey dos Alanos ,
 venceu a Hermenerico , Rey dos Suevos , unido com
 Gunderico , Rey dos Wandalos.
- 414 Batalha de Merida , aonde Ataces , Rey dos Alanos ,
 foy desbaratado por Constancio , General do Imperador Ho-
 norio , colligado com Walia , Rey dos Godos. Depois de
 obrar muitas gentilezas , foy morto nesta batalha o bravo
 Rey Ataces.
- 423 Batalha do Xenil , em que Rechila , Rey dos Suevos ,
 venceu , e matou a Andebalo , General do Imperador Va-
 lentiniano , que pertendia restabelecerse na Lusitania.
- 452 Batalha de Astorga , na qual Theodorico , Rey dos
 Godos , derrotou a seu cunhado Riciario , Rey dos Suevos ,
 e cortando-lhe depois a cabeça , poz da sua mão Reys em
 Portugal.
- 584 Batalha de Carcaffona , aonde o Lusitano Claudio ,
 General do Rey Recaredo , com trezentos homens fez em
 postas sessenta mil Francezes , que mandava Boffo , General
 do seu Rey Gunterano.
- 714 Batalha do Guadalete , na qual os Mouros , comman-
 dados por Tarif Abenzarca , e pelo Conde Juliao , derrotarao
 a D. Rodrigo , ultimo Rey dos Godos , a que se seguio o
 rendimento de Hespanha.
- 754 Batalha de Setuval , junto da qual desbaratou o Rey D.
 Fruela I. ao Mouro Aliaben Talif , havendo no anno antes
 ganhado outra em Galiza , em que morrerao setenta mil Mou-
 ros ,

ros, e o seu Commandante Omar, filho de Abderramen, Rey de Cordova. Eras
vulgar.

Batalha de Aledo, em que Abderramen foy vencido pelo Rey D. Bermudo I., e livre Portugal, e mais Reinos de Hespanha do infame tributo das cem donzelas. 789

Batalha de Benavente, na qual o famoso Bernardo del Carpio desbaratou a Omar, Rey de Merida, e o degollou por suas mãos. 811

Batalha de Val de Mouro, aonde o mesmo Bernardo fez em postas o exercito de Aliathan, Rey de Cordova. 812

Batalha de Coimbra, em que o Rey D. Ramiro I. des- troçou o exercito de Alhamar, Rey da mesma Cidade, e depois lhe tomou os lugares da Commarca. 824

Batalha de Monte mór o Velho, na qual o Abbade Joaõ passou á espada o exercito do Rey de Cordova, que mandava o vil Apostata Garcia Janhes, chamada Zulema, e natural da dita Villa.

Batalha na Estremadura, aonde D. Ordonho I. matou muita gente a Mahamet Rey de Cordova; mas ficaraõ os Mouros senhores do Campo. 850

Batalha do Porto, na qual D. Ordonho II. destruiu a Abderramen, Rey de Cordova, que sitiava aquella Cidade. 915

Batalha de Clavijo, em que o Rey D. Ramiro II. mil- lagrosamente soccorrido pelo Apostolo Santiago, derrotou a Abderramen com huma espantosa mortandade. Nesta batalha obraõ maravilhas os Portuguezes, e nella couberaõ a cada Christaõ, dizem que mil Mouros: parece encarecimento! 933

Batalha de Alcantanador, na qual o Conde D. Frojaz Vermuiz, unido com o Rey D. Bermudo II. matou cento e dez mil homens a Almançor, Rey de Cordova. 998

Batalha de Mafra, aonde o mesmo Conde D. Frojaz desbaratou aos Tutores do Rey D. Affonso V. os quaes per- tendiaõ malquistallo com este Principe.

Batalha junto ao rio Tavora, na qual ganharaõ dos Mouros huma celebre victoria os dous memoraveis Varões da Casa de Tavora D. Thedom, e D. Raulendo. 1037.

Batalha de Agua de Mayas, aonde o famoso Conde D. Rodrigo Frojaz venceu o exercito do Rey D. Sancho de Castella, que vinha contra seu irmaõ D. Garcia, Rey de Portugal. 1070.

Era Batalha de Santarem ganhada pelo Rey D. Garcia , na
vulgar. qual o Conde D. Rodrigo lhe entregou prezo a seu irmaõ o
1071. Rey D. Sancho ; mas morrendo o Conde , fugindo o prezo ,
e sobrevindo o Cid , no mesmo dia se perdeu D. Garcia , e fi-
cou prisioneiro de D. Sancho.

L I V R O III.

*Da Historia de Portugal na Europa ,
na qual se comprehendem todos os
reinados dos seus Principes desde o
Conde D. Henrique até D. Joseph I.*

C A P I T U L O I.

*Da vida , e acções do Conde D. Henrique , tron-
co dos Reys de Portugal : mostra se como o
titulo de Conde he nelle improprio ; porque
legitimamente foy Rey de Portugal.*

ENcontraõ-se na Historia dos primeiros Reys de Portugal innumeraveis absurdos , e nos embaraços da confusão tropeça em cada passo a diligencia ; porque não pôde valer-se da authoridade das Chronicas , que não as tem daquellas idades. Todo o ponto dos Portuguezes era obrar com tanto estrondo , que a magnificencia das suas acções servisse de immortal pregaõ a todo o mundo , communicadas , como em livro successivo , de pay a filho na perpetua escritura das tradições.

As

As Chronicas mais antigas de Portugal são a de Fernão Lopes, a de Ruy de Pina, e as de Duarte Galvão; escritas as ultimas no reinado de D. Manoel, e a primeira em tempo de D. Afonso V. centos de annos depois de haver Reys em Portugal. Todos estes Authores escreverão com pouca lição dos monumentos, e escrituras antigas, não seguindo mais luz, que a das tradições falsas, ou viciadas pelo ignorante vulgo. E com esta authoridade da plebe, enxerida nos ditos livros, beberão os nossos Portuguezes naquellas fontes infectas muitos tragos mentirosos, tomando pouco gosto às aguas da verdade. Porém o tempo, ainda que gastador das cousas, assim como he o melhor interprete das profecias, tambem he o mais exacto indagador da Historia; e as vistas de hoje descobrem muitas vezes, o que não alcançaraõ os olhos de hontem: sempre vê melhor quem vay diante. Nós porém para o assumpto, que tomamos de escrever a successão dos nossos Reys, fazemos eleição por bom principio de huma facilidade insolita nos outros Historiadores; porque evitando preludivs, duvidas, e debates de opiniões, que servem de canjar os juizos, e baralhar a narração, hiremos seguindo, especialmente nos pontos até agora duvidosos, hum fio sem encalho, prezo a huma grande lição, da qual esperamos com ventagem sahir menos offendido de tantos Minotauros, quantos se escondem no intrincado labyrintho da Historia Portugueza. E se os nossos Leitores encontrarem nella algumas novidades, que introduzimos com critica não vulgar; para que a sua se arme contra

Era
vulgar.

tra

Era vulgar. tra nós, ponderem primeiro as razões, com que pretendemos estabelecellas.

E porque a vida, qualidade, e mais circumstancias do alto Conde D. Henrique, he o Chefe de obra, que deve authorisar todo o corpo desta historia, para melhor percepção de todas ellas, trataremos os pontos até agora duvidosos em paragrafos distinctos; advertindo primeiro, que o Conde D. Henrique, com outros 1063. Principes da sua casa, veyo a Hespanha arrebatado dos desejos de ser famoso pelas armas. Reinava entao D. Fernando o Grande, e quando este repartio os Reinos por seus tres filhos, o Conde na adversa, e prospera fortuna, seguiu sempre a D. Affonso VI., e o acompanhou nas desavenças, que teve com seus irmãos, e nas guerras mais que nunca perigosas, em que se embaraçou com os Mouros; obrando tantas gentilezas em armas, que merecerao o premio de hum Reino famoso, e de huma alta Princeza.

§. I.

Pays, e patria do Conde D. Henrique.

Quasi quinhentos annos não soube Portugal quem era o tronco dos seus grandes Monarcas. Vergonhosa ignorancia em ponto de tao alto character! Todos os Escriitores antigos andarao nelle às apalpadellas; porque huns o faziao filho dos Reys de Hungria; outros, tomando a Cidade de Besuncio, que o Arcebispo de Toledo lhe deu por patria, pela de Bisancio, o tiveraõ por des-

descendente dos Imperadores de Constantinopla; e alguns o constituirão ramo das Casas de Lorena, e de Limburgo. Duarte Nunes de Leão, que acertou com a casa, errou inteiramente os individuos. Foy o Conde D. Henrique natural do Ducado de Borgonha, filho de Henrique, Duque de Borgonha, e da Duqueza Sibylla, filha de Renato, Conde de Borgonha: neto de Roberto I. de França, Duque de Borgonha: bisneto de Roberto, Rey de França: e terceiro neto de Hugo Capeto, cabeça dos Reys Capetingios. Na ordem do nascimento precederaõ ao nosso Conde seus irmãos Hugo I., e Guido I. Duques de Borgonha, e Roberto, Bispo de Langres. Com o sangue de tão altos Principes se illustra o nosso D. Henrique, e pela virtude propria ainda foy mais glorioso.

Era
vulgar.

§. II.

O Conde veyo a Portugal por Lugar-Tenente de D. Affonso VI., e casou com a Rainha D. Thereza: mostra se como esta Princeza era filha legitima do mesmo Rey.

Eraõ taes os serviços feitos pelo Conde à Coroa de Castella, que já a tardança do premio fazia suppor ingrata a Magestade. O Rey D. Affonso, que sabia avaliar merecimentos, pagou os de D. Henrique, dando-lhe o governo de Portugal; se he, que não tomou esta resolução para conservar a nossa gente mais satisfeita; suavizando-lhe a lembrança do seu proprio Rey D. Garcia

Era vulgar. cia com a authoridade, e virtudes de hum tal Principe; ou talvez intentando no seu animo deixar voluntariamente aos Portuguezes aquillo mesmo, que temia houvessem elles de obrar com a força; porque os povos, ainda que opprimidos dos Mouros, não tinhaõ perdido as inclinações, e lembravaõ-se, que a sua terra desde Tubal era Reino; que os seus Principes sempre por elles foraõ eleitos, e que os de Castella eraõ intrusos.

1093 Confirma este conceito a resolução, que o Rey tomou no anno de 1093, casando sua filha D. Thereza com o nosso Conde: e com a filha lhe conferio a soberania do Reyno, ou a parte que possuia de Portugal, que se dilatava além do Douro, e Minho, com o mais que conquistasse aos Mouros até o Tejo, e Guadiana. O modo porque Portugal foy dado em dote a esta Rainha, veremos adiante, quando mostrarmos, que ella, e seu marido foraõ legitimos Reys de Portugal; porque em primeiro lugar devemos fazer evidente, que a Rainha foy filha legitima do Rey D. Affonso VI., e não bastarda, como se empenhou em mostrar huma grande caterva de Escriptores. Teve o Rey D. Affonso seis, ou sete mulheres, entre ellas D. Ximena Nunes de Gusmaõ, mãy da nossa Rainha, a qual o Arcebispo D. Rodrigo, por mal affecto aos Portuguezes, faz concubina, e não mulher do Rey. Seguiu Duarte Nunes este parecer; mas reformou o, tanto que o seu coetaneo André de Resende lhe mostrou o original das antiguidades Lusitanas, aonde fazia menção de huma Chronica Castelha-

na, que elle tinha em seu poder, setenta annos ^{Era} mais velha, que o Arcebispo D. Rodrigo, e ^{vulgar.} critica, como se deve entender, no anno de 1175, em que ainda reinava D. Affonso Henriques.

Vejaõ os curiosos neste ponto o Catalogo das Rainhas de Portugal, e além das grandes razões, e fundamentos, que nelle expõem a vasta erudição do seu egregio Author, advirtaõ, se se faz crível, que huma Senhora taõ chegada ao sangue Real, qual era D. Ximena, neta do Infante D. Ordonho, houvesse de ser concubina de hum Rey, que naõ só recebeo muitas mulheres filhas dos seus Vassallos, mas até casou com a Moura Zaida, filha de Bem Hamet, Rey de Sevilha. O antigo uso de Hespanha naõ permitia, que se intitulassem Rainhas, ou Infantes as filhas de Reys, que naõ fossem legitimas: e como D. Thereza he assim chamada em muitas Doações, e Escrituras, evidente fica, que o fazia como legitima filha, que era do Rey D. Affonso. Nem he verosimil, que levando ella o mayor dos dotes, que seu pay deu às filhas segundas, sem contradicção dos povos de Hespanha, que se desmembravaõ, e dos de Portugal, que entravaõ em hum novo dominio, houvesse de o fazer a huma filha bastarda, ficando as legitimas deterioradas, e de inferior condição. Pelo que devemos assentar por sem duvida, que a Rainha D. Thereza foy filha legitima de D. Affonso VI. Rey de Leaõ, e Castella.

Era
vulgar.

§. III.

Mostra-se como o Conde D. Henrique, e sua mulher D. Thereza foraõ verdadeiros, e legitimos Reys de Portugal.

IRrisoria parecerá esta opiniaõ àquelles, que a qualquer discurso naõ vulgar daõ o nome de novidade: porém, ouvidas as razões em que nos fundamos, para o que he necessario fazermos huma breve recapitulaçaõ do que nos precedentes livros fica escrito, fará a critica sevéra judiciousa reflexaõ.

Temos visto nesta historia como os Portuguezes conservaraõ sempre o direito da liberdade, natural em todas as nações, de elegerem hum Rey, que os governasse, desde que Tubal povoou a antiga Lusitania. Depois nos invadiraõ os Gregos, os Tyros, os Celtas, ou Cartaginezes; e os nossos moradores se mostraraõ taõ zelosos da liberdade, que sem embargo das muitas guerras com aquellas nações, insistiraõ sempre protestando a violencia, com que a mayor força lhes opprimia os proprios arbitrios. Desbaratados os Cartaginezes, vieraõ substituillos os Romanos, que com o pezo das suas armas, intentaraõ sujeitar a livre ferocidade dos nossos animos; mas estes em innumeraveis encontros abateraõ a estroñdosa reputaçaõ do valor Romano; e para facodirem este violento jugo, elegeraõ os Apimanos, os Canchenos, os Viriatos, e os Sertorios, obedecendolhes voluntarios, porque os elegiaõ livres.

Se-

Senhorearão depois o mundo os Imperadores de Roma ; mas he constante em todas as historias o grande , e incessante cuidado , que sobre a nossa generosa corage tinha aquelle poderoso diadema. Só nos faltava eleger hum Rey na face dos Imperadores , os quaes , sem a effencia do dominio , por conta do caracter da reputação , se satisfaziaõ , com que a Lusitania se chamasse Provincia do Imperio. Com melhor fortuna vierão depois os Alanos , e Suevos ; porque juntamente com as armas , traziaõ sujeitos , taõ conformes aos genios Lusitanos , que os animos se lhes entregaraõ , e de acordo commum convidaõ na eleição de Reys Suevos , e Alanos , que os governassem , conferindo-lhes o dominio das terras , e das vontades ; porque à satisfação das suas foraõ sempre os Reys acclamados. Seguirão-se a estas nações a dos Godos , que vierão a Hespanha com permissaõ do Imperador Honorio , o qual temendo o pezo das suas armas sobre as Provincias do Imperio , os quiz acantonar nesta remota Regiaõ do ultimo Occidente. Na posse de tantos Reinos de Hespanha tinhaõ os Godos por mais gloriosa a de Portugal . e ainda que elle muitas vezes recaisse nas suas mãos por allianças , a eleição dos Reys sempre era dos Povos , que por fazerem obsequio àquelles Principes , esqueciaõ a instituição do Reino , por naõ alterarem a propriedade dos benemeritos. Por varios accidentes , que traz consigo o lapso do tempo , se mudaraõ os limites da Lusitania , já diminuindo-se os vizinhos , já ampliando se elles ; ou occupando outros Reinos parte das terras , que an-

Era
vulgar

Era vulgar. tes eraõ de Portugal , conforme prevaleciaõ as forças dos povos : porém entre todas as confusões , sempre Portugal ficou Reino separado , menor que o de Leaõ na grandeza , superior no esforço. O dominio dos Mouros parece que fez esquecer aos Portuguezes o antigo valor , que havia sido universal admiraçaõ da terra. Estiveraõ muito tempo sem Rey , que os animasse para facodirem o barbaro jugo ; mas despertando-os do seu lethargo as façanhas dos Hespanhoes , levantaraõ-se com valor igual ao primeiro ; uniraõ-se com os Reys de Leaõ ; e com a qualidade dos seus espiritos , augmentando as forças aos Leonezes , se empregaraõ em conquistas de notavel importancia.

He verdade , que os Reys de Leaõ se chamaõ Senhores das terras , que hiaõ ganhando as espadas Portuguezas ; porque os nossos , como naõ haviaõ entre si eleito Rey , pela natural competencia das nações , antes quizerãõ , com generosa contumacia , que os Leonezes ficassem com todas as conquistas , do que pôr em pratica a partilha igual dos frutos das suas victorias . E conquistado já quasi todo o Reino , os Reys de Leaõ se arrogaraõ huma authoridade dispotica ; dando-o humas vezes a seus filhos com as prerogativas de Reys , outras pondo nelle Governadores com os titulos de Condes , Principes , Vigarios , e Consules , sem que já mais perdesse Portugal o nome , e as razões de Reino.

Assim foy correndo o tempo , até que morrendo D. Fernando o Grande , se viraõ os Portuguezes sujeitos a hum Rey particularmente seu ,
o qual

o qual foy D. Garcia , e com este dominio novamente se exaltou o seu valor ; porém , tornando a unir-se os Reinos de Hespanha em D. Affonso VI. sentiraõ os Portuguezes , que violentamente se arrancaffe do seu throno a D. Garcia , que tinha entre elles o seu assento.

Era
vulgar.

Bem conheceo o Rey D. Affonso o nosso sentimento , e vendo que a oppressaõ naõ muda a inclinaçaõ dos povos , que sujeitos com violencia , necessariamente haõ de proromper em força ; para evitar hum desaire ao credito Real , casou sua filha D. Thereza , e lhe deu em dote o Reino de Portugal com titulo de Condado ; como se elle tivera authoridade para privar Portugal da dignidade de Reino. Nem obsta poder-se dizer , que chamando-se D. Affonso Imperador das Hespanhas , reservasse sobre Portugal aquella authoridade propria dos Imperadores nos Estados , de que daõ a investidura , ou o nomeasse em D. Henrique com algum tributo. E ainda que estas circumstancias podessem verificar-se , devemos entender , que o Rey D. Affonso penetrou muito bem a violencia , que se fazia aos Portuguezes , obrigando-os a reconhecer Rey estranho ; e para sustentar a soberania , que suppunha arriscada , com a força , arrancou da sua Coroa esta preciosa pedra , e a deu com sua filha a D. Henrique.

De tudo o que até agora temos dito se prova , que Portugal sempre foy Reino livre , e independente , e que dando o D. Affonso a D. Henrique em razaõ de dote , naõ podia fazello de baixo de outro titulo , senaõ daquelle , que a

Por-

Era
vulgar.

Portugal pertencia por direito; e como Portugal por direito era Reino, por esta doação ficou D. Henrique legitimo Rey de Portugal. O mesmo D. Henrique entendeu tanto a força da sua justiça, que nos annos antes do seu casamento, quando governava Portugal como Conde, se allinou sempre com este titulo; mas depois de casado, vendo sua mulher tratada como Rainha, o que consta de muitas memorias antigas, e das nossas Cortes de Lamego, começou o Conde a assinar-se só Henrique; e a Rainha, por quem lhe viera o Reino, para se igualar a seu marido, se assinava unicamente Thereza. Era esta Princeza huma Infanta legitima de Hespanha, e não deve capacitar-se algum juizo, que havendo de se lhe dar hum titulo para casar, fosse com abatimento da grandeza, e passasse de Infanta a Condessa, devendo subir à dignidade de Rainha, que só lhe competia, e por consequencia a de Rey a seu marido, em razão, e por força do dote, que com ella recebia para si, e seus successores.

Corrobora-se mais este discurso; porque a intrusão dos Mouros não destruiu a Portugal a prerogativa de Reino, nem o Rey D. Affonso o podia privar della; porque para se aniquilar tão importante direito, he necessario, que o Reino, sendo Vassallo, e tendo feito preito, e homenagem, cometta algum crime de lesa Magestade; e ainda neste caso deve preceder conhecimento juridico, e as solemnidades, que o direito requer em tão delicados negocios, para depois de sentença definitiva, se reduzir o Reino em Provincia.

Por-

Portugal não era Vassallo, nem tinha feito homenagem ao Rey de Leão; e no caso de haver tudo, não cometteo delicto, nem foy julgado traidor: tambem não foy conquista do mesmo Rey, antes arrancado violentamente a D. Garcia, já reconhecido, e aceito Rey pelos povos. Logo havendo D. Affonso de deixar o Reino, não o podia fazer fenaõ com o titulo, com que o tirou a seu irmão, e com que depois o possuio. De que legitimamente se segue, que dado o Reino em dote a D. Henrique, ficou elle seu verdadeiro Rey.

Era
vulgar.

Bem sabemos, que D. Henrique nunca cingio a Coroa, nem com elle se usaraõ aquellas solemnidades, que depois se praticaraõ com os seus successores já reconhecidos Reys. Mas para isto descobrimos duas razões, huma porque o Rey D. Affonso o não determinaria, e D. Henrique sem conhecimento expresso da sua vontade não quereria, em obsequio a seu sogro, intitularse Rey, e usar das insignias Reaes.

A outra razão, e a mais forçosa seria, porque os Portuguezes não quereriaõ reconhecer logo huma investidura, que procedia dos Reys de Castella, e pertenderiaõ conservar independente no Reino o direito da eleição dos Principes; conformando-se com a razão natural, divina, e das gentes, commua a todas as nações, sem se obrigarem a si, e aos seus successores por actos positivos, e solemnidades de juramentos a receber as successões dos seus Principes por hum modo hereditario.

Nem faz força poderse dizer, que os Portuguezes,

^{Era vulgar.} taguezes, por não repugnarem receber este Príncipe de mão alheia, os privou a elles da liberdade da eleição, e a D. Henrique da dignidade de Rey; porque os Portuguezes estavam nos seculos, em que se acclamavaõ Reys os melhores: e como a qualidade do sangue, e a grandeza do valor eraõ em D. Henrique huns como attributos de alta magnificencia, elles os moviaõ a mostrar-se gostosos no seu prudente, e animoso governo.

Era o principal projecto dos Portuguezes livrarem-se do jugo dos Mouros: e vendo que a espada de D. Henrique lhes restituia o seu Reino, foraõ soffrendo calados a suavidade do seu dominio, sem procurarem nelle novidades, até que morto D. Henrique, deixando em seu filho hum vivo exemplar das suas virtudes, observaraõ nelle os nossos a mesma igualdade nas idéas, e não lhes cabendo os corações no peito, nem suportando, que os seus Principes estivessem sem o publico reconhecimento da Magestade, que lhes era devido, o acclamaraõ Rey entre o som das caixas, e o estrondo dos instrumentos bellicos, à imitação dos seus antigos predecessores.

Seguia-se mostrarmos neste lugar as formalidades, com que o Rey D. Affonso VI. deu a D. Henrique o Reino de Portugal, se foy com alguma subordinação à Coroa de Hespanha, ou livre, e independente. Ambas as nações defenderaõ o seu partido, pertendendo os Portuguezes mostrar, que o seu Reino sempre fora absoluto; os Castelhanos, que lhes havia sido feudatario: porém os segundos houveraõ de se cal-

lar,

lar, quando sahio a publico o terceiro Tomo da Monarquia Lusitana, aonde o Doutor Brandaõ justificou a primitiva liberdade de Portugal. Era vulgar

Renovou-se esta contenda com a Acclamação de ElRey D. Joaõ IV., e entaõ se soltaraõ as pennas Castelhanas, escrevendo com mais insolencia, que justiça. Além do douto Joaõ Caramuel, e outros, vibrou a penna como lança D. Nicoláo Fernandes de Castro, e com a força das injurias entendeo estabelecer o seu direito: porém a seta voltouse contra a cabeça do sagitario, e o insigne Velasco de Gouvea lhe destruiu na sua Reposta os fundamentos, e abateo a soberba.

Fizeraõ ver os nossos Escriitores com claras demonstrações, que Portugal fora sempre Reino livre, e independente da Coroa de Castella, naõ obstante que os Castelhanos sempre affectassem esta pertençaõ, depois que viraõ a grandeza, a que Portugal se elevava. Nem a podiaõ ter em tempo de D. Henrique; porque entaõ era Portugal hum punho de terra calcado pelos Mouros, com hum dominio contingente, e sem meyoõ de pagar tributos, especialmente pela variedade dos successos da guerra. Depois a espada do Conde D. Henrique foy alargando as enlanchas do Reino: e como Portugal em tempo de seu filho D. Affonso Henriques se considerava com outras forças, o declarou logo Rey, e pedio a confirmação ao Papa. Entaõ se oppoz o Rey de Castella, pertendendo, que ou D. Affonso lhe pagasse tributo, ou cedesse do titulo; de sorte, que só porque tomava o titulo, pertendia o tributo.

Com effeito o Pontifice confirmou o titulo em
Tom. VI. Bb D.

Era vulgar. D. Affonso sem dependencia de Castella ; e nas Cortes de Lamego perguntou o Procurador do Rey aos Estados ; se queriaõ , que o seu Rey fosse às Cortes do Rey de Leaõ , e que lhe pagasse tributo , ou a alguma outra pessoa , não sendo o Pontifice , que o havia feito Rey pela confirmação do titulo ? Ouviraõ os Portuguezes taõ molesta proposta , que desembainhando as espadas , responderaõ valerosos : *Qua elles eraõ livres , e livre o seu Rey ; que se alguem em tal consentisse , morresse ; e que se fosse Rey , sobre elles não governasse*. Bem se vê desta proposta do Procurador , que os Portuguezes até entaõ não pagavaõ tributo a Castella , e que Castella entaõ o pertendia : porém a resolução Portugueza : que já naquelle tempo estava capaz de negar tributos , se na realidade os pagasse , mal se sujeitaria a pagar o que nunca deveo. E como Portugal sempre foy Reino , e sempre livre , depois de reconhecer por seu Principe ao Conde D. Henrique , ficou elle sendo seu legitimo Rey , e como tal deve ser introduzido no numero dos nossos Monarcas , ainda que não tivesse o titulo , nem usasse das insignias Reaes.

§. IV.

Vida , e acções do Conde D. Henrique depois de estar Senhor de Portugal.

1093. **S** Aõ taõ poucas as noticias , que temos das primeiras idades de Portugal , que percebemos por hum ecco de muito longe as prodigiosas façanhas , que infallivelmente havia de obrar o valor metti-

mettido em tantas occasiões. Desde o anno de 1093, em que D. Henrique tomou posse de Portugal, até o de 1112, em que morreo, sempre trouxe na mão as armas, e eraõ successivos os triumphos. Na batalha de Cordova acompanhou D. Henrique a seu sogro, e por suas mãos prendeo ao Rey Mouro, que pagou com a vida a morte, que na batalha de Ucles dera ao Infante D. Sancho. Depois desta expedição, dizem as nossas Chronicas, que D. Henrique passara à Terra Santa, pelo haver o Papa Urbano II. nomeado por hum dos doze Capitães da Cruzada, e que de lá trouxera ao Santo Varaõ Giraldo, que foy Arcebispo de Braga. Nós não nos accommodamos com esta opiniaõ; porque ainda que o catholico zelo do Principe intentasse a jornada, era impossivel que os povos, que ficavaõ expostos à furia dos Mouros, deixassem de lha impedir.

Era vulgar.

1097.

Tinha já D. Henrique a sua Corte na Villa de Guimarães, donde sahia a dilatar as conquistas, e invadir as terras dos barbaros, que foraõ vencidos em dezafete batalhas campaes. Os feitos de armas, que nellas se obrariaõ, fique à ponderação dos leitores, já que o empenho que os Portuguezes tinhaõ de obrar calados, nos roubou as memorias do passado, a elles a gloria do futuro. O mesmo silencio se encontra no cerco de Lisboa. Apenas sabemos, que D. Henrique, e o Rey seu sogro a ganharaõ aos Mouros, e que estes pouco depois a recobrarão. Taõ jornaleiras andavaõ entaõ as armas, que à manhã se perdia o que hoje se ganhava.

Gastava o nosso Principe com Deos o tempo, que o deixavaõ descancar as armas, edificando

1112.

Era
vulgar.

Templos, Mosteiros, e expiando Mesquitas, até que com setenta e sete annos de idade, morreo na Cidade de Astorga, de que antes de casar fora Conde: e ficaraõ os seus Vassallos sem o espirito do seu valor com os coraçõs partidos; porque o tenro Infante D. Affonso na idade de tres annos apenas dava meyo alivio à saudade. Foy trazido o seu cadaver à Sé de Braga, e collocado na Capella dos Reys, aonde esteve até o anno de 1513. no qual o Arcebispo D. Diogo de Sousa o trasladou, com os ossos da Rainha D. Thereza, sua mulher, para a soberba sepultura, que lhe mandara lavrar na Capella mór da mesma Sé.

Teve o Conde D. Henrique quatro filhos legitimos, que foraõ, a Infanta D. Sancha, mulher do Conde D. Fernão Mendes; a Infanta D. Urraca, que casou com o Conde D. Bermudo Peres de Trava; a Infanta D. Thereza, mulher de D. Sancho Nunes Barbosa, grande Senhor em Galiza; e o Infante D. Affonso Henriques seu successor, que nasceo em Guimarães a 25 de Julho de 1109. como consta do irrefragavel testimonho do livro da Noa do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, com o que, e com outros documentos de igual credito, que se tem descoberto, ficaõ destruidas todas as mais opiniões. Fóra do matrimonio teve a D. Pedro Henriques, ou Affonso, que depois de militar alguns annos debaixo das bandeiras do Rey teu irmão, passou a França, aonde tratou amizade com S. Bernardo, e voltando a Portugal, tomou o habito de seu Monge no Real Mosteiro de Alcobaga, e nelle jaz sepultado.

CAPITULO II.

*Das heroicas acções do invencivel D. Affonso
Henriques, I. Rey reconhecido de Portugal.*

CHegou a encontrar-se a penna com hum dos mais altos assumptos, tão grande na magestade, como arriscado pela confusão dos antigos, que deixaraõ pouco menos, que em segredo a prodigiosa vida do mais valeroso, do mais santo, e do mais magnanimo Monarca de Portugal: e entregue o magnifico caracter do seu credito à contingente corrupção das tradições. A esta delicada narração nos entregán.os depois de huma exacta averiguação das verdades, e verosimilidades descobertas a beneficio do tempo, e por força do trabalho. Os que tiverem lição das nossas Chronicas, ainda que aqui não encontrem disputas para condemnar os seus erros, veraõ no fio da narração, que fugimos dos absurdos, fabulas, e novellas, em que se precipitou a pouca exacção daquelles Escritores, ou a muita authoridade, que entre elles grangearaõ as vozes populares, e erradas.

Ficou D. Affonso de tres annos por morte de seu pay, administrando a Rainha sua mãy os negocios do Reino, que governou como seu dezaleis annos, e o largou ao filho na idade de dezanove, dous annos antes da sua morte. Por este tempo era Governador de Coimbra o Conde de Trastamara D. Fernando Peres de Trava, irmão de D. Bermudo Peres de Trava, que foy marido da Infanta D. Urraca. A este Conde fizeraõ muitos Escritores casado

Era vulgar. casado com a Rainha viuva D. Thereza, e com muita especialidade Manoel de Faria e Sousa, de passagem no seu Epitome, e muito de assento nas Notas ao Conde D. Pedro, aonde o não dá menos, que por infallivel. Este casamento supposto he hum dos pontos mais principaes, e importantes para se desterrarem da historia do Rey D. Affonso Henriques os fabulosos contos, que lhe introduzio a ignorancia, ou a imprudente credulidade; porque mostrada a falsidade do dito matrimonio, ficaõ evidentes por legitima consequencia outras muitas, que se encontraõ em varias passagens, como saõ, a prizaõ da Rainha D. Thereza por seu filho ña guerra, que lhe fez, e ao padraõto; a maldiçaõ, que ella lhe deitou; o conto do Cardeal, que veyo de Roma excommungar o Reino, e o Rey quiz matar; os soccorros, que o Rey de Leaõ deu à Rainha sua tia, e a guerra, que teve com seu primo; e finalmente, que Egas Moniz fora com sua mulher, e filhos, nus, e atados com cordas, dar satisfaçaõ ao Rey de Leaõ; porque o Rey D. Affonso não quiz convir na tregoa, que elle em seu nome lhe propuzera, com outras patranhas desta gerarchia.

Todos estes casos foraõ producções do segundo chamado casamento da Rainha D. Thereza com o Conde de Trastamara. Os casos, ou a mayor parte delles, sim foraõ verdadeiros, mas succedidos em Castella, e imputados pelo povo a Portugal pela identidade dos nomes das pessoas, que nelles fizeraõ figura; pela semelhança dos empregos, que tinhaõ huns, e outros; e pela formalidade das circumstancias, de que se revestiaõ, como se póde ver na Chronica de Duarte Nunes de Leaõ;

pag. 24. O casamento foy falso, e par tal conven- Era vulgar.
cido pela severidade do Doutor Brandaõ no tercei-
ro Tomo da Monarquia Lusitana, pelos fortes ar-
gumentos de Duarte Nunes, e pelas concludentes
razões do doutissimo Padre D. Joseph Barbosa no
Catalogo das Rainhas; os quaes, apontando ir-
refragaveis documentos, destruiuão a authoridade
apaixonada de Manoel de Faria, e a dos mais que
elle seguiu. Provada por estes grandes homens a
falsidade do segundo casamento da Rainha, e des-
mentidos os successos da imaginada guerra de Leaõ,
que era o proemio da vida deste Rey; importa-nos
seguir o fio da sua historia, evitando mais trope-
ços.

Venerou, e estimou sempre D. Affonso Hen-
riques à Rainha D. Thereza com o respeito de fi-
lho. Ella se occupava na administração dos nego-
cios civis; elle de doze annos se empregava no ex-
ercicio das armas, que o pay lhe deixara por heran-
ça, e elle amava por inclinação. A primeira em-
preza, em que o seu valor mostrou o que já era,
dando esperanças mayores do que havia ser, foy
a defenfa de Coimbra, naquelle prolixo cerco, que
com trezentos mil homens lhe poz o Mouro Eujuni.
Huma grande peste obrigou os Mouros a levantar
o campo, mas já antes lhes fazia ver a espada
de D. Affonso a impossibilidade da victoria.

Crescia D. Affonso em annos, em espiritos,
e em forças. Ainda os primeiros não eraõ muitos,
já os segundos eraõ grandes, e as ultimas tama-
nhas, que nunca deu golpe menos que mortal,
e em sua vida deu muitos. Não lhe soffrendo o ani-
mo estar ocioso, sahio de Coimbra com forças, a
que

Era
vulgar.

que o seu coração fazia grandes. Apareceo nos campos de Leiria, logo sobre os muros foy a primeira vez, que tirou da espada para offender, e eraõ poucas as vidas para tantos golpes. D. Affonso, que sempre julgou as suas victorias devidas mais aos auxilios do Ceo, que às forças dos braços, deu a Deos as primicias dos seus triumphos, fazendo doação de Leiria a S. Theotonio, Prior de Santa Cruz. Antes de se recolher à sua Corte, passou por Torres Novas: e como se bastasse só a vista para render praças, à sua chegada se lhe abrião as portas. Com o gosto destas conquistas voltou a Coimbra; mas já a idéa não lhas propunha grandes, porque traçava o seu juizo outras mayores.

139.

Nove annos havia, que D. Affonso era absoluto Senhor de Portugal por morte da Rainha D. Thereza: e occupado dos desejos de dilatar o seu Reino, parecendo-lhe, que dominando a Provincia do Alemtejo, os Mouros, que ficavaõ no interior do Reino, facilmente se hirião rendendo; determinou emprender esta arriscada conquista, em que tinha pela mayor façanha a ruina do Rey Ismar. Com onze, ou treze mil homens sahio D. Affonso de Coimbra para tamanha empreza. Na primeira jornada lhe morreo o seu Ayo Egas Moniz, perda sensível pelo valor, pela fidelidade, mais pelo conselho. Com fortuna prospera foy o nosso Principe entrando pelas terras inimigas até chegar ao Campo de Ourique, glorioso theatro de humas mais heroicas façanhas, que se viraõ no mundo.

Junto à Villa de Castro Verde, no sitio a que
cha-

chamaõ Cabeça de Rey , o esperava Ismar com outros vinte Regulos , cinco delles Reys poderosos , chamados pelos Cacizes para a defenfa do Alcoraõ , e rodeados de taõ innumeraveis gentes , que ainda entaõ ficou mais mentirofa a refraççaõ nos horizontes. Desmayaraõ os nossos ao espanto desta vista , e temeraõ as espadas dos Mouros , se naõ por valerosas , por muitas. Mas o Principe impávido , chamando o coraçãõ para a lingua , e os pulos da alma para o rosto , representou aos seus : Que aquelles barbaros eraõ os mesmos tantas vezes vencidos pelos seus mayores , dos quaes herdaraõ com o mesmo sangue igual valor : que se os espantava o numero , deviaõ ponderar o excessõ , que elles lhes levavaõ na qualidade , e que o tumulto nunca ganhou victorias : que aquella multidaõ , ou vinha violenta , ou era mercenaria , amiga da guerra , inimiga do combate : que elle seria o primeiro nos perigos , para que ninguém temesse a morte , aonde o Principe arriscava a vida ; e que se naõ atrevia animar para a batalha huma gente , que se chamava Portugueza.

Era
vilgar.

O espirito de valor , que sahia pela boca do Principe , communicou nova alma aos Soldados. Já naõ cabiaõ no peito os corações , e os semblantes , entre alegres , e féros , mostravaõ a promptidaõ , com que a fortaleza os offerecia valentes à peleija , gostosos à morte. Descançou o campo a noite , e cuidava o Principe nas representações do dia ; esforçado Eneas , que vigiava o tempo , que os Soldados dormiaõ. Era a causa de Deos , e do Ceo veyo a Affonso o conforto. Leo na sagrada Historia a grande victoria de Gedeãõ sobre os Ma-

Era vulgar. dianitas ; e pondo os olhos da alma no Senhor dos Exercitos , o desafiou com a cegueira da fé viva , para que désse soccorro semelhante a huma causa em nada differente.

Recoftou-se D. Affonso sobre o livro , e sonhou o que depois vio ; porque o mesmo Ermitaõ representado o veyo chamar da parte de Deos , porque queria Christo fallarlhe. Sahio o Rey da sua tenda ao final da campainha ; e aberto o Ceo , lhe appareceo aquelle Senhor crucificado , affistido dos Cortezãos da Gloria , promettendo-lhe a victoria , o Reino , a successaõ , e a piedade daquella gente sua , e de Deos , predefinida para levar o nome do Senhor às Nações estranhas , com as armas , que tremolando nos seus Estandartes , haviaõ ser terror do Mahometismo em todas as partes do mundo.

Amanheceo o mais formoso , e fausto dia de quantos vio Portugal. O rosto do Principe , animado com o auxilio Divino , resplandecia como Sol , que desterrava dos corações as nuvens do passado medo. Já o valor impaciente não soffria as dilacões da batalha ; e rodeando todos o supremo Chefe das suas armas , lhe pediaõ o conflicto ; mas que antes do ruido das caixas , e do tinir das espadas , ouvifse os brados dos corações , que já em mudos rumores o acclamavaõ Rey. Não quizera Affonso esta honra sem a merecer com a victoria : mas como feriaõ Portuguezes os que acclamavaõ , se não attendessem nas esperanças dos seus Principes o mesmo , que os outros respeitaõ , porque chegou a ser possivel ? Reconhecido Rey , entrou D. Affonso no conflicto , e poz-se na vanguarda para animar os seus

com.

com a vista, e com o exemplo. Elle foy o que rompeo a batalha, e do primeiro bote de lança deu em terra com o Mouro, que lhe ficava mais visinho. Era vulgar.

O ruido das armas, a vozeria dos Mouros, e o estrondo dos instrumentos erra horror, confusão, e espanto. O Rey se achava em todos os lugares de perigo, e os que não podiaõ animarse ouvindo-lhe as vozes, tomavaõ alentos com o ver esgremir a espada. Os Capitães D. Pedro Paes, D. Diogo Gonçalves Valente, D. Lourenço Viegas, Mem Rodrigues, e seu irmão Martim Moniz, filhos de Egas Moniz, obravaõ tantas maravilhas, que os Mouros os olhavaõ com espanto, os nossos com inveja. Dos casos de taõ formoso dia seja panyrista o discurso, já que o tempo nos roubou as memorias, mayores applausos o descuido. Depois de seis horas de porfiado combate conseguimos huma gloriosa victoria. Morreraõ muitos da nossa parte, e tantos dos Mouros, que as ribeiras visinhas levarãõ ao Guadiana novas correntes, e cores novas; sendo o dia 25 de Julho, tempo em que o calor tem já usurpado aos campos as humidades. Foy o despojo igual à victoria, os prisioneiros à proporção dos mortos, e entre elles alguns Mozarabes, descendentes daquelles Christãos de Valença, que trouxeraõ os ossos de S. Vicente para o Promontorio Sacro.

Muito os estimou o Rey por esta noticia, que os Mozarabes lhe deraõ: e depois de deixar em Coimbra composto o Escudo das Armas de Portugal, de que já fallamos, desejou possuir as sagradas Reliquias, que em pessoa veyo buscar ao Algarve. Não as descobrio o Rey nesta jornada; por-

Era
vulgar. que ainda Lisboa, que lhes havia dar magestoso
tumulo, estava em poder dos Mouros.

1140. O Rey Ismar, que não acompanhou na morte aos outros Reys seus alliados, com as reliquias da batalha cahio sobre Leiria, e a tomou: porém El Rey D. Affonso logo a restituio, e D. Theotónio, sentido de perder a Villa, que o Rey lhe dera, com muita gente entrou pelo Alentejo, e ganhou a de Arronches.

1146. Tendo já D. Affonso hum Estado grande, quiz deixar successores, que o possuíssem, e casou com D. Mafalda, filha de Amadeo III. Conde de Saboya, e Moriana, e da Condessa Mafalda de Albon: porém não lhe permittindo o zelo santo ter ociosas as armas, empredeu a generosa idéa de surprender Santarém, empreza, que se difficultava pela grandeza da Villa, pelo inexpugnavel do sitio.

1147. Com poucos, mas alentados Cavalleiros sahio o Rey de Coimbra, e chegou à ferra dos Albardos pensativo, e determinado. Aqui lhe lembrou seu irmão D. Pedro os prodigios, que o Servo de Deos Bernardo fazia em França. El Rey prometteo de lhe fundar hum Mosteiro, e darlhe toda a terra, que dalli via até o mar. No mesmo ponto S. Bernardo, que estava em Langres, chamou dous Monges, e os mandou pôr a caminho para Portugal: porque ao voto do Rey se seguio a victoria, a esta a satisfação da promessa, e fundou Alcobaça.

Seguiaõ-se humas a outras as victorias: rendeo-se Mafra, logo o forte Castello de Sintra; mas El Rey não se satisfazia sem ganhar Lisboa, conquista tão util, e arriscada, como gloriosa, e hon-

honrada. Da Serra de Sintrã mandava ElRey a Lisboa os desejos, ao mar os olhos, quando descobrio huma frota de cento e oitenta velas, que destroçada vinha tomar terra não longe daquelle monte.

Mandou ElRey reconhecer as nações, saber o numero da gente, e especular o intento da viagem. Era este guerra santa; quatorze mil os alistados; Inglezes, Alemães, e Francezes todos; seu General Guilherme de Longa espada, e Capitães illustres Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel, e Guilherme de Corni. Attribuio ElRey a mysterio a casualidade; convidou os hospedes para a empreza, que projectava, e então lhe seria mais facil; porque obraria o valor prodigios na competencia.

Foy cercada Lisboa, pelo Rey da parte donde está o Convento de S. Vicente, e pelos Estrangeiros da banda do de S. Francisco. Durou o sitio cinco mezes, obstinando a presumpção da defenſa a porfia do assedio. Deraõ-se assaltos espantosos, combates horrendos; porém em mudo silencio passão os nossos Escritores as particularidades de tão glorioso cerco. Por satisfeita se daria a nossa ancia, se esta mudez fosse modestia; porque para o merecido louvor de tão heroicos feitos era desigual qualquer penna. No dia 20, ou 25 de Outubro se rendeo a praça depois de hum combate, em que morrerão duzentos mil Mouros.

Ao estrondo desta conquista tremeraõ as praças da Estremadura: com successivos triumphos as foy ganhando o Rey victorioso. Passou o Tejo com a mesma fortuna: rendeo Alcacere, Serpa, Moura, e toda a terra até Béja. Seis annos continuos du-

Era
vulgar.

1147.

Era
vulgar.
1153. durou esta guerra até o de 1153; mas a memoria das gentilezas, que nella se obraraõ, ficou enterrada com os cadaveres nos nossos campos.

1157. Foraõ contrapezados tantos triumphos com a morte da Rainha D. Mafalda, cuja piedade ainda resplandece nas sagradas paredes, que levantou. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

1162. Naõ tinhaõ socego as nossas armas. Sabemos, que Fernaõ Gonçalves tomou Béja com hum estratagemas. O famoso Giraldo Sem pavor fez o mesmo a Evora, e com esta honrada cavallaria expiou os delictos passados, ganhou a graça do Príncipe, a opiniaõ dos homens.

1139. Dezejava ElRey senhorear Palmela, logo que acabou de render Cezimbra. Com sessenta lanças marchou a informar-se da fortaleza do sitio, quando o Rey de Badajoz com sessenta mil Infantes, e quatro mil Cavallos appareceo à vista do Rey, que naõ observou tanto o numero, como a defordem. Fiado nella resolveo atacallos; à resolução seguiu se a peleija, a ella a victoria. Se Portugal imitara a Grecia, e Roma nos seus Fastos, que Epinicios ouviriamos deste triumpho! Dizem os nossos Chronistas, que se rendeo Palmela.

1169. Vendo-se D. Affonso senhor de hum Reino grande, pedio ao Papa Alexandre III. lhe confirmasse o titulo de Rey, como lhe foy concedido a 23 de Mayo, com o tributo para a Igreja Romana de dous marcos de ouro, que os Portuguezes nunca pagaraõ.

Alguma vez se haviaõ mostrar os Fados adversos a hum continuo Vencedor. Diversos motivos daõ as historias ao rompimento do nosso Rey com seu

seu genro o de Leaõ. Ou fosse pelo repudio de sua filha D. Urraca, ou pela quebra, que os Portuguezes tiveraõ em Galiza, aonde foraõ vingar a má visinhança, que lhes faziaõ os Leonezes, El-Rey D. Affonso entrou por aquelle Reino triunfante; e não lhe esquecendo os Mouros, veyo dar sobre elles em Badajoz, tomando esta Cidade.

Era
vulgar.
1179.

Seguia o seu genro D. Fernando, e querendo mostrar-se-lhe D. Affonso, ao sahir da Cidade, quebrou huma perna no ferrolho da porta. Com grande respeito do Rey de Leaõ foy prezo o de Portugal; obrigado a entregar-lhe as Praças de Galiza, e constangido a prometter-lhe, que em tendo capacidade para montar a cavallo, hiria assistir às Cortes de Leaõ. Restituído o Rey ao seu Estado, andou sempre em carros; arbitrio, com que manteve a integridade da palavra Real, e a regalia da liberdade do Reino.

A noticia da fatalidade succedida a D. Affonso na idade de setenta annos, animou a Albojaque, Rey de Sevilha, para o vir cercar em Santarem. Não soffreo a affronta de se ver sitiado aquelle espirito heroico: os impulsos do brio lhe deraõ pés, ou azas os impetos da alma: sabio, vio, e venceu; e taõ depressa, que não deu lugar a que lhe ferysse o soccorro, com que já chegava o Rey de Leaõ. Em todas as occasiões imitou D. Affonso a diligencia de Cesar, e a promptidão de Alexandre: caminhavaõ as suas armas ao passo da fama, o seu valor com o curso do Sol.

1181.

Não se contentou El-Rey com a victoria, e ideou mayor satisfação à sua queixa. Tinha já El-Rey hum filho, que tambem o era das suas obras.

To-

Era vulgar. Tomou este à sua conta o despique, e cõm espanto da Mourisma Hespanhola appareceo D. Sancho sobre Sevilha, aonde depois da perda de Hespanha, já mais foraõ vistas armas christãs. Rompeo-se a batalha entre os dous Campos, ambos por injurias grandes estimulados. Com o grande numero opprimiraõ os Mouros ao Infante; mas às vozes, que proferia, e à constancia, com que peleijava, acodiraõ os seus como Leões. Apertouse mais o conflicto; foy arrastado o Estandarte de Sevilha, e postos os Mouros em fugida, entraraõ os nossos de envolta com ellés por Triana. Correo sangue o Guadalquivir, por Hespanha o ecco da victoria.

Pelo mesmo tempo entrou em Portugal Gami, Rey de Valença, e foy dar sobre Porto de Moz, que defendia D. Fuas Roupinho, aquelle valeroso Fidalgo, que descobrio a Imagem da Senhora de Nazareth, escondida pelo Rey D. Rodrigo, e lhe mereceo tantos beneficios. Brevemente foraõ os barbaros desbaratados pela sua espada, assim como as Galés, que infestavaõ a Costa de Lisboa. Poucos annos depois, em outro combate naval, acabou este bizarro Cavalleiro com a gloria de Martyr, e valeroso, ultimo dos favores, que deveo ao Ceo a sua piedade.

1184.
1185. No ultimo anno da sua vida, para morrer com alentos de luz, colheo o nosso Rey a mais gloriosa palma dos seus triumphos; porque o Miramolim de Marrocos, acompanhado de treze Reys, e de gentes taõ valerosas, como muitas, veyo vingar a affronta, que os seus receberaõ do Infante D. Sancho, ao qual sitiou em Santarem, estando seu pay em Coimbra. Defendeo-se o Infante cinco dias

dias dentro de hum palanque com desmedida cora-
ge; e não sey se foy mais gloriosa esta resistencia,
do que de pois a victoria. Era
vulgar.

Desmayaraõ os Mouros com a nova, de que o Rey com marchas forçadas vinha acodir à prenda da sua alma. Sahio o Infante da Villa, quando o pay appareceo no campo; e conjecturamos pelo destroço qual seria o furor desta batalha. Legoa de terra ficaraõ juncadas de cadaveres: morreraõ varios Reys, entre elles o Miramolim na passagem do Tejo das muitas feridas, que recebeu: para a grandeza dos despojos faltou a cubiça; todos os Soldados ficaraõ ricos, os Principes gloriosos.

Foy esta a ultima façanha de D. Affonso Henriques: outras infinitas nos occultou o tempo. A mesma fatalidade tiveraõ as daquelles Heróes, vivas copias da primeira idéa. Entre alguns, de que a fama nos deixa ouvir os nomes, tem distincto lugar Gonçalo Mendes da Maya, pelas suas continuas expedições chamado o *Lidador*. Tanto imitou este Heróe ao seu Principe, que até no ultimo dia da vida, para acabar vencendo, ganhou duas victorias. Morreo nas mãos da ultima satisfeito, porque deixou o seu sangue bem vingado.

Este foy o bravo Rey, que formou o Reino, ganhando palmos de terra a troco de sangue: este o guerreiro Principe, que coberto de ferro na campanha aterrava os corações, e com huma sobrepe-
liz de Conego em Santa Cruz edificava a piedade: este foy o grande D. Affonso Henriques, taõ amante de Deos, que em honra sua fundou cento e cincoenta Mosteiros com grandeza, e magnificencia

Real ; sagrados padrões da sua Religião , e immortaes monumentos da sua gloria.

Era
vulgar.

Fundou as Ordens Militares , que já escrevemos ; para as Reliquias de S. Vicente , que levou do Sacro Promontorio , edificou em Lisboa o Mosteiro do seu nome : abateo a arrogancia de trinta Reys barbaros , até que carregado de triumphos , e merecimentos , aos setenta e seis annos da sua idade , cincoenta e sete de governo , e quarenta e seis de reinado , a 6 de Dezembro de 1185, vivendo justo , morreo Santo. Jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Ainda que na Chronologia de Portugal nomeámos os filhos dos Reys , como não fizemos mais que escreverlhe os nomes , necessitamos repetillos para tirarmos algumas duvidas , que a seu respeito se encontraõ na historia. De ElRey D. Affonso Henriques nasceraõ D. Henrique , que morreo minino ; D. Sancho , que lhe succedeo ; D. Urraca , D. Thereza , e D. Mafalda.

D. Urraca casou com D. Fernando II. Rey de Leaõ , e dissolveo se este matrimonio por authordade do Papa , pelo impedimento do parentesco , havendo já nascido delle D. Affonso , que depois reinou , e foy pay do santo Rey D. Fernando. D. Thereza , que era a segunda , foy mulher de Philippe I. Conde de Flandes , chamada pelos Flamengos Mathilde. D. Mafalda he assumpto de opiniões entre os nossos Escritores. Duarte Nunes nega (erradamente) que ElRey D. Affonso tivesse tal filha ; Manoel de Faria , e Pedro de Mariz não a nomeaõ ; e o Padre Francisco de Santa Maria com a pouca exacção , com que escreveu varios pontos do

do Anno Historico, diz assertivamente, que D. Mafalda casara com D. Ramon, Conde de Barcelona: Era vulgar.
 porém a verdade he, que de muitas Escrituras consta ser esta Princeza filha de D. Affonso Henriques, e dizem, que segunda na ordem do nascimento: que esteve contratada para casar com o dito D. Ramon, chamado depois Affonso, Rey de Aragoã, II. do nome; mas que o matrimonio não se effeituara, o que evidentemente se prova; porque não houve Conde algum de Barcelona chamado Ramon casado com Mafalda, senão o bisavô do supposto marido da nossa Infanta, o qual morreo muitos annos antes de ella ser nascida.

Sendo solteiro teve El Rey D. Affonso Henrique tres filhos naturaes, que foraõ, D. Pedro Affonso, Graõ Mestre da Ordem de S. Joã; D. Thereza Affonso, mulher de D. Sancho Nunes, avós do Conde D. Mendo o Sousaõ; e D. Urraca, que casou com D. Pedro Affonso Viegas, neto do seu Ayo Egas Moniz.

C A P I T U L O III.

Da vida, e acções dos Reys D. Sancho I., e D. Affonso II.

TRes dias depois da morte de D. Affonso Henriques foy acclamado Rey em Coimbra seu filho D. Sancho na idade de trinta e hum annos, e havia já dez, que era casado com D. Dulce, filha de D. Ramon Berenguer, XV. Conde de Barcelona, Principe de Aragoã. Foy D. Sancho chamado o *Povoador* pelo grande cuidado, que teve em

Era vulgar. povoar as terras do seu Dominio ; e como muitas das suas acções ficão referidas na vida de seu pay , só trataremos das que obrou depois de Rey.

Com obras magnificas começou este Rey o seu governo , e tendo já estabelecido o credito , agora segurou a reputação. Como estava em paz com os Mouros , tratou de cultivar os campos , de reparar as Praças , de povoar os lugares , e de enriquecer os homens. Dotou com profusa liberalidade as Ordens de S. Joaõ , do Templo , e de Santiago ; e dando tanto , morreo rico ; porque os Principes , se repartem como devem , tanto lucraõ , quanto distribuem.

1188. Porém estimulado , de que os seus povos o não deixassem ir à restauração da Terra Santa , conquistada pelo barbaro Saladino , sendo convidado pelo Papa Urbano III. para ao menos com as armas fazer companhia aos bellicosos Principes , que aceitaraõ a Cruzada , declarou a guerra aos Mouros. Com armas venturosas entrou por Andalusia , e recolhido a Lisboa , ferrou aquelle porto huma Armada das partes do Norte , que navegava para a Syria.

1189. Rogou D. Sancho aos Cruzados quizessem ajudallo a conquistar a Cidade de Silves , Praça entaõ famosa no Algarve , e seguro a tylo dos piratas de Africa. Prometteo-lhes todo o despojo , reservando para si só as paredes. Foy o cerco dilatado , a resistencia dura , o despojo rico , e para o Rey a gloria grande.

No mesmo anno o Miramolim de Marrocos , irmaõ do que morreo sobre Santarem , acompanhado dos Reys de Cordova , e de Sevilha , ou para

para vingar a morte do irmão , ou para reconquistar Silves , entrou por Portugal com quatrocentos mil Cavallos , e innumeraveis Infantes , que dividio em tres troços , e foraõ talando tudo com deshumana barbaridade. Tremeraõ os nossos campos com o pezo de tantas armas , especialmente o Algarve ; mas acodio o auxilio Divino , e adoecendo o Miramolim , houve de retirar-se. Foy esta invasaõ acompanhada de estupendas fatalidades , e parece que contra Portugal se conjurou a indignaçã dos Astros : com horrorosas tormentas se revolveo a terra , e o mar : era geral a esterilidade , formidavel a peste ; e para virem juntos todos os males , o Rey de Sevilha tornou a invadirnos , e com passo acelerado tomou Alcacere , e outras Villas.

As desavenças , que teve com seu genro o Rey de Leão , chegaraõ a manifesto rompimento : ganhou em Galiza a Cidade de Tuy , e outras Praças , que reteve no seu dominio. Mas não podiaõ chamar-se felicidades estas , que andavaõ acompanhadas de tantos infortunios. Morreo neste anno a Rainha D. Dulce : no seguinte houve hum eclipse total com tanta demora , que largo espaço do dia se converteo em noite elcura : foraõ consequencia sua , se houvermos de crer nestes fenómenos , grandes fomes , e continuas tempestades por tempo de seis annos.

Entre tantas calamidades não se esquecia D. Sancho de fazer guerra aos Mouros , sobre os quaes tomou a Praça de Elvas , ultima das suas acções militares. Com vida justificada teve morte gloriosa no dia 29 de Março de 1211 aos cincoenta e sete annos de sua idade , e vinte e seis de

Era vulgar.

1198.

1199.

1200.

1211.

de

Era de reinado. Jaz com a Rainha sua mulher no Mosteiro de Santa Cruz.
vulgar.

Os filhos, que teve, foraõ: D. Constança; D. Henrique, e D. Raimundo, que morrerãõ moços. A Infanta D. Thereza, que casou com D. Affonso IX. Rey de Leaõ, e depois foy Religiosa no Convento de Lorvaõ. O Papa Clemente XI. a collocou no Catalogo dos Beatos por Bulla de 23 de Dezembro de 1705.

A Infanta D. Sancha, Religiosa de Lorvaõ, aonde morreo a 13 de Março de 1229, e foy beatificada pelo mesmo Papa com sua irmã.

O Infante D. Affonso, que succedeo a seu pay, e nasceo em 23 de Abril de 1185, casou em vida de seu pay em 1201.

O Infante D. Pedro, que sahio do Reino desgostado de seu irmaõ, e passou ao Reino de Marrocos, donde trouxe as Reliquias dos Martyres. Foy Conde de Urgel, por haver casado com Aurembiaux, Senhora do dito Condado. Depois teve o Senhorio de Malhorca, que trocou por outras terras com D. Jaime o *Conquistador*, Rey de Aragaõ. Morreo, sem deixar filhos, em 1258.

O Infante D. Fernando, que no anno de 1211 casou com Joanna, Senhora do Condado de Flañdes. Este Principe foy muy bravo, e nas desavenças, que teve com Philippe Augusto, Rey de França, o prenderãõ os Francezes em huma batalha: S. Luiz lhe deu liberdade, e depois de fazer grandes serviços à Rainha D. Branca contra os Principes da Casa de Bretanha, morreo em Noyon no anno de 1233.

A Infanta D. Mafalda, que casou com Henrique

rique I. Rey de Castella em 1215, mas como tinha o mesmo impedimento de parentesco, que sua irmã D. Thereza com o Rey de Leão, foy como ella separada do marido, e acabou em Arouca santamente no anno de 1256, e neste Mosteiro jaz incorrupta.

Era
vulgar.

A Infanta D. Branca, Senhora de Guadalaxara, que faleceo em 1240, e foy trasladada para Santa Cruz.

A Infanta D. Berenguela, que foy mulher de Waldemaro II. Rey de Dinamarca, chamado o *Victorioso*. Este casamento he dado por sem duvida nas historias estrangeiras, ainda que a ignorancia dos nossos Authores affirme, que D. Berenguela morreo na flor da idade recolhida no Mosteiro de Loryão.

Sendo solteiro teve El Rey D. Sancho seis filhos bastardos, que foraõ, Martim Sanches, Conde de Trastamara; Urraca Sanches, mulher de Lourenço Soares; Thereza Sanches, que casou com D. Affonso Tello; Gil Sanches, Clerigo; Constança Sanches, e Ruy Sanches.

D. Affonso II., terceiro Rey de Portugal.

Succedeo a El Rey D. Sancho seu filho D. Affonso, II. do nome, e pela sua muita grossura chamado o *Gordo*. Tinha vinte e seis annos quando subio ao throno, e havia dez, que era casado com D. Urraca, filha de D. Affonso IX. o das Navas, cognominado o *Nobre*, e o *Bom*. Foy D. Affonso illustre entre os Principes de Hespanha, nas armas valeroso, nas virtudes exemplar, e seria per-

1211.

Era
vulgar. perfeito se arrastado da ambição , não perseguira
seus irmãos , fazendolhes culpa do pay os deixar
ricos.

Brotarão muitos escandalos estas discordias ;
os Infantes abandonarão o Reino ; suas irmãs fize-
rão-se fortes nos Castellos ; e houverão queixas ao
Papa , e ao Rey de Leaõ : este favoreceo-as com as
armas , aquelle defendeo-as com censuras ; mas o
tempo , deixando ouvir as razões , que articulava o
sangue , foy quem determinou este processo.

1212.

No anno seguinte à aclamação do nosso Prin-
cipe suspendia a guerra de Hespanha as atenções
do mundo , e convidava os Principes Catholicos da
Europa a vir mostrar-se Christãos , e valerosos. Mui-
tos foraõ os que se acharão na memoravel jornada
das Navas de Tolosa , menos o nosso D. Affonso por
motivos , que sendo Sacramentos de Reys , a to-
dos se escondem. Mas para que os outros Principes
o não tivessem por inferior no esforço , declarou a
guerra aos Mouros.

Occupado destes pensamentos estava o Rey
em Lisboa , quando pela sua barra entrava huma
grande Armada Septentrional , que demandava a
Terra Santa. Tanto nos estima Deos , que as forças
destinadas à restauração dos lugares , que elle pi-
zou feito homem , se vinhaõ empregar na nossa de-
fensa

Acompanhado das gentes estrangeiras , e de
vinte mil Portuguezes , marchou o Bispo de Lis-
boa Matheus a sitiar Alcacere. Foy tanta a resisten-
cia dos cercados , que deu tempo a que chegassem
em seu socorro os Reys de Cordova , de Sevilha ,
de Jaem , e de Badajoz. Cobriraõ-se todos aquelles
con-

contornos de turbantes, de pavor os corações dos nossos, e cresceu a confusão depois do primeiro ataque; porque cedeo ao numero o nosso esforço.

Sem duvida abandonaramos a empreza, se o animoso Bispo não obrigara com razões vivas a fazer vermelhos os covardes, amarelos os valerosos. Atacouse no dia seguinte huma desigual batalha, e às mãos da porfia, entre milhares de barbaros, acabaraõ a vida dous Reys. Ganhámos a victoria sem fazermos prisioneiros: ficaraõ no campo com os despojos trinta mil mortos, a Praça no jugo dos vencedores.

Triunfos semelhantes conseguio o nosso Rey em pessoa dos mesmos inimigos. Foy grande a batalha de Elvas, aonde os Reys de Sevilha, e Jaem viraõ passar à espada a flor das suas tropas; mayor a de Serpa, e Moura, de que apenas escaparaõ testemunhas do seu damno. Mas se Alexandre justamente sentia faltarlhe hum Homero para panegyrista das suas façanhas, com mais razão devemos nós lamentar, que o nosso D. Affonso não tivesse ao menos huma ordinaria penna, que com rasteiros voos tiralle do cáos do esquecimento as magnanimas gentilezas do seu espirito.

Feliz foy o seu reinado em hum Seculo de Santos. Abismavaõ a Italia as virtudes de hum Francisco; resplandecia em Hespanha, entre os melhores Gusmões, hum Domingos; e se o primeiro nos mandou de Marrocos os ossos de Santos mortos, levou-nos da nossa Lisboa em Antonio hum Santo vivo, e em vida Santo. A familia Real era hum Seminario de virtudes: em cada filho gerou D.

Era vulgar. Sancho hum Santo, fructos correspondentes à bondade da arvore.

1223. Morreo El Rey D. Affonso em Coimbra de trinta e oito annos de idade, e doze de governo, a 25 de Março de 1223. Sobreviveo tres annos à Rainha sua mulher, com a qual jaz no Mosteiro de Alcobaça. Os filhos, que deixou, foraõ os seguintes.

D. Sancho seu successor, que nasceo a 8 de Setembro de 1202. O Infante D. Affonso, Conde de Bolonha, depois Rey de Portugal, que nasceo a 5 de Mayo de 1210. A Infanta D. Leonor, que casou com Waldemaro III. Rey de Dinamarca. O Infante D. Fernando, chamado o Principe de Serpa, que casou com D. Sancha Fernandes de Lara, filha do Conde D. Fernão Nunes de Lara, Alferes mór de Castella.

C A P I T U L O IV.

Da vida, e acções dos Reys D. Sancho II. D. Affonso III. e D. Diniz..

FAtalmente confundiraõ os nossos Escriitores o principio, progresso, e fim da vida de El Rey D. Sancho II. Não tomaremos o trabalho de nomear os Authores, que erraraõ, e iremos seguindo a verdade sem disputas. Nasceo D. Sancho a 8 de Setembro de 1202, e não nas diferentes Eras, que disseraõ Authores pouco miudos.

A sua vida nas historias he taõ indigna de Principe, como ridiculo o vestido, com que as pennas lhe pintaõ feita farça a Magestade. Até os Escriitores Francezes, guiados da cega luz das nos-
fas

fas Chronicas, fazendo parallelo entre o coração deste Principe, e de sua chamada mulher D. Mecia Lopes de Haro, dizem, que o delle fora excessivamente baixo, e o della notavelmente alto. Era vulgar.

Chamaraõ a D. Sancho o *Capello*, e com este nome naõ só profanou a ignorancia o sagrado do habito, mas com elle denotava a calumnia, com injuria da Magestade, o abatido espirito, e indigna frouxidaõ deste Monarca; naõ havendo para este nome mais motivo, que o piedoso costume daquellas idades. Porque florecendo nellas o grande Patriarca S. Francisco, e estabelecendo a sua Terceira Ordem, as pessoas, que a professavaõ, traziaõ da parte de fóra o Capello do habito, o que depois prohibiraõ os Capitulos geraes. Naõ se desprezavaõ os Principes de authorizar a magestade da purpura com esta humilde divisa. Entre muitos, de que se faz memoria, foy hum S. Luiz, Rey de França, outro o nosso D. Sancho, e por isso chamado o *Capello*.

Suceddeo este valeroso Principe a seu pay de vinte hum annos de idade no de 1223, e naõ foy taõ descuidado dos negocios do Reino, como altamente ponderaõ os nossos Chronistas, em cujas pennas naõ houve Principe mais desgraçado; porque logo no principio do seu governo restituiu a suas tias as Santas Thereza, e Sancha, e ao Arcebispo de Braga os damnos, que haviaõ recebido no reinado precedente. 1223

Os exercicios da piedade naõ lhe impediraõ o das armas. Com hum poderoso exercito entrou em pessoa pela Provincia do Alentejo, e assolou a comarca de Elvas com taõ pezado golpe, que chegou 1225.

^{Era vulgar.} a Roma o seu estrondo, e o Papa Honorio III. lhe agradeceo o zelo santo, com que combatia os inimigos da Fé, dando gloria a Deos, ao seu nome fama.

1242. Todos os mais annos até o de 1242 levou com as armas na mão valeroso, e bem afortunado. Rendeo por força a Cidade de Elvas; que os Mouros haviaõ recobrado. Conquistou Jurumenha, Serpa, e Arronches, e muitas terras no Riba-Coa: ganhou successivamente Aljustrel, Mertola, e Alfajar de Pena: veyo ao Algarve no anno de 1240; fez-se senhor de Cacela; Ayamonte, e no de 1242 de Tavira, e outros lugares. Esta foy a frouxidaõ de D. Sancho o Capello, e quem tem lido as historias, sabe, que com acções de muito menos character, e com actos de muito inferior esforço se graduaraõ muitos Principes de bellicosos nas aulas da guerra.

Naõ podemos com tudo duvidar, que nos ultimos annos do seu governo, o desordenado affecto, e vehemente paixãõ, que ElRey teve a D. Mecia Lopes de Haro, o fez esquecer daquelle valor primeiro, e mover tanto aos Vassallos pelo seu descuido, e excessiva authoridade de D. Mecia, e dos seus validos, que os povos se queixaraõ ao Papa Gregorio IX. E naõ aproveitando as paternaes admoestações do Pontifice, ElRey foy deposto do governo por huma Bulla passada em Leaõ aos 24 de Julho de 1245, sendo já Pontifice Innocencio IV.

O casamento de D. Sancho com aquella Senhora he materia de opiniaõ. Nós o naõ duvidamos com o fundamento da desigualdade, que naõ he bastante, nem a D. Mecia se póde applicar o exemplo

plo da Calcidence, de quem se enamorou Antio-
co, com a qual faz paralelo Manoel de Faria e Sou-
za; porque D. Mecia era filha de D. Lopo Dias de
Haro, Senhor de Biscaya, neta de D. Affonso IX.
Rey de Leão, por sua mãy, e parenta muito che-
gada de ElRey D. Sancho. Era
vulgar.

Até agora os nossos melhores Historiadores
deraõ por inquestionavel este casamento; mas co-
mo hum nosso Chronista moderno, taõ erudito co-
mo severo, com solidas razões o impugna, sus-
pendo o meu juizo, e deixo aos Leitores a escolha
do mais provavel. O certo he, que ElRey D. San-
cho foy precisado a retirar-se para Toledo, aonde
passou o resto da sua vida em exercicios de piedade,
e com quarenta e seis annos de idade, e vinte e
cinco de reinado, morreo sem deixar successaõ a 3
de Janeiro de 1248.

D. Affonso III., quinto Rey de Portugal.

TAnto que ElRey D. Sancho foy julgado pelo 1246.
Papa por incapaz do governo, o Conde de
Bolonha seu irmaõ, que estava em França casado
com a Condesa de Bolonha Mathilde, viuva de Fi-
lippe o *Cresco*, filho de Filippe Augusto, Rey
de França, e filha de Reinaldo de Dampmartim,
veyo logo a Portugal para tomar as redeas do go-
verno, e deixou sua mulher em França.

Com a chegada de D. Affonso abandonou D.
Sancho o Reino, e foy a Toledo pedir soccorro ao
Rey de Castella D. Fernando para reentrar na pos-
se do seu Dominio. Mas em quanto elle atravessa-
va as terras de Riba-Coa acompanhado do Infante
D.

Era vulgar. D. Affonso de Molina; os Prelados do Reino, que eraõ contra elle os mais queixosos, se preparavaõ para a defenfa, que se escusou com armas; porque D. Sancho temeo tanto as da Igreja, que voltou para Castella sem Reino, nem esperança.

1247. Em quanto viveo D. Sancho em Castella, que dizem fora hum anno depois de sabir do Reino, parte dos Fidalgos, que da sua maõ haviaõ recebido algumas Fortalezas, obraraõ portentosas provas de fidelidade, resistindo com toda a força a D. Affonso, que sabiaõ havia ser seu Rey. Sinalaraõ-se entre outros Fernaõ Roiz Pacheco, Alcaide mór de Cerolico, e D. Martinho de Freitas, que tinha o Castello de Coimbra. Raras obras vio o mundo, que podessem igualarse às destes Fidalgos; mas na fé dos Portuguezes saõ vulgares.

1248. Morto El Rey D. Sancho, foy D. Affonso obedecido de todo o Reino, aonde fez florecer a justiça, estabelecendo para ella leys prudentes, para os Vassallos commercio util. E como da Condessa de Bolonha, que ficara em França, e nunca veyo a Portugal, nem tinha tido, nem pela sua idade podia já ter filhos, desobediente às leys Divinas, e humanas, e ingrato às do amor, se resolveo a repudialla, e buscar esposa, que lhe dêsse successaõ à Coroa.

Foy constante esta certeza, de que D. Affonso não teve filhos da Condessa Mathilde até à perda de El Rey D. Sebastiaõ; mas como a esta se seguiriaõ as disputas da successaõ do Reino, não pôde França conterse, sem fazer figura nesta scena. Entaõ se imaginaraõ à Condessa dous filhos de D. Affonso, de hum dos quaes, com idéas de successivas

fivas gerações, se foy transfundir o direito na pessoa da sua descendente a Rainha Catharina de Medicis. Por mais doudas pennas está convencida esta intriga Franceza, e a ambição organizou tão mal a chimera, que para ella qualquer escritor advertido podia ser Bellerofonte.

Casou D. Affonso, viva sua primeira mulher, ^{1253.} com D. Beatriz, filha bastarda de D. Affonso X. de Castella, e de D. Mayor Guilhem de Gusmao, a qual não trouxe em dote as Villas de Serpa, Moura, e Noudar, nem o Reyno do Algarve, como sentiraõ alguns; porque aquellas Villas lhe deu seu pay, sendo ella já viuva, e estando em Sevilha na sua companhia; o que talvez fosse satisfação do muito dinheiro, e preciosas joyas, com que ella ajudou a seu pay nos seus grandes trabalhos.

O Reino do Algarve não foy conquista dos Reys de Castella, porque os nossos Principes tomavaõ nelle Praças, que sustentavaõ, e defendiaõ. E primeiro, que os Reys de Castella, ganhou D. Sancho I. Silves, e D. Sancho II. outras Praças. D. Affonso III. já no anno de 1250, tres annos antes do seu casamento, era absoluto Senhor do Algarve, reinando em Castella D. Fernando o Santo, pay de D. Affonso X., e não podia hum Rey de Castella dar em dote os Estados, que muitos annos antes eraõ conquista das nossas armas.

Porém já que fallámos na Patria, daremos a razão porque os Castelhanos pertenderaõ, que o Algarve fosse conquista sua. Desta era Senhor o nosso D. Affonso, que lançou do Reino ao Mouro Aben Maffo, o qual pallou a Andalufia, e renunciou no Infante D. Affonso, depois X do nome,

Era
vulgar. me entre os Reys de Castella, todo o direito, que tinha ao Algarve. Aceitou o Infante a renuncia, e deu em cambio ao Mouro a Villa de Niebla com a sua larga jurisdicção.

O nosso D. Affonso, depois de se queixar a D. Fernando o Santo, rompeo com o Infante seu filho; e ainda que desta guerra não temos noticia, he certo, que a accomodou o Papa Innocencio IV. e della resultou o casamento de ElRey com a Infanta D. Brites, cedendo elle a seu sogro o usufructo das terras do Algarve, sómente em sua vida.

Em virtude desta convenção ficou ElRey D. Affonso X. usufructuario do Reino do Algarve desde aquelle anno, que era o de 1253, até o de 1264, em que o dimittio com a obrigação, de que Portugal o ajudasse com cincoenta lanças, quando dellas necessitasse. Esta obrigação durou pouco, porque no anno seguinte, a instancias do Infante D. Diniz seu neto, a tirou o Rey de Castella para sempre; se he que esta graça não foy remuneração do grande soccorro, que o mesmo Infante levou a seu avô, o que só parece verdade.

Pacifico ElRey D. Affonso, e livre o Reino das censuras fulminadas por conta dos seus casamentos, sendo já morta a Condessa Mathilde, legitimado o Infante D. Diniz, que nascera em sua vida, e reconhecida por sua legitima mulher a Rainha D. Brites, determinou ElRey restituir algumas terras, que os Mouros haviaõ tomado no Algarve, aonde, pelos Reys de Castella, andava fazendo algumas conquistas o nosso illustre Portuguez D. Payo Peres Correa, Mestre da Ordem de Santiago.

Entrou ElRey pela Comarca da Villa de Selir,
então

entaõ Praça forte , hoje huma pobrissima Aldea. ^{Era vulgar.}
Aqui se unio com D. Payo Peres , e marcharaõ ambos sobre Faro , que depois de alguns ataques veyo a partido com ElRey. Acompanhado de dez Cavalleiros entrou elle na Praça sem o Mestre o saber. Fiou D. Affonso dos Mouros a sua pessoa ; o Mestre da sua espada a vingança de não saber della ; e quando suppunha o peyor , appareceo ElRey sobre o muro com as chaves na maõ. Cessou o assalto com esta vista , começou a discurrer a admiração na confiança.

Tinha já ElRey recebido das mãos do Mestre as Praças mais importantes do Algarve , que eraõ Tavira , Selir , Paderne , Alvor , Estombar , Silves , e Cacella ; mas porque faltavaõ outras , marcharaõ de Faro sobre Loulé , que se rendeo em poucos dias : o mesmo destino tiveraõ Aljezur , e Albofeira , ultimas forças , que os Mouros unicamente conservavaõ em Portugal.

Vendo-se ElRey D. Affonso sem inimigos no seu Reino , fez guerra aos Mouros de Andalusia , aonde já havia conquistado as Praças de Gelves , e Sevilha : agora com a mesma fortuna sujeitava outras ; mas ElRey de Castella seu sogro lhe embarçou as victorias , zeloso de que ampliasse tanto os Estados. A Rainha D. Brites compoz estas desavenças , e pacifico D. Affonso no seu Reino , reparou as Praças de mais importancia , e com idéas de Principe Politico fez florecer a justiça , e equidade , segurando assim o Reino por dentro , e por fora ; com reparos para reprimir os inimigos estranhos , com forças para supprimir os domesticos.

Morreo D. Affonso em Lisboa no anno sescento

Era ta e nove de sua idade , e trinta e dous de reinado ,
 vulgar. a 16 de Fevereiro de 1279. Jaz com a Rainha D. Brites
 1279. sua mulher , que morreo a 27 de Outubro de 1303, no Real Mosteiro de Alcobaça.

Nasceraõ destes Principes a Infanta D. Branca , que foy Abbadessa de Lorvaõ , e depois do grande Mosteiro das Huelgas de Burgos , illustre fundação de D. Affonso o das *Navas* , do qual dependiaõ doze Mosteiros : e não parece crível , que com huma Prelazia de tanta authoridade se premiaffe à Infanta a desenvoltura , com que em Lorvaõ , dizem que parira de Pedro Esteves Carpento , ou Carpinteiro , a Joaõ Nunes do Prado , Claveiro da Ordem de Calatrava , e cabeça da familia do seu appellido na opiniaõ dos Authores da occupação pessima , que honra , e deshonra quasi sempre conforme as leys do proprio arbitrio.

Teve mais o Infante D. Fernando , que morreo minino : D. Diniz seu successor , nasceu em Lisboa a 9 de Outubro de 1261. O Infante D. Affonso , Senhor de Portalegre , nasceu a 8 de Fevereiro de 1263 , e casou com D. Violante , filha do Infante D. Manoel , e teve dilatada descendencia.

A Infanta D. Sancha , chamada Constança pelos nossos Chronistas , que nasceu em Sevilha a 2 de Fevereiro de 1264. A Infanta D. Maria , e o Infante D. Vicente , que morrerãõ de pouca idade.

Teve bastardos a D. Gil Affonso , D. Fernando Affonso , Cavalleiro Templario ; D. Affonso Diniz , Progenitor dos Soufas ; D. Martim Affonso , de quem descendem os Soufas Chichorros ; e D. Leonor de Portugal , mulher do grande Conde D. Gonçalo Garcia de Soufa.

D. Diniz, sexto Rey de Portugal.

COm mais virtudes, do que annos, subio D. 1279.
Diniz ao throno dos seus mayores. Tinha elle entrado nos dezoito de sua idade, quando morreo ElRey seu pay, e com a viveza do seu espirito conheceo tanto a grandeza da sua capacidade, que naõ quiz admitir sua mãy no governo, fiando do ajustado das suas idéas a felicidade do seu governo.

Para organizar o perfeito composto de hum Monarca grande, escolheo D. Diniz por magnificos attributos a verdade, a justiça, e a liberalidade, adornando-os com apparatusos accidentes de outras qualidades menores; porque soube as bellas letras, que enfeitava com a Poesia: polio a barbaridade do idioma Portuguez, e soube os estranhos: amou os sabios, e para que as letras naõ andassem vagas, lhes edificou o illustre Musêo de Coimbra, que dotou com mãõ Real, e além de Real, sua.

Exterminou do Reino, depois que foy aclamado, toda a gente facinorosa, perturbadora do socego commum; supprimio os excessos dos nobres contra os pequenos, e deu grandes privilegios aos Nervos da Republica, que assim chamava elle aos lavradores.

Senhor D. Diniz de hum Reino rico, e bem 1282.
reputado, se applicou ao primeiro cuidado dos Reys, procurando mulher digna de tal Reino, e de tal Rey; e achou aquella preciosa joya de Aragaõ a Rainha Santa Isabel, filha de D. Pedro III. o Grande, Rey de Aragaõ, e honra mayor de Portugal,

^{Era vulgar.} gal , aonde morreo Santa , do que gloria de Barcelona , ou Çaragoça , que a deraõ ao mundo Princeza.

1288

Foraõ arriscadas as differenças de ElRey com seu irmaõ D. Affonso : este queria nomear as Villas , de que era Senhor , em suas filhas , que tinha casadas em Castella ; aquelle pertendia impedirlo. Chegou o negocio a publico rompimento ; mas as prevenções furiosas acabaraõ em suaves concertos.

Para empenho mayor serviraõ as armas ; porque o Rey de Castella D. Sancho III. o *Bravo* , faltando aos ajustes dos casamentos dos Infantes de ambas as Coroas , para tomar as Villas , que dera em refens da promessa , entrou por Portugal mais tyranno , que guerreiro ; e o mesmo que quebrava a palavra aleivofo , foy o que rompeo a paz insolente.

1295.

Naõ soffreo a equidade de D. Diniz esta injustiça : propoz a D. Sancho meyo pacifico , e a repulsa se seguiu a guerra com poder , e fortuna. Impedio a morte a D. Sancho responder ao desafio de D. Diniz ; mas com ella naõ se acabou a contenda ; porque D. Fernando IV. naõ cumprindo o que seu pay lhe recommendara , resoluta a sustentar a fem-razaõ , obrigou D. Diniz a satisfazer com as armas a sua queixa.

O Infante D. Henrique , Tutor de ElRey D. Fernando , fez com D. Diniz , que suspendesse as armas : avistaraõ se os Reys , e houve ajustes em Cidade Rodrigo : porèm faltando D. Fernando a tudo no tempo convencionado , entrou D. Diniz por Castella com huma corrente de victorias. A nada perdoou a ira justa ; naõ se distinguio sexo , nem idade , e até nos Templos pareciaõ os Portugue-

zes

zes só Soldados. Foraõ abrazadas as Comarcas de Ledesma, Simancas, Valhadolid, e Salamanca; no mar rendidas pelo nõsso Almirante as Galés de Hespanha.

Era
vulgar.

As vozes de tanto fangue constringeraõ D. Fernando a cumprir as promessas: recebeu por mulher a D. Constança, filha de D. Diniz, e deu sua irmã D. Brites para mulher do nõsso Infante D. Affonso, que a recebeu no anno de 1300. Porém em castigo da sua infidelidade perdeu D. Fernando o dote, que havia levar, e cedeo a D. Diniz as Villas de Olivença, Campo Mayor, e Ouguella. Na volta para Portugal tomou ElRey a Comarca de Ribacoa, que neste tempo era de seu primo D. Sancho de Ledesma, que lhe foy infiel depois de se jurar seu Vassallo, empregando contra a sua pessoa os magnificos dons da sua liberalidade.

1297.

Foy D. Diniz nomeado pelo Papa Benedicto XI. arbitro nas desavenças, que sobre a successão dos Reinos se levantaraõ entre seus parentes D. Fernando de Castella, D. Jaime de Aragaõ, e D. Affonso de Lacerda, filho do Infante D. Fernando de Lacerda. A todos compoz ElRey com satisfação taõ igual, que com milagre raro entre taõ altos Contendores a todos deixou gostosos.

1304.

Nesta jornada de Castella deu D. Diniz a todos com tanta liberalidade, que parecia semeava os thesouros da Lydia. O certo he, que entaõ se esqueceo a memoria de Alexandre; porque D. Diniz soube dar tanto menos vanglorioso: e quando parecia, que havia esgotado os thesouros, soccorreo a seu genro D. Fernando contra os Mouros com muita gente paga à sua custa; mandando-lhe mais cem mil

mil

Era vulgar. mil cruzados, foma consideravel naquelles tempos, para os gastos da guerra.

Em tudo foy taõ grande o magnanimo Rey, que justamente diziaõ delle: *D. Diniz fez quanto quiz*. Porém passou inquieto os seus ultimos annos; porque o seu successor D. Affonso naõ gostava do demasiado affecto, que El Rey mostrava a D. Affonso seu filho bastardo. Estas differenças pozeraõ o Reino em armas; e ainda que a authoridade da Santa Rainha dissipava as nuvens da discordia, o coração do Principe estava taõ carregado, que depois de Rey, rompeo em furiosa tempestade.

1320. Tantas perturbações naõ impediraõ, que o Real animo de D. Diniz se empregasse em obras magnificas: fundou a Universidade de Coimbra; separou os Cavalleiros de Santiago da sujeição de Ucles; e lastimado da rigorosa sentença, com que o Concilio de Viena havia aniquilado a illustre Ordem dos Templarios, das suas rendas estabeleceo a de Christo. Vio em tudo abundante o seu Reino; fortaleceo, e fundou de novo quarenta e quatro Cidades, e Villas de Portugal; e dispendendo, e dando tanto, deixou por sua morte hum bom thesouro: que os Principes, quando se ajustaõ às regras da liberalidade, com o mesmo que daõ, se enriquecem.

1325. Morreo este bem afortunado Principe em Santarem a 7 de Janeiro de 1325 no anno sessenta e quatro de sua idade, e quarenta e seis de reinado. Jaz no Real Mosteiro de Odivellas, que elle fundou. A Rainha Santa sua esposa faleceo onze annos depois na Villa de Estremoz, e jaz em Santa Clara de Coimbra. Foy canonizada por Urbano VIII. em 25 de Mayo de 1625. Ti-

Tiverão estes Principes filhos a Infanta D. Constança, que nasceu a 3 de Janeiro de 1290. Casou com D. Fernando IV. Rey de Castella em 1302. Era vulgar.

O Infante D. Affonso seu successor, nasceu em Coimbra a 8 de Fevereiro de 1291.

Sendo moço, teve ElRey bastardos a D. Affonso Sanches seu Mordomo mór, que casou em Castella; ao Conde D. Pedro, Author do Nobiliario; e outros quatro, que morrerão em varios estados sem geração.

CAPITULO V.

Da vida, e acções dos Reys D. Affonso IV., D. Pedro I., e D. Fernando.

A Origem de hum pay sabio, e guerreiro communicou a D. Affonso espiritos em nada dessemelhantes. Trinta e quatro annos tinha de idade quando empunhou o Cetro, e sempre o teve firme, porque lhe pegou com mãos robustas. O esforço do seu animo, e a aspereza da condição lhe deraõ o nome de *Bravo*, que desempenhou bem na Campanha. 1325.

O gosto, que tomou ao exercicio da cassa, o fazia esquecer do cuidado do Reino; mas advertido pelos Vassallos, mostrou na emenda, que a braveza do seu animo se deixava governar da docilidade.

Com o poder esforçou o odio contra seu irmão D. Affonso Sanches, ao qual, depois de calumniar com imposturas alheyas da Magestade, tomou a fazenda, e obrigou a abandonar o Reino.

Era

Era
vulgar.

Era D. Affonso bem visto em Castella; donde sahio com poderosas forças a vingar a honra, e restaurar a fazenda.

Oppoz se ElRey a esta invasaõ, arrasou o Castello de Albuquerque, que era do perseguido, e obrigando-o a voltar para Castella, tornou para o seu Reino sem ter aquelle inimigo em casa: porẽm brevemente começou a embaraçar-se com os parentes, e veyo a experimentar em seu filho os mesmos dissabores, que elle causara a seu pay.

No anno de 1328 havia D. Affonso casado sua filha D. Maria com D. Affonso XI. de Castella, e impedio que elle recebesse a D. Constança, filha de D. Joã Manoel, Principe de Vilhena. Agora pertendia D. Affonso esta Princeza para mulher de seu filho o Infante D. Pedro, o que levava a mal o Rey de Castella, que dava máo tratamento à Rainha D. Maria pela cega paixãõ, com que amava a D. Leonor Nunes de Gusmaõ, pela qual intentou repudiar por infecunda a Rainha D. Maria, se neste tempo não mostrara indicios, de que brevemente daria successor.

Por estes dous motivos rompeo D. Affonso com seu genro, cercou Badajoz, talou a Andalusia até Sevilha, em quanto seu irmaõ D. Pedro com fortuna igual fazia o mesmo em Galiza. Entre os clamores de tantos estragos não houve vozes, que enternecessem os obstinados corações dos Principes. Desprezavaõ-se as admoestações do Papa, os bons officios dos Principes; porque a cegueira do amor, e as delicadezas da honra só ideavaõ invectivas para desenfrear o furor.

Os nossos, depois de rendidas muitas Galés
ini-

inimigas, perderão no Cabo de S. Vicente huma Era vulgar: victoria naval: com ira vingativa despicou D. Afonso a affronta em Galiza; quasi despovoada ficou aquella Provincia: com a mesma impiedade cortava a espada do Rey de Castella no Algarve. Mas vendo, que a condição de seu sogro se não abrandava com ferro, houve de ceder forçado, o que devera justo. Prometteo tratar a Rainha conforme ao caracter, e abater na concubina, com a grandeza da estimação, o apparente caracter de Princeza; e que deixaria vir D. Constança, que amara como futura esposa, para o ser do Infante D. Pedro.

Cumprio El Rey de Castella esta segunda parte: na primeira não fez pouco em moderar os excessos. E se estes foraõ a causa das inquietações de Hespanha, que culpa teve a innocente Rainha, para que lhe maculassẽ a reputação as atrevidas, e mentirosas pennas de Mariana, e Argaiz? Foy delicto na Rainha ser Portugueza; por esta razaõ objecto do furioso odio daquelles Escritores, que acompanhados do auxilio da sua authoridade, pretenderaõ dar forças à calumnia, alta jerarquia à mentira, e pomposo caracter à maledicencia; como se os vicios dos Principes, ainda sendo verdadeiros, não houveraõ de referirse com tanta discrição, como sem lisonja as virtudes.

A necessidade obrigou ao Rey de Castella a ^{1340.} mandar a Portugal a Rainha sua mulher, para que pedisse soccorro a seu pay contra Alli Boacem de Marrocos, que conjurado com os Mouros de Granada, ameaçava Hespanha com ruina igual à da primeira invasaõ. Em Eyora, aonde o Rey tinha

Era
vulgar.

a sua Corte, foy recebida esta Senhora com agradamentos de filha, e cortejos de Rainha. Conseguiu de seu pay quanto intentava, e depostos os antigos odios, se avistaraõ as Magestades em Olivença, aonde se acabaraõ de ajustar os meynos para huma guerra, em que se interessavaõ a Religiaõ, e os Dominios.

Com a flor do seu Reino entrou o nosso D. Affonso por Castella, e foy recebido em Sevilha com faustas aclamações; felices auspicios da liberdade, que levava a Hespanha, na sua espada o Bravo Rey Portuguez, já levado em triunfo antes de entrar na batalha. Porém os Castelhanos, ou medrosos, ou circunspectos, propozeram aos Principes, que se entregasse Tarifa aos Mouros sem arriscar os exercitos à contingencia de huma batalha; porque destruçadas as forças unidas, seria Hespanha despojo dos Barbaros, e conservando-se inteiras, ou obrariaõ menos atrevidos, ou se retirariaõ desesperados.

Seguia este parecer El Rey de Castella; mas o de Portugal, dando hum ar feroz à Magestade, representou a todos: Que elle não sahia do seu Reino para fazer aos Mouros a guerra defensiva: que as forças se deviaõ arriscar pela opiniaõ, quanto mais pela injuria: que elle havia conservar Tarifa, como se fosse a Capital do seu Reino: que pois os Mouros pizavaõ terra de Hespanha, não se lhes havia premiar o atrevimento: que juizos faria o mundo, vendo que dous Principes taõ poderosos se confederavaõ para serem testemunhas das victorias dos Barbaros: que elle viera de Portugal determinado a pelejar, e que
naõ

naõ mudava de resolução à vista do inimigo.

Era
vulgar.

Cessaraõ todas as duvidas à proposta desta heroicidade , e aquelle espirito de fogo influio chammas na tibieza dos animos. Nas margens do Rio Salado se atacou a mais desigual batalha , que vio Espanha em muitas idades. Cobriaõ os Mouros as montanhas visinhas , e se haviaõ trasladado para os campos de Tarifa grande parte dos moradores de Africa , e Asia , congregados em nosso damno.

ElRey de Portugal investio o de Granada pela parte dos montes ; o de Castella accometteo o de Marrocos pela borda da agua. Durou muitas horas taõ horrendo conflicto , e naõ haveria testemunhas dos actos de valor ; porque todos tinhaõ os olhos nas suas mãos. O nosso esforço declarou a victoria , e roto o Rey de Granada , marchámos a destruir o de Marrocos , que já sem esperança se mantinha obstinado. Acabou a carnagem com o dia ; mas a Igreja eternifou a memoria do triunfo : Epinicios faustos , que por largas idades , animaõ com sagrados eccos o pregaõ da nossa fama.

Deixaraõ os inimigos no campo quatrocentos e cincoenta mil mortos , entre elles as Rainhas , e Infantes de Marrocos com outros prisioneiros. Dos Christãos faltaraõ vinte e cinco , donde se infere a verdade dos Mouros , que confessaraõ ver pelejar contra elles muitos gentís mancebos com valor mais que humano. A riqueza dos despojos podia despertar a cubiça dos Diogenes , e Catões : tudo se apresentou ao nosso Principe , que nelles tinha tanta parte ; mas aquelle animo Real , qual

Era
vulgar. outro Cesar no dia de Farsalia , mostrou que os amantes da gloria não estimavaõ riquezas. Sómente lançou mão de algumas armas , de cinco bandeiras , e do Infante Abohamo , que elle mesmo cativara , para trazer ao seu Reino estes honrados testemunhos da victoria.

Bastava a memoria deste glorioso dia 30 de Novembro , para que fosse eterna a fama de D. Affonso ; mas he certo a manchou muito com a lastimosa , e sempre lastimada morte da formosa D. Ignez de Castro , a quem fizeraõ infeliz os dotes da natureza ; passando a ser culpa na gentileza aquella innata propriedade , com que suavemente attrahe as ternuras do amor.

A Infanta D. Constança trouxe de Castella a D. Ignez com a prerogativa de Dama , e com a estimação de parenta. Rendeo-se D. Pedro tanto à sua belleza , que deu mais forças ao amor , do que eraõ as da attenção da mulher , e as do respeito do pay. Abbreviaraõ os zelos a vida da Infanta , e sem obstarem em D. Ignez as razões de Comadre , cresceo a afeição de D. Pedro para com ella tanto , que se vio livre do vinculo.

Quiz ElRey impedir a doce paixão destes amores , fazendo que o Infante elegesse nova esposa , o que elle repugnava , parece que por haver recebido occultamente a D. Ignez no primeiro dia de Janeiro de 1354. Porém este ponto he tão delicado , que não nos determinamos a resolvello , e deixamos à judiciosa critica dos Leitores a sua averiguação , embaraçada com as fortes razões , que ponderou Joaõ das Regras nas Cortes de Coimbra , referidas pelo Author da

Monarquia Lusitana, impugnando este casamento; ^{Era vulgar.} e com os vigorosos argumentos do Padre D. Joseph Barbosa, que no Catalogo das Rainhas o defende.

O certo he, que o odio com a capa do bem publico se disfarçou tanto, que conseguiu transformar hum Rey em Tyranno; e fazer, que D. Affonso marchasse de Monte mór com tanto aparato, como se fosse investir a batalha do Salado, para em Coimbra ver degollar a innocente Ignez, culpada por ser formosa, delinquente por ser amada.

Naõ teve valor a clemencia de hum Monarca pio para assistir a espectaculo taõ indigno dos seus olhos: executaraõ esta barbara atrocidade Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, convertendo o illustre caracter de Fidalgos no vil exercicio de verdugos.

Fizeraõ lastimoso ecco no coração do Infante os ultimos suspiros da sua Ignez, e rompeo o amor em demonstrações de aggravado: soffreraõ o primeiro pezo da sua colera as Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes, aonde os golpes da furia amassaraõ com sangue as ruinas; mas em fim como era filho, pode mais com elle o respeito, que a injuria, a razaõ, que a offensa.

Com sessenta e seis annos de idade, e de reinado trinta e dous, morreo D. Affonso em Lisboa a 28 de Mayo de 1357, e jaz com sua mulher a Rainha D. Brites na Basilica de Santa Maria Mayor da mesma Cidade. Os filhos que teve foraõ:

Era
vulgar.

A Infanta D. Maria nasceo em 1313, e foy mulher de D. Affonso XI. Rey de Castella, com o qual se recebeo no anno de 1328.

Os Infantes D. Affonso, D. Diniz, D. Joaõ, e D. Isabel mortos de poucos annos. O Infante D. Pedro seu successor, nasceo em Coimbra a 8 de Abril de 1320.

A Infanta D. Leonor nasceo em 1328, e foy segunda mulher de D. Pedro IV. Rey de Aragoã, no anno de 1347.

D. Pedro I., oitavo Rey de Portugal.

1357. **V**iuvo de suas duas esposas Constança, e Ignez, na idade de trinta e sete annos tomou D. Pedro as redeas do governo do Reino, e teve sempre a balança da Justiça tanto em equilibrio, que lhe deraõ o nome de *Cruel*, merecendo só o de *Justiceiro*; mas como a summa justiça he rigor, e D. Pedro muitas vezes condemnava sem ouvir as partes, ainda que o seu animo fosse evitar vicios, naõ podemos livrallo da nota de pouco humano.

Como o fogo do amor ainda lhe abrafava o peito, ardia em desejos de vingar a morte da formosa Ignez, que depois de Rey jurou haver recebido por mulher nas mãos do Bispo da Guarda D. Gil, e sem lhe lembrar o dia, disse que fora no anno de 1354. Por publicas Escrituras firmadas com juramento havia elle promettido aos Reys seus pays, que perdoava aos complices daquella morte: porém desprezando a paixãõ o sagrado do juramento, com escandaloso contrato se violaraõ mui-

muitos Direitos ; porque não ficasse sem satisfação a injuria.

Era
vulgar.

Era então Rey em Castella outro Pedro de igual condição. Com elle ajustou o de Portugal darlhe alguns Fidalgos homiziados no seu Reino em troco dos matadores de D. Ignez , que temerosos da sua colera , entendiaõ tinhaõ segurás as vidas em Castella. Escapou com tempo Diogo Lopes Pacheco : Alvaro Gonçalves , e Pedro Coelho foraõ trazidos a Santarem , aonde o Rey mandou fazer nelles aquella barbara execuçaõ , que tendo lugar no seu peito , não se atreve a penna a referilla.

Continuava ElRey os actos da rigorosa justiça , que miudamente referem as nossas Chronicas ; mas não se esquecendo aquelle animo feroz entre representações de sangue das delicadezas de hum tenro affecto , determinou pôr a ultima Coroa às suas finezas. Depois de declarar Rainha a D. Ignez , lhe mandou lavrar em Alcobça hum magestosa sepultura com as insignias Reaes ; e com os Grandes , e Prelados do Reino acompanhou as cinzas , que se guardavaõ em Santa Clara de Coimbra , por todas as dezafete leguas até Alcobça ; passando as andas por entre duas fileiras de homens , que com tochas accesas faziaõ hum firme , e continuado acompanhamento.

Por estes tempos eraõ já taõ infosfriveis as tyrannias de D. Pedro o Cruel de Castella , que os Vassallos se revoltaraõ , e seu irmaõ Henrique o Bastardo se levantou com o Reino. Quiz D. Pedro refugiar-se em Portugal para recobrar o Reino com os soccorros de seu tio ; mas este , por

for-

Era
vulgar. forçosas razões politicas, o não admittio ; e af-
sentou pazès com D. Henrique , que tirando a
vida ao que fora verdugo de tantas , foy reco-
nhecido Rey de Castella com o attributo de Mag-
nifico.

Dez annos reinou o nosso D. Pedro , e nel-
les manteve sempre em inalteravel consistencia a
exacção , a liberalidade , e o zelo dos pobres. Na
liberalidade foy segundo Tito , e dizia , à sua imi-
tação , que tinha por dia perdido aquelle , em
que não fazia mercês aos Vassallos ; e mandava
alargar o cinto , para que lhe ficassem as mãos li-
vres. Era muy inclinado à musica , e às danças ,
com que se divertia pelas ruas de Lisboa : com
estes festejos publicos honrou ao Conde D. João
Affonso Tello a noite , que em S. Domingos vel-
lou as armas. Sem oppressão alheya ajuntou co-
piosos thesouros ; e morreo de quarenta e sete
annos a 18 de Janeiro de 1367. Jaz no Mosteiro
de Alcobaça junto de D. Ignez de Castro , fican-
do unidos depois da morte estes dous milagres ,
hum do amor , outro da formosura.

Havia ElRey D. Pedro casado em 1340
com D. Constança filha de D. João Manoel , e
neta do Infante D. Manoel , Senhor de Escalona ,
da qual teve filhos a Infanta D. Maria , que ca-
sou com D. Fernando , Infante de Aragaõ , e Mar-
quez de Tortosa , o qual não teve geração ; por-
que pouco tempo depois de casado o matou alei-
vosamente seu irmão D. Pedro o Cruel , Rey de
Aragaõ. O Infante D. Luiz , que morreo de poucos
dias. O Infante D. Fernando seu successor , que
nasceo em Coimbra a 31 de Outubro de 1345.

De

De D. Ignez de Castro teve a D. Affonso, ^{Era vulgar.} que morreo minino. O Infante D. Joaõ, que casou primeira vez com D. Maria Telles de Menezes, irmã da Rainha D. Leonor Telles, e teve della a D. Fernando de Eça, que foy pay de quarenta e dous filhos. Casou segunda vez com D. Constança, filha bastarda de Henrique II. de Castella, e teve tres filhas, que todas casaraõ. Houve o Infante D. Joaõ alguns filhos bastardos, dos quaes descendem muitos Fidalgos das Hespanhas.

O Infante D. Diniz, que casou em Castella com D. Joanna, tambem filha bastarda de Henrique II., e teve geraçaõ.

A Infanta D. Brites, que foy mulher de D. Sancho de Albuquerque, filho bastardo de D. Affonso XI. de Castella, depois de estar contratada para casar com seu filho legitimo D. Pedro o Cruel no anno de 1365.

ElRey D. Pedro na sua menoridade esteve ajustado para casar com D. Branca, filha do Infante D. Pedro, e neta de D. Sancho o *Bravo*, Rey de Castella. De sete annos de idade, no de 1328, veyo ella para Portugal, aonde esteve até o Infante D. Pedro fazer catorze: porém como esta Senhora tinha aquellas deformidades naturaes, que no Tomo VII. da Monarquia Lusitana escreve o Chronista Fr. Rafael de Jesus, e ponderou Joaõ das Regras nas Cortes de Coimbra, como se refere no Tomo VIII. da mesma Monarquia, o Infante a repudiou, e recebeu D. Constança.

Fóra dos matrimonios teve ElRey D. Pedro a D. Joaõ, Mestre de Aviz, que depois foy Rey, Tom. VI. Hh e o

Era vulgar. e o primeiro bastardo dos nossos Principes, que sem Titulo usou de Dom. Cara compravaõ entãõ os Fidalgos esta divisa de mayor honra: hoje qualquer a tem de graça sem lhe fazerem mercê.

D. Fernando, nono Rey de Portugal.

1367. **N**A flor dos seus annos, porque com 22 de idade, succedeo D. Fernando a seu pay, e achou hum Reino fortissimo, e socegado, os Vassallos ricos, e contentes, e os thesouros com o muito pezo opprimidos. Porém esta estimavel paz, e portentosa riqueza cahio nas mãos de hum genio, no qual disputavaõ os excessos da demasia o affavel, e o prodigo, a inconstancia, e a desgraça.

Morto D. Pedro de Castella, pertendeo D. Fernando, por bisneto de D. Sancho, tirar o Reino a Henrique II. como bastardo, e fraticida. Esta idéa de possuir o Reino alheyo, fez que D. Fernando perdesse o proprio; porque passando ao seu serviço os parciaes do defunto D. Pedro, que pozeraõ nas mãos do Rey algumas Cidades de Castella, elle lhes deu em Portugal tantas Villas, terras, e Senhorios, que sem a magnanimidade de Alexandre, ficou Rey de esperanças.

Assim destroem os Principes os seus Estados para premiar, e manter rebeides: com menos dar ficaõ os Vassallos contentes, e conquistaõ mundos, quando por elles se repartem pequenas porções de terra. Para sustentar a guerra com vigor, se confederou D. Fernando com os Reys de Granada, e Aragoã, e para empenhar mais o ultimo, lhe pedio

para

para mulher a sua filha D. Leonor , nome fatal ao
nosso Principe , que repudiando duas Princezas ,
encontrou na Leonor Vassalla para o Reino ca-
lamidades , quebrás para a sua honra. Era
vulgar.

Levou o casamento de Aragaõ grande parte das riquezas de Portugal , e começou D. Fernando a guerra pela diminuição dos thesouros. Entrou em Galiza inconsiderado , e retirou-se de Henrique com pressa. Nesta jornada se fez seu Vassallo Joaõ Fernandes Andeiro , natural da Corunha , e foy este o despojo da guerra de Castella , taõ estimado em Portugal , que chegou a dominar alvedrios livres , independentes , e Reaes.

Entrou D. Henrique pela Cidade , e Comarca de Braga a ferro , e fogo ; mas D. Fernando lhe mostrou animo de Rey Portuguez : mandou-o desafiar com resolução taõ destemida , que o Castelhana retrocedeo irresoluto , e deixou a D. Fernando com victoria sem batalha , se menos gloriosa , mais segura.

Continuava a guerra como sempre jornalei-1369.
ra , e faziaõ-se estimar pelas suas gentilezas muitos dos nossos Cavalleiros , entre os quaes tem distincta memoria Gil Fernandes , que no reinado seguinte empregou melhor a espada em causa mais justa ; e Affonso Lopes de Texeda , varaõ memoravel , se com valor indiscreto não deixara degollar seus filhos à sua vista para sustentar em Carmona paredes , que não podia defender ; e devera conservar-lhes a vida , para em occasiões de mais brio honrarem o pay com as obras , a Patria com o sangue.

Porfiavaõ ambas as nações nas suas fronteiras

Era vulgar. com damnos reciprocos : nenhum fruto colheo Portugal da poderosa Armada , que foy sobre Cadiz , e sitiou Sevilha , até que cansados os Reys da pertinacia de huma vingança , na qual se não distinguia o vingador do vingado , vierão a comparese pelos bons officios do Papa Gregorio XI.

Entre outras capitulações , se obrigou D. Fernando a casar com D. Leonor , filha de Henrique de Castella , com desprezo da Leonor de Aragão ; do que estimulado seu pay , despicou hum com outro engano ; porque rebanhou as grossas sommas , que na sua Corte estavaõ promptas para o malogrado casamento.

Com estas , e outras irregulares despezas ficou taõ pobre o Reino , que foy necessario sublevar a miseria com a mayor oppressão das Republicas , qual he a alteraçãõ da moeda. E como os abyssos não andaõ defacompanhados , esquecido ElRey da promessa do segundo casamento , começou nos amores de D. Leonor Telles a traçar para Portugal infortunios duas vezes grandes ; porque vulgarisados , e soffridos.

1371. Era esta Senhora mulher de Joãõ Lourenço da Cunha , e filha de Martim Affonso Tello de Menezes. Tirou-a ElRey a seu marido como homem cego , e a recebeo na face da Igreja como Rey resolutõ , mas com escandalo universal de todo o Reino ; porque nem tudo o que a Magestade pôde , deve poder a Magestade.

Com castigos grandes pertendeo ElRey pacificar as inquietações , que tambem chegaraõ a occupar os Infantes , e Grandes da Corte. D. Diniz aconselhado por Diogo Lopes Pacheco , matador

tador de sua mãy D. Ignez de Castro, recusou beijar a mão à Rainha, e passou para Castella, sendo causa de perder elle o Reino o voto daquelle mesmo homem, que da cabeça de sua mãy arrancara a Coroa. Era vulgar.

Os mais Principes cederaõ forçados, e prevaleceo nelles, antes que o capricho, o interesse. Joã Lourenço, vendo sua mulher em poder de outrem, receoso de perder com ella a vida, foy tambem para castella, aonde, por insignias da sua infamia pendurou na cabeça duas pontas de ouro; cocar indigno de tremolar na alta fantasia de hum Fidalgo Portuguez.

Dispoz a Rainha do Estado ao seu arbitrio, como quem tinha no do Soberano tanto dominio. Engrandeceo os seus parentes, e com prendas de valor mayor distinguio a Joã Fernandes Andeiro na grandeza: o menos foy fazello Conde de Ourem.

Porém o estimulo do Rey de Castella resolveo desaggravar com as armas a sua justa queixa, entãõ mais qualificada; porque o meismo refractor das condições era o que pertendia romperlhe a guerra; convencionando com Joã, Duque de Lancastre, filho segundo de Duarte III. Rey de Inglaterra, trazerlhe no soccorro dos Inglezes inimigos mayores, que os Castelhanos.

Com o nascimento da Infanta D. Brites se ^{1372.} começou a guerra, presagio fatal das muitas, de que ella havia ser causa. Acompanhado de forças, e indignação, appareceo D. Henrique em Portugal; e os Fidalgos, que impediraõ a D. Fernando sahirlhe ao encontro, fundados nos discursos da

^{Era vulgar.} da ambição, que os arrastava, fizeram diminuir não pouco a reputação do seu Príncipe; que estes são os frutos dos conselhos, que tem por primeiro objecto o interesse.

1373. Veyo o Castelhana sobre Lisboa: investio-a, e rendeo-a com morte de muitos, e damno de todos; porque aquillo a que perdoava a colera, consumia o fogo. O mesmo fazia na Provincia de Entre Douro e Minho Pedro Rodrigues Sarmiento, Adiantado de Galiza, que correo, ou nadou em rios de sangue, e diluvios de fogo até Barcellos. Aqui lhe sahio ao encontro Nuno Gonçalves, illustre Progenitor da Familia de Farias, deixando entregue a seu filho o Castello do seu appellido.

Depois de larga porfia foraõ os nossos desbaratados, e havido às mãos Nuno Gonçalves, que sentia mais que a prizaõ, o receyo de que seu filho readesse o Castello. Pedio aos Castelhanos o levasssem à sua presença para o persuadir lho entregasse; mas vendo o filho, o ameaçou com maldições se tal obrasse, ainda que o visse alli fazer pedaços. Assim succedeo, e com morte barbara, deixou Nuno Gonçalves ao mundo exemplo heroico, de que a honra se havia estimar até dar tudo por ella.

O paternal amor do Summo Pontifice tornou a compor discórdias taõ pezadas. Avistaraõ-se as Magestades junto a Santarem sobre o Tejo, aonde ElRey de Castella admirou a gentileza do Portuguez, a formosura da barca, e a bizarrria do Arraes, gostando não menos D. Fernando da presença graciosa do magnifico Henrique. Este soltou

as duvidas sobre qual dos Reys havia fallar primeiro, e compostos ambos, com milagre não vulgar em occasiões semelhantes, voltaraõ para as suas Cortes satisfeitos, e afeiçoados. Era vulgar.

Naõ socegavaõ em Portugal as inquietações domesticas. A Infanta D. Brites esteve contratada para casar com quasi todos os Principes da Europa, e a inconstancia de seu pay frustrava todos os ajustes. O Infante D. Joaõ, que por morte de seu irmão havia succeder no Reino, desejando segurar a successão com o matrimonio da sobrinha, deixou-se levar das suggestões da Rainha, e sendo casado com sua irmã D. Maria Telles occultamente, a matou com crueldade; mas foy obrigado passar a Castella, aonde o esperava lastimoso fim.

O scisma, que neste tempo opprimia a Christandade, affligio tambem a Portugal; e a morte de Henrique de Castella nos causou calamidades novas, fluctuando a tranquillidade sobre ajustes mal seguros; porque com o reinado de D. Joaõ I. se moveraõ causas semelhantes às passadas, que fomentaraõ huma triste guerra. 1379.

Trouxe D. Fernando em seu soccorro aos Inglezes commandados pelo Conde de Cambrix, irmão do Duque de Lancastre, os quaes augmentaraõ as ruinas, e estragos da furia inimiga. Eraõ iguaes as perdas de ambas as partes: porém foy mais sensivel a das Galés de Portugal pela má conducta do seu Almirante o Conde D. Joaõ Afonso Tello, irmão da Rainha.

Nesta guerra mostrou D. Nuno Alvares Pereira ao mundo, em poucos annos, o elegante proe-

Era
vulgar.

proemio das suas façanhas, que haviaõ admirar-nos em todas as idades; e no mesmo tempo attentava a Rainha contra a vida de seu grande amigo o Mestre de Aviz, temerosa aquella consciencia culpada, de que o seu valor emprendesse impedir as demasias do novo Conde de Ourem; escandalo de todo o Reino, tirado depois por aquellas illustres mãos da sua vista diante dos olhos da cega Rainha.

1382.

Entre Elvas, e Badajoz estavaõ promptos ambos os Reys para julgarem com as armas a sua causa, quando vieraõ a concertos sem sabermos qual dos Reys os intentou. Parece que naõ foy o Portuguez pelas ventagens das condições, nas quaes se resolveo o casamento da Infanta D. Brites com o mesmo Rey de Castella já viuvo de D. Leonor de Aragaõ; mas com grande desprazer do Conde de Cambrix, presumptivo esposo da Infanta, o qual houve de consolar-se com os mui-tos, a quem se prometteo sem cumprimento, para gloriosa fatalidade de Portugal, que encontrou na oppressão o seu augmento.

1383.

O casamento da Infanta foy das ultimas acções de seu pay; Principe, que entre muitos concertos teve acções correspondentes ao caracter; porque fez leys muy proveitosas, attrahio os animos dos Vassallos, o que podera conseguir sem ser taõ prodigo, e com a mesma profusaõ cercou de formosas muralhas a Lisboa, Santarem, e Evora, consentindo se arrazassem na ultima os muros de Sertorio, que defendiaõ com o respeito da antiguidade.

Morreo D. Fernando em Lisboa a 22 de Outubro

tubro de 1383, com trinta e oito annos de idade, e dezafere de reinado. Foy sepultado no Mosteiro de S. Francisco de Santarem. A Rainha D. Leonor lhe sobreviveo tres annos, e em Tordefilhas parou o curso da sua notavel vida. Jaz no Convento de Valhadolid.

Teve de sua mulher, a Infanta D. Brites, que nasceu em Coimbra no anno de 1372, e casou em Badajoz a 14 de Mayo de 1383 com D. Joaõ I. Rey de Castella. Teve mais dous Infantes, que morrerão mininos.

Sendo solteiro houve bastarda a D. Isabel, que casou com D. Affonso, Conde de Gijon, filho natural de Henrique II. de Castella, do qual descende a familia dos Noronhas, que tomou este appellido da Villa de Noronha, de que o Conde era Senhor.

C A P I T U L O VI.

Da vida, e acções dos Reys D. Joaõ I., e D. Duarte.

A Morte de El Rey D. Fernando deixou o nosso Reino fluctuando em hum abyfmo de perplexidades, porque não podiaõ alcançar os juizos humanos, que resplandecendo no seu hemisferio tantas luzes legitimamente produzidas dos seus mayores luminares, houvesse de brilhar primeiro que ellas hum Phosforo, gerado entre sombras, para o illustrar com claridade mayor, desterrando as trevas de tantas confusões.

Via-se Portugal com muitos Principes sem

Era algum para Rey; porque a Infanta D. Brites pelo seu casamento, levava o Reino à Coroa de Castella, uniaõ inoportavel para os Portuguezes: e ainda que elles a reconhecerão por herdeira de seu pay, prevenio a cautela, que seu marido entrasse em Portugal, antes que della tivesse filhos, para se evitar a uniaõ das Coroas.

Os Infantes D. João, e D. Diniz, se bem aspiravaõ à successão, fundados em que a filha de seu irmaõ não era legitima, por nascer de matrimonio nullo, não serviaõ de alivio ao povo; porque andavaõ em Castella desterrados, donde com difficuldade voltariaõ ao Reino, pelo receyo, que havia ter aquella Coroa do forte direi^o destes Principes. Bem mostrou entãõ o effeito a verdade deste discurso, e com escandalo mayor viraõ nossos avós practicar o mesmo com pessoa semelhante mais chegado aos nossos tempos.

Não tinha Portugal em quem pôr os olhos, senão em D. João, Mestre de Aviz, preciosa reliquia dos seus Monarcas, estimavel pelas suas qualidades; mas para a Coroa meños attendido por bastardo.

Entre tanta variedade de juizos não podia D. João deixar de formar no seu interior altas idéas, que cobriria com maximas de Politico, em quanto com a grandeza da alma se fazia amado do povo, e lhe mostrava em respirações magnanimas, que era verdadeiro halito dos seus mayores. Vistoso proemio foy do seu zelo da Patria a morte, que dentro no Paço deu ao Conde Andeiro, e com ella conheceo, que o amor do povo para com elle, e o odio para com a Rainha estavaõ em igual paralelo.

Gostou o Reino, que huma mão honrada, e valerosa expiasse com tal sangue os delictos, com que o Conde profanara o sagrado do Palacio; e entre os furiosos alaridos da plebe de Lisboa, foy D. Joaõ acclamado Restaurador da liberdade da Patria, e da honra do irmaõ. A Rainha, perseguida, e afflicta com o tumulto, se retirou para Alenquer, dahi para Santarem, donde representou a seu genro ElRey de Castella o risco da sua pessoa; se com poderosas forças não entrava em Portugal a segurarlhe a vida, em si a Coroa.

A alteraçãõ de Lisboa, que amontoando os insultos desprezava pessoas sagradas, e se communicava a todo o Reino, crescia com a noticia, de que ElRey de Castella, contravindo aos ajustes, marchava com mão armada contra Portugal. Dividiraõ-se os pòvos em parcialidades; mas receando todos, que o Castelhana de improvisõ se apoderasse do Reino, se resolveraõ nomear por Governador ao Mestre de Aviz, que já contava vinte e sete annos de idade, por haver nascido a 11 de Abril de 1357.

Passou D. Nuno Alvares Pereira ao serviço do Mestre, e tomaraõ muitas Praças o seu partido, se menos seguro, por melhor. Elle para endurecer no povo a idéa da defensiva, mandou pintar em hum Estandarte a seu irmaõ o Infante D. Joaõ prezo em ferros, como o tinha ElRey de Castella; arbitrio, que provocou mais o furor, e espectaculo, que converteo a colera em contumacia.

Chegou ElRey de Castella a Portugal, e rompeo a primeira guerra contra a Rainha sua so,

Era gra, cuja resolução terrivel, e sagacidade notavulgar, vel obrigaraõ o Castelhana a mandalla para Tordeilhas; porque na Conquista de Portugal eraõ já as suas idéas o mayor embarço. Assim acabou sem liberdade huma Rainha feita da sua vontade.

Muitos lugares de Portugal deraõ sujeiçaõ a Castella, muitos dos nossos Fidalgos tomaraõ o seu partido: porém D. Nuno Alvares, Fronteiro entre o Tejo, e Guadiana, alentava com as suas façanhas os sequazes da liberdade. Venceo este Heróe aos Castelhanos na batalha dos Atoleiros; e em quanto nos confins se obravaõ maravilhas em armas, ElRey de Castella marchava com as suas sobre Lisboa.

Resistio o Mestre de Aviz a rijos ataques de espadas valerosas, e muitas, mas esteve quasi rendido à fraqueza da fome; inimigo duas vezes mais forte, porque obrigava a ser soffrido, e dissimulado. Na ultima resolução queriaõ procurar os nossos o seu remedio, olhando, em tal aperto, por valor qualquer temeridade: porém a peste, que inficionou o campo inimigo, se constrengendo-o a levantar o cerco, o privou de conseguir huma victoria, ainda na desproporçaõ contingente, a nós impedio-nos, em qualquer dos casos, a honra de hum grande feito.

O Rey Castelhana se retirou para os seus Estados com perda igual ao pesar daquelles infaustos successos, antes presagiados pela fatal quéda do Escudo das Armas de Portugal, que elle, fóra de tempo, mandara unir às de Castella. E o Mestre, vendo-se livre do inimigo, convocou Cortes

tes em Coimbra ; mas em quanto se ajuntavaõ , ^{Era} não quiz ter ociosas as armas. ^{vulgar.}

Avistou se este Pilades com o seu fiel Orestes D. Nuno Alvares Pereira , conferirõ as expedições ; e marchando cada hum por sua parte , restituirãõ muitas das Villas , que haviaõ seguido a voz de Castella. Com estes bons principios entrou o Mestre em Coimbra , aonde o esperavaõ complemento da sua fortuna , já preconizada em Evora por huma minina de peito , agora aclamada pelas bocas das innocencias.

Dividiraõ-se nas Cortes os pareceres , e hon- ^{1385.} veraõ votos a favor de todos os que podiaõ ter direito à Coroa ; mas o Doutor João das Regras , discipulo de Bartolo , defendeo a causa do Mestre de Aviz ; e já com discursos Politicos , já com eloquencia Forense , orando com tanta elegancia , e magestade , como o mais illustre dos Oradores da gentilica Roma , ou do Areopago da famosa Athenas , fez vistoso o intrincado enleyo das suas razões.

Empenhou se este Jurisconsulto em mostrar a inhabilidade da Rainha D. Brites , tida por bastarda ; e com mayor affluencia de argumentos , que pareceraõ grandes , impugnou o casamento de El-Rey D. Pedro com D. Ignez de Castro , para ficarem os seus filhos taõ illegitimos como o Mestre ; os quaes , além destes motivos , foraõ julgados incapazes da successão por haverem tomado armas contra a Patria em favor dos Reys de Castella Henrique , e João.

Impresso nestas , e outras razões hum caracter de certeza , cahio a sorte sobre o Mestre , que se teve direito para herdar o Reino , sobrou-
lhe

Era
vulgar.

lhe valor para defendello. Tanto que foy aclamado Rey, Primeiro do nome sempre de Boa memoria, fahio a procurar a obediencia dos lugares, que ainda estavaõ, ou contrarios, ou indifferentes.

Por estes tempos muitos Cavalheiros Castelhanos, com boa copia de gente, entraraõ por Portugal, em quanto o seu Rey se dispunha para invasaõ mayor; e sem resistencia talaraõ, e roubaraõ tudo até Viseu; mas João Fernandes Pacheco, unido com a sua prudencia alguns Fidalgos entre si mal avindos, esperou aos inimigos, que se recolhiaõ ricos, e soberbos, e os atacou perto de Trancoso. Trezentos eraõ os Portuguezes, com alguns lavradores, que fizeraõ pouca resistencia. Foy este hum dos mais bem disputados encontros, no qual, sem faltar algum dos nossos, morrerãõ todos os homens de armas Castelhanos.

Furioso com a exaltação do seu inimigo, abandonando a empreza de Elvas, passou El Rey de Castella ao lugar, em que fora aclamado Rey o Mestre de Aviz. Aqui se precipitou a Magestade a cometer excessos crueis, abominaveis, e sacrilegos; consequencias da colera de Principes, que, perturbada a razaõ, revestem com as nuvens da vingança a placida serenidade da clemencia, embrulhando entre medonhas carrancas a gentileza da humanidade, e a formosura do titulo.

Estava D. João em Abrantes pensativo; mas o parecer do Condestavel D. Nuno o fez determinar contra o voto dos mais, que, ou muito circunspectos, ou pouco ousados, temiaõ na desporção

porção a ruina, depois desta o cativeiro. Trazia Era vulgar. ElRey de Castella trinta e seis mil homens bem armados: tinha o de Portugal seis mil sem aquella circumstancia: notavel excessão a não serem os poucos Portuguezes mais costumados a pelear com a opiniaõ, que com o numero.

Com taõ desigual partido, dividido em duas 1385. batalhas, huma que mandava ElRey, outra o Condestavel, a 14 de Agosto se atacou a de Algibarrota, sempre celebre pela victoria, mais feliz pelas consequencias. Entre o estrago de mais de doze mil mortos pereceo a flor de Hespanha, foraõ muitos os prisioneiros, riquissimos os despojos, e mais que tudo estimavel a certeza da liberdade.

Arrastando sete annos hum pezado luto, descobrio ElRey de Castella os accidentes do seu coraçãõ, e se não lhe pezava, como elle dizia, ficar vencido, mas pelo ser de quem o não esperava; advertira-se, como Emilio Paulo a Terencio, a necessidade da circumspecção para combater o Anibal Lusitano. Tem pouco remedio as desgraças: e quem não appella para o Tribunal da Constancia, perde em hum processo duas causas.

Ja feito Conde de Ourem, entrou o Condestavel por Castella a buscar para si só a gloria de outro triunfo, igual àquelle, de que dera a ametade ao seu Rey. Junto de Valverde o desafiarãõ os Mestres das tres Ordens Militares cercados de trinta mil homens: e não tardou em declarar-se a victoria mais tempo, que aquelle, que foy necessario para romper a batalha. No numero dos muitos mortos entrou o Mestre de Santiago, e para matar Castelhanos a centos bastou o braço do
Capi-

Era ^{vulgar.} Capitão Antonio Vasques. Voltou ao Reino o nosso Condestavel, e recebeu no titulo de Conde de Barcellos o premio dos seus serviços, para os quaes já não havia mercê grande.

Depois desta expedição foy ElRey sobre Corria, e se não logrou a empreza por entender lhe faziaõ falta os Cavalleiros da Taboa Redonda; houve de fazerse desentendido à militar bizarria, com que Mem Rodrigues de Vasconcellos lhe respondeo, Que pela falta dos Cavalleiros não se malograra a expedição, mas pela de hum Rey Artur, que os governasse.

O direito, que ao Reino de Castella pertendia ter D. Catharina, filha de Joaõ, Duque de Lancastre, e de sua primeira mulher D. Constança, filha de D. Pedro, Rey de Castella, trouxe a seu pay a este Reino, e para se confederar com o de Portugal, se avistaraõ ambos. Resultou desta vista, além da liga para a guerra, a alliança do parentesco; porque pago D. Joaõ da formosura de D. Filippa, filha do Duque, e de sua segunda mulher D. Branca, a pedio por esposa; rejeitando, com moderação rara, receber a primeira, que seu pay lhe dava, e com ella o direito à Coroa de Hespanha.

1387. Celebraraõ-se estas vodas na Cidade do Porto a 2 de Fevereiro de 1387; mas trocadas as delicias do thalamo pelas fadigas da campanha, continuou ElRey a guerra, que veyo a ter fim com o matrimonio da pertendente D. Catharina com D. Henrique, primogenito de ElRey de Castella.

Porém as treguas duraraõ pouco; porque subindo ao throno o mesmo D. Henrique, faltou

as condições dellas, e El Rey D. João continuou a defender a justiça da sua causa com o direito das armas.

Em successos varios se passaram os annos até o de 1400, no qual a Rainha D. Catharina, na menoridade de seu filho D. João II. ajultou a paz geral com grandes ventagens da nossa Coroa, que daqui em diante começou a transportar as suas armas além dos mares, como veremos em seu lugar nos Livros seguintes.

Pacifico El Rey no seu Estado, empregou o seu Real animo em obras magnificas. No anno de 1388 havia erigido a Sé de Lisboa em Arcebispadou, agora fez edificar Templos, e Palacios: obras são suas o famoso Mosteiro da Batalha, e os Paços de Lisboa, Cintra, Santarem, e Almeirim. Estabeleceo leys justas, e proveitosas: mandou traduzir em vulgar o Codigo de Justiniano, e que deixada a Era de Cesar, se usasse do anno do Nascimento de Christo.

Aos Vassallos benemeritos premiou com honras, e merces. Casou seu filho natural D. Afonso, Conde de Barcellos, em 1401 com D. Brites Pereira, filha do grande Condestavel D. Nuno, e estes são os illustrissimos troncos da Real Casa de Bragança. Entre os bem remunerados foy dos primeiros João das Regras, a cuja jurisprudencia deveo El Rey tanto como à espada de D. Nuno, pelo que se empeçaraõ nos cadilhos da borla deste Doutor os premios, que costumavaõ ganhar os braços à ponta da lança.

Teve este bem afortunado Rey felicissima geração; porque foy pay dos Infantes D. Branca, e

Era vulgar. D. Affonso, que morreraõ mininos: de D. Duarte seu succellor, que nasceo em Viseu a 31 de Outubro de 1391, e casou em vida de seu pay a 22 de Setembro de 1428 com D. Leonor, filha de D. Fernando I. Rey de Aragoõ.

Os mais filhos de D. Joaõ foraõ: D. Pedro, Duque de Coimbra, Principe sabio, que adquirio excellentes qualidades vendo as mais decantadas grandezas do mundo. Nasceo em Lisboa a 9 de Dezembro de 1391, e governou o Reino na menoridade de seu sobrinho, e genro D. Affonso V. às mãos do qual, pelas calumnias de seus inimigos, veyo a morrer na injuriosa batalha de Alfarrobeira em 20 de Mayo de 1449, e jaz no Convento da Batalha.

Casou este Principe com a Infanta D. Isabel, filha de D. Jaime, Conde de Urgel, e teve ao formoso D. Pedro Condestavel de Portugal, que os Catalães elegeraõ por seu Rey; a D. Joaõ, que depois de estar despoñado com Carlota, filha herdeira de Joaõ, Rey de Chypre, morreo em Borgonha; a D. Jaime, Cardeal Arcebispo de Lisboa, taõ illustre no engenho, como admiravel na observancia da Castidade, querendo antes perder a vida, que manchar a pureza; a D. Isabel, mulher de seu primo D. Affonso V. de Portugal; a D. Beatriz, que casou com Adolfo, filho do Duque de Cleves; e a D. Filippa Religiosa em Odivellas.

O Infante D. Henrique, Mestre da Ordem de Christo, Principe magnanimo, sabio, e virtuoso, cujas famosas expedições teraõ adiante seu lugar proprio, ainda que com penna desigual para taõ alto assumpto. Foy Duque de Viseu, e nasceo no Porto a 4 de Março de 1394. Morreo no Algarve

garve na Villa de Sagres, aonde fez assento para mandar continuar os seus descobrimentos, a 13 de Novembro de 1460, e jaz no Convento da Batalha.

A Infanta D. Isabel, que nasceu em Evora a 21 de Fevereiro de 1397, e casou em Bruges a 10 de Janeiro de 1429 com Philippé III. Conde de Flandes, Duque de Borgonha, o qual em memoria desta estimavel uniaõ, entre muitas magnificencias, instituiu a illustre Ordem do Tusaõ de Ouro, que florece na Europa com o primigivo esplendor.

O Infante D. Joaõ, Mestre da Ordem de Santiago, e Condestavel de Portugal, que nasceu em Santarem a 13 de Janeiro de 1400. Casou com sua sobrinha D. Isabel, filha de D. Affonso, Duque de Bragança, e teve filhos a D. Diogon, que morreu menino; a D. Isabel, mulher de D. Joaõ II. Rey de Castella; a D. Brites, que casou com o Infante D. Fernando, dos quaes nasceu El Rey D. Manoel; e a D. Ellippa, que não tomou estado.

O Infante Santo D. Fernando, Mestre da Ordem de Aviz, nasceu em Santarem a 29 de Setembro de 1402. Passou com seu irmão a Africa, aonde ficou em refens até se entregar Ceuta aos barbaros; e porque se não effituou esta convençaõ, padecio com constancia santa, e heroica o mais duro cativoeiro, aonde morreu, como veremos. Jaz no Convento da Batalha.

Fóra do matrimonio teve El Rey D. Joaõ a D. Affonso, Conde de Barcellos, I. Duque de Bragança; e a D. Brites, que casou com Thomaz, Conde de Arondel, do sangue Real de Inglaterra. Estabehe a alta descendencia do grande Rey D. Joaõ I., e podemos disputar o problema; Quando foy D.

Era vulgar. Joaõ mais glorioso; se por pay de taes filhos; se por filho das suas obras?

D. Duarte, undecimo Rey de Portugal.

1433. **D**E quarenta e dous annos succedeo D. Duarte a seu pay, e as raras virtudes, que mostrou sendo Principe, lhe naõ aproveitaraõ nas emprezas quando Rey. Na tomada de Ceuta pareceo hum Demetrio com Antigono vivo: depois de D. Joaõ morto, teve quasi a mesma fortuna de Demetrio: o reinado deste Principe foy de valor proprio com desgraças alheas; o de D. Duarte teve por infortunios ptoprios o valor dos butros.

Cinco annos governou D. Duarte entre calamidades, e como sombra do seu corpo, o acompanhou a peste; castigos todos, que só devemos attribuir à alta disposiçaõ do superior Nume, sem cansar a penna na narraçaõ dos prognosticos, que lhe fizeraõ no dia em que recebeu a Coroa; porque nos horoscopos mentem os aspectos dos Astros, na Fé saõ infalliveis as doutrinas do Ceo.

Fluctuando em adversidades, foy Portugal fóra de si buscar males mayores: a funesta expediçaõ dos Infantes a Africa, além de diminuir a reputaçaõ das armas, nos fez perder hum Principe, que seria sempre chorado infeliz, se nos naõ consolata a gloria de Santo.

Nestas misérias da nossa Athenas tinhamos o unico alivio de outro melhor Demetrio Falerêo, o Infante D. Henrique, mercedor entre nós de mais gratas Estatuas, que aquellas que a Demetrio levantou agradecida, e arratou barbara a sua Republica; porque

na mayor decadencia do Estado Portuguez, o nosso D. Henrique com as suas vastas conquistas, e remotos descobrimentos, ampliava os limites do Imperio, e fazia na suffocação respirar os animos. Era vulgar.

Teve ElRey D. Duarte excellentes virtudes naturaes, e adquiridas: foy muy dado à Filosofia, especialmente à Moral, amou os sabios; era prodigioso nas forças, e mandava os cavallos com raro desembaraço. Divulgou a Ley Mental, assim chamada, porque seu pay, pelo arbitrio de João das Regras, a praticava, sem que lhe sahisse da mente. Morreo em Thomar a 9 de Setembro de 1438 com quarenta e sete annos de idade, ferido de peste: não chegou a reinar cinco annos completos. 1438.

Da Rainha D. Leonor sua mulher teve D. Duarte filhos a D. João, D. Duarte, D. Philippa, e D. Maria, que morrerão mininos; a D. Affonso seu successor; e o primeiro dos Principes Portuguezes, que antes de reinar teve este titulo: nasceu em Cintra a 15 de Janeiro de 1432.

Ao Infante D. Fernando, que foy Duque de Viseu, Mestre das Ordens de Christo, e Santiago, e Condestavel do Reino: nasceu em Almeirim a 17 de Novembro de 1433. Casou nas Alcaçovas com D. Brites, filha do Infante D. João seu tio, anno de 1447, e teve filhos a D. Leonor, mulher de ElRey D. João II. a D. Isabel, que casou com D. Fernando II. Duque de Bragança, e entre outros, a D. Manoel, que depois foy Rey.

A Infanta D. Leonor, que nasceu em Torres Vedras a 18 de Setembro de 1434, e foy Princeza dotada de muitas qualidades da graça, e natureza.

O Pa-

Era vulgar. O Papa Nicolao V. a recebeo em Roma com o Imperador Federico III. em 16 de Março de 1452.

A Infanta D. Catharina, que nasceo a 25 de Novembro de 1436, e esteve desposada com Carlos, Principe de Navarra, e depois com Duarte IV. de Inglaterra; mas veyo a falecer, antes de se effectuar o matrimonio, em Junho de 1474.

A Infanta D. Joanna, que nasceo posthuma em Março de 1449, e foy mulher de Henrique IV. de Castella, ambos pays da Excellente Senhora. Jaz ElRey D. Duarte com a Rainha sua mulher no Mosteiro da Batalha.

C A P I T U L O VII.

Da vida, e acções dos Reys D. Affonso V., e D. Joao II.

DEixou ElRey D. Duarte o seu Estado envolto em calamidades, e não foy das menores ficar o seu successor tão minino, que só tinha seis annos de idade. E ainda que a prudencia, e mais virtudes da Rainha sua máy pro nettiaõ huma Regencia bem afortunada, não pareceo convenientê ao Reino, que huma Senhora governasse ao seu arbitrio hum Dominio, que tinha a honra de sustentar huns Principes de tão superior character, e mais illustres nas acções, que no sangue, e sobre cujos hombros podia estar firme hum mundo, quanto mais hum Reino.

Não tardaraõ em tomar corpo as parcialidades, seguindo huns o partido dos Infantes, outros a voz da Rainha. Em Lisboa se convocaraõ Cortes, e nellas se determinou, que o Infante D. Pedro,

dro, Duque de Coimbra, fosse Regente do Reino, ficando à Rainha só o cuidado da fazenda Real, e da educação dos seus filhos. Tomou a Magestade por agravo do caracter esta resolução do povo, e abandonando o Reino, foy experimentar em Castella mais diminuições na grandeza.

Era
vulgar.

Contra sua vontade aceitou o Infante a Regencia, preferindo os interesses do commum ao seu commodo particular; foy este o nosso Tito Portuguez, que na continuada serie de dez annos de governo, ordenado pela sabia conducta da sua consumada prudencia, justamentè se lhe deveo o epitheto de Delicias da Patria: porém ella lhe pagará com morte horrivel serviços grandes; porque a ambição sabe transformar em Domiciános Principes pios.

Já traçava idéas a emulação, mas o Infante para desmentillas, vendo que seu sobrinho, na idade de dezaseis annos, podia bem reger seus Reinos, lhe entregou as redeas do governo, e o casou com sua filha D. Isabel. 1448.

Esta prova de fidelidade tão contraria à opiniaõ dos emulos do Infante, não moderou a calumnia, antes defenfreou mais a inveja, que como sempre vê com errada optica, toda a lorte de luzes a cega. Abandonou o Infante a Cortè, e se retirou para Coimbra; mas não lhe aproveitou meter terra em meyo; porque aquelle monstro, como se tivera qualidades sobrenaturaes, vay a todòs os extremos sem passar pelo meyo.

Differentes eraõ na Cortè os sentimentos: huns se empenhavaõ em abonar os procedimentos do Infante; outros esforçavaõ-se em persuadir, que

a lua

Era
vulgar.

a sua ambição aspirava ao throno : porém não soffrendo o seu Real animo , que contra as evidencias da fé formasse syllogismos barbaros a paixão , marchou para a Corte a purificar na pessoa a innocencia , a pedir para a grandeza satisfação das imposturas.

1449. Mas , ou fosse casualidade , inadvertencia , ou prevenção , o Duque sahio de Coimbra com gente armada. Confirmou este incidente a idéa dos que defendião , que o Infante se queria fazer Rey. E como em hum Dominante menos circumstancias bastaõ para se preoccupar de imaginações funestas , como se os thronos firmes se arrancassem com assopros ; D. Affonso , com armas injuriosas , se poz em campo contra seu tio , e sogro , ao qual tirou a vida na fatal jornada de Alfarrobeira , quatro leguas distante de Lisboa , e com vingança infame passou a ira além da morte.

1455. Com esta derrota socegaram as inquietações do Reino , que D. Affonso pertendia engrandecer com conquistas novas. Era já morta a Rainha sua esposa , que lhe deixou feliz geração ; e como pouco depois o Papa Callixto III. publicou a Cruzada para a Conquista da Terra Santa ; El Rey D. Affonso foy o primeiro dos Principes Catholicos , que se preparou para a jornada , e mandou cunhar a moeda , que chamaõ Cruzados , para pagamento do seu exercito.

1457. A morte do Papa frustrou estes santos designios , e o ciume dos outres Principes pertendeo com astuciosas maquinas , que o piedoso zelo de D. Affonso tivesse por premio abatimentos da reputação , injurias do caracter. Prevenio a sua prudencia ,

prudencia o pezado golpe , e fazendo tremolar em Africa as suas victoriosas bandeiras , obrigou a tremer aquellas Regiões com susto , a callar-se a Europa com respeito.

Era
vulgar.

As continuas, e felices expedições de Africa de-
raão ao nosso Rey o nome de *Africano*, como veremos
em seu lugar: não foraão taõ bem afortunadas as suas
idéas em Hespanha. Era já falecido seu cunhado Hen-
rique IV. , que nomeou por herdeira de seus Reinos
a sua filha D. Joanna, chamada a Excelente Senhora.

Com esta Senhora , sua sobrinha , ajustou D. Affonso segundas vodas , e marchou a Castella para tomar posse do Throno , e trazer esposa. Nesta occasião se defenfrearaõ as pennas , e as linguas ; e assim como os Portuguezes, para impedirem a uniaõ de Portugal com Castella , affirmaraõ , que a Rainha D. Brites , mulher de D. Joaõ I. não era filha legitima de D. Fernando ; agora os Castelhanos, para que Castella se não unisse a Portugal , assentaraõ ; que D. Joanna não era filha de D. Henrique.

D. Fernando o Catholico , por sua mulher D. Isabel , meya irmã do Rey defunto , era outro pretendente à Coroa : ambos os Principes , com partido grande , pertenderaõ articular a sua justica com as razões , e direito das armas : foy D. Affonso jurado Rey em Placencia , e com a esposa passou à Cidade de Toro , que seguia a sua voz. Não tardou sobre ella o Rey de Aragaõ , e começou a furia da guerra a inquietar os animos com reciprocas ruinas.

O Principe D. Joaõ entrou por Castella com muita gente de soccorro , e unidos ambos , foraõ fitiar Çamora. Sobre esta Praça appareceo o Rey de Aragaõ , e entre ella , e a de Toro se deu huma

Era
vulgar. batalha, na qual ambos os Reys ficáraõ vencidos, os seus Capitães vencedores: o Principe D. João triumphou do Rey de Aragaõ, os Capitães Castelhanos do de Portugal. Abandonaraõ os Reys o campo da batalha, aonde se acclamou vencedor o nosso Principe; se bem que os eccos do applauso se embaraçavaõ na confusaõ da incerteza de seu pay, que sem companhia se refugiou em Castro Nuno.

Continuaraõ os successos da guerra com allegre semblante para os nossos interesses: porém, ou cansada a fidelidade dos Castelhanos, ou desejando o nosso Rey forças mayores para não arriscar na dilataçãõ os bons successos, determinou passar a França, e alcançar de Luiz XII. com o respeito da pessoa, soccorro proporcionado ao empenho. Mas entretido do Francez com esperanças, que nunca chegaraõ a ser posse, vendo a impossibilidade de lograr as suas idéas, renunciou o Reino ao Principe D. João, e partio para Jerusalem a acabar na guerra Santa com resoluçãõ, se catholica, inconsiderada.

1477. Quasi só empredeu D. Affonso esta jornada: porém sentindo os seus a sua falta, o foraõ buscar ao caminho, e vieraõ com elle a Portugal. O Principe seu filho, não lhe soffrendo a sua rara modestia ser Rey de hum Soberano, de quem fora Vassalho, e era filho, com moderaçãõ não vulgar lhe restituiu o Reino; e entãõ, quando o largava, se fez mais digno d'elle.

Restituido D. Affonso ao seu Reino, renouou as desconfianças com Castella, de que se não tiraraõ mais frutos, que ruinas, e mortes de ambas

bas as partes, até que se concluiu huma paz firme sem nenhuma utilidade de Portugal. A Princeza D. Joanna, que por este Tratado ficou destinada para futura esposa do Principe D. João de Castella com dependencia do livre arbitrio do mesmo Principe, ou com alto capricho, ou com resolução christã, fechou na Clausura de Santa Clara de Santarem as pompas da grandeza, sem que fóra se percebessem mais estrondos de Magestade, que o simples, e despido titulo de Excellente Senhora.

Era
vulgár.
1479.

Esta heroica resolução embainhou para sempre a espada de D. Affonso, que ambicioso de gloria semelhante, determinou seguir os vestigios daquella, que já respeitara por primeiro movel dos seus affectos; mas quando se dispunha a coroar a Magestade da purpura com o humilde sayal do grandz Francisco, morreo em Cintra na mesma antecamerã, em que nascera, a 28 de Agosto de 1481 com quarenta e nove annos de idade, e quarenta e tres de reinado. Jaz no Mosteiro da Batalha.

Foy D. Affonso Principe douto, amigo dos fabios, e o nosso Ptolomeu Portuguez, por haver sido o primeiro, que no Paço ajuntou huma grande copia de livros. Fallava o idioma vernaculo com tanta cultura, e polimento, que parecia composição advertida, e estylo limado a sua pratica familiar. Entre muitas virtudes, resplandecia nelle a da Castidade: foy taõ liberal, como sabemos pelos muitos Titulos, e merces, com que honrou, e enriqueceo os Vassallos.

De sua mulher, e prima a Rainha D. Isabel teve filhos ao Principe D. João, que nasceu em Cintra, e morreo minino; a Infanta D. Joanna,

Era
vulgar.

que no dia do seu baptifmo foy jurada Princeza, e nafceo em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452. Muitos Principes procuraraõ honrar o seu thalamo com esta Senhora, na qual igualmente competiaõ os millos da graça com os dotes da natureza: porẽm como estava destinada para esposa de mayor Principe, tomou o habito de S. Domingos no Convento de Jesus de Aveiro, aonde viveo, e morreo Santa. O Papa Innocencio XII. à instancia de ElRey D. Pedro II. lhe confirmou o culto immemorial por Bulla de 4 de Abril de 1693.

O Principe D. Joaõ seu fuceffor, que nafceo em Lisboa a 3 de Mayo de 1455, e casou em Setuval com a Senhora D. Leonor, filha de seu tio o Infante D. Fernando, Duque de Vifeu, em 22 de Janeiro de 1471.

D. Joaõ II., decimo terceiro Rey de Portugal.

POucos Principes vio o mundo, que foubessem como D. Joaõ defempenhar o caracter da Magestade. A grandeza das fuas acções, e a heroidade das fuas virtudes, que resplandeceraõ melhor no fim da vida, lhe deraõ justamente os pronomes de *Grande*, e de *Perfeito*. Até da boca dos seus inimigos tirou louvores a sua equidade, e delles foy reputado pelo melhor Rey, que teve o mundo: panegyrico, que tanto tem de muito verdadeiro, quanto de pouco affectado.

1481.

Com vinte e seis annos de idade succedeo D. Joaõ a seu pay, e no mesmo anno celebrou Cortes em Evora, nas quaes principiaraõ as pezadas paixões, que teve com o Duque de Bragança. O repente,

pena, com que este Principe, imitando a Galba, ^{Era vulgar.} quiz arrancar abusos radicados, fez que contra elle se maquinassem muitas conjurações; e os atrozes castigos, que mandou dar aos authores dellas, se bem lhe grangearam respeito, e temor; o trouxerao em hum continuo desasocego; pois ha casos em que a clemencia quer dissimulação, e a justiça clemencia.

Neste reinado se provou evidentemente a verdade, com que disse Mariana, que os Fidalgos das Hespanhas mais facilmente faltariao à fidelidade dos Principes, do que ao amor da honra. Vio-se D. Joao, pelas muitas merces que seu pay fizera, Rey quasi sem Reino; e impedio aos Senhores a jurisdicção criminal, mandou entrar as suas justiças pelas terras dos Donatarios, e regulou as homenagens, que os Fidalgos jurao aos Principes; idéas, com que se fez respeitado, e aborrecido.

Daqui se originarao aquellas fatalidades, que fizerao infausto o governo do Rey mais feliz; porque os Fidalgos, suppondo-se esbulhados da sua grandeza, parece que pertenderao restituilla atentando contra a vida do Principe, que só os queria Vassallos, mais obedientes, que absolutos.

Entendeo-se a Magestade offendida, e affestou contra o Duque de Bragança D. Fernando II. a primeira bataria: ou fosse que a sua grandeza dava mais cuidado ao Rey, ou que a sua apprehensão lhe representasse perigosas as idéas do Duque, sem que averiguemos na causa a realidade, ou o fingimento; o certo he, que o Duque em hum cadaffalfo publico na Cidade de Evora representou lastimosa figura, naquelles tempos com estrondo, sempre

Era
vulgar

pre com sensibilidade; porque em pessoa tamanha, a ser verdadeiro o delicto, foy excessiva a pena, arrebatada a resolução.

D. Diogo, Duque de Viseu, irmão da Rainha, foy outro dos grandes personagens desta tragica representação. Eltre Principe ambicioso de reinar, arrebatado do fervor da idade, intentou com outros desoccupar o Throno, que a Providencia lhe destinava, se fóra de tempo o não pertendera. A's mãos de El Rey acabou D. Diogo julgado por si mesmo, e recebeu de hum punhal os premios, que costuma dar a ambição.

Todos os mais conjurados com castigos diferentes experimentarão por huma mesma causa a severa condição do Rey: nestas aguas envoltas ganhou a sua fortuna Diogo Tinoco, que alimentando a sua baixaza com o escandaloso proceder de huma irmã, além de ficar rico, pertendeo fazerse celebre.

Livre D. João dos embaraços domesticos, em que teve fluctuante a Coroa, arriscada a vida, deu nova alma ao grande corpo da sua reputação com excellentes obras de justiça, prudencia, liberalidade, e outros attributos de magnificencia, que na sua pessoa parece compunhaõ huma entidade superior, que excedendo as qualidades de humana, se arrogava circumstancias de divina. Não ha duvida, que se D. João não entregasse nas mãos da complacencia a severidade do genio, merecia ser alta idéa dos mais sublimes Potentados; porque he certo, que entre o ajustado movimento das suas operações, algumas que nos outros homens são virtudes por girarem em esfera mais inferior, a

men-

mentirosa parallaxe as representava aos olhos vicio.

A's mais remotas Regiões do mundo chegou o nome de D. Joaõ: em humas o dava a conhecer a fama, em outras a espada: fez gemer o Oceano debaixo do pezo das suas Armadas, e nas muralhas mais soberbas do Gentilismo se arvoraraõ nos nosos Pavilhões as Cruzes enlaçadas com as Quinas: conheceraõ os seus Vassallos mares novos, novos climas, e os alheyos nõva ley em novos dogmas; que D. Joaõ quando pelo povo se offerecia aos cuidados, pela Religiaõ queria dar o sangue, como deu a entender na empreza, que tomou do Pelicano ferindo o peito, com a letra: *Pela Ley, e pela Grey.*

Era
vulgar.

Chegou o anno de 1490 destinado para o casamento de seu unico filho, e herdeiro D. Affonso, que contava quinze annos de idade, por haver nascido em Lisboa a 18 de Mayo de 1475. Pelo Tratado da Paz entre Portugal, e Castella, ficou ajustado este matrimonio com a Infanta D. Isabel, filha dos Reys Catholicos Fernando, e Isabel; Princeza digna de tal esposo pelas qualidades, e pelas virtudes.

Foraõ celebradas as vodas com a mayor magnificencia, que se havia visto na Europa em funções semelhantes: porém brevemente se converte-raõ em extremo sentimento às excessivas alegrias, que pelo que tinhaõ de mundanas, mostraraõ quanto eraõ falliveis, e que da sua posse só se tira o bem do desengano.

Da quèda de hum Cavallo perdeu o Principe a vida poucos mezes depois de casado, passeando pelas margens do Tejo junto a Santarém. E que espelho
mais

Era
vulgar. mais diafano para se comporem os ambiciosos de honras, e amantes da vaidade, que ver em hum Principe, pouco antes, entre os apparatus da grandeza, assumpto de Epinicios faustos, agora, acabando na vil choupana de hum pescador, lastimoso objecto de funebres Epicedios! De tamanha fatalidade só se podia tirar o bem do delengano para se estimar o mundo pelo que vale. Seu pay se consolou nesta irreparavel perda, advertindo, que a brandura, e affabilidade do Principe não era propria para hum Rey de Portuguezes; como se nós, sendo filhos, não necessitamos antes de hum Rey pay, que de hum pay Rey.

Seguiu-se a esta outra não menor desgraça; porque sacudidos de Hespanha os authores da mais detestavel maldade, as impias reliquias do Judaismo, se estabeleceraõ em Portugal, aonde, lançando raizes de ouro, infecionaraõ muitas casas de subidos quilates com as suas fêzes: enxerio-se, e conglutinouse esta escoria de todas as plebes com tão indistincta mistura, que para se remediar o damno, quasi se necessitava transplantar o povo.

1493. Já por estes tempos as forças navaes de Castella, e Portugal tinhaõ tomado à sua conta fazer communicavel o mundo, e para ampliarem a Fé, darem a conhecer as idades passadas, e ignorantes, que não era erro contra ella crer nos Antipodas, e mundos novos debaixo dos nossos pés. Entrou logo a ambição das duas nações a perturbar tão santos, e uteis intentos; como se cada huma dellas não quizesse menor theatro para a representação das suas façanhas, que o mundo todo. E porque estas disputas vieraõ a estragar a Geografia por causa das

das erradas medidas das longitudes, tomadas pelas regras do capricho, daremos individual noticia deste ponto, que em outra parte tocámos de passagem. Era
vnlgar.

Para compor esta contenda das duas Coroas, ^{1493.} se interessou nella o Papa Alexandre VI., e pela linha da demarcação dividio o mundo em dous hemisferios, fazendo passar o primeiro meridiano, que os repartia, pelas Ilhas dos Açores. O hemisferio Oriental coube aos Portuguezes, e o Occidental aos Castelhanos; mas os Reys não contentes da divisaõ, estabelecerão outra linha propriamente chamada de Demarcação, que passa trezentas e setenta leguas ao Occidente das Ilhas de Cabo Verde.

Estes pacificos ajustes foraõ brevemente perturbados; porque ambas as nações pertenderão as ventajosas ganancias, que lhes promettia a posse das Ilhas Molucas, as quaes cada huma queria dentro da sua repartição, e muitas vezes disputaraõ as armas esta questãõ.

Os Castelhanos pelas suas medidas, não só pertendiaõ insinuar-se nas Molucas; mas em toda a mais terra, que ha entre ellas, e Malaca. Os Portuguezes ao contrario, firmados no ponto do seu hemisferio, que começava nos Açores, supposeraõ as Molucas em cento e sessenta grãos de longitude; que ainda lhes faltavaõ vinte grãos para terem a sua repartição completa; e que por esta conta devia ser o termo das suas conquistas as Ilhas dos Ladrões, e do Japão, na extremidade das quaes collocaraõ o computo dos seus cento e oitenta grãos.

Empenharão-se os Mathematicos Castelhanos em sustentar com theoremas o seu partido: o mes-

Era
vulgar.

mo fazião os Portuguezes, diminuindo a grandeza da Asia com a medição das longitudes calculadas pela observação dos eclipfes. Porém os Soldados, que não se occupavaõ com figuras astronomicas, poseraõ a decisão da causa no valor das armas, e lançaraõ à viva força os Castelhanos das Molucas; entendendo talvez, que para titulo da sua possessões bastava, que as Molucas fossem descobertas por hum Portuguez, qual era Fernando de Magalhães, ainda que occupado no serviço de Príncipe estrangeiro.

Nós não podemos negar, que antes desta contenda as Cartas Portuguezas se differenciavaõ pouco das de Ptolomeu; mas depois della se diminuirãõ tanto, que nellas se via a Asia desfigurada, e contrahida a sua grandeza a espaços tão curtos, que mal poderiaõ ter lugar naquella parte do mundo, reduzidos a Provincias, os vastissimos Reinos, e Imperios, de que ella se compoem: porém se erramos nas nossas medições, não somos dellas os inventores, nem os Castelhanos se podem queixar só de nós; porque para os nossos interesses seguimos as doutrinas dos Arabios, os quaes deraõ a mesma diminuição à Asia, por haverem também calculado as longitudes pela observação dos eclipfes.

A lastimosa morte do Príncipe D. Affonso deixou tão afflicto o coração de seu pay, que passou o restante da sua vida entregue a huma profunda melancolia, e desgostado das vaidades, e enganos do mundo, se dispoz para o gozo dos verdadeiros, e permanentes bens da eternidade. Todo o cuidado de D. João se empregava nos cultos da Religião,

ligiaõ ; e os que até entaõ o temiaõ Rey severo , Era vulgar.
 já o admiravaõ Principe pio , e homem santo. Elle fundou a magnifica obra do Hospital de Lisboa com a invocação de todos os Santos , em cuja fabrica o acompanhou o catholico zelo da Rainha , que tambem instituiu outras obras de piedade , padrões immortaes da sua devoção.

Foy ElRey D. Joaõ II. excellente Filosofo , e Mathematico , taõ eloquente , que a gravidade dos seus concisos , e profundos apopthegmas , dava admiravel authoridade ao pezo da soberania. Na justiça foy inteiro , e com tanta inteireza justo , que tinha catalogos de nomes dos benemeritos , para que o premio se antecipasse ao rogo , sem demorar-se a paga ao serviço. Zelou tanto a liberdade do alvedrio Real , que nunca teve valido ; e esta foy a mayor maravilha , que Monsieur Escalas admirou em Portugal , dizendo ao seu Soberano , que vira neste Reino hum homem , que mandava a todos , sem que alguem o governasse.

A' proporção dos dotes da alma teve as qualidades do corpo : nas forças era desmarcado , na espada destrissimo , no animo resoluta , e ultimamente hum compendio de tantas virtudes , que repartidas por outros , poderaõ fazer muitos Reys perfeitos , felices muitas Coroas.

Como a queixa do Rey se aggravava , e padecia os effeitos de huina confirmada hydropesia , veyo ao Algarve por conselho dos Medicos para tomar as caldas de Monchique ; mas como o mal estava taõ adiantado , morreo na Villa de Alvor a 25 de Outubro de 1495 , com quarenta annos de idade , e quatorze de reinado depois da morte de seu pay.

Era
vulgar.

Quando Portugal perdeu este Rey, então reconheceo as suas circumstancias: foy sentida a sua falta de amigos, e inimigos; clamadas, e acclamadas por todos as suas virtudes, que a evidencia dos milagres canonizava por heroicas, assim como as linguas por Santo a quem taõ pontualmente as havia exercitado. Estas glorias posthumas saõ a melhor prova do alto caracter do nosso Principe; porque fraco já o pulso, que apertava o Sceptro, e a espada, e surdos os ouvidos para a adulaçãõ, e lisonja, fallavaõ as linguas sem temor, escreviaõ sem embaraço as pennas, porque naõ havia que temer escandalo para a modestia, castigo para a maledicencia.

Foy o seu cadaver sepultado na Cathedral de Silves, donde no anno de 1499 com magestosa pompa, e espantoso apparatus, foy trasladado para o Mosteiro da Batalha por ElRey D. Manoel, que lhe pagou na morte as merces, que lhe fizera na vida, sem transcender à sua pessoa o resentimento, que lhe houvera provocado seu irmaõ D. Diogo, Duque de Viseu. Ainda hoje está o seu corpo incorrupto, que naõ devia gastar a terra huma carne reduzida pelo rigor da mortificaçãõ à incorruptibilidade de espirito.

Da Rainha D. Leonor, filha do Infante D. Fernando, a qual lhe sobreviveo trinta annos, naõ teve ElRey D. Joaõ mais filhos, que o mal logrado Principe D. Affonso. E de D. Anna de Mendoga, Senhora illustre, houve ao Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Progenitor da grande familia dos Lancastres.

CAPITULO VIII.

Da vida, e acções dos Reys D. Manoel o Grande, e D. João III.

Viviaõ ainda muitos successores legitimos da Coroa Portugueza, quando foy presagiado para ella D. Manoel, filho sexto do Infante D. Fernando, como outro David, o menor entre os filhos de Isai. Chorava Portugal a falta de tantos Principes mortos, e tinhaõ as lagrimas tanto de mais sensiveis, quanto de irremediavel a causa dellas. 1495.

Naõ havia em quem se posseffe os olhos para o alivio, e para o remedio, senaõ em D. Manoel, que pelo sangue tinha direito legitimo, na idade aptidaõ, e nas virtudes merecimentos. Contava elle entaõ vinte e oito annos, por haver nascido em Alêochete a 31 de Mayo de 1469 destinado pelo Ceo para verdadeiro Athlante do mundo, e glorioso desempenho da promessa de Christo, como instrumento escolhido para levar a sua palavra às nações estranhas com dilataçaõ do Imperio, e gloria da Religiaõ.

Mostrou D. Manoel nos tyrociniõs de Rey, que podia jubilar na difficulosissima arte de Reinar, taõ provecto nos systemas do governo, como se as maximas adquiridas nascessem todas de virtudes só infusas. O certo he, que baltavaõ os preludios do seu Imperio, sem se avançar a mayor perfeiçaõ o heroismo, para se lhe dever o epitheto de *Venturoso*; porque saõ mais gloriosos em hum Principe os triumphos, que consegue de si, e dos seus,

Era
vulgar. seus , que aquelles que alcança dos estranhos, e inimigos.

Começou D. Manoel a imperar em si: parecia Rey sem entidades de homem; o titulo era substancia, a natureza accidente; e postas as paixões em calma, obrava a Magestade sem mais dependencia, que a das leys da razaõ. Venceo os Vassallos com prudencia, mansidaõ, liberalidade, e amor: escusados seriaõ os preceitos neste reinado; porque para ter o povo observante, era mais efficaç o exemplo, ou as suas palavras, com os gritos da fama, leys volantes, a que só bastava a suavidade para todos se conterem nos limites do obrar.

Dos estranhos, e inimigos triumphou D. Manoel com victorias differentes, e armas iguaes: triumphou dos elementos com o seu poder; do gentilismo com a sua christandade; dos inimigos com a espada; dos amigos com os favores; de todos com a equidade. E como se o seu zelo se extendera à refórma universal do mundo, até representou ao Papa Alexandre VI. por meyo dos seus Embaixadores D. Rodrigo de Castro, e D. Henrique Coutinho, os escandalosos procedimentos da Corte de Roma, para que lhes applicassẽ remedio opportuno, antes que se diffundissem pelo mundo os males, que padecia a sua cabeça.

Como o seu mayor cuidado era o augmento da Religiaõ, vendo, que os Reys seus predecessores haviaõ ampliado o dominio com a navegaçaõ, elle determinou pelo mesmo meyo arvorar o Estandarte da Cruz no berço do Sol, ou à força de braços humanos, ou com a efficaçia de palavras divinas. Ajudou Deos taõ santos designios, e deu a

D. Manoel a gloria, de que gentes innumeraveis, geradas nas trevas da barbaridade, fossem segundas ^{Era vulgar.} creaturas regeneradas com a luz da sua doutrina.

No mesmo anno em que D. Manoel mandou ^{1497.} Vasco da Gama ao descobrimento da India, casou em Valença de Alcantara com D. Isabel, filha dos Reys Catholicos, e viuva de seu sobrinho o Principe D. Affonso, legitima herdeira de Hespanha pela morte do Principe D. Joaõ. Passou ElRey a Castella com a Rainha para serem jurados Principes de tantos Estados; mas com o golpe fatal, que descarregou a morte em duas vidas, se cortaraõ em flor as esperanças, à Coroa de Portugal tantos Dominios.

A 24 de Agosto de 1498, na Cidade de Caragoça, nasceu o Principe D. Miguel da Paz; mas os festivos vivas, com que o haviaõ receber os gostos, se converteraõ em lugubres epifonemas, com que no mesmo dia foy chorada a morte de sua mãy, que deixava pendente de hum fio taõ delgado o desmarcado pezo de tantas Coroas. Para herdeiro dellas veyo D. Miguel ao mundo: não quiz ^{1500.} a Providencia que as cingisse, e com lagrimas renovadas foy lamentado morto em Granada a 20 de Junho. Voltou o Rey para Portugal, e se em Castella deixou enterradas Coroas, no seu Reino achou resuscitados mundos.

Com a chegada de Vasco da Gama, que atravessando mares nunca de antes navegados, fez ver às mais remotas Regiões da Asia as nossas vencedoras Quinas, e com o descobrimento das terras de Santa Cruz, hoje chamadas Brasil, foy notavel o alvoroço; porque já o mundo não tinha mais partes,

tes, aonde levantasse padrões a nossa Fé, o nosso
 vulgar. valor troféos. Começou-se a ouvir com respeito o
 nome de El Rey, a temerem-se as espadas dos Vaf-
 fallos, e a atroarem pelo mundo os eccos de huma
 façanha, que não imaginaraõ as idades passadas, e
 mal podiaõ crer as presentes.

O primeiro, a quem amedrontaraõ os golpes
 das nossas espadas na India com estrondo formida-
 vel, foy ao Soldaõ do Cairo, o qual para evitar,
 que descarregassem sobre a sua cabeça, representou
 ao Papa como as nossas armas na India eraõ o escan-
 dalo da Asia, e que se elle não fizesse embainhal-
 las, despiciaria nos Lugares Santos de Jerusalem as
 injurias do Alcoraõ, e as ruinas dos povos.

Affustou-se o Papa da embaixada, ouviu El-
 Rey com incomparavel jubilo as ameaças, que o
 estimularaõ a profeguir com mais efficacia hum em-
 penho, que começado com fortuna incerta, já che-
 gava a atemorizar os mayores Potentados da Asia
 com alta reputaçãõ da sua Coroa, crédito da na-
 çãõ, e gloria da Christandade.

1500. Como D. Manoel necessitava de dar successor
 ao Reino, casou segunda vez com D. Maria, fi-
 lha terceira dos mesmos Reys Catholicos, com a
 qual se recebeu em Alcacere do Sal a 30 de Outu-
 bro de 1500, e della teve amplissima geraçãõ, co-
 mo veremos.

Floreceo este Rey na nossa idade de ouro, e
 foy tanto o que entãõ entrou em Portugal, que pa-
 recia em realidade a fingida chuva de Jupiter: todo
 o mundo contribuiu a enriquecer este chamado,
 melhor que Sylla, filho da Ventura. As primicias
 de tanta opulencia levou a Roma o Embaixador

Tristão de Cunha: tal foy a magnificencia deste presente, que não só espantou a Italia, mas a toda a Europa; e o Papa para testimunhar o gosto, com que agradecia os obsequios do Primogenito da Igreja, o recebeu com publico, e magestoso apparato.

Muitas vezes entraraõ pela barra de Lisboa Embaixadores de Regiões mais remotas, que aquellas de que Alexandre os recebeu em Babylonia: mas quando lhe rendia vassallagem a levantada cerviz de tantos Principes barbaros; quando o ecco de tantas victorias o acclamava por superior Nume; elle se curvava diante do throno da Divina Magestade, e fazia do coração Thymiana, em que ardessem os perfumes do seu agradecimento. Para ter propicio nas suas emprezas ao Patrono de Hespanha, foy em pessoa a Santiago de Galiza, aonde, em cultos de Catholico, abrio mãos de Principe.

1502.
Não póde em tão pequena esféra delinear-se o mundo: para referir os acertos do governo deste Rey são poucos muitos volumes; nem he facil individuar a penna as acções de hum Monarca, que teve por theatro das suas proezas o mundo com todos os Elementos. E como as gentilezas em armas foraõ representadas nas outras partes da terra; porque na Europa a sua equidade, ou o seu respeito não deu occasião a que se lhe atrevessem; em outro lugar ouviremos occupada a fama em pregoar a cada Soldado Portuguez por hum Herõ.

Alimpou D. Mavoeel o seu Reino de alguns Mouros antigos, obrigou a bautizarem-se os Judeos, a cujos descendentes chamamos Christãos novos, e lançou fóra os contumazes; mas como faltou a cautela para impedir as allianças, lavraraõ

Era estas raizes infectas, donde se tem originado soffrer Portugal maldades intoleraveis sem remedio. vulgar

Quando Hespanha se vio fluctuante com as decantadas Communidades, os Castelhanos lhe punhaõ na cabeça a Coroa, nas mãos o Sceptro: porém D. Manoel, attendendo mais ao direito, parentesco, e amizade de Carlos V., que à vastidão dos Dominios, não só rejeitou as offeras, antes deu a Carlos soccorros, com que logrou os seus justos intentos: haverão exemplos desta moderação, mas será em tempo que não conhecia ambição a fingeleza.

Mandou reformar as antigas Ordenações, e Leys do Reino: isentou aos Clerigos, e Cavalheiros Militares dos direitos reaes, que até entã pagavaõ, e o mesmo fez a todo o comestivel, que viesse de fóra do Reino: alcançou do Papa Alexandre VI. dispensa para casarem os ditos Cavalheiros, e a instituição das Festas da Visitação, e do Anjo Custodio, com outras muitas obras, todas creaturas do seu coração magnanimo, e effeitos da sua zelosa piedade.

Correspondiaõ a tantas felicidades temporaes os influxos da graça sobrenatural. Era D. Manoel Rey, e Pontifice dos seus Estados, e tinha pela mayor gloria da sua Coroa a pontual observancia da Ley de Deos: foy notavelmente temperado, e por isso perfeitamenté casto: jejuava a paõ, e agua todas as Sestas feiras do anno, e as noites da Semana Santa assistia ao Santissimo, vestido de luto, e prostrado por terra diante do throno da Magestade Divina. Bemaventurado Rey, que sobre a firme base da honra, e gloria de Deos levantou o obelisco

co da sua honra, que durará eternidades perpetuas!

Era
vulgar.

Virtudes tão sólidas eraõ adornadas de huma presença angelica, que fazia affavel a circumstancia da Magestade: gostava dos entretenimentos honestos, em quanto serviaõ de dispor o animo para mayores emprezas: e o que mais admira os juizos na prodigiosa vida deste grande Rey, he que sustentando ao mesmo tempo tantas Armadas em Asia, tantos exercitos em Africa, tantas Praças, Presidios, e Fortalezas em todo o mundo, nunca Portugal esleve como entaõ livre de tributos. Queria D. Manoel dos seus Vassallos só affectos, e para elles mundos: fazia este Rey Vassallos ricos, e tinha pela mayor riqueza ser Rey de taes Vassallos.

Satisfeitas tantas despezas, ainda lhe ficaraõ thesouros para gastar em obras sumptuosas, e magnificos Templos. Passaõ de cincoenta os que fundou, e entre elles o Real Mosteiro de Belém: restaurou innumeraveis Igrejas: acabou o Hospital de Lisboa, fez outros de novo, e por todas as partes do mundo edificou muitas Fortalezas para segurança das Conquistas, e firmeza do Comercio.

Como no anno de 1517 havia falecido a Rainha D. Maria, no seguinte tornou a casar D. Manoel com D. Leonor, filha de Philippe I. Rey de Hespanha, irmaõ do Imperador Carlos V. Esta Senhora principiou a fundação do Convento de Nossa Senhora da Assumpção da Cidade de Faro, cuja obra ficou imperfeita, e depois acabou a Rainha D. Catharina para nelle se recolherem as Donzellas nobres do Algarve; circumstancia, que

Era vulgar. se alterou com o tempo, e hoje se admittē toda a sorte de gente de inferior esféra.

Ultimamente este grande Rey, que levantou troféos em todos os ambitos do Universo, temido das nações, respeitado das gentes, ainda dos mesmos inimigos amado, na Cidade de Lisboa a 13 de Dezembro de 1521, com cincoenta e dous annos e meyo de idade, e vinte e seis de reinado, pagou como homem o tributo da morte, deixando das suas virtudes memoria eterna, ao nosso amor interminaveis saudades. Jaz com a Rainha D. Maria, sua segunda mulher, no Real Mosteiro de Belém.

Deixou D. Manoel amplissima geração, que em tão poucos annos veyo a faltar para fatalidade nossa. De sua primeira mulher não teve mais filho, que ao Principe D. Miguel da Paz, herdeiro de toda Hespanha, morto de poucos mezes.

Nasceraõ da Rainha D. Maria, segunda mulher, o Principe D. Joaõ seu successor a 6 de Junho de 1502. A Imperatriz D. Isabel, que nasceo a 24 de Outubro de 1503, e foy mulher do Imperador Carlos V., e mãy de Filippe II.

A Infanta D. Brites, que nasceo a 31 de Dezembro de 1504, e casou com Carlos III. Duque de Saboya. O Infante D. Luiz, Duque de Béja, que nasceo a 3 de Março de 1506, e foy Principe dotado de muitas virtudes, e pay do Senhor D. Antonio Prior do Crato, que disputou a Filippe II. a successão de Portugal.

O Infante D. Fernando, Duque da Guarda, que nasceo a 5 de Junho de 1507, e casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, tem geraçõ.

O In-

285 O Infante D. Affonso, que nasceu a 23 de Abril de 1509. Occupou varios Bispados, foy Arcebispo de Lisboa, e creado Cardeal pelo Papa Leão X. no primeiro de Julho de 1518. Era vulgar.

286 O Infante D. Henrique, que nasceu a 31 de Janeiro de 1512. Foy Prelado das tres Igrejas Archiepiscopaes do Reino, creado Cardeal pelo Papa Paulo III. a 16 de Dezembro de 1545, e Rey de Portugal depois da perda de El Rey D. Sebastião.

287 A Infanta D. Maria, que morreo minina em Evora no anno de 1513. O Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, que nasceu a 7 de Setembro de 1515. Casou com a Senhora D. Isabel, filha de D. Jaime, quarto Duque de Bragança, e deste matrimonio nasceu D. Maria, mulher de Alexandre Farnese, Duque de Parma, e a Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, que levou a esta Real Casa o incontrastavel direito da Coroa Lusitana. O Infante D. Antonio, tambem filho de El Rey D. Manoel, morreo minino, ou logo depois de nascido.

288 Da Rainha D. Leonor, terceira mulher, que sobreviveo muitos annos ao Rey, nasceraõ filhos, o Infante D. Carlos a 18 de Fevereiro de 1520, e morreo de hum anno. A Infanta D. Maria, que nasceu a 8 de Junho de 1521, e fundou o Mosteiro de Nossa Senhora da Luz junto a Lisboa, aonde sepultou intacta a sua rara belleza, deixando edificado o mundo com o suave cheiro das suas virtudes.

Neste venturoso reinado, além de muitos Heróes eminentes em armas, como veremos em seu lugar, floreceraõ o melhor Historiador, e o mayor Poeta de Portugal, a saber, João de Barros, e Luiz

Era e Luiz de Camões; os quaes com a elevação das suas pennas, ainda mais arrebatadas pela eminência do assumpto, não fizeraõ menos serviços ao Rey, e à Patria, que os grandes Capitães com a valentia das espadas; porque se estas conquistaõ Reinos, aquellas triumpharaõ do esquecimento.

D. João III., decimo quinto Rey de Portugal.

1521 **D**Ezanove annos contava o Principe D. João, quando succedeo a seu pay; e como achou o Reino no apogêo da grandeza, e opulencia, não tratou de adiantar as Conquistas, antes, com a errada idéa de as conservar melhor, as diminuiu; abandonando aos Mouros quatro Baluartes do nosso Imperio Africano com sentimento da Christandade, e lastima do valor. Estas são as consequencias das consultas, em que são ouvidas as bécas a repartir arnezes, e as sobrepelizes a ajustar confins.

Estabeleceo D. João o seu credito em observar huma exacta neutralidade entre as muitas guerras, em que entaõ fluctuava a Europa. Como era pouco inclinado às armas, fazia suppor equidade a desafeição. Sim alcançou triumphos na Asia; mas estas expedições antes foraõ creaturas dos seus Capitães, que partos das suas ordens.

1525. A 5 do mez de Fevereiro de 1525 casou com D. Catharina, filha de Philippe I. de Hespanha, irmã da terceira mulher de seu pay, Princeza de taõ raras prerogativas, como depois da morte de seu marido, admirou o mundo, e experimentou Portugal nos notaveis acerros da sua Regencia.

No zelo da Religiaõ, e culto Divino se mostrou

trou fructo correspondente às arvores, de que procedia. Para que houvessem operarios para a grande sementeira da conversão do Gentilismo, nos quaes se igualasse à Christandade a sabedoria, trasladou de Lisboa, e quasi de novo instituiu a Universidade de Coimbra, que fundara D. Diniz, mandando vir de varios Reinos da Europa, dotados de copiosas rendas, os mais insignes Mestres de todas as facultades.

Era
vulgar.

Para conter a pravidade judaica, que com a sua depravação, como atrevido vapor, pertendia escurecer as luzes do Christianismo, defendeo o seu Reino, como outro Paraíso, com muitas espadas de fogo em mãos de Querubins; erigindo o integerrimo Tribunal do Santo Officio por Bulla de Paulo III. E com o respeito deste montante da Fé, se a perfidia não teve total emenda, cuidou em dissimularse.

Este mesmo zelo da Fé obrigou a D. João a sustentar as Conquistas do Oriente com empenho igual ao de seu pay, que lhe deixou para a imitação exemplos, para as expedições Heróes. Com esta idéa de ampliar a Fé no Oriente com poder mayor, largou aos Mouros as Praças de Çafim, Azamor, Alcaçare, e Arzila; mas depois mostrou a experiencia o erro deste conceito, e sentio Portugal saltarlhe em Africa, como Roma em Carthago, a aula do seu valor, aonde se graduavaõ os animos no exercicio da guerra.

Huma das immortaes glorias de El Rey D. João foy admittir no seu Reino a preclarissima Religião da Companhia de Jesus, glorioso instrumento de tanta gloria de Deos, e utilidade dos povos. Em

Por-

Era vulgar. Portugal teve esta sagrada Familia a sua primeira Casa nas de Santo Antão, das quaes ElRey fez merce ao Padre Francisco Xavier, depois Apostolo da India, Sol do Oriente, Athlante da Fé, e hoje bemaventurado Santo.

Instituio D. Joaõ o Tribunal da Mesa da Consciencia; elevou varias Igrejas à dignidade de Cathedraes, e a de Evora à de Metropolitana: edificou muitos Templos, e obras pias, em que tambem o acompanhava a devoção da Rainha, illustre Fundadora de muitos monumentos sagrados.

A virtude da Clemencia foy a mais preciosa pedra, que D. Joaõ engastou na sua Coroa: parecia que a sua brandura, declinando para o extremo, offendia a justiça; mas D. Joaõ com admiravel epiquéya, unia de tal sorte a piedade com o rigor, que triumphando a clemencia, não deixava lugar à justiça de queixarse. Ponderava, que a vida de hum homem era joya de muito preço: e que quando a correcção emenda, não se deve perder com o castigo. Por esta razão era muy afeiçãoado aos Juizes humanos, e nunca o viraõ alegre os severos.

Derogou as leys antigas, que mandavaõ marcar os ladrões na cara; dizendo, que era injustiça, se melhorassem de vida, trazerem perpetuamente publico o infame testemunho da passada. Na liberalidade foy hum dos mais perfeitos: fez innumera-veis merces, e repartia por todos, porque se não queixassem os benemeritos; de que os deixava sem o preciso para dar a hum o superfluo; repartição muito vulgar daquelles Principes, que querem ajustar a liberalidade pelos affectos, não pelas regras.

Na expedição de Tunes soccorreo D. João a seu cunhado o Imperador Carlos V. com humã poderosa Frota, que mandou a Barcelona, para onde havia partido o Infante D. Luiz, mais obfervante das leys do capricho, que das da obediencia. Nesta occasião mostraraõ as nossas armas o seu valor, e disciplina; mais costumadas as Quinas, que as Aguias, a eclipsar as Luas Africanas.

Contra o Corsario Barba Roxa mandou D. João outra Esquadra ao Estreito, que aquelle barbaro demandava com a Armada Turca mais numerosa em dobro, que as colligadas de Portugal, e Castella. A vista dos inimigos mudaraõ de opiniaõ os Castelhanos: mas o grande D. João de Castro, prompto a arrisicar a Armada pela opiniaõ, quanto mais pela injuria, se poz surto na boca do Estreito a esperar só com a sua Esquadra o inimigo visinho. Não logrou D. João a victoria; porque para ella, sobejando o valor, faltou o conflicto.

Entre felicidades, e infortunios passou El-Rey D. João o resto de seus dias: haviaõ lhe grangeado alta reputação as suas virtudes, grandes fortunas a dilatada paz; porém começava-se a sentir a perda de Africa, alguma decadencia nos negocios da India; e a extemporanea morte de seus filhos, e irmãos, sendo motivos para o continuo exercicio de huma heroica paciencia, tambem eraõ estímulos grandes para huma continuada, e vehemente dor. Desta natureza saõ as fortunas mundanas, aonde o pontiagudo das Coroas he hum remate de Cruz.

Com os magnificos titulos de Pay da Patria, Irmão das Religiões, e obediente Filho da Igreja.

Era ja, ^{vulgar.} justamente devidos ao seu zelo, e perfeição de vida, passou D. João para a eterna a 11 de Junho de 1557 com cincoenta e cinco annos completos de idade, e trinta e cinco e meyo de reinado. Jaz com a Rainha sua mulher, que lhe sobreviveo vinte e dous annos, no Real Mosteiro de Belém, e com elle se enterraraõ as glorias Lusitanas daquelle idade.

Teve El Rey D. João novê filhos, e todos vio morrer em sua vida. Foraõ elles o Principe D. João, que morreo no berço. D. Maria, mulher de Philippe II. os Infantes D. Isabel, D. Brites, D. Manoel, D. Philippe, e D. Diniz.

O Infante D. João, que por morte destes irmãos foy jurado Principe. Nasceo em Evora a 3 de Junho de 1557, e casou em Novembro de 1552 com a Princeza D. Joana, filha do Imperador Carlos V. Morreo no mesmo anno, deixando pejada a Princeza, da qual nasceo posthumo o desejado D. Sebastião, unica reliquia do precioso santuario dos nossos Mõnarcas.

Teve mais El Rey D. João ao Infante D. Antonio, que morreo de hum anno.

Antes de casar houve El Rey D. João filho bastardo a D. Duarte, que foy Arcebispo de Braga, Principe sabio, erudito, adornado de muitas virtudes, que tambem foraõ cortadas em flor com grande lastima de seia triste pay. Deixou principial da no idioma Latino a Historia Portugueza, que enviou a Roma, para que admirasse o Lacio a pureza, e elegancia, com que se articulava a sua lingua na Lusitania.

Floteceraõ neste reinadõ grandes, e memoriaveis Heróes, que dilataraõ na Asia o Imperio, e

mantiverão no mundo a reputação das armas. Delles fallaremos em outra parte, repetindo os eccos da sua fama, viva em todas as idades apezar das injurias do tempo, porque a alimentaõ memorias eternas.

Era
vulgare

CAPITULO IX.

Da vida, e acções dos Reys D. Sebastião, D. Henrique, e Filippes I. II e III.

Quasi sempre se seguirão as grandes prosperidades infortunios, assim como tempestades as grandes bonanças. Havia Portugal logrado as mais avultadas glorias, que podia dar o mundo: para que a prosperidade o não perdesse, dispoz a Providencia, que o golpe da desgraça o provasse, e a calamidade o combatesse.

1557.

Bastavaõ para dar alta jerarquia à sua dor as mortes de tantos Principes; e depois de pedir hum ao Ceo com lagrimas, chorar porque o Ceo lho deu. Foy este o desejado D. Sebastião nascido a 20 de Janeiro de 1554, dia do Santo, que lhe deu nome; e se para fatalidade de Portugal veyo ao mundo este Principe, essa mesma desgraça he para o Reino o mayor credito, foy para o Rey a melhor gloria.

Empenhem-se embora os Escritores, que nos precederaõ, em roubar a D. Sebastião huns a honra, outros a vida, que nós, ponderando altamente a generosa idéa, com que empredeo na conquista de Africa o dominio do Mundo, não lhe negaremos a gloria de sacrificar pela Fé a vida, nem o privaremos da vida, que lhe deu a Fé.

Era vulgar
1568.
 Tinha D. Sebastião tres annos, quando morreo seu avô, e ficou debaixo da tutoria da Rainha D. Catharina, que com admiravel prudencia, governou o Reino até o anno de 1563, no qual traspassou a regencia ao Infante Cardeal D. Henrique. Este a administrou com grande fidelidade, e summa inteireza sete annos, e a largou a seu sobrinho no mesmo dia, em que fazia catorze, no anno de 1568. Na sua puericia havia já ElRey mostrado hum coração impávido, e intrepida resolução para accometer aquellas difficultosas emprezas, nas quaes a troço de perigos se compra a honra.

Deraõ-lhe para Ayo a D. Aleixo de Menezes, Varaõ em virtudes consumado, no sangue illustre; e para Mestre de Grammatica ao Padre Luiz Gonçalves da Camara, sujeito de qualidades iguaes às de D. Aleixo com os excessos de Religioso. Com os dictames de hum, e as lições de outro aproveitou D. Sebastião tanto, que em breve tempo o admiraraõ Principe perfeito, Catholico zeloso.

Na sua menoridade defenderaõ os Portuguezes com rara gentileza a Praça de Mazagaõ: o estrondo desta façanha, que depois foy acompanhada das muitas, que se obraraõ em Goa, Chaul, e Malaca, fez nos ouvidos de ElRey taõ bella harmonia, que se dispoz com destemidos ensayos para imitar nas obras aquelles, aos quaes, naõ sendo Rey, invejaria os nomes.

A' inclinação de ElRey correspondia a imitação dos povos, que sempre as esféras inferiores giraõ ao passo do primeiro movel, e da cor do Ceo se veste o mar. Tudo em Portugal eraõ armas, tudo soava a guerra, tudo era levantar tropas. E co-

mo o primeiro objecto das vastas idéas do Príncipe era a conquista de Africa, para depois, com discursos de Pyrrho advertido de Cyneas, invadir a Asia, e facodir os Turcos de Europa, contra ella empregou a primeira furia das suas armas. Era vulgar.

Passou D. Sebastião a Africa, e nesta primeira ^{1574.} jornada teve da fortuna hum ligeiro sopro: desembarcou em Tangere, monteou nas Libicas montanhas brutos ferozes, e respeitaraõ as suas armas os moradores barbaros. Com triumpho taõ pequeno voltou a Lisboa satisfeito, e cuidou em novos preparos para segunda expedição, que os prudentes pertendiaõ impedir, o seu zelo abbreviar.

Considerava o generoso mancebo, que aquella empreza era já forçoso empenho da sua magnanimidade, e delicioso entretenimento da sua corage: ponderava, que em animos altivos as difficuldades devem ser estimulos; porque fixa a vista no objecto da gloria, convidaõ à subida os mesmos precipicios, e se faltaõ na peleija os riscos, diminuem-se à victoria os quilates.

Naõ buscava ElRey a gloria vã nos perigos da guerra, antes todo o empenho era a exaltação da Fé, a gloria da Igreja, a honra de Deos; e quando taõ santos motivos tomaõ resoluções, que parecem temeridades, os que lhes daõ este nome, dezejariaõ ser os authores dellas.

Bem mostrou D. Sebastião em todas as repostas, que dava, aos que o pertendiaõ dissuadir da jornada, que a ella só o levava a intençaõ recta. Dizia, que o seu intento era proprio de Príncipe, de Catholico, e de Portuguez. Era de Príncipe pelo magnanimo, de Catholico pelo santo, de Portuguez pela imitação. Le-

Era
vulgar.

Lévado deste designio santo, heroico, e glorioso, desprezou D. Sebastião avisos, fantasmas, e cometas; porque postos os olhos da Fé na primeira causa, nada temia das segundas; e entregue nas mãos da Providencia, que não há mister conselheiros, se arrojou aos perigos, arrastado talvez de superior impulso, que nos escondeo a causa nos palpaveis efeitos da desgraça.

1578

Com a mais luzida Armada, que até então se havia recolhido no Tejo, sahio El Rey de Lisboa, e desembarcou felizmente em Tangere, donde partio pelo sertão dentro em busca de Muley Maluco, que com poder muitas vezes mais ventajoso, já acodia a reparar hum damno certo na fortuna contingente.

Eraõ excessivas as calmas, a sede grande, os reparos do campo poucos; porque a constancia Portugueza levantou trincheiras na fortaleza dos peitos. Com todas estas desigualdades se cometteo no dia 4 de Agosto a memoravel, e lamentada batalha de Alcacere com tanta furia da nossa parte, que nas primeiras investidas foy morto o Rey inimigo, derrotada a vaanguarda do exercito, e já quasi ganhada a Artilharia, acclamaraõ os Portuguezes a victoria, a que poz tropeços hum acaso, dos quaes muitas vezes dependem fortunas da guerra.

Quando os bravos Cavalleiros com furioso impeto levavaõ atropelada a vil canalha, foy ouvida no campo a funesta voz de hum desgraçado Capitão, que mandava suspender o avance. Aqui perdeu triumphos a obediencia, e huma breve suspensão embotou desorte os fios das cortadoras espadas, que

im-

impedindo-nos cortar a gala da melhor victoria, nos talhou os lutos ao mayor pezar. Justamente sentio Portugal, vendo com olhos mundanos, a perda de tantas vidas: advirta porém com a perspicacia da Fé na causa dessas mortes, e descobrirá nos catástrofes ao mundo tristes, espectaculos ao Ceo alegres.

Disse Deos à Bemaventurada Thereza, que com os olhos do espirito estava vendo derramar entre inimigos de Christo o nosso sangue; que permittira aquella desgraça do seu povo, porque o achou disposto para gozar da gloria. E se com a nossa perda teve o Ceo tanta ganancia, os funebres gemidos, que ainda nos lastimão, se convertão em plausiveis Fastos, que nos lisongeem. Tanto ama Deos a Portugal, que nas victorias lhe dá Reinos, nas perdas Martyres.

Se D. Sebastião ganhasse a victoria, que teve começada, he certo seria recebido em Portugal nos corações; que os applausos, e as admirações se havião empregar no seu valor; porque ao vencedor de nada se pede conta. Pois já que o Deos dos Exercitos não combateo em seu favor, e não ajudou os seus intentos, nem por isso deixemos nós de elogiar o seu valor, o seu zelo, a sua christandade; e confesse-se por desigual qualquer penna para os louvores de hum Rey igualmente Catholico, e maguanimos, sem nos escandalizar a sua perda; porque ainda nas guerras justas, nem sempre se declara o Numen a favor dos que as movem.

Com alta dor lamentou Portugal a triste jornada de Africa, tumulto fatal das suas glorias, e da sua gente. He muita justa a nossa pena: sintamos;

mas

Era
vulgar: mas com o amor, e respeito, que devemos a tal Rey, sem que contra a sua reputação levante vozes a nossa magoa; porque a boa fama dos Principes he o melhor resplendor da sua Coroa. Choremos a escravidão do Reino, a morte dos parentes, e amigos, mas não nos voltemos contra o Principe, me-recedor de que todos os clarins com repetidos brados lhe animem o pregação da fama, e que as Deidades do Templo da Honra lhe dem hum dos melhores lugares no seu throno.

He notavel a contradicção dos Authores a respeito do fim, que teve a pessoa de D. Sebastião. Nos que dão por certa a sua morte na batalha, não podemos deixar de admirar o pouco escrupulo, com que affirmão hum ponto tão duvidoso: nas materias necessariamente combatidas, arrisca-se a mentir quem se resolve a determinar, e vay grande differença do que he ao que dizem.

Nós porém em semelhante ambiguidade, nem seguramos a vida de El Rey D. Sebastião, nem tão pouco estamos pela sua morte; e entre affirmativas, e negativas, não damos mais pendor a humas, que a outras opiniões. Desta circunspecção, e cautela se valeo o Author do Epitafio do tumulo, que está no Real Mosteiro de Belem, aonde se presume jazer o cadaver de D. Sebastião; e para refalvarse, adverte, que assim o dizem os homens, ou *se he verdadeira a fama.*

Sómente não temos duvida em seguir a hum douto Escriitor, affirmando com elle, que em toda a redondeza da terra não vio o Sol melhor Rey, nem mais pio, nem mais amavel, nem mais valeroso, que El Rey D. Sebastião; o que evidentemente

mente

mente se colhe das eminentes virtudes moraes, e christãs, que nelle se referem. E hum Rey tão ^{Era vulgar} santo, que nunca cometteo culpa mortal; hum Rey tão zeloso da Fé, que desejava trazer ao aprisco da Igreja todas as ovelhas desgarradas; hum Rey, a quem se adiantou o valor à idade, a devoção aos annos, deve ser alto objecto do nosso applauso.

Por intervenção do Santo Padre Pio V. havia El Rey D. Sebastião solicitado o casamento de Margarida, filha de Henrique, Rey de França, e pedia unicamente em dote, que os Reys daquella Coroa fizessem com elle huma poderosa liga contra o Turco. O mesmo Papa o convidou por carta sua, para que à imitação dos Reys Catholicos de Hespanha, e dos Christianissimos de França, escolhesse hum titulo correspondente ao seu zelo; e respondeu, que toda a pompa do titulo, que pertendia, era o superlativo *Obedientissimo*.

Com a perda deste Rey se acabou a varonia da Casa Real; porque o Cardeal D. Henrique pelos annos, e pelo estado não dava esperanças. Esta foy a decima sexta geração, na qual, conforme a palavra de Christo, se attenuou a prole, para nella mesma, assim diminuida, lhe tornar a pôr os olhos, e cumprir nella a promessa do quinto, e universal Imperio do mundo.

Tinha D. Sebastião vinte e cinco annos quando se perdeu, e de reinado vinte e hum. Faltou ao seu Reino, quando mais o necessitava, sem delles nos ficarem mais, que para a saudade memorias, para as lagrimas motivos, duvidas da sua vida, da sua morte incertezas, das suas virtudes edificação.

Era
vulgar.

O Cardeal Rey D. Henrique I. do nome.

S Abida em Portugal a lastimosa perda de D. Sebastião, a 28 de Agosto de 1578 foy aclamado Rey o Cardeal D. Henrique, filho de ElRey D. Manoel, na idade de sessenta e seis annos; e seria esta a primeira vez que no mundo se ouviraõ vozes de lagrimas em lugar dos festivos vivas, com que os jubilos applaudem a inauguraçaõ dos Principes.

Appareceo no throno a nova Magestade, e arrastava lutos em lugar de galas: os gemidos dos que em Africa, escapando da morte, eraõ opprimidos das cadeyas, imprimiaõ lastimosos eccos nos corações, e a impossibilidade do seu resgate era outra afflicçaõ dos animos. Assim padeciaõ todos com tanta indifferença, que se naõ distinguiãõ os grandes dos pequenos, o Soberano dos vassallos; porque nos males communs o Rey, e a Republica saõ hum só corpo, todo em si, e todo em qualquer das suas partes.

Poderia ter algum alivio a consternaçaõ do Reino, se as heroicas virtudes do Cardeal Rey dessem esperanças de haver d'elle successor, que continuasse a representallas: porém como já se percebiaõ os longes, de que haviaõ para a Coroa muitos Candidatos differentes, começaraõ-se a temer trabalhos novos sobre males intoleraveis. O povo pedia ao Cardeal lhe nomeasse hum Rey Portuguez, elle o socegava affectando, que procurava dispensa para casar, quando entendia na averiguaçaõ da pessoa, a quem o Reino legitimamente tocava.

Filippe II. pela representaçãõ de sua mãy a

Im-

Imperatriz D. Isabel, filha de ElRey D. Manoel, ^{Era vulgar} era hum dos mais bem vistos; porque no poder mais para temido: a Senhora D. Catharina de Bragança, filha do Infante D. Duarte, tinha o mais forçoso direito: o Duque de Parma, sobrinho da mesma Senhora, filho de sua irmã mais velha D. Maria, allegava as mesmas razões. O Duque de Saboya por sua máy a Infanta D. Brites, irmã do dito Infante D. Duarte, queria succeder como varão: D. Antonio, Prior do Crato, pertendia ser filho legitimo do Infante D. Luiz, e preferir a todos os pertendentes, apoyado no povo, que seguia os seus interesses: até a Rainha de França Catharina de Medicis lá foy desenterrar na Condessa de Bolonha Mathilde hum filho, que nunca teve, de ElRey D. Affonso III. para pela transfusão de hum direito reduzido a frias cinzas, vir lançar mais huma lavareda no incendio, que nos ameaçava.

O Papa queria, que huma Coroa fosse espolio de hum Prelado, e que ficasse devoluto hum Reino à Santa Sé; porém entre tantas differenças, o povo fundado nos antigos direitos da nação, pertendia ser arbitro em todas; porque não ficaria legitimo Rey de Portugal aquelle, que por elle não fosse aclamado. Para decidir taõ delicado negocio, ajuntou o Cardeal Rey Cortes em Almeirim, aonde se nomearaõ Juizes, que julgassem o processo, depois de serem notificados os pertendentes, para que per si, ou por outrem, viessem allegar seu direito.

Já a este tempo ElRey de Castella havia mandado D. Christovaõ de Moura a Portugal com o pretexto de dar o pezame, e o parabem a D. Henrique;

Era ríque; este da sua elevação presente, e aquelle da
 vulgar. passada perda. Era notavel a prudencia deste Mi-
 nistro; com ella adiantou os interesses de seu amo,
 como o mundo sabe, e mostrou a experiencia.

Os tres Estados estavaõ confundidos, todo o
 Reino baralhado, sem que se podesse tomar algum
 caminho por entre os embaraços de tantas irresolu-
 ções. Com o temor das armas de Castella poucos
 se atreviaõ a declarar-se pela Casa de Bragança;
 muitos attrahidos do amor da Patria, não soffriaõ
 sujeitar a liberdade a dominio estranho. O Prior do
 Crato era amado do povo: D. Christovaõ, e o
 Duque de Ossuna pegavaõ de todas as occasiões
 pelos cabellos; com huns ajustavaõ a venda da
 lealdade, provocavaõ o temor de outros com o
 poder; mas tudo eraõ grilhões com que os cativa-
 vaõ.

1580.

Nesta furiosa tempestade, em que não havia
 vaga sobre que surdir, perdeu a vida o Cardeal
 Rey com quasi anno e meyo de Sceptro, sem dei-
 xar outra alguma determinação mais que cinco Go-
 vernadores, que regessem o Reino, em quanto se
 não decidia o ponto da successão. Entre as pessoas
 do governo ficou nomeado D. Joaõ Tello de Me-
 nezes, varaõ taõ amante da Patria, e taõ constan-
 te na liberdade della, que nenhuma promessa lhe
 alterou o animo, nem abalou a resolução; pelo
 que o Duque de Ossuna escreveo ao seu Soberano:
 Que a D. Joaõ, ou se havia cortar a cabeça, ou
 trazello sobre ella.

Em todos os empregos, e Prelazias, em to-
 das as idades, e estados foy o Cardeal Rey D.
 Henrique hum compendio de virtudes, e exem-
 plar

plar de perfeição. De Prior Commendatario de Santa Cruz de Coimbra passou a occupar os tres Arcebispados do Reino; foy Inquisidor Geral, e ultimamente Rey, sem deixar de ser Sacerdote, não como os antigos na uniaõ dos titulos, mas como elle só no desempenho de ambas as obrigações.

Era
vulgar.

Fundou em Evora a Universidade, e Collegio da Companhia, e nelle quiz depositar as suas cinzas, que jazem no Mosteiro de Belem. Reformou varias Religiões, e reduzio a de S. Bernardo a hum corpo, e o seu Abbade sujeitou-o à Sé Apostolica immediatamente. Creou o Tribunal do Santo Officio de Evora; fundou varias Casas Religiosas, e acabou, como dissemos, em Almeirim a 31 de Janeiro, dia em que havia nascido.

Governo dos tres Reys Filippes por tempo de sessenta annos.

Com a morte do Cardeal Rey se reforçaraõ as pertençaõs, e accresceraõ as da Rainha Isabel de Inglaterra: porém como nos Governadores não havia mais que temor; no povo, que seguia a D. Antonio, faltava o poder; e a Casa de Bragança só tinha o apoio das resoluções da Universidade de Coimbra; a todos prevaleceo Philippe II. de Hespanha, que com o direito das armas fez mais jus ao Reino.

1580.

Naõ quiz Philippe esperar a sentença, nem ouvilla de outros juizes, que a sua força. Chegou a Badajoz com o exercito; mandou ao Duque de Alva, que entrasse por Portugal com maõ armada; e como na confusaõ, com que se buscava a defen-

sa,

Era vulgar. sa, se fugia della, muitos povos antes se sujeitaraõ ao pezo do jugo, que ao da guerra.

Entre tanto foy D. Antonio acclamado Rey em Santarem, e com este titulo sem poder marchou a esperar em Lisboa hum inimigo destro, disciplinado, e forte. Com defatinada temeridade sustentou D. Antonio na ponte de Alcantara, com quatro mil homens desfarmados, o avance de vinte mil soldados velhos, commandados por hum Cabo taõ experimentado, como tyranno.

1580. Perdidas as esperanças de D. Antonio com a victoria, depois de andar vagando pelo Reino, se retirou ao de França, donde tentou varias vezes a sua fortuna. Philippe, a quem não fazia embaraço huma vá competencia, veyo a Lisboa, foy reconhecido Rey, e fez grandes promessas; mas taõ mal cumpridas, que obrigaraõ ao nosso capricho a soffrer, antes que o menor desprezo, a mayor desgraça.

1589. Depois de celebradas as Cortes de Thomar, nas quaes ElRey jurou guardar os fóros do Reino, voltou para Madrid, e deixou por Governador a seu sobrinho o Cardeal Archiduque Alberto. Teve este não pequeno cuidado com a volta do Senhor D. Antonio, que favorecido dos Inglezes, appareceo sobre Lisboa antes a despedirse, que a restaurar a Patria.

1582. Governava a Ilha Terceira D. Manoel da Silva, ao qual o Senhor D. Antonio havia dado o titulo de Conde de Torres Vedras. O valor deste Cabo sustentou naquellas Ilhas o partido da liberdade, sem que se abalasse a sua constancia, vindo, que D. Alvaro Bagan com a esquadra Hespahola

nhola derrotava a Franceza , em que vinha o Prior a foccorrello. Mas como não podia presistir contra tamanho poder huma força sem auxilio , no anno seguinte o mesmo D. Alvaro rendeo a Ilha , que esperou a ultima extremidade ; e pela culpa de valeroso perdeu D. Manoel a vida em publico cada-
 Era vulgar,

Não se defenganava o Prior do Crato , nem as carrancas da fortuna lhe metião medo para deixar de continuar no seu empenho : porém faltando-lhe para elle todos os meyo , se deixou ficar em Paris , aonde viveo , e morreo pobremente , sem que se lhe descobrissem mais accidentes de Principe , que o titulo vaõ de Rey.

Morreo Filippe II. , e lhe succedeo seu filho ^{1598.} Filippe III. havido de sua quarta mulher a Rainha D. Anna. Conservou este Principe os Estados , que seu pay lhe deixara: lançou de Hespanha quatrocentos mil Mouriscos , e veyo a Lisboa , aonde foy recebido com apparato taõ magnifico , que rompeo a grandeza do seu animo , para elogiar o zelo dos nossos: que só naquelle dia se reconheceria ^{1619.} Rey.

Faleceo em Madrid , e de sua mulher a Rainha ^{1621.} D. Margarida de Austria deixou por successor a Filippe IV. Principe para a nossa nação tyranno , ou por averfaõ propria , ou por inspiraões alheyas. Neste infeliz reinado sopportou Portugal , e os seus Dominios as mais lamentaveis calamidades ; porque fóra nos cercavaõ inimigos , em casa nos opprimiaõ verdugos.

Para se sujeitar a ferocidade dos nossos animos , já cansados das extorsões , se propozeraõ a este

Era vulgar. este Principe os arbitrios mais detestaveis, as barbaridades mais inauditas, e os meynos, de que se podera valer a nação mais bruta, a qual sem luz da razão, se deixasse levar só dos impulsos da raiva, desamparada de todos os soccorros da humanidade. O certo he, que se a nossa generosa corage não buscasse, por entre perigos, a liberdade, ou se trasplantara o nosso povo, ou dá face da terra se arrancaria até a memoria do nosso nome.

Começaraõ as nossas conquistas da Asia, e America, como veremos em seu lugar, a soffrer o pezo de armas, que a sujeição de Castella fizera nossas inimigas. Chorava Portugal abatida a sua reputação, perdida a gloria das memoraveis façanhas, em poder alheyo o patrimonio, que comprara o valor a preço de sangue, e não se achando com meynos para ter ventagens sobre a fortuna, não podia tolerar o mal, nem remediar o damno.

Via-se consumir o Reino de gente nas continuas levas para guerras diferentes, e remotas sem honra, nem proveito da nação: de armas, que todas, ou as melhores eraõ levadas para, em paizes estranhos, sustentarem os Dominios de Castella, deixando o proprio indefenso: de cabedal, porque os nossos thesouros eraõ os que primeiro se esgotavaõ para as urgencias da Coroa, e para a ambição dos Ministros. Assim servia Portugal todo, com ruina de tudo, para utilidades de outrem, até que se resolveo a abrir os olhos para ver as proprias, antes que ao mal aggravado não só faltasse a cura, mas a esperança.

Dous pezados golpes soffremos neste reinado com damno muy sensivel: hum foy no conflicto do

Canal, outro no naufragio da Armada na Costa de França; fatalidades ambas, que deraõ glorioso assumpto à delicada penna de D. Francisco Manoel para as duas Epanaforas Bellica, e Tragica. E porque a compaixão dos Castelhanos nestas, e outras perdas, era tão pouca, que novamente intentavaõ forçar Portugal, para que com grandes socorros, que não podia dar, os ajudasse nas guerras de Flandes, e Catalunha; os generosos Portuguezes, ponderando a bella occasião, em que vencidos, ou vencedores, ou morriaõ pela Patria, ou a resgatavaõ do mais barbaro cativeiro, resolveraõ-se a pegar nas armas, e restituir o Reino ao seu legitimo Senhor.

Era
vulgaz

C A P I T U L O X.

Da feliz Acclamação de ElRey D. Joaõ IV.

S ESENTA annos havia, que a tyrannia de Hespanha, agora novamente animada pelos tres diabolicos espiritos o Conde Duque de Olivares, Miguel de Vasconcellos, e Diogo Soares, exasperava o nosso soffrimento; ao mesmo passo, que o formidavel poder da mesma Coroa opprimia o indisputavel direito, que a Casa de Bragança tinha ao Reino pela Senhora D. Catharina, avó de D. Joaõ, VIII. Duque, e depois IV. do nome entre os Reys de Portugal.

Naõ permite a nossa brevidade expormos as causas impulsivas, que obrigaraõ aos Portuguezes a tomar a mais briosa resolução, que em todos os tempos será entre as Epocas Lusitanas a primeira,

Era e nunca a segunda das façanhas Portuguezas. Baste sabermos, que das violencias de hum dominio estranho se valeo a suprema equidade para restituir em Portugal à Casa de Bragança o seu a seu dono.

vulgar.

Muitas profecias interpretadas a favor da liberdade, e já visinho o tempo do seu cumprimento; muitos acontecimentos mysteriosos, raros para accidentes, para milagres opportunos, estavaõ desafiando o nosso generoso valor, sepultado nas cinzas de huma violenta apathia, para que facudissemos hum jugo peyor que o dos Turcos; porque conservando-nos fieis, vinhamos a ser martyres sem gloria; fingindo-nos renegados, naõ eramos Baxás com mando.

Governava Portugal por Castella a Duqueza de Mantua Margarida de Saboya, quando os Fidalgos entraraõ em pensamentos de liberdade, nos quaes o Duque de Bragança com alta consideração duvidava. Entre ambiguidades, e irresoluções, mas ponderosas, e circunspectas, se hia passando a memoravel idade de quarenta, quando os nossos Athlantes, constangidos a supportar o pezo de mundos alheyos, se determinaraõ a meter o hombro ao seu mundo.

Prompto o Duque a aceitar as propostas dos Fidalgos pelas instancias do Doutor João Pinto Ribeiro, seu Agente em Lisboa, para cuja casa se haviaõ transferido as conferencias, que antes se faziaõ na de Jorge de Mello, se resolveo, que o primeiro dia de Dezembro fosse o da nossa liberdade, que havia ter principio pela morte do Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos, hum dos mayores escandalos da nação irritada.

Amanheceo o fausto dia de Dezembro do anno de 1640, no qual, tomadas antes as cautelas, que pedia taõ arduo empenho, e dado por ponto fixo aquelle, em que o relógio do Paço désse nove horas, foy o Duque acclamado Rey por quarenta Fidalgos com a espada na maõ seguidos do povo, que amparado da sombra dos Grandes, tambem lha fazia.

Era
vulgar.

Os Fidalgos repartidos cumpriaõ exactamente o seu dever: huns surprenderaõ a guarda Castellhana, para que alguma demonstraçaõ sua naõ pözesse tropeços ao bom successo: outros entraraõ na antecamara do Secretario Miguel de Vasconcellos, que foy arrojado por huma janella ao terreiro do Paço com queda de Valido para ludíbrio do povo, e zombaria da fortuna: alguns ficaraõ de guarda no quarto da Duqueza de Mantua para impedir, que a furia da plebe profanasse o respeito devido a huma Princeza; e no mesmo dia deste alegre Sabbatho se fizeraõ senhores das Fortalezas, e navios, que estavaõ no porto, com o que ficou reconhecido, e acclamado na Capital do Reino D. Joaõ IV. seu legitimo Senhor.

Já chegavaõ os alaridos da plebe a penetrar as paredes da Cathedral, aonde o grande Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, verdadeiro Pay da Patria, fez dar graças a Deos por taõ feliz successo, quando chegavaõ os Fidalgos a pedir-lhe viesse ao Paço tomar as redeas do governo em nome da Magestade. A rara modestia do Arcebispo repugnava aceitar esta offerta, ao menos que se lhe naõ désse por companheiro a D. Sebastiaõ de Mattos, Arcebispo de Braga; querendo talvez com esta eleiçaõ, ou

Era impedir alguma demonstração do povo contra ^{vulgar.} aquelle Prelado, ou suavemente obrigarlo, a que deposta a inclinação Castelhana, abraçasse os interesses da Patria.

Acompanhado da Corte, marchava o Arcebispo para o Paço, e chegando à porta da Igreja do nosso Portuguez Santo Antonio, foy visto da innumeravel multidão de gente, que alli se achava pedindo a benção ao Prelado, que a Imagem de Christo crucificado arvorada na Cruz, que precedia ao Arcebispo, descravava a mão direita; milagre, que nos declarou filhos da benção de Deos, e que da sua mão, que dá, e tira Imperios, pendia a conservação do nosso, sustentado agora com todo o poder do seu braço direito.

Com tão feliz preságio, vendo os filhos ao pay inclinado, ao Juiz propicio, com vozes mais animadas, precedidos de D. Alvaro de Abranches com a bandeira Real, acclamaraõ por todas as ruas ao novo Rey; e foy tão admiravel a concórdia dos animos, unidos por inspiração superior, que em tão grande, e tão alterado povo, aonde eraõ muitas as contendas, grandes as inimidades, não houve hum só, que se aproveitasse da confusão para o despique; porque ainda os mais oppostos faziaõ evidente na congratulação a igualdade dos affectos.

Seguiu todo o Reino o exemplo da sua Capital, e dentro do tempo correspondente succedeo o mesmo em todas as Conquistas. Recebeo o Duque na sua Corte de Villa Viçosa esta agradavel nova, e acompanhado de alguns Senhores, partio para a de Lisboa desarmado, e tão familiar como se não

mar-

marchasse à conquista de hum Reino vizinho de hum Rey, ao qual o tirava da mão, sendo tão poderoso, qua eraõ as suas armas o terror da Europa.

Era
vulgar

Alvorocaraõ-se novamente os animos com a presença da Magestade, cresceo o applauso, e forãõ tantas as acclamações, que pareciaõ vivas do mayor triumpho, e naõ proemios de huma arriscada guerra. No dia 15 do mesmo mez foy ElRey jurado, e coroado; e para futuro successor seu filho o Principe D. Theodosio a 28 de Janeiro. No dia seguinte se principiarãõ las Cortes, nas quaes se regulou tudo o necessario para a defenfa, e segurança do Reino. 1641.

Cuidou logo ElRey na principal urgencia, que era pôr as fronteiras em bom estado; provendo as Praças de guarnições, e petrechos: invitou os Catalães para continuarem com empenho na idéa da sua liberdade, fazendo lhes largas promessas: mandou Embaixadores a França, Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e Roma.

O ultimo Embaixador, que era D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, encontrou na Curia muitos embaraços procurados pela facção inimiga; e poderaõ as negociações do Marquez de los Veles impedir, que o Papa Urbano VIII. reconhecesse Rey ao mais obediente filho da Igreja. E adiantou-se tanto naquella Corte a insolencia Hespanhola, que nella foy atacado o Embaixador pelos Castellhanos com o desprezo da suprema Tiara, e escandallo das gentes.

Com os mais Principes obrou naõ tanto a pericia dos Ministros, quanto o estorvo da nolla resolução, que em huns despertava o antigo amor,

flor

em

Era vulgar. em outros o bem fundado receyo. Ajustámos firmes pazes com França, Inglaterra, e Suecia, aonde os nossos Embaixadores foraõ recebidos com honra, e estimação soberba. Hollanda convencionou huma tregua por dez annos; e Dinamarca, ainda que por particulares razões recusou admittir a Embaixada, o Ministro experimentou hum acolhimento privado taõ honorifico, que bem mostrava no animo do Monarca o pouco que podiamos temer da sua parte.

Quando Portugal tomou a ultima resolução de sacudir o tyranno jugo de Castella, por nove vias diferentes fez logo aviso ao Infante D. Duarte, que estava servindo nas tropas do Imperio, para que, abandonando a Alemanha, se recolhesse a Portugal. Mas foy tanta a nossa infelicidade, que nenhum destes avisos chegou a tempo, talvez por culpavel omiissão do Secretario de Estado Francisco de Lucena, que ou se mostrou contra o Infante apaixonado, ou no officio negligente, o que pagou depois com a vida em publico cadafalso.

Naõ se descuidaraõ os Ministros Castelhanos, e a mayor lastima he que tambem hum Portuguez obrigadissimo à Casa de Bragança, que se achava Plenipotenciario da Magestade Catholica na Corte Imperial, em persuadir ao Imperador a prizaõ do Infante: proposta impia, e escandalosa; porém mais impia, mais escandalosa, e a todas as idades abominavel a vil resolução de huma Testa coroadada, com a qual violou as leys mais santas, os vinculos da mayor obrigação, e os mais apertados direitos da humanidade.

Foy prezo o Infante sem respeito ao sangue, à
hos-

hospitalidade, aos serviços, à innocencia; e tropeçando huns sobre outros os absurdos, com barbaridade inaudita ainda das nações mais brutas, foy entregue o nosso Principe nas mãos dos seus inimigos para victima das crueldades, que com elle praticou o odio no Castello de Milão, aonde padeceo, antes da morte ultima, oito annos de continuas mortes. Bem o encareceo o mesmo afflicto Infante (imagem de outro, que por semelhante causa representou em Castella igual figura) nas Cartas, que escreveo com expressões sahidas da alma ao Imperador, e a hum dos seus Ministros. E para que Portugal ouça em todo o tempo com horror o nome de hum iniquo Potentado, saiba, que o verdugo infiel do nosso Infante foy Fernando III.

Já se não deviaõ dissimular as demasias dos Castelhanos nas fronteiras, e tratámos de romper a guerra, já declarada nos animos, agora pelas armas. O primeiro golpe da nossa indignação cahio sobre Galiza; mas ElRey, querendo fazer huma poderosa diversão a favor de Luiz XIII. de França, que guerreava em Catalunha, passou ao Alentejo, e fez assento em Evora, em quanto os Generaes Conde de Obidos, e Joanne Mendes de Vasconcelos entravaõ por Castella. 1643.

O ataque da Praça de Valverde foy a primeira expedição desta Campanha felizmente lograda. Logo voltámos sobre Badajoz, não com animo de sitiar a Cidade, mas de mostrarmos ao General inimigo o pouco, que o temia o nosso valor determinado. Para aqui lograrmos com poder desigual huma victoria, não faltou a resolução, faltou o confli-

Era
vulgar?

to; e recolhido o Conde a Portugal, tomou Mathias de Albuquerque o commandamento das armas.

Por este tempo esteve em grave perigo não só a pessoa do Rey, mas toda a Real Familia; porque os faccionarios de Castella soprados por D. Sebastião de Matos, Arcebispo de Braga, esquecendo-se de que eraõ Portuguezes, intentaraõ com hum abominavel feito avançar os seus particulares interesses, e comprarem honras infames com ruinas da Patria.

Mas como o Rey, e o Reino tinhaõ a seu favor o auxilio de Deos, e Senhor dos Imperios, descoberta a conjuraçaõ, executou a justiça em tantas pessoas illustres os castigos proporcionados às circumstancias dos delictos, e das pessoas. Nesta offensa taõ grave da Magestade só a clemencia de EIRey se não mostrava queixosa, o mais resto do Reino todo se deu por aggravado.

Já o fogo da guerra, ateado em todas as Provincias, levantava horrorosos incendios, mas eraõ as ruinas de Castella; porque a pericia de Mathias de Albuquerque, que governava no Alentejo, a de Fernão Telles de Menezes, que mandava na Beira, a de Ruy de Figueiredo de Alarcão, e a de D. João de Sousa, que tinhaõ a seu cargo a conducta de Tras os Montes, e a do Conde de Castello Melhor, que commandava no Minho, ajudados do bravo valor dos seus Soldados, com repetidos bons successos, fizeraõ ver aos Castelhanos a difficuldade de vencer Portuguezes, ainda que poucos, empenhados pela honra, e liberdade.

Naõ podem ter lugar neste breve resumo os

mui-

muitos feitos de armas, que com partido sempre desigual accometerão as nossas tropas: quasi todos os lugares da fronteira inimiga forão abrazados, e saqueados, não se tendo por seguros das nossas correrias os pobres moradores senão nas Praças fortes, aonde, ou não queriamos gastar o tempo, ou empenhar as forças.

A facção mais importante na vida de El Rey D. João foy a batalha de Montijo por muitas circumstancias memoravel. Resolveo o General Albuquerque recompensar o attentado dos Castelhanos feito em Ouguela, e não se dando por satisfeito com a queima de Barca-Rota, e outros lugares, envolveo Montijo na mesma desgraça. Estimularão-se os Castelhanos do nosso atrevimento, sentirão tantos estragos, e com forças mayores mandou o Marquez de Torracusa ao General Barão de Mollinguen, para que tomasse conta ao Albuquerque do que acabava de obrar no districto da sua jurisdicção.

Hum quarto de legoa de Montijo se atacou a batalha, com tanto ardor dos Castelhanos, que romperão as nossas linhas, especialmente o Esquadrao de Infantaria de Ayres de Saldanha, espantado, e atropelado da precipitada fugida da nossa Cayallaria auxiliar de Hollanda: o cavallo do General Albuquerque foy morto de huma balla; e esta fatalidade entre tanta confusão nos faria experimentar a ultima ruina, se Monsieur de la Morle a não remediara, fazendo montar o General no seu cavallo, quando, cercado de huma tropa, tinha em evidente perigo a vida, ou a liberdade.

Era já gerada desordem, rotos todos os esquadrao

1644.

Era vulgar. drões, perdida a artilharia sem o poder remediar o seu valeroso General D. João da Costa, e só nos faltava perder o campo para ganhar o inimigo completa victoria: porém os Portuguezes, animando o valor com a desesperação, ainda que derramados, poseraõ a salvação das vidas, a reputação das armas, e a conservação do Reino na força dos braços independentes das regras da arte.

Por todas as partes foy atacado o inimigo com resolução tão brava, que elle mesmo não sabia qual temesse mais, se esta, se os golpes. Cobrados os animos, recobrámos a artilharia, e perdendo aquelles os inimigos nos foraõ largando o campo vencidos, e inteiros. Mas como já o valor caminhava soprado da fortuna, passando a vingança o que começou defenfa, entravamos pelas esquadras a comprar vidas alheas a troco do sangue proprio; e cevados na ferocidade, nem aos que pediaõ quartel concediamos a vida.

Ficou a campanha juncada de cadaveres, de armas, de despojos, e banhado em sangue o Guadiana. Deu brado este successo com estrondosa reputação das nossas armas; porque ainda que muitas vezes se tem visto ficarem vencidos os vencedores, isto só acontece quando algum esquadrão fica inteiro, ou quando o vencedor, por seguir o inimigo, se desordena, e lhe dá commodidade de formar alguma da sua gente, que achando-o desordenado, lhe ficou facil descompollo.

Porém neste glorioso feito tudo aconteceu pelo contrario; porque todos os esquadrões Portuguezes estavaõ rotos, e os Castelhanos entre elles ordenados: era superior o seu exercito, muita,

e boa a sua Cavallaria, a qual trazia atropelada a nossa Infantaria; mas entre accidentes tão tristes, ^{Era vulgar.} mostrou claramente o valor Portuguez, que em toda a occasião se sabe fazer superior a toda a fortuna contraria.

Continuou a guerra até o anno em que morreu ElRey D. Joaõ, que foy o de 1656, sempre com felices successos das nossas armas; deixando-nos magoados não havendo lugar em tão apertada Historia para os individuarmos, e darmos a conhecer, com os nomes gravados em laminas de bronze, aquelles illustres filhos da Patria, que sobre os hombros do seu valor sustentaraõ o pezo de huma desigual porfia, e compraraõ para os netos a liberdade à ponta da lança, para si a immortalidade da memoria a preço de sangue.

Quando Portugal na sua mayor oppressão, ^{1650.} necessitando de soccorros estranhos, unicamente com as suas forças rebatia o poder dos inimigos vizinhos, teve occasião de castigar o atrevimento dos distantes. Depois que em Inglaterra se executou o abominavel parricidio de ElRey Carlos, ficou Cromuel tão absoluto naquelle Reino, que para Rey despotico, sobrando-lhe a authoridade, só lhe faltava o titulo.

Da vexação deste Tyranno fugiraõ os Principes Palatinos, que seguidos da Armada do Parlamento até a barra de Lisboa, vierão buscar entre nós refugio, e demandar a protecção do Principe. Na critica situação em que Portugal se achava, era arriscado embarcar-se com a Corte Britanica: porém a nossa magnanimidade, resoluta a que prevalecesse o direito da hospitalidade a outro qualquer

reveyo, não só deus franca entrada aos Principes ;
 mas com humas poderosa Armada, que estava
 prompta no Tejo, sabio a combater a Ingleza,
 que nos largou no campo gloriosa victoria sem ba-
 talha.

A todo o grande corpo das vastas Conquistas
 de Portugal se communicou o valeroso espirito do
 nosso Monarca: todas, com admiracao notavel,
 seguirão a sua voz, e a fidelidade mais prompta,
 que o temor acanhado, o reconheceo por seu le-
 gitimo Senhor: outras, que estavaõ na maõ de ini-
 migos poderosos, com mayor milagre, que fortuna
 foraõ reconquistadas; porque o nosso valor, até
 então opprimido com o pezo de hum jugo estra-
 nho, agora restituida a sua antiga agilidade, e pri-
 mitiva corage, parece, que para a marcha das
 suas armas, furtava o curso do Sol, e que para a
 aforça dos seus golpes lhe communicava impulsos
 o braço do graõ Tonante.

1656. Porém quando o nosso alvoroço engolfado nos
 perigos de huma arriscada guerra sabia conhecellos
 para despezallos, chegou altamente a temellos
 por causa da intempestiva morte de El Rey D. Joaõ
 na idade de cincoenta e dous annos, deixando en-
 tre outros embaraços da Monarquia aos Principes
 seus filhos na idade pupilar, incapazes de suppor-
 tarem o pezo de hum governo perturbado, no
 qual os inimigos grandes eraõ o menor mal.

Foy El Rey D. Joaõ IV. Principe sabio, ami-
 go dos sabios, notavelmente sobrio, grande esti-
 mador da virtude, e tão judicioso, como affavel.
 A proya mayor do seu valor he a resolucao, com
 que accitou a Coroa sem meyo para defendella;

e como

e como a sua magnanimidade era acompanhada de prevenções serias, não teve que temer nas invações de Castella, nem que recear nas invenções de Hollandã.

Casou, sendo Duque de Bragança, com a Senhora D. Luiza de Gusmaõ, filha de D. Joaõ Peres de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, a qual, bem levantados horoscopos, vaticinaraõ nos seus primeiros annos a grandeza, que depois gozou.

Deste matrimonio nasceraõ o Senhor D. Theodosio a 8 de Fevereiro de 1634. Foy jurado Principe de Portugal em Janeiro de 1641, e era dignissimo do Reino mais pelas virtudes, que pelo sangue: porém a morte cortou em flor taõ bem fundadas esperanças a 15 de Mayo de 1653. A Senhora D. Anna, que tambem nasceo em Villa Viçosa a 21 de Janeiro de 1635, e morreu no mesmo dia. A Infanta D. Joanna, que nasceo em Villa Viçosa em 18 de Setembro de 1636, e morreu em 17 de Novembro de 1653. A Infanta D. Catharina nasceo em Villa Viçosa a 25 de Novembro de 1638. Casou com Carlos II. Rey de Inglaterra, e por não ter successão voltou para Lisboa em Janeiro de 1693. O Senhor D. Manoel nasceo em Villa Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e morreu logo. O Infante D. Affonso nasceo a 21 de Agosto de 1643, e foy jurado Principe em 22 de Outubro de 1653. O Infante D. Pedro nasceo em Lisboa a 26 de Abril de 1648. Foy Regente do Reino, e ultimamente Rey, como veremos.

Era
vulgar.

CAPITULO XI.

Da vida, e acções dos Reys D. Affonso VI, e D. Pedro II.

1656. **C**OMO El Rey D. Affonso na idade de treze annos tinha mãos pouco robustas para sustentar as redeas do governo, as manejou com admiravel prudencia por tempo de sete annos a Rainha viuva, segundo a expressa disposição de El Rey seu marido, que a deixou nomeada por Tutora do novo Rey, e Regente do Reino.

A primeira idéa da Rainha Regente foy ordenar disposições prudentes, que embaraçassem as maximas de Castella animadas com a falta de El Rey; e compor os animos discordes dos principaes Cabos da milicia, para que o commum da Republica não viesse a sentir os effeitos das desavenças particulares fomentadas pela ambição, ou pela inveja.

Os nossos, para fazerem ver aos inimigos, que a morte do seu Rey, ainda que lhes partisse os corações, lhes havia deixado as almas inteiras, continuaraõ as expedições bellicas: porém a vigilancia do General Conde de S. Lourenço não pôde impedir, que nesta Campanha perdessemos as Praças de Olivença, e Mourão, nem logrou as emprezas de Badajoz, e de Valença, que abandonou com perda, e nós sentimos como quebra, se não do valor, da fortuna.

1657. No anno seguinte foy nomeado Joanne Mendes de Vasconcellos para Governador das Armas do

do Alentejo, e em todas as nossas Provincias se continuou a guerra com vigor: restituimos Mourão, abrazámos varios lugares da Fronteira, e tomámos consideraveis prezas; mas sem acção geral, que a qualquer das partes mostrasse os mimos, ou disfavores da forte.

Era
vulgar

Porém como nos achavamos com forças para acometter mayores empresas, resolvemos empregallas no sitio de Badajoz contra o parecer do Conde de Sabugal, que ponderou na empresa as difficuldades, que depois mostrou o successo. Começaraõ as operações pelo ataque do forte de S. Christovaõ: porém a facção mais memoravel deste cerco foy o ayance do forte de S. Miguel, que o Duque de S. German veyo soccorrer em pessoa com o exercito Castelhano.

Contra o forte, e contra o campo se empregava ao mesmo tempo o nosso esforço, e a vigilancia dos Generaes Joanne Mendes de Vasconcellos, e André de Albuquerque, com os mais Cabos, e Soldados; mostrando-se os ultimos filhos da disciplina dos primeiros, os segundos creaturas do seu valor geradas de si mesmas.

Depois de quatro horas de porfiado ataque, em que a constancia, e o valor à competencia obraraõ gentis esmeros, se rendeo o forte à differença, e se retirou o exercito com desordem, e destroço grande, e que passara a total, se hum nevoa levantada dos vapores do Guadiana não frustrasse as advertidas disposições, que o General Albuquerque tinha formado, para que dos Castelhanos não escapasse hum só da morte, ou da prizaõ.

Tremeo

Era
vulgar.

Tremeo a Corte de Madrid ao estrondo desta noticia, e se consultou, que El Rey Filipe passasse pessoalmente ao soccorro de Badajoz: porém como a authoridade dos validos he na apparencia igual à da Magestade, D. Luiz de Haro, que tinha o primeiro lugar na privança do Principe, ainda que violento por lhe deixar o lado, foy obrigado a aceitar o commandamento das armas; como se a fortuna da guerra houvesse de mostrar-se propicia à grandeza do Cabo desacompanhado da pericia da arte.

Havia quatro mezes, que sustentavamos a porfia do sitio com perda de vidas, e munições, mas vendo com a chegada de tão poderoso soccorro a impossibilidade do bom successo, pelo prudente parecer de Pedro Jaques de Magalhaens, abandonámos a empreza, e nos retirámos a Elvas, aonde nos vieraõ sitiar os Castelhanos, ou para defaogarem os seus animos marciaes, ou para despicarem a injuria de Badajoz.

Governava esta Praça D. Sancho Manoel, que acreditou na sua defenfa a bem estabelecida opiniaõ do seu valor, sciencia, e probidade. Forãõ muitas as bizarrias militares, que obraraõ os sitiados opprimidos de huma terrivel epidemia, inimigo mayor, que os Castelhanos. Mas a sua constancia sustentada na incomparavel fidelidade da naçaõ, se dispoz a esperar o soccorro, que se juntava, ou deixar as vidas dentro dos muros, que ficariaõ servindo de immortaes padrões à sua fama.

Foy nomeado o Duque de Aveiro, depois infiel à Patria, para descercar Elvas, mas depois
de

de aceitar a incumbencia , renunciou o cargo ; porque a gloria desta façanha estava destinada pela fortuna para o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes , varaõ de consummada prudencia , de acreditado valor , e amante dos interesses do Reino.

Em quanto no Alentejo se passavaõ estas cousas , não estavaõ ociosas as armas nas outras Provincias ; porque no Entré Douro e Minho dava o Conde de Castello-Melhor que fazer aos Gallegos. Ganharão estes sobre nós huma ventagem , que pouco depois desaggravámos no sitio , que elles nos pozeraõ a Monsanto. Assim se obrava nas mais Provincias ; mas toda a attençaõ do Reino se empregava na do Alentejo.

Já a Cidade de Elvas se achava reduzida à ultima extremidade , e differia-se o soccorro , porque discordavaõ os pareceres sobre o modo de se lhe introduzir : porém como para os Portuguezes he valor aquillo , que nas outras nações se julga temeridade , escolhémos por mais seguro o partido mais arriscado , e resolvémos com inferior partido atacar os Castelhanos nas suas linhas , para que se visse compravamos a vitoria por mais preço com os olhos na gloria , não no interesse.

Compunha-se o nosso exercito de dous mil e quinhentos Cavallos , e oito mil Infantes , a mayor parte Auxiliares , debaixo das ordens do Conde de Cantanhede : era primeiro Mestre de Campo General , com exercicio de General da Cavallaria , André de Albuquerque ; e entre outros Cabos se distinguião no valor , e qualidade o Conde de Mesquitella , Mestre de Campo , Affonso Furtado de Mendocça , General da Artilharia ; os Tenentes Generaes Ma-
Tom. VI. Ss noel

Era
vulgar. noel Freire de Andrade, Gil Vaz Lobo Freire, ambos com valor herdado dos illustres Fidalgos dos seus appellidos; Diniz de Mello de Castro, depois pelos seus merecimentos Conde das Galveas; Tamaricut, e os Commiffarios Geraes Joaõ da Silva de Soufa, e Joaõ Vannicelli.

Os Terços de Infantaria eraõ governados pelos Mestres de Campo Pedro de Mello, D. Manoel Henriques, Antonio Galvaõ, Fernaõ de Mesquita Pimentel, Alvaro de Azevedo Barreto, Antonio de Sá Pereira, Gregorio de Castro de Moraes, com os Tenentes de Mestre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo, Manoel Lobato Pinto, e Ascenso Alvares Barreto, além de outros, que por ausencia dos Mestres de Campo, eraõ governados pelos Sargentos môres.

Estes foraõ os alentados Portuguezes, que emprenderaõ, e conseguiraõ huma das facções mais gloriosas das nossas armas. Com este poder appareceo o Conde de Cantanhede sobre as linhas dos Castelhanos: elles nos desprezaraõ pelo numero; mas D. Luiz de Haro, e o Duque de S. German nos temeraõ por valerosos. Os da Praça nos olhavaõ com alvoroço, e como se naquelle dia se acabara a guerra, se vestiraõ os defensores de gala, os animos de jubilo, e se embandeiraraõ as prostradas ruinas:

Sem que os Castelhanos o cuidassem, viraõ primeiro as espadas, que entenderaõ se adiantavaõ à resoluçãõ, temidas aquellas antes de serem esta. A guarniçãõ da Praça, commandada pelo valeroso Conde de S. Joaõ, por Simaõ Correa da Silva, e pelo bravo D. Joaõ da Silva, se alojou na contraescarpa, para, na occasiãõ do bom successo, dar as mãos

mãos aos amigos , e assentallas nos contrarios.

Com valor incrível , e igual fortuna atacou , e rompeo o nosso lado esquerdo as trincheiras do inimigo acclamando vitoria , a que podera pôr tropeços a corage Hespanhola , se a precipitada fugida da sua Cavallaria não abandonara o campo antes de rota , tenaz na obediencia , facil ao medo.

A este tempo acudio parte do presidio a apoderarse das trincheiras , que achou indefensas. Nesta confusão , o General Castelhana , que do Forte da Graça via o perigo fóra d'elle , largou o exercito à discreção do vencedor , e se retirou a Badajoz , deixando aos nossos no campo a vitoria , a reputação por despojo.

Não encontrou a mesma felicidade o nosso lado direito ; porque o Duque de S. German , com incansavel diligencia , e destemido alento , trabalhava por unir a Infantaria , assistida pelo Duque de Ossuna com hum bom grosso de Cavallaria , que obrigava o Terço de Luiz de Sousa de Menezes a perder o terreno ganhado , sem que fossem bastantes para o animar as languidas vozes do seu Mestre de Campo mortalmente ferido.

André de Albuquerque , que já mais havia tolerado , que os seus soldados voltassem a cara ao inimigo , se arremessou furioso às trincheiras , e as abalroou com o bastaõ : porém hum tiro vago , que o atravessou por baixo do braço , acabou aquelle , que podendo gozar entre as honras-vida mais larga , não podia ter nas memorias mais honrada morte.

Fez este espectáculo de valor esquecer o medo , desprezar as vidas , e empenhados os nossos em matar , buscavaõ por entre as lanças já não tanto a

Era
vulgar.

gloria como a vingança. Foy ferido na cabeça o General Castelhano, e communicou-se a dor a todo o corpo do seu exercito com tanta vehemencia, que os braços enfraquecidos para a resistencia, mandaraõ toda a força aos pés para a fugida.

Já os nossos no campo encontravaõ inimigos sem resistirem, achavaõ homens, e não soldados, taõ frios os vivos como os cadaveres; porque em huns obrava o medo, o que nos outros fizera a espada. Entraraõ os nossos triunfantes na Praça, que qual outra Roma, olhava em cada soldado hum Camillo, estes em cada defensor hum Manlio.

Cahiraõ nas nossas mãos todas as bagagens, e tendas, com a caixa militar, e Secretaria de guerra; e de trinta e seis mil homens, que começaraõ este fitio, se recolheraõ a Badajoz seis mil. Para matar seiscentos Portuguezes, perdeu Hespanha trinta mil homens, e para fazer huma visita às paredes de Elyas, evacuou os thesouros de Madrid.

Postas as cousas da Provincia em segurança, e descansando os negocios à sombra de tamanha victoria, partio o Conde de Cantanhede para Lisboa a receber os applausos, e os premios de taõ avultados serviços; e foy nomeado o Conde de Atouguia para lhe succeder no cargo, que exercitou com o valor, e prudencia, que no sangue lhe communicaraõ os bravos Ataides seus progenitores.

Entre outros successos deste anno he memoravel a Embaixada do Conde de Soure à Corte de França para reparar os damnos, que a paz dos Pyrineos podia causar aos nossos interesses. Este Ministro se portou com tanta delicadeza, que não só deu bom semblante aos negocios, mas conseguiu
promptos

promptos soccorros, e entre elles mais estimavel a
 pessoa do Conde de Schomberg, que com particular ^{Era}
 empenho cooperou para a nossa liberdade. ^{vulgar}

Taõ cortados ficaraõ os Castelhanos do nosso
 ferro, que todo hum anno estiveraõ sem medir as
 armas, succedendo nas Fronteiras facções de pouca
 importancia. Esta suspensão deu tempo aos Minis- ¹⁶⁶⁰
 tros para nas Cortes estrangeiras adiantarem os ne-
 gocios; e tivemos a felicidade de trazer à nossa de-
 voção a de Londres pela destreza de Francisco de
 Meillo, depois Conde da Ponte, e de ajustarmos
 firmes pazes com a de Haya pela prudente conducta ¹⁶⁶¹
 de Henrique de Sousa, Conde de Miranda.

Porém como a inacção dos Castelhanos era
 para alentar os animos cahidos; com forças novas,
 e novo Cabo parece queriaõ começar a guerra; e
 conseguir coñtumazes o empenho, que não podiaõ
 valerosos. O Rey Philippe nomeou para General das
 Armas a seu filho natural D. Joaõ de Austria, esti-
 mulando-lhe os brios, ou com a promessa da nossa
 Coroa, ou ponderando-lhe altamente a grande re-
 putação, que daria ao seu nome a nossa conquista.

Tantos preparos de Castella nos obrigarãõ a
 olhar por nós, e o vestir segunda vez as armas ao
 grande Conde de Cantanhede, já condecorado com
 o titulo de Marquez de Marialva. Porém todo es-
 te apparatus do inimigo não nos causou mais damno,
 que talar algumas legoas de paiz aberto, render
 Arronches, e o Castello de Alconchel, vilmente
 entregue pelo Capitaõ Gaspar do Rego; mas tanto
 que apparecemos na campanha, D. Joaõ de Austria,
 mais prudente, que valeroso, se retirou a Badajoz.

Neste mesmo tempo, o Conde do Prado, que

Era governava a Provincia de Entre Douro e Minho, fa-
vulgar. zia galhardo semblante aos Gallegos foccorrido pe-
lo Conde de Mesquitella, que mandava em Traz
os Montes. Na Beira tivemos algumas perdas, en-
tre ellas a do Forte de Val de la Mula, em cuja em-
preza se empenhou o Duque de Ossuna: porém D.
Sancho Manoel, já Conde de Villa-Flor, desemba-
raçado do Alentejo, no grande choque da Campa-
nha de Perales, a que podemos chamar batalha,
castigou aquelle atrevimento sem demorar à injuria
a vingança.

1662 O Marquez de Marialva, havendo até agora
militado debaixo das ordens do Conde da Atouguia,
tomou o commandamento das armas do Alentejo,
que unio defronte de Estremoz amparadas da som-
bra da sua artilharia; porque D. João de Austria,
fazendo com a authoridade da pessoa, que se lhe
engrossassem as forças, andava senhor da campanha.

Chegou o inimigo a avistarnos debaixo da-
quelles muros; mas poz-nos os olhos tão cortez, co-
mo nos buscara afouto: alterou com segunda mais
circunspecção a primeira resolução valerosa; e retro-
cedendo a marcha, depois de saquear Borba, des-
carregou o pezo das suas armas sobre Jeromenha,
cujo governo se tinha fiado ao valor de Manoel Lo-
bato Pinto.

Naõ soffreo a bizarría do Marquez General es-
ta resolução tomada à sua vista, e teve por injuria
naõ foccorrer huma Praça, que resistia a poder tão
superior a nossas forças. Para o conseguir tentou to-
dos os meyoos este varaõ excellente, que trazendo os
bons successos pendentés da espada, e sujeito ao
seu imperio o dominio da fortuna, naõ pode lograr
estes

estes designios, que pelo que tinhaõ de grandes, ^{Era vulgar} bastou para gloria sua intentallos.

Grandes esperanças tinha Portugal no casamento da nossa Infanta D. Catharina, que este anno foy conduzida a Inglaterra para se receber com El-Rey Carlos II.: porém era grande a desconsolação do Reino pela má conduçta del-Rey D. Affonso, pouco inclinado à nobreza, e inteiramente governado por homens vis, que causaraõ à Rainha Regente pezados dissabores, muitos, e grayes embaraços.

Esta Heroína, ou tendo cançada a paciencia, ou querendo, livre de cuidados mundanos, dar a Deos o resto dos seus dias, largou o governo a El-Rey seu filho, e sepultou a grandeza da Magestade no Convento das Agostinhas Descalças, que havia fundado no sitio do Grilo, aonde viveo até o anno de 1666, em que passou a receber das suas virtudes o premio, dos seus trabalhos o descanso.

Tomou El-Rey D. Affonso VI. posse do seu ¹⁶⁶³ Reino, e fendo tanta a felicidade, com que abateo a arrogancia de inimigos poderosos, foy affaz desgraçado pela rebeldia, com que as inclinações do genio pizavaõ os dictames da razaõ; que não vale de nada a grandeza do carácter, e a soberania da Magestade, quando a vontade cega se governa pelas leys do capricho, e se entrega nas mãos da complacencia a liberdade do alvedrio.

Era grande o perigo em que neste tempo se via Portugal; porque D. Joaõ de Austria com poder muitas vezes superior a nossas forças, andava despótico no Alentejo, e taõ dentro da Provincia, que chegavaõ as suas partidas a Alcacere do Sal. Tinha
este

Era
vulgar.

este Principe sitiado Evora : eraõ poucos os meyo
para a defenfa , e no feu foccorro se interessava o
credito da nação , o brio das armas.

De todas as Provincias marchavaõ para a do
Alentejo as tropas , que nellas se podiaõ escusar ,
diminutas no numero , fortes na qualidade. Com
ellas unidas sahio de Estremoz o General D. Sancho
Manoel , Conde de Villa-Flor , sendo General da
Cavallaria Diniz de Mello de Castro , e da Artilha-
ria D. Luiz de Menezes , depois Conde da Ericeira ,
heróe de dilatado engenho , e de grande cora-
ção , que cortou nesta guerra mais palmas com a lua
espada , do que ao depois repartio com a penna por
aquelles , que prodigos do sangue , e da vida , só
de honras avarentos , de gloria ambiciosos , soube-
raõ ser Martes ao menos segundos , já que elle era
em todos os lugares o primeiro.

Chegámos a avistar os muros de Evora , e co-
meçaraõ a pular os corações , vendo , que abatidas
as Quinas Portuguezas , tremolavaõ nelles as ban-
deiras Castelhanas , arvoradas pela fortuna sem con-
curso do valor. Suspenderaõ-se os animos irresolu-
tos , nunca duvidosos ; porque determinados a to-
mar vingança , só pertendiaõ com o vagar dos con-
selhos averiguar o modo , e dispor o como. Assen-
tou-se , que retrocedendo a marcha , esperassem
o inimigo além do Degebe ; e na passagem deste rio
começámos o elegante proemio da futura vitoria ,
derrotando sem perda nossa os consideraveis desta-
camentos , que marchavaõ a entreternos. Bem po-
deramos , se o estylo o permittira , individuar como
batalha as circunstancias deste encontro , em que os
nossos se mostraraõ sobre valentes invenciveis ; fa-
zendo

zendo em postas oitocentos homens à vista de hum exercito vitorioso, e perseguindo os fugitivos até arrostar a primeira linha do seu campo. Não consta que dos nossos fosse algum morto, ou ferido, para que o gosto de tão glorioso feito se não perturbasse com a lastima de preparar fios para a cura de huns, suffragios para a sepultura dos outros.

Por este golpe, que não passou de ensayo, inferio D. Joaõ de Austria quaes seriaõ os da representação verdadeira; e deixando Evora bem guardada, quiz voltar a Castella para refazerse de forças com as reclutas prevenidas, e já promptas em varias Praças: porém os nossos, penetrando o desígnio, lhe foraõ no alcance, e no dia 7 de Junho se alojaraõ ambos os exercitos da outra parte do rio Tera nos campos do Ameixial, tão visinhos hum do outro, que escusar a batalha tinha mayores perigos, que o conflicto.

D. Joaõ, esquivo para os nossos, sim desejava escapar ao encontro; mas antes que algum incidente nos roubasse das mãos a victoria, o General da Beira Manoel Freire de Andrade, que com o Comissario Geral Gomes Freire mandava a Cavallaria do lado esquerdo, ambos com o valor, que herdaraõ com o sangue, e com a disciplina, que haviaõ aprendido em facções importantes, se avançaõ aos Castelhanos tão intrepidos, como se elles fõs levassem pendente da sua espada a gloria de tão formoso dia.

Manoel Freire, que nunca temeo perigos, investio tão resolutos, que não faltaraõ invejosos da sua determinação. O certo he que huma bala perdida lhe tirou a vida; mas disparada com pontaria

Era
vulgar. certa ; e se houve força para lhe acabar os bravos
alentos , nenhuma será capaz para lhe extinguir a
illustre memoria ; porque dos golpes da inveja está
isenta a immortalidade da fama.

Reforçou Diniz de Mello este ataque com
tres mil Cavallos , e deu semblante de batalha à re-
solução , que na mente do General só se encaminha-
va a embarçar a marcha de D. João de Austria. O
empenho da Cavallaria , que obrava gentilezas , dif-
ficultandose-lhe a retirada sem perda da reputação ,
obligou a moverse todo o exercito , que tendo até
então por insuperaveis as eminencias coroadas da
Infantaria Castelhana , agora lhe pareciaõ faceis à
vista da opposição ; julgando o valor menor o pe-
rigo na proximidade , do que o representara a cir-
cunspecção na distancia.

Os Generaes Conde de Villa-Flor , o de
Schomberg , o da Torre , D. João da Silva , Affon-
so Furtado de Mendoga , D. Luiz de Menêzes , com
os mais Cabos , e Officiaes fizeraõ com o seu valor,
e conducta esquecer a fama dos Varões illustres ,
que tiveraõ em melhores escritos mayor nome , não
em mayores obras melhor fortuna ; mas assim são
diferentes os Portuguezes das mais nações ; porque
estas devem beneficios à Patria , àquelles he ella de-
vedora.

Depois de huma bem disputada porfia , que
violentos não individuamos , ganhámos completa
vitoria ; deixando D. João de Austria no campo en-
tre muitos cadaveres , e ricos despojos , abatida a
alta reputação do seu caracter adquirida em Flan-
des com valor igual em diferentes fortunas ; e bas-
tou este golpe para encontrar não só nos homens
desagra-

desagrado, mas na Corte desabrimentos de Rey entre severidades de pay, como se os influxos dos astros podessem ser culpas do valor.

Era
vulgar.

Poucos dias descansou o exercito com o gosto da vitoria, como se não quizera mais tempo, que para alimpar nas armas o mesmo sangue, com que havia tornar a tingillas. Marchámos de Estremoz a recobrar Evora, aonde, acompanhado de muita parte da Nobreza da Corte, veyo servir como aventureiro o Marquez de Marialva, para pagar à Patria com este obsequio a insolencia, com que a plebe de Lisboa arrasou a casa de Varaõ tamanho, abatendo as paredes daquelle, ao qual levantava padrões a fama, a immortalidade obeliscos.

Não pode a braveza do Conde de Sertirana resistir aos nossos ataques, e no dia de S. Joaõ nos entregou a Praça; triunfo, que por ir acompanhado de outros mayores, deu brado na Europa, nova reputação às nossas armas, e à Corte de Madrid sentimento igual ao alvoroço, que lhe causou o dominio de huma Cidade forte no coração da Provincia, como se os Portuguezes, que não poderaõ viver entre os Castelhanos quando amigos, houvessem de os soffrer muito tempo em casa sendo contrarios.

Aquarteladas as nossas tropas, descansámos das fadigas da guerra à sombra do respeito dos nossos triunfos, e passou à Corte o General Villa-Flor, que com prerogativa de Varaõ excellente, encontrou nella os premios tão desiguaes aos serviços, que se desobrigou do posto; querendo talvez com alta idéa, e exquisita politica, que antes o mundo o culpasse ocioso, do que notasse na Magestade in-

Era vulgar. gratidão, na Patria pouco agradecimento. Com satisfação de todo o Reino lhe substituío o governo com patente de Capital General o Marquez de Marialva, e foraõ providos a Governador das Armas da Provincia o Conde de Schomberg, hum dos mais gloriosos instrumentos da nossa liberdade, e a Mestre de Campo General Gil Vaz Lobo Freire, que lograva todas as qualidades dignas da occupação, para cujos merecimentos já não havia merce, por grande, desigual à estatura.

Em todas as Provincias foraõ felices as nossas armas nesta Campanha, e especialmente celebrado o choque de Val de la Mula ganhado por Affonso Furtado de Mendocça, Governador das Armas de Penamacor, e referido, com os mais encontros, nas nossas Historias por pennas menos escassas; estas fó empenhadas na honra da Patria, a nossa na instrução dos seus filhos.

1664 No anno de 1664 se seguirão huns a outros os triunfos: o Marquez de Marialva, com o mais luzido exercito, que nesta guerra pizou nossas Fronteiras, não achando os Castelhanos em estado de se lhe opporem, entrou pelo paiz inimigo; sitiou Valença, que depois de galharda resistencia, se sujeitou ao nosso jugo, e foy esta a segunda vitoria ganhada pelo Marquez à terça feira, com que destruío os azares do seu appellido, sabendo fazer ditos os sustos da superstição.

Com igual fortuna ganhou Pedro Jaques de Magalhães, Governador das Armas da Beira, a batalha de Castello-Rodrigo, em que se empenhou todo o esforço do Duque de Ossuna para fazer mais feliz o nosso triunfo. Sentia Hespanha a repetição de

de tantas perdas, e cortados do medo os Castelhanos, buscando-os os nossos por toda a parte como contrarios, parecia que em nenhuma achavaõ inimigos. Era vulgar

D. Joaõ de Austria, a quem de mais perto feriaõ os golpes da desgraça, para poder reparallos antes da total ruina, passou à Corte de Madrid, aonde interposta a sua authoridade, esperava delalentar o descuido, ou abafar a emulaçaõ: porém esta cresceo de modo, que D. Joaõ por naõ acabar de estragar com a opiniaõ a modestia, renunciou o cargo, e sahio da Corte.

Mas empenhado El Rey Philippe na satisfacaõ das suas armas, nomeou para Capitaõ General da Estremadura ao Marquez de Caracena, que na guerra de Flandes tinha adquirido a reputacaõ do primeiro soldado daquella Monarquia. Acompanharaõ a este grande mestre da arte Bellica muitos filhos da sua disciplina, que naõ só queriaõ ser parentes do seu espirito, mas creaturas da sua inspiraçaõ.

Sahiraõ os exercitos à campanha, depois de 1665 tantos annos de guerra, empenhados em idéas novas; porque o Caracena, com a vaidade de succeder a hum Principe, se dispunha a emendarlhe os erros, e mudar com a sua conducta a face da fortuna. O Marquez de Marialva, e o Conde de Schomberg, sem os assustarem os brados da fama do novo competidor, pertenderaõ obrar reportados, e mostrar-se valerosos, para com actos distinctos, se opporem à dextra pericia, e conservarem os favores da boa sorte.

Entrou o Caracena por Portugal, e escolheo para

Era vulgar. para primeira, e ultima empreza o sitio de Villa-Viçosa, que se lhe representou facção de estrodo, como se em meter na sujeição de Castella a Corte dos Serenissimos Duques de Bragança lhe entregasse ao seu dominio os Estados dos Reys de Portugal. Governava a Praça Christovão de Brito Pereira, que para a defender, ainda esquecendo a memoria dos seus progenitores, lhe bastava o valor proprio sem o soccorro do sangue.

Defendeo-se a Praça com constancia superior à porfia dos que a atacavaõ: porém o Marialva, que seguia a generosa idéa, de que as forças se devem arriscar pela reputação, quanto mais por tamanha injuria, no mesmo dia em que os Castelhanos começaraõ o sitio, se preparou elle para o soccorro. E conforme a diversidade dos pareceres, em que se seguisse por mais briosa a resolução mais arriscada, abalou de Estremoz o exercito composto de quinze mil Infantes, e cinco mil e quinhentos Cavallos.

Os Generaes que tinhaõ a direcção destas Armas além do primeiro Chefe, eraõ o Conde de Schomberg, que governava as do Alentejo, o Mestre de Campo General Gil Vaz Lobo, o General da Cavallaria Diniz de Mello, o General da Artillaria D. Luiz de Menezes, Pedro Jaques de Magalhães, que governava o partido da Beira, o Conde de S. João, que mandava o de Traz os Montes, Pedro Cesar de Menezes, General da Cavallaria do Minho, e Simão de Vasconcellos e Sousa, Governador da de Lisboa.

Fiado o Marquez de Caracena no seu valor, ou na vaidade da sua opiniaõ, sahio a esperarnos fóra das trincheiras; mas apenas se rompeo a batalha,

para

para mandar livre de sustos, subio a hum seguro monte, donde, com o poder abysmado, desceo na reputação. Os Castelhanos, ainda que tinhaõ longe a alma daquelle corpo, nos atacaraõ com resolução igual à ordem; mas com ousadia infeliz; porque depois de muitas horas de porfiado combate, foraõ obrigados a largarnos nos campos de Montes Claros, com completa vitoria, além da gloria de vencedores, a segurança da Monarquia.

Nicolao de Langres, que com mil e oitocentos Infantes ficou guarnecendo os aproches, em quanto os exercitos disputavaõ a fortuna da batalha, querendo para si toda a gloria da expugnação da Praça, com mais confiança, que bizzaria se abocou com os nossos persuadindo a entrega; e tenaz na proposição, de humia balã pelos peitos pagou com a vida infame o ingrato concurso, que dava para a ruina do Reino, a que devia tantos beneficios.

Com seis mil prisioneiros chegou o exercito triunfante a Villa Viçosa, deixando no campo setecentos mortos em desconto de quatro mil Castelhanos, que com bravo alento largaraõ as vidas no campo. Esta consideravel perda, por cahir sobre tantas, fez abrir os olhos a El Rey Philippe para ver a vontade de Deos, aos vassallos consternou de sorte, que já olhavaõ a guerra pela parte, que tem de lastimosa, prescindindo da prerogativa, que lhe deraõ de honrada.

Decidio esta vitoria o pleito da nossa liberdade, e ainda que a guerra durou tres annos, já era com semblante menos feroz, desejavaõ anciosamente a paz os Castelhanos para respirarem livres,

era vulgar e cobrarem animo, os Portuguezes para gostarem os frutos de tantos trabalhos, e pendurarem as armas cheyas de honra no templo da gloria.

1666 Porém quando levantava tantos troféos o nobre valor, nos affligiaõ os desconcertos da Corte, a defuniaõ del Rey com o Infante D. Pedro, querendo forçar este animo Real, e livre para que casasse involuntario, intervindo o respeito de Rey para coarctar a liberdade a hum Principe: morreo com inconsolavel lastima a Rainha D. Luiza; e ainda que as lagrimas se equivocaraõ com os jubilos, e se cortaraõ com os lutos as galas pelo casamento del Rey com a Princeza de Aumale D. Maria Francisca Isabel de Saboya, chegaraõ a taõ critica situaçaõ os embaraços, que constringeraõ Portugal a tomar huma resoluçaõ, se justa, nunca entre nós vista; porque outra semelhante já havia seculos, foy por muitos mal olhada, e de nós não empreendida.

1667 Mas como às vezes a muita fidelidade cança, e os desconcertos dos Principes, renunciados os officios da razaõ, obrigaõ os vassallos a tomar resoluções menos moderadas, foy El Rey D. Affonso VI., por causa dos seus excessos, deposto pelos Estados do Reino, conservando sem exercicio a Magestade na pessoa; idéa notavel para se mostrar veneraçãõ fina a hum simulacro de independencias. Obrigaraõ os rogos dos vassallos ao Senhor Infante D. Pedro, que como unico herdeiro do Reino, tomasse o governo da Monarquia, e se sujeitasse ao pezo da Coroa, deixando na cabeça do irmaõ o valor della.

1668 Reconheçeraõ os povos em Cortes ao Principe

pe Regente; e a paz ajustada com Castella pela mediação de Carlos II., Rey de Inglaterra, alvoroçou de forte os animos, que todos, respirando liberdade, se promettiaõ no melhoramento dos interesses, multiplicadas felicidades em hum governo, que no mesmo anno de plantado, se mostrava taõ fecundo. Só a Familia Real estava taõ attenuada, que o Principe era o unico fio, de que pendia a conservação do Reino, exposto por esta causa ao mesmo mal, de que fugira.

Era
vulgar:

Mas como o Papa Clemente IX. havia approvado a sentença, porque foy annullado o matrimonio del Rey D. Affonso com o fundamento da sua impotencia, o Principe recebeu por mulher a Rainha sua cunhada; e quatorze annos depois, falecendo D. Affonso em Cintra a 12 de Setembro com quarenta annos de idade, tomou D. Pedro o titulo de Rey.

1683

D. Pedro II., vigesimo terceiro Rey de Portugal.

Morto El Rey D. Affonso, jurado o Principe Regente, e gozando Portugal o bem de huma ventajosa paz, cuidou o novo Rey em segurar a successão do Reino, ajustando o casamento de sua unica filha a Infanta D. Isabel com o Duque de Saboya Victor Amadeo; mas frustrado este ajuste, e morta a Rainha D. Maria Francisca, tornou El Rey a casar no anno de 1687 com a Princeza Dona Maria Sofia de Neobourg, filha de Philippe Wilhelmo, Conde Palatino do Rhin.

1683

Passava Portugal à sombra dos troféos, penduradas as armas no templo da paz, com inalteravel focego, quando começou a temerle na Europa

Era
vulgar. huma revolução grande; porque toda ella estava atenta à futura successão de Carlos II. Rey de Hespanha, sem filhos a quem deixasse o Reino, com pouca saude para durar muito nelle.

1700 Faleceo este Monarca, e esquecendo os interesses Austriacos, nomeou por herdeiro dos seus Estados ao Duque de Anjou, que foy proclainado, e reconhecido Rey de Hespanha com o nome de Philippe V., e sustentado neste Throno pelas armas de seu avô Luiz XIV. Rey de França, contra as pertençaes do Imperador Leopoldo, que tambem defendeo com as armas o direito da sua casa, renunciado na pessoa de seu filho o Archiduque Carlos.

1701 Portugal foy das primeiras Coroas, que reconhecerão a ElRey Philippe: fez hum Tratado de Alliança com França, e Hespanha; exhortou por meyo de huma Carta aos Estados de Hollanda, para que mantivessem a paz; e já no porto de Lisboa havia entrado Monsieur de Chateau Reneau com a Armada de França, que se formou com a nossa, e ficaram ambas à ordem do General Conde de S. Vicente esperando a invasão, que se receava queriaõ fazer as Potencias Maritimas.

1703 Porém como às razões de Estado não lhes está mal mudar de opiniaõ, conforme a diversidade dos semblantes do interesse, Portugal, ou deixando-se vender dos ameacos, ou ganhar das promessas, se declarou pela liga de Carlos III. para o introduzir pelas fronteiras na Monarquia de Castella com as forças dos Altos Alliados; cedendo-lhe o Imperador em recompensa destes serviços varias Praças em Hespanha, e Paizes na America.

1704 Chegou o Archiduque a Lisboa nas Esquadras de

de Inglaterra, e Hollanda com dez mil homens de desembarque, que se unirão às nossas forças, e pela Beira entraraõ os dous Principes em Castella, havendo-lhes segurado o Almirante, refugiado em Portugal, o bom animo dos Castelhanos; mas como nada acharaõ do que o Almirante promettera, voltaraõ para a Corte.

Era
vulgar.

Ganharaõ os Alliados com bizarra gentileza a Praça de Gibraltar: reconheceo Hespanha a sua importancia depois da perda, e applicou os mayores esforços para recobrala: porém sahindo de Lisboa a nossa Armada às ordens do Sargento mór de Batalha Gaspar da Costa de Ataide com varios navios dos Alliados, debaixo da conducta do Cavalleiro Leake, investio, e derrotou a Monsieur de Pointis, que com huma Esquadra de trinta e cinco náos occupava o Estreito; e desembaraçado o mar, levantou o sitio o exercito de terra.

1705

Foy feliz esta campanha nas nossas Fronteiras; porque o Conde das Galveas ganhou com a espada na maõ a Praça de Valença: atacaraõ a brecha dous Regimentos Portuguezes, hum Inglez, outro Hollandez: o primeiro que a montou foy o do Coronel D. Francisco Naper de Lancastre, que no alto della foy morto combatendo com bravo valor, e com igual alento sustentou o Conde de Coculim o avance na frente do outro Regimento Portuguez: com a mesma bizarria se portaraõ os Coroneis Duncason Inglez, e o Conde de Noyelles; porque estimulada a competencia das nações, não deixava distinguir os excessos nos actos de valor.

Presidiada Valença, levantou o exercito o campo, e marchou ao sitio de Albuquerque, que

Era vulgar. foy dirigido pelo General Conde Galloway. Defendendo-se o inimigo com resolução; mas vendo que pela grandeza da brecha era temeraria a resistencia, com honradas capitulações entregou a Praça, que tambem guarnecemos.

Em quanto as tropas descansavaõ em quartéis de refresco para, com forças recobradas, se empregarem no sitio de Badajoz, o Marquez das Minas com hum corpo de Portuguezes, atacou a Villa de Salvaterra, que se rendeo à discreção, e depois nos avançámos a Sarça, que achámos desamparada, e a entregámos ao fogo.

Começou com muito acerto; mas teve infeliz exito o sitio de Badajoz. Nelle perdeu hum braço o Conde de Galloway, e pela sua incapacidade tomou o General Fagel o mando do exercito em qualidade de Mestre de Campo General, debaixo das ordens do Marquez das Minas.

Em quanto duravaõ as operações do sitio, se dispunha o Marechal de Tessé para soccorrer a Praça; o que advertido pelos nossos Generaes, os obrigou a tomar as mayores precauções, especialmente o Conde de S. João, General da Cavallaria da Beira, que teve o dissabon de ver malograr por culpa alheya as sabias disposições do seu grande valor, e admiravel conducta.

Introduziraõ os Castelhanos soccorro na Praça, e todo o máo successo desta empreza pertende-raõ impûtar ao General Fagel, que com varios escritos espalhados pela Europa, intentou justificar-se, e expiar as manchas da reputação authorizadas com as vozes da calumnia.

Coroaraõ os Alliados os bons successos deste anno

anno com a tomada de Barcelona , cuja conquista ^{Era vulgar} fez o Archiduque em pessoa , sahindo de Lisboa na Armada dos Alliados. Todas as mais Cidades de Catalunha se declararaõ Austriacas , e sustentaraõ o seu partido no discurso desta guerra com mais empenho , do que tiveraõ ao depois de agradecimento ; porque a posse de outros Dominios fez esquecer a Carlos a fineza dos Catalães , e as dividas da pessoa.

As consequencias desta conquista deraõ novos ¹⁷⁰⁶ alentos aos Alliados , e suavisaraõ o máo successo da expedição de Badajoz ; porque declaradas a favor dos seus interesses Catalunha , e Valença , se ponderava mais facil a reduçãõ de toda a Monarquia de Hespanha. A' proporção deste alvoroco foy o susto de França , que apurou para esta campanha os seus esforços por toda a parte infelices.

Foy enviado o Duque de Berwick para mandar as tropas delRey Filippe ; porque este Principe , com o Marechal de Tessé , havia com hum exercito separado sitiar Barcelona , em quanto o Berwick fazia semblante aos nossos progressos , e o Conde de las Torres com outro corpo impedia , ou retardava as conquistas de Milord Peterborough , que com arrebatado impulso tudo levava diante.

Com igual empenho se faziaõ prestes as nossas armas , e com todo o nosso poder pozemos brevemente promptas as Esquadras do Cavalleiro Leake , e do Almirante Waffenaer , que haviaõ cruzar no Mediterraneo. Sobre a marcha do exercito de terra houve diferentes pareceres entre os Generaes , e Ministros ; mas resolveo-se , que fazendo o sitio de Alcantara , marchasse depois por Castella até Madrid.

Posto

Era
vulgar.

Posto o exercito em marcha debaixo das ordens do Marquez das Minas, e do Conde de Galloway, depois de passar o rio Selor, se resolveo atacar o Duque de Berwick, que acampava em Broças, e cuidava em evitar o encontro: porém não escapou d'elle a sua retaguarda com damno consideravel, e taõ grande medo da Cavallaria, que correo mais de cinco legoas sem voltar os olhos para ver quem a seguia, se a apprehensão, ou os contrarios. Perdemos neste combate ao Conde de S. Vicente, que estimulado da honra, se arrastou valeroso a morrer soldado.

Entrámos em Broças, que achámos desamparada, e pondo-lhe guarnição sufficiente, marchámos a Alcantara, Praça forte, bem provida, e com cinco mil homens de guarnição, outros tantos prisioneiros, que authorisaraõ o nosso triumpho, conseguido quando apenas imaginado.

Rendida esta Praça, se avançou o Marquez de Fronteira a Moraleja, que mandou atacar pelo Conde de Soure, e a sua guarnição se rendeo prisioneira. A mesma felicidade teve D. João de Ataide sobre a Cidade de Coria, donde abalou todo o exercito para chegar a Placencia, differentes os Cabos nas resoluções; porque huns pertendiaõ se endireitasse a marcha para Madrid, outros não lhes parecia se deviaõ adiantar tanto sem saberem o estado do sitio de Barcelona.

Mas por não termos as tropas sem acção, retrocedendo a marcha, fomos atacar Cidade-Rodrigo, que se rendeo em poucos dias: e chegando a este campo a agradavel noticia do levantamento do sitio de Barcelona, assentaraõ todos, que o exercito

cito

eito se moveſſe direito a Madrid, aonde entendemos ſe uniria com elle o do Archiduque, e que os Heſpanhoes vendo-o apoyado ſobre tantas forças, abandonariaõ a ElRey Philippe, o qual, julgavaõ muitos, tinha partido por neceſſidade ſem inclinação.

Era
vulgar.

Em todo o caminho de Madrid não achámos inimigos, nem reſiſtencia. Sahio ElRey Philippe deſta Corte para nós entrarmos nella; e mal aconselhado o Archiduque, atrazou muito os ſeus negocios por não vir apparecer em hum povo, aonde os corações, e as vozes o proclamavaõ Rey. Os noſſos Generaes, vendo por eſte motivo difficultoſa a conſervação naquelle paiz, aonde as forças unidas delRey Philippe, e do Duque de Berwick ſe poſtavaõ com mais ventagem, foraõ obrigados a atraveſſar o Reino, para em Valença ſe ajuntarem, com quem os devera ter buscado em Madrid.

Eſte anno tão feliz para as noſſas armas, foy o mais infauſto para os noſſos animos pela fatal morte do Senhor Rey D. Pedro, que com a ſua affabilidade, prudencia, e amor da juſtiça, ſoube adquirir o affecto dos vaſſallos, o reſpeito dos inimigos, a veneração de todos. Morreo a 9 de Dezembro com cincoenta e oito annos de idade, e trinta e oito de governo, e reinado. Jaz em S. Vicente de Fóra.

Deixou eſte Principe feliciffima geração; porque de ſua primeira mulher a Rainha Dona Maria Francisca teve a Infanta Dona Iſabel, que eſtando deſpoſada com o Duque de Saboya Victor Amadeo, morreo ſem tomar eſtado a 21 de Outubro de 1690.

Nasceraõ da Rainha D. Maria Sofia, ſegunda

Era da mulher, o Principe D. Joaõ a 30 de Agosto de vulgar. 1688, e morreo no seguinte Setembro. O Principe D. Joaõ nasceu em Lisboa a 22 de Outubro de 1689, e succedeo a seu pay em todos os seus Estados. O Infante D. Francisco nasceu em Lisboa a 25 de Mayo de 1691: foy Senhor da Casa do Infantado, e Graõ Prior do Crato na Ordem de Malta. Morreo a 21 de Julho de 1742. O Infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1694. A Infanta D. Teresa nasceu em Lisboa a 24 de Fevereiro de 1696, e faleceo em 16 do mesmo mez no anno de 1704. O Infante D. Manoel nasceu em Lisboa a 3 de Agosto de 1697: servio nas tropas de seu primo o Imperador Carlos VI., e se achou com o Principe Eugenio de Saboya no sitio, e batalha de Belgrado. A Infanta D. Francisca nasceu em Lisboa a 30 de Janeiro de 1699, e morreo sem estado a 15 de Julho de 1736.

Fóra do matrimonio teve a Senhora D. Luiza, que casou em 23 de Mayo de 1695 com o Duque D. Luiz Ambrosio, filho herdeiro do primeiro Duque de Cadaval; e naõ tendo successaõ, tornou a casar em 16 de Setembro de 1702 com seu cunhado o Duque D. Jayme, tambem sem geraçaõ. O Senhor D. Miguel, que casou em 30 de Janeiro de 1715 com Dona Luiza Casimira de Sousa, filha herdeira dos Marquezes de Arronches Carlos Joseph de Ligne, e Dona Maria de Sousa. O Senhor D. Joseph, que estudou as sciencias no Collegio da Companhia de Jesus de Evora, e foy promovido no Arcebispado Primacial de Braga.

CAPITULO XII.

Eza
vulgare

Da Vida, e Acções dos Reys D. Joaõ V., e D. Joseph I.

DEzalete annos contava o Senhor D. Joaõ V. 1706
quando subio ao Throno dos seus mayores, e em annos taõ verdes começou a colher fazonados os frutos da felicidade. Nos tyrocínios de Rey mostrou por entre os reflexos da sua purpura huns habitos taõ immutaveis, e permanentes, que na mesma habituação corporea, caracterisavaõ a alma digna do Imperio.

Quando ElRey empunhou o Sceptro, toda a Europa apertava a espada, e com ella na maõ sustentou nos annos, que durou a guerra, os interesses de seu primo ElRey Carlos III.: porém as armas dos Alliados naõ tiveraõ este anno feliz successo em Hespanha, aonde perderaõ a batalha de Almança, depois da qual se retirou o exercito da liga ao Reino de Valença, que pouco tempo se conservou na obediencia delRey Carlos, seguindo o mesmo exemplo o de Aragaõ. 1707

Dous annos depois de Rey, renovou ElRey 1708
D. Joaõ os laços da amisade com os vinculos do parentesco; e casou com a Archiduqueza D. Maria Anna de Austria, que além do grande caracter do seu alto nascimento, tem os dotes infusos, e adquiridos, que a constituirãõ digna esposa de D. Joaõ V. verdadeira filha de Leopoldo I., e de Leonor Magdalena Teresa de Neobourg.

Continuou ElRey em manter com todas as suas forças a fé dos Tratados; e França, tirando-as

Era da fraqueza, quando abatida à mayor desgraça, soube ter ventagens sobre a fortuna, e tirar avances das perdas, mostrando-se superior a sua politica a todos os esforços contrarios. E ainda que a vitoria de Çaragoça poz os negocios em termos de grandes interesses para os Alliados, se moderadas as suas propostas, aceitassẽ as convenções da consternada França; porque quizeraõ tudo, nada conseguiraõ.

A morte do Imperador Joseph, que deixava a seu irmaõ senhor de Estados immensos, se lograsse o dominio de Hespanha, avivou o ciume das nações, e fez que algumas das Potencias belligerantes inclinassẽ os animos à paz. Foy Inglaterra a primeira, suave, e efficazmente persuadida pelo Marechal de Tallard, prisioneiro em Londres, aonde a delicada destreza deste grande Cabo por todos os meyoos ganhou inclinações, e seguroo vontades.

1713

Em Utrech se ajustou a paz geral de toda Europa, sendo Plenipotenciarios de Portugal o Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Silva, e D. Luiz da Cunha. Apenas os negocios depozerã o semblante da ferocidade, de que os revestira a ambição, restituido o Reino à desejada paz, fechado o templo de Jano, penduradas as armas de Marte, e postos em ociosidade os murriões, e os arnezes, pegou ElRey com huma maõ no Caducêo de Mercurio, com outra na Cornucopia de Amalthea, e começou a diffundir por todo o Reino fabedoria, felicidade, e honra, esquecidos os tempos dos Alexandres em Macedonia, e dos Augustos em Roma.

1616

Na pureza da Religiaõ estabeleceo ElRey a fortuna mayor dos Reinos, que saõ capazes da felicidade Evangelica. Honrou os vassallos, para que hon-

honrassem a Deos , e tirou a publico o seu exemplo para desfaiar a nossa imitação. Hũa das grandes idéas da sua piedade , foy a divisaõ de Lisboa , aonde por Bulla do Papa Clemente XI. , além do Arcebispado da Lisboa Oriental , erigio na Occidental a Santa Igreja Patriarcal com tanta magnificencia , que pôde esta obra servir de memoravel Epoca às idades futuras.

Era vulgar.

Mas não satisfeito o piedoso Rey com este primeiro impulso do seu zelo , depois de haver fundado a magestosa Basilica de Mafra , em cuja fabrica se enterrou a memoria dos sete milagres da vaidade , a que o mundo chama Maravilhas , se empenhou em trasladar o Vaticano para a sua Corte , Roma para Lisboa , o Ceo para Portugal.

Sem diminuir a grandeza da Sé Oriental , tornou a unir Lisboa , e com pasmo da mayor magnificencia , e edificaçãõ até da impiedade mais solta , edificou a Santa Igreja de Lisboa , nas paredes da qual se admiraõ pendurados , como despojos da Fé, os preciosos tributos , que o Ganges paga ao Tejo , a America a Portugal. Allí vemos veneraveis Anciãos no antigo do sangue , no avançado da sciencia , lançando as Coroas diante da mayor Magestade. Allí , em continuos Epinicios da nossa mayor victoria , entoãõ canticos , e daõ louvores ao soberano Triunfante , empenhando-o com votos , e lembrando-lhe a promessa , que fez a Portugal de vencer sempre , quando lá no campo de Ourique o predefinio , e elegeõ para Reino especialmente seu , puro na Fé , e amado pela piedade.

Vendo ElRey pelo beneficio da paz socegados os seus Dominios , acudio a defender os alhejos.

Era vulgar. Pedio-lhe o Pontifice soccorresse com a sua Armada a Christandade combatida pelos Turcos, os quaes depois de haverem conquistado a Moréa, ameaçavaõ a Ilha de Corfú. Naõ mediou tempo entre o rogo, e o despacho; mas quando a Armada chegou ao porto, achou o sitio precipitadamente levantado, e se fez na volta de Lisboa.

1717 No anno seguinte tornou a sahir a mesma Armada commandada pelo Conde do Rio Grande Lopo Furtado de Mendocça, que governava em chefe, pelo Conde de S. Vicente Manoel Carlos de Tavora, e por Pedro de Souza de Castellobranco. Unidos em Corfú com as mais Esquadras auxiliares, marchámos a encontrar os Turcos no Cabo de Matapan; e sendo o seu poder superior, os obrigámos a retirar com grande estrago à Ilha de Candia.

Despertou ElRey o profundo letargo da nação Portugueza, que nos tumulos enterrava cada-veres, e memorias. Tinhamos, como a Grecia, espadas para cortar; mas ou por naõ fazermos como ella insupportaveis os nossos Fastos, ou por naõ julgarmos ainda dignas de nós mesmos as nossas acções, deitavamos a voar as pennas para as escrever; porque naõ parecesse vaidade fastosa o merecido premio da virtude honrada.

1720 Porém ElRey para restituir ao seu Reino os perdidos monumentos da Historia Ecclesiastica, e Profana, enterrados no descuido, instituiu a Academia Real, a que deu por empreza o simulacro da Verdade, com a letra: *Restituet omnia*; formando-a de cincoenta Academicos, escolhidos entre os mais eruditos do Reino, que arrebatado deste impulso do primeiro movel, se deixou levar do superior

rior movimento ; estabelecendo-se por todo elle Era vulgar tantas Assembleas eruditas , que parece Portugal outra Dabir , sem que nos fação ambiciosa inveja as Academias dos Recheliens , e dos Colberts , com que se authorisa França.

Occupado este grande Monarca de idéas pacificas , se contentou com fazer feliz o seu Reino nos limites da sua grandeza , e estimou mais governar bem , que ampliar o Imperio : fez que o seu respeito fosse mayor que o seu Dominio ; que o seu nome chegasse mais longe , que o seu Estado.

Algum tempo estabelecia Portugal o seu credito com a força das armas ; mas neste feliz seculo obrou mais a cabeça do nosso Nestor , do que então os braços dos Achilles. Mais temião os Cesares dos nossos tempos a ElRey como prudente Bruto , e Cassio , do que os assustavaõ os destemidos Dolabella , e Antonio. Sayaõ embora à campanha os alentados Diomedes , que o nosso sabio Ulysses ganhava no ocio da paz as armas do valeroso Achilles. Escale o Ceo com as forças a loucura dos Gigantes da terra , que nós gozãmos felicidades com industrias prudentes , e na tempestade de univcrsaes diluvios vemos assollar o mundo no seguro da Arca , aonde nos trazem no ramo da oliveira o melhor fruto.

Nesta venturosa tranquillidade nos conservou ElRey desde o anno de 1713 até o de 1750 ; mas sem entregar à ociosidade o seu , e o genio da nação , fez florecer as sciencias , e artes ; sustentou com mãos robustas a balança da justiça ; todas as suas maximas eraõ filhas da prudencia ; em todas as suas acções se equivocava a liberalidade com a magnificencia ;

Era ^{vulgar} cência; com a pratica de todas as virtudes fabricava as prosperidades politicas da sua Monarquia; e com as liberdades, com que avançou o commercio, que faz ricos aos vassallos, fortaleceo o mais poderoso nervo dos Dominios.

E nós devemos estimarnos pelos vassallos mais bem affortunados em ter hum Principe, que pelo talento, pela sua bondade, pela sua clemencia, e pela attenção com que sempre procurou o esplendor, e o bem do seu povo, nos restituiu à felicidade daquelles seculos de ouro, em que a nossa reputação não encontrava estorvos, à nossa fortuna não se propunhaõ receyos.

Abençoou a maõ Omnipotente o felicissimo matrimonio del Rey; porque delle nasceraõ a Infanta D. Maria, Rainha reinante de Hespanha, a 4 de Dezembro de 1711. O Principe D. Pedro nasceo em Lisboa a 19 de Outubro de 1712, e morreo a 29 do mesmo mez no anno de 1714. O Principe D. Joseph nasceo em Lisboa a 6 de Junho de 1714: foy bautizado pelo Cardeal da Cunha, Capellaõ mór, e foraõ Padrinho Luiz o *Grande*, cuja procuração teve o seu Embaixador Extraordinario o Abbade de Mornay; e Madrinha a Infanta Dona Francisca, com procuração da Imperatriz Amalia. O Infante D. Carlos nasceo em Lisboa a 2 de Mayo de 1716, e morreo quando as suas virtudes nos enchiaõ de esperanças, na flor da sua idade. O Infante D. Pedro nasceo em Lisboa a 5 de Julho de 1717: he Graõ Prior do Crato da Ordem de Malta, e em Agosto do anno de 1748 se julgou a seu favor o pleito, que corria sobre a Casa do Infantado. O Infante D. Alexandre nasceo

ceo em Lisboa a 24 de Setembro de 1723, e morreo a 2 de Agosto de 1728. Era vulgar.

D. Joseph I., vigesimo quinto Rey de Portugal.

A Seu grande Pay D. Joaõ V. succedeo o Augusto Rey D. Joseph I. do nome, e vigesimo quinto na ordem dos Reys de Portugal. Tomou posse do governo do Reino no mesmo dia 31 de Julho de 1750, em que faleceo seu Pay, e foy acclamado com as solemnidades costumadas em segunda feira 7 do seguinte Setembro, vespera do ineffavel Nascimento da Mãy de Deos, para que inauguração tão feliz tivesse este prognostico tão fausto.

1750

Pegou ElRey no Sceptro já com mãos robustas, e subio ao Throno com passos muito firmes. Tanto os exemplos, como a natureza lhe haviaõ communicado o caracter de Rey antes da Magestade, e não fez nelle a Magestade mais que polir o caracter de Rey. Logo na infancia começou elle a mostrar, que na precisa differença dos tempos sabia proporcionar as acções com a razão: esta sempre de homem, sempre as outras de Senhor; sem necessidade de violencia para dominar a natureza; porque a sua magestosa indole, não havendo nunca mister torcida, sobrava-lhe o ser encaminhada.

Com o admiravel soccorro de Reaes alentos disputavaõ neste Principe precedencias a natureza, e a razão, ou antes parecia, que justamente conformes se auxiliavaõ com reciprocos espiritos para formarem o heroico habito da sua probidade. Por isso em nenhum tempo se tem visto nelle as verduras quasi indispensaveis dos annos; porque logo na

prima-

Era vulgar. primavera principiou a fazonar os frutos da prudencia. Firme em todas as estações, deu estabilidade ao tempo na mesma volubidade dos annos; parecendo nelle os preceitos moraes antes exercicio da nrtureza, que regras para os costumes.

Na robustez do corpo póde disputar primazias com os Heróes, que nos outros seculos armados de aço, tambem pareciaõ homens de ferro. Esta mesma constituição forte, de que he dotado, o faz aborrecer o ocio, que entibia as virtudes, e em continuas operações todas dignas da Magestade, como se a humanidade o não sentira, quer que se não queixe o tempo.

Ao admiravel aggregado de virtudes, que illustraraõ este sublime Monarca sendo Principe, poz elle huma Coroa de inestimavel preço depois de Rey; dando mayores quilates à soberania com a render tributaria à obediencia de filho. Serve, ao mesmo tempo que de pasmoso assombro, de edificação piedosa contemplar o profundo respeito, e reverencial acatamento delRey para com sua Augusta Mãy: Princeza pelas suas altas qualidades sempre merecedora dos nossos votos; e a não serem ellas taõ conhecidas, como heroicas, bastava vermos o reverencial culto, que lhes tributa hum Rey, ainda que filho, para as julgarmos taõ sublimes, quanto he humilde o alto obsequio, que huma Magestade lhes consagra. Esta he a gloria mayor do nosso Monarca, que podendo, como muitos, unir o caracter de Rey com a relação da natureza; elle, porque he tal filho, só lembra na natureza a relação, e esquece na soberania o caracter, porque lho merece tal Mãy.

Logo que ElRey se encarregou do governo, principiaraõ a resplandecer nelle as superiores luzes da Politica, que bebera na applicação da difficullosa Arte de reinar; e se até entã estavaõ rebugadas no manto da sua delicada prudencia, agora entraraõ a brilhar patentes nos acertos dos seus dictames praticos, a que só faltava o uso, naõ a intelligencia.

A primeira das suas acções, que sahiraõ fóra das paredes do Paço, foy a nomeação dos Secretarios de Estado para os differentes expedientes do Reino. Para huns, e outros nomeou a Diogo de Mendoga Corte-Real, que trazendo a recommendação no mesmo nome de seu grande pay, justamente nos promettia os iguaes acertos, que a experiencia nos vay mostrando, adquiridos na pratica de muitos negocios nas Cortes, e Tribunaes, aonde sempre se mostrou o mesmo homem; e a Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, cuja capacidade, e merecimento mudamente clamavaõ por este cargo, de que o fazia digno a sua superior instrucção; que parece andaõ as letras na sua Casa em successão, porque se sabem estimar nella como o melhor morgado.

Depois abriu ElRey as mãos à sua liberalidade, e honrando muitos Vassallos benemeritos com Senhorios de terras, Alcaidarias môres, Commendas, e Governos, deu de hum golpe a todos os Primogenitos dos Titulos as honras da grandeza; mais liberal no primeiro dia de Rey, que todos os Titos Portuguezes em muitos annos de Sceptro. Ainda naõ satisfeito deste geral despacho, continuou em particularizar merces. Creou Marquez de Tancos ao Conde da Atalaya D. João Manoel, Fi-

Era
vulgatã

Era vulgar. dalgo de tantos merecimentos, que até a inveja fe-
naõ pode escuzar de louvar o despacho. A D. Vaf-
co da Gama, Conde da Vidigueira, declarou Mar-
quez de Niza, para se conservar com o Titulo a
memoria dos seus grandes Progenitores.

Fez merce de Marquez do Lavradio ao Con-
de D. Antonio de Almeida, naõ só em remunera-
ção dos seus particulares serviços, mas em premio
dos de seu tio o Cardeal Patriarca de Lisboa D.
Thomaz de Almeida, ao qual ha poucos dias nos
roubou a morte, naõ sem viva saudade de Portugal,
que nelle vio cahir huma das suas columnas mais
firmes. Creou Conde de Lumiares a Carlos Carnei-
ro de Sousa, que era Conde da Ilha do Principe.
Ao Almirante D. Antonio Joseph de Castro fez
Conde de Refende, a D. Luiz Mascarenhas que
nesto anno de 1754 foy governar o Estado da India,
creou Conde de Alva. Ao Visconde de Assica con-
ferio as honras de Conde, e finalmente, de-
pois de fazer muitos Titulos de juro, e herdade,
no anno de 1753 premiou os altos merecimentos da
Senhora D. Anna de Lorena, Camareira mór da
Rainha sua esposa, dando-lhe as honras de Duque-
za com gèral complacencia do Reino, que respeita
esta Senhora, entre o preclaro do sangue, e o he-
roico das virtudes, por hum Oraculo da Prudencia.

Naõ menos attento ao Estado Ecclesiastico,
tem ElRey nomeado varios Bispos, sendo os de
que me lembro, além dos de Macao, S. Thomé,
Pernambuco, e os Coadjuutores de Braga, e Evo-
ra, muito especial entre todos pela sua pessoa, vir-
tudes, e capacidade o do Algarve D. Fr. Lourenço
de Santa Maria, que foy Primaz do Oriente. Tem

creado muitos Ministros de letras em todos os Tribunaes com grande augmento nos seus ordenados; fazendo florecente a administração da justiça na pontual observancia das Leys, e em declarar com positivas ordens quanto he do seu Real agrado o respeito, que se deve ter aos executores dellas.

Mandou por Embaixador a Castella ao Conde de Unhaó D. Joáo Xavier Telles, e às Cortes de Viena, Londres, Napoles, Haya, e Pekim na China enviou Ministros habeis para cultivarem a boa correspondencia, que tem ha tantos annos com a sua. Das mesmas Cortes, e das outras aonde residem os Enviados ainda do tempo de seu Pay, tambem recebeo Ministros, e no seu governo foy creado Cardeal o Nuncio Apostolico destes Reinos.

Ajustou com a Corte de Madrid as antigas desavenças sobre a Colonia do Sacramento na America, por não ficar esta materia totalmente regulada no Tratado da Paz de Utrech, e lhe cede aquella Praça em cambio de hum consideravel terreno, que com grande credito da nação augmenta muito o nosso Dominio Portuguez na America. Encarregou esta importante expedição a Gomes Freire de Andrade, Capitão General das Minas, que com muitos serviços tem feito mais glorioso o seu appellido, a quem em todos os tempos deveo Portugal avultados creditos; condecorando-o com a patente de Mestre de Campo General dos seus Exercitos.

Cuidadoso da conservação do Estado do Brasil, abolio o tributo da capitação, de que os povos se desgostavao, e mandou para o Mato grosso no Pará consideravel copia de gente, especialmente militar, para que ao mesmo tempo povoas-

Era vulgar. se, e defendesse a terra. Não menos attento às outras Conquistas, expedio huma Esquadra de naos para os Rios de Sena, de que ainda ignoramos o successo. Saõ promptos, effectivos, e em tempo proporcionado os soccorros da India, para onde nomeou este anno por Vice-Rey ao Conde de Alva, que com hum bom corpo de tropas vay succeder ao Marquez de Tavora. Ao mesmo tempo nomeou para substituir ao Conde de Atouguia no Vice-Reinado da Bahia ao Conde dos Arcos: para Capitão General do Algarve a D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, com outros Governadores para Angola, Mazagaõ, Ilhas, e mais Capitancias da America.

Finalmente, para que não houvesse neste felicissimo governo classe de homens, que deixasse de participar da prodigiosa beneficencia de El Rey, foy elle servido pôr os seus Reaes olhos nas suas Tropas, que com a gloriosa paz, que gozamos, estavaõ notavelmente diminuidas, e em huma só revista no dia 12 de Janeiro deste anno de 1754, appareceo de repente o Exercito completo com todos os Officiaes respectivos, feita huma promoçaõ tão grande no meyo da paz, como talvez se não visse em algumas occasiões de guerra; e isto quando as nossas impaciencias menos o esperavaõ, para que conhecessemos, que até os nossos descuidos eraõ em El Rey cuidados; porque trabalhava o seu Gabinete com a nossa ociosidade.

Esta he a ultima acçaõ de El Rey ao tempo que isto escrevemos, e por este pequeno dedo formamos o conceito de qual será o Gigante do seu governo, que estando ainda agora nas mantilhas, já le-

va o hombro a muitos robustos Antheos anciãos na idade, e velhos no Imperio. Deos, que escolheo a este Reino por especialmente seu, conceda a El-Rey a dilatada vida, que os nossos anciosos votos lhe dezejaõ, para que vejamos na sua Pessoa verificados os faustos presagios do futuro promettido Imperio, e em Portugal exaltados os felices augmentos, que nos assegura o grande nome de Joseph.

Era
vulgar

Casou em 19 de Janeiro de 1729 com a Rainha D. Maria Anna Victoria, filha dos Reys Catholicos Philippe V. e Isabel Farnese sua segunda mulher: e no dia 27 de Janeiro se avistaraõ as Magestades sobre o rio Caya, aonde se fizeraõ as reciprocas entregas com a mayor pompa, e o mais magifico apparatus, que até entaõ vio, ou admirou a nossa Hespanha em funçaõ semelhante, e depois de huma alliança taõ estreita bem podemos segurarnos dilatada paz, e amisade perpetua.

Destá feliz uniaõ tem nascido até o presente a Serenissima Senhora D. Maria Princeza do Brasil, que nasceo em 17 de Dezembro de 1734. A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Anna, nasceo em 7 de Outubro de 1736. A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Francisca Dorothea nasceo em 21 de Setembro de 1739. A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Francisca Benedicta nasceo em 25 de Julho de 1746.

Era
vulgar

Do que contém este terceiro Livro.

Comprehe de a Historia de Portugal desde que foy acclamado Rey D. Affonso Henriques até o reinado de D. Joseph I. quatro Estados. O primeiro, na successão legitima do mesmo D. Affonso até D. Fernando, na qual se contaõ nove Reys por espaço de 255 annos. O segundo, na successão natural de D. João I. até o Cardeal Rey D. Henrique, em que se contém oito Reys por tempo de 197 annos. O terceiro, na intrusão dos tres Philippes de Hespanha, que nos tyranizaraõ 60 annos. O quarto, no governo de cinco Reys da Serenissima Casa de Bragança por espaço de 114 annos.

COMPENDIO

Das Batalhas mais memoraveis, que no discurso dos 626 annos, que contém a Historia deste Livro, derão as Armas dos Reys de Portugal.

O Conde D. Henrique, tronco dos Reys de Portugal, ganhou aos Mouros dezafete Batalhas campaes, de que a Historia naõ nos individúa as circumstancias.

1139.

Batalha do Campo de Ourique, aonde El Rey D. Affonso Henriques com poder muitas vezes inferior ganhou completa victoria de Ismar, ou Ismael, acompanhado de outros vinte Reys Mouros.

1166.

Batalha de Palmela, na qual El Rey D. Affonso Henriques, com sessenta Soldados, desbaratou a El Rey de Bada-
dajoz,

dajoz, que com sessenta mil Infantes, e quatro mil Cavallos Era vulgar.
marchava em soccorro de Cezimbra.

Batalha de Badajoz, em que D. Fernando, Rey de 1179.
Leão, venceo, e fez prisioneiro a El Rey D. Affonso Henriques seu sogro, por haver quebrado huma perna no ferrolho da porta ao sahir da Cidade.

Batalha de Santarem, aonde El Rey D. Affonso Henriques derrotou com grande estrago a Albojaque, Rey de 1181.
Sevilha.

Batalha de Sevilha, na qual o Infante D. Sancho mandado por seu pay desbaratou aos Mouros muito superiores em forças.

Batalha do Porto de Moz, aonde o valeroso D. Fuas Roupinho venceo a Gami, Rey de Valença.

Batalha naval na Costa de Lisboa, na qual as Galés dos Mouros foraõ desbaratadas pelo mesmo D. Fuas, que 1184.
poucos annos depois perdeu a vida em outro combate naval.

Batalha de Santarem, na qual El Rey D. Affonso Henriques, e seu filho o Infante D. Sancho fizeraõ em postas o exercito de Miramolim de Marrocos, e de outros treze Reys, que o acompanhavaõ, com morte do mesmo Miramolim.

Batalha de Alcacere do Sal, em que o Bispo de Lisboa Matheus, ajudado das nações Septentrionaes, que passavaõ à Terra Santa, desbaratou aos Reys de Cordova, de Sevilha, de Jaem, e de Badajoz, com morte de trinta mil Mouros.

Batalhas de Elvas, e de Serpa, nas quaes El Rey D. Affonso IV. de Portugal, e seu genro D. Affonso II. em pessoa derrotou com grande mortandade os exercitos dos Reys de Sevilha, e de Jaem.

Batalha do Salado, na qual os Reys de Portugal D. Affonso XI. de Castella, passaraõ a espada o formidavel poder de Alli Boacem, Rey de Marrocos, que perdeu, como dizem, quatrocentos e cincoenta mil homens nesta derrota.

Batalha dos Atoleiros, ganhada sobre os Castelhanos pelo grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que seguia a voz do Mestre de Aviz. 1384.

Batalha de Trancoso, na qual Joaõ Fernandes Pacheco com trezentos Portuguezes derrotou hum exercito Castelhano 1385.

Castelhano

Era vulgar. lhano com morte de todos os seus homens de armas, sem que faltasse algum dos Portuguezes.

1385. Batalha famosa de Aljubarrota, na qual ElRey D. Joaõ I. de Portugal com seis mil homens venceu a D. Joaõ I. de Castella, e lhe matou doze mil Soldados dos trinta e seis mil de que se compunha o seu exercito

Batalha de Valverde, em que o Condestavel D. Nuno Alvares derrotou trinta mil Castelhanos, commandados pelos Graõ Mestres das Ordens.

1449. Batalha fatal de Alfarrobeira, em que ElRey D. Affonso V. com armas injustas, e resoluçãõ escandalosa, venceu, e matou a seu tio, e sogro o Infante D. Pedro, que havia sido Regente do Reino.

1475. Batalha de Toro, na qual o Principe D. Joaõ de Portugal triumphou de D. Fernando o Catholico, ao mesmo tempo que os seus Capitães vencião a D. Affonso V. Rey de Portugal.

1578. Batalha de Alcacere em Africa, aonde ElRey D. Sebastiaõ se perdeu com a flor do seu Reino, sendo vencido por Mulei Maluco depois da victoria se haver declarado a seu favor.

1580. Batalha da ponte de Alcantara em Lisboa, na qual o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, que por morte do Cardeal D. Henrique se havia feito acclamar Rey, com desacordada temeridade investio com quatro mil homens, sem ordem, nem armas, o exercito de Hespanha mandado pelo Duque de Alva, que teve pouco que fazer em derrotallo.

1582. Batalha Naval das Ilhas Terceiras, em que o Marquez de Santa Cruz, General de Armada de Philippe II. venceu a de Portugal, e França, que conduzia ao Senhor D. Antonio.

1644. Batalha de Montijo, na qual o General Mathias de Albuquerque, que mandava o exercito Portuguez, depois de ter desordenadas, e postas em confusaõ as suas tropas, ganhou do Baraõ de Molinguen, General de Castella, huma gloriosa victoria, reinando D. Joaõ IV.

1658. Batalha do Forte de S. Miguel, em que Joanne Mendes de Vasconcellos, general das armas de D. Affonso VI. derrotou ao Duque de S. German, que governava as de Castella.

Batalha das Linhas de Elvas, na qual o grande D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, depois Marquez de Marialva, conseguiu levantar o sitio daquella Cidade com ruina total do exercito Castelhana, que commandava D. Luiz de Haro, e o Duque de S. German. Era vulgar?
1659.

Batalha do Ameixial, em que os Generaes D. Sancho Manoel, Conde de Villa flor, e o Conde de Schomberg, derrotarã a D. Joã de Austria, filho natural de Philippe V. 1663.

Batalha de Castello Rodrigo, na qual Pedro Jaques de Magalhães, Governador das Armas da Beira, venceo ao Duque de Offuna, que governava as de Castella. 1664.

Batalha de Montes claros, em que o Marquez de Marialva, Captaõ General das Armas do Alentejo, e o Conde de Schomberg, Governador da mesma Provincia, ganharaõ completa victoria do Marquez de Caracena, que com o exercito Castelhana sitiava Villa Viçosa. 1665.

Batalha Naval no Estreito de Gibraltar, na qual as Armadas Portugueza, e Ingleza mandadas por Gaspar da Costa de Ataide, e pelo Cavalleiro Leake, derrotarã a Franceza, que governava Monsieur de Pointis, obrigando os Hespanhoes a levantar o sitio da Praça. 1705.

Batalha de Almança, em que o Duque de Berwich, General das tropas das duas Coroas, venceo o exercito dos Alliados, que governava o Marquez das Minas, e o Conde de Galloway. 1707.

Batalha de Caragoça, na qual o Conde Staremberg venceo o exercito de Philippe V. 1710.

Batalha de Villa Viçosa em Castella a Nova, na qual o mesmo Staremberg com as forças dos Alliados combateo as de Philippe V. sem se declarar a victoria; mas aquelle Principe antes da Batalha aprisionou em Brihuega ao General Stanhope com cinco mil Soldados. 1710.

LIVRO IV.

Historia de Portugal em Africa.

CAPITULO UNICO.

Da Historia de Portugal em Africa desde a Conquista de Ceuta até o tempo presente.

1415. **D**epois que as victoriosas armas do grande Rey D. João I. de boa memoria, havendo-lhe segurado na cabeça a Coroa, obrigaraõ a de Castella a ajustar a paz, o magnanimo Principe instado pelos Infantes, da sua natureza filhos, do seu valor creaturas, resolveo levar à Conquista de Africa aquella nação, que já havia muitos seculos lhe pizara as terras.

Era o escandalo de Hespanha a famosa Cidade de Ceuta, mayor competidora sua, do que foy Cartago de Roma. Jaz situada esta grande povoação no Reino de Fez, e Provincia de Habata, em outro tempo Capital da Mauritania Tingitana, chamada dos Romanos Cidade por anthonomasia, de Pomponio Mela Septa, e tida de alguns pela Essilissa, ou Exilissa de Ptolomeo. Os Godos a ganharaõ aos Romanos, do seu poder a tiraraõ os Arabes, que a dominaraõ até o anno de 1415.

Neste anno atroava a Europa o estrondo das armas Portuguezas, que se aprestavaõ no Tejo; mas o prudente Rey, segurando a todos os Principes a prompta observancia da sua amisade, fingio, que

que as suas precauções eraõ contra o Duque de Hollanda; e diffimulando melhor a idéa com aquelle virtuoso dolo, de que sabe usar a prudencia em occasiões semelhantes, o mandou desafiar, para que a parte, aonde se encaminhava o golpe, se descuidasse de interpor mais vigoroso reparo.

Acompanhado de seus valerosos filhos, e dos bravos Soldados, que tambem o eraõ das suas obras, ou da sua disciplina, levados a descansar dos primeiros trabalhos em segundos perigos, sahio El Rey de Lisboa em huma Armada de mais de duzentas velas, guerreiras, e empavesadas, em demanda do mar Herculeo, ou Estreito de Gibraltar, representando aos Mouros huma perspectiva alegre, e horrivel.

Naõ individuaremos as circumstancias desta gloriosa Conquista; porque em apparecer a Armada no mar, em saltarem as tropas em terra, e em ganhar o valor a Praça, parece que naõ medeou tempo, ou que foraõ operações indistinctas de hum só acto. O Mouro Zalabença vio se primeiro vencido, que atacado; os seus Soldados primeiro sentiraõ a morte, que as feridas.

Rendida a grande Cidade de Ceuta no dia 14 de Agosto, houve pareceres, que votavaõ na destruição da Praça; porque se julgava temeridade defendella, impossivel sustentalla. Porém o grande D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e Progenitor da Casa de Villa Real, com resolução propria do sangue, desigual aos annos, se offereceo a El Rey, segurando-lhe, que com hum páo de zambujo, que acaço tinha na maõ, defenderia aquella Cidade; prognostico feliz, que lhe fazia

Era
vulgar. o seu valor , como se já estivesse vendo as espantosas victorias , que daquella barbara gente havia ganhar o seu braço.

Chegado ElRey à sua Corte , começou a gritar a fama as memoraveis façanhas dos defensores de Ceuta , animando os seus pregões os lastimosos gemidos dos Mouros , já sem lugar para feridas , sem habitação com segurança. Mas como os males extremos tomão resoluções desesperadas , se despoovou Africa para marchar duas vezes sobre Ceuta , aonde o bravo Conde D. Pedro , com animo incançavel , e constancia no mundo nunca vista , por tempo de 22 annos , obrou tantas maravilhas , que escureceo a fama dos Scipiões , e Fabios , a memoria dos Alexandres , e Cesares ; superior a todos nas obras , só a si igual nas façanhas , assim como as obrou a sua inimitavel espada , devera escrevellas huma singular penna.

Descobrimentos do Infante D. Henrique, Mestre da Ordem de Christo.

O Infante D. Henrique , Duque de Viseu , Mestre da Ordem de Christo , e filho de ElRey D. João I. foy Principe tão santo , tão sabio , e tão amante do Reino , que todos os obsequios , que tributarmos à sua memoria , são diminutos agradecimentos para a nossa divida , e todos os louvores , que dermos às suas obras , ainda muito encarecidos , nunca seráo competentes.

Todo o tempo , que o exercicio das virtudes , e a applicação das letras sagradas deixava livre ao nosso Infante , gastava elle no estudo da Mathematica ,

tica, em cuja sciencia fez taõ grandes progressos o seu juizo, que chegou a conhecer, que havia Antipodas, e que era habitada a Zona torrida, opiniões até entaõ tidas na conta de ridiculas pelos maiores Cosmografos, e pelos melhores engenhos. Era vulgar.

Porém esta applicação do Infante nos abriu as portas de Africa, e de muitas Ilhas do Oceano; e sendo até ao seu tempo o Cabo de Nam limite das navegações, mandou a Gil Eannes, que passasse além deste Promontorio, o qual com admiração de Hespanha, dobrou o Cabo Bojador, assim chamado, porque como começa de incurvar a terra de muy longe, e ao respeito da costa atras descoberta, lança, e boja para aloeste perto de quarenta leguas, deste muito bojar lhe vieraõ a pôr o nome de Bojador.

Mas antes deste descobrimento, que foy no anno de 1433, logo que o Infante voltou da Conquista de Ceuta, inflammado o seu animo com o zelo da Religiaõ, e deseioso de augmentar a sua Ordem com as rendas de outros Dominios, e com os interesses dos novos descobrimentos, mudou a sua Corte para a Villa de Sagres no Algarve, lugar proprio para os intentos da navegação, proporcionado para as vacações do espirito.

Despedio o Infante a Joaõ Gonçalves Zarco, e a Tristaõ Vaz a buscarem novas terras em novos climas, e correndo desfeita fortuna, ella os levou à toa à Ilha do Porto Santo, sita no Oceano Athlantico ao ponte de Barbaria. 1418.

O alvorço deste descobrimento convidou ao Infante a mandar profeguir a começada empreza, com tanta fortuna, que os dous sobreditos Cavalheiros, 1420.

Era vulgar. leiros , vencendo o medo , que a horrivel sombra da Ilha da Madeira lhes representava , chegaram a ella , e acharão a Ermida , e a inscripção , que o Inglez Machico alli gravara , mais como lastimosa Endexa dos seus malogrados amores , que como Epitafio triste do seu tragico fim.

Premiou o Infante os illustres fuores dos dous Cavalleiros , dando a Tristam Vaz a Capitania de Machico , e a Joáo Gonçalves a do Funchal , de que se lhe seguiu tão boa fortuna , que mudado o nome , e as armas com a opulencia do senhorio , deu nobilissimo principio à grande Familia dos Camaras ; appellido , que tomou da camara de lobos , que vio nas prayas da Ilha.

1437. Suspendeo o curso de tão felices successos a resolução , que o nosso Infante , e seu irmão D. Fernando tomaraõ de passar à conquista de Tangere contra o parecer de ElRey D. Duarte , dos outros Infantes , e da mayor parte do Reino.

Mas como os seus animos catholicos livravaõ no Senhor dos Exercitos todas as suas esperanças , e o zelo da Religiaõ ardia nos seus heroicos peitos , com huma Armada , em que se dizia levavaõ quatorze mil homens , de que em Ceuta só se acharão seis mil , appareceraõ sobre os muros da soberba Tangere , Cidade populosa do Reino de Fez na Provincia de Habata , assentada em hum oiteiro , que olha para o mar Athlantico ; fundação do Gigante Anteo , depois Colonia dos Romanos com o nome de Julia Traducta , aos quaes a ganharaõ os Godos , e a estes os Mouros.

Por espaço de trinta e oito dias bateraõ os Infantes a Praça com tanto impeto , que os Mouros

atonitos de tantas bizarrias, se lhes offereceraõ tributarios; mas desprezadas as propostas, tiveraõ tempo os Africanos de acodirem ao soccorro com setenta mil Cavallos, e seiscentos mil Infantes, cuja multidãõ só vista aterraria os animos a naõ serem Portuguezes.

Era
vulgar!

Os nossos passando de cercadores a cercados, depois de haverem tolerado com valor mayor que as forças, formidaveis, e espantosos assaltos, se renderaõ a partidos. Convieraõ os Mouros, em que o exercito voltasse ao Reino, com tanto que em seu poder ficasse hum dos Infantes até se lhes entregar Ceuta. Neste aperto se esmerou a competencia dos dous irmãos, querendo cada hum delles sujeitar-se pela liberdade de todos a soffrer hum cativoiro barbaço, arriscado a funestas contingencias.

Triunfou nesta gloriosa contenda a modesta porfia do Infante D. Fernando, que ficou em refens aos barbaros, com animo taõ constante, que elle mesmo pedia a El Rey seu irmão naõ entregasse Ceuta pela sua liberdade, mais empenhado nos interesses da Christandade, que no alivio da pessoa. Sete annos tolerou o seu animo invicto as tyrannias de Africa, aonde os seus o viraõ quando vivo carregado de ferros pensando cavallos, depois de morto pendurado nas ameyas dos muros de Fez como espectáculo da nossa Fé agradavel ao Ceo, como irrisãõ da fortuna ao mundo lastimosa.

O Infante D. Henrique, ainda que lastimado da sua infeliz expedição, naõ se descuidou em levar avante os gloriosos projectos dos seus descobrimentos. E porque Gil Eannes, natural de Lagos, no anno de 1434 havia feito segunda viagem, passa-
do

- Era vulgar. do além do Cabo Bojador trinta leguas, aonde levantou por marco daquelle descobrimento; o fagradão Lenho da nossa Redempção, e trazido alguns cativos, e outros sinaes da nova terra, o Infante
1441. mandou em dous navios aos Capitães Antão Gonçalves, e Nuno Tristaão, para que a penetrassem. Voltaraõ elles ao Reino, e trouxeraõ, com os muitos cativos, taõ importantes noticias, que o Infante as communicou ao Papa Martinho V., e elle a petição, e instancia sua fez perpetua doação à nossa Coroa de todas as terras, que descobrissemos até a India. Depois foy esta doação confirmada por outros muitos Pontifices, e no tempo de El-Rey D. João II. pela linha de demarcação se acabaraõ de ajustar os limites da nossa Conquista, como dissemos na vida do mesmo Rey.
1443. Tornou Nuno Tristaão a correr a costa, e descobriu as Ilhas de Arguim, celebres pela Fortaleza da Negricia, que annos depois mandou fundar El-Rey D. Affonso V. Nestas Ilhas morreo pe-
1445. leijando Gonçalo de Cintra, e foy o primeiro Portuguez, que rubricou com o seu sangue as nossas Conquistas; pequeno ensayo do muito, que derramado no mar, havia tingir as ondas, e espalhado em terra, havia matizar as flores.
1446. No anno seguinte descobriu Diniz Fernandes o Cabo Verde, e no mesmo tempo acabaraõ de apparecer as Ilhas Terceiras, ou dos Açores, que no anno de 1432 principiaõ a descobrir Vicente de Lagos, e o Genovez Luiz Cadamusto, as quaes o nosso Infante no anno de 1449 mandou povoar por Gonçalo Velho, Commendador de Alentejo. Além de Cabo Verde descobriu o valeroso Nuno Trif-

Tristaõ mais sessenta leguas : porém elle com os seus companheiros deixaraõ ás vidas nas mãos dos barba-
ros , que com flechas hervadas , acabaraõ aquelles, Era
vulgar
que de perto lhes não temiaõ ás mãos. E como os desejos , que o nosso Infante tinha de levar o nome do Senhor às Regiões distantes , eraõ taõ vehementes , comprou as Ilhas Canarias ao Francez Betancour , que as havia conquistado ; mas depois alargou a El Rey Henrique de Castella para empregar as suas forças na conquista de Guiné.

Nestas gloriosas empresas se occupava o nosso 1458.
Infante , quando seu sobrinho El Rey D. Affonso V. determinou desafogar em Africa o seu genio marcial , e empregar na sua conversão o seu animo catholico. Preparada huma Esquadra de duzentas e vinte vélas , em que além do Rey , e Grandes do Reino , embarcaraõ o Infante D. Henrique , e seu sobrinho o Infante D. Fernando , appareceraõ sobre a barra de Tangere formidaveis a huns , a outros alegres as nossas Quinas.

Este golpe , que ameaçava Tangere , descarregou sobre Alcacer Ceguer ; Praça , que no forte da contextura desmentia a pequenez do nome. Resistiraõ os Mouros ao primeiro assalto , disposto pelo valor , e experiencia do nosso Infante ; mas desfaleceo-lhes a corage ao segundo , e depois de perda notavel , nos largaraõ a Praça salvas as vidas.

Recommendeu El Rey a defenfa da nova força ao famoso D. Duarte de Menezes , depois Conde de Viana , e filho do bravo D. Pedro Capitão de Ceuta. Nesta Cidade se achava ainda El Rey D. Affonso , quando El Rey de Fez fitiou Alcacer. Não pode D. Affonso com todo o seu poder meter soc-

Era vulgar. corro na Praça; mas D. Duarte, que com o esforço do pay lhe herdara a constancia, triumphou dos barbaros em dous cercos peleijando, e soffrendo.

1460. Continuou o Infante D. Henrique todo o tempo da sua vida em ampliar, e povoar as novas terras, augmentadas com o descobrimento das Ilhas de Cabo Verde, em que teve a primeira fortuna o celebre Genovez Antonio de Nolle, e o complemento della huns criados do Infante D. Fernando, que por ordem sua andavaõ correndo o mar em busca de novas terras. Neste mesmo anno de 1460 fatal à Coroa Portugueza, morreo com inconsolavel lastima dos nossos corações o grande D. Henrique em idade de sessenta e sete annos, contando mais virtudes, e triumphos que dias. Da Villa de Sagres, aonde espirou, foy levado o seu cadaver a sepultar na Villa de Lagos, e alli esteve até o anno seguinte, no qual seu sobrinho, e herdeiro o Infante D. Fernando o veyo buscar em pessoa, e à sua custa, com a pompa devida à grandeza de hum tal Principe, o trasladou para o Real Mosteiro da Batalha. Não ficou delle geração; porque das suas virtudes foy coroa a pureza virginal, em que se conservou sempre, para que fossem boas todas as obras de hum sujeito com tanta castidade.

Expedições de ElRey D. Affonso V. que lhe derão o nome de Africano.

1468. **R** Ecolhido ElRey D. Affonso ao Reino depois da segunda jornada de Africa, em que não teve a fortuna da primeira, antes em hum choque lhe mataraõ ao Conde D. Duarte de Menezes,

perda por todas as razões sensivel; como já esta ^{Est} Conquista era não só empenho do valor, mas da ^{vulgar} Magestade, cuidou logo em aprestarse para terceira expedição, com tanto poder, que excedessem as acções à esperança. Porém em quanto se não punha prompto, por não ter ociosas as armas, mandou a seu irmão o Infante D. Fernando, que com dez mil homens fosse investir Anafe, Cidade maritima da Costa de Africa, que foy miseravel despojo da nossa colera: Só lhe deixamos sem ruina os fundamentos para testemunhas do castigo, e vestigios da grandeza.

ElRey, que nenhuma empreza lhe parecia ^{1471.} grande sem meter Tangere debaixo do seu jugo, com forças iguaes à bizzarria da ostentação, sahio de Lisboa em huma frota de mais de trezentas véllas, que foy vista dos moradores de Tangere como instrumento fatal da sua ruina. Não fizeraõ aqui os nossos mais que formar huma fastosa apparencia com militar gentileza; e foraõ descarregar o golpe em Arzila, aonde andou o valor tão apressado, que quando ElRey de Fez acodio com o soccorro, foy para authorizarnos a victoria com a presença.

Aqui obraraõ os Portuguezes maravilhas no mundo raras, ao seu valor vulgares: distinguiose ElRey peleijando como Soldado; e o Principe D. João o parecia da fortuna, tão seguro nos perigos, como se as armas contrarias houvessem de respeitarlhe a grandeza. Não foy sem sangue a victoria, e entre aquelles, que no leito da honra acabaraõ gloriosos, morreo para ter mais larga vida, o bravo D. João Coutinho, Conde de Marialva. Entregou ElRey a defenza de Arzila, juntamente com a de Al-

Era
vulgar.

cacer; a D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, e filho do grande D. Duarte; porque como tinha o seu valor acompanhado da memoria do pay, com estas duas forças bem podia sustentar duas praças.

De grande exemplo servem aos animos pouco generosos os estragos alheios. Descartegou a nossa espada o seu golpe em Arzila, e tremeo Tanger. Bastou o panico temor, de que as nossas armas vencedoras voltariaõ sobre aquella Cidade, para que os seus moradores a desamparassem, sem verem de quem fugiaõ. Mas já o nosso Rey tinha adquirido a reputação dos grandes Capitães, a quem basta o nome para vencer. Foy entregue a Praça a D. Rodrigo de Mello, depois Conde de Olivença; e voltou El Rey para Portugal, donde tinha sahido havia trinta dias; porque com a pressa de Cesar, foy, vio, e venceo.

Estas felices expedições deraõ a El Rey o nome de *Africano*, como a outro Scipiaõ a ruina de Cartago; e elle as estimou tanto, que se chamou *Senhor de Alcacer, e Arzila*, a que depois accrescentou aquellas palavras: *Dáquem dalem mar em Africa*, que ainda hoje servem de titulo aos nossos Reys.

Não se adiantaraõ muito os descobrimentos neste reinado pelo grande embaraço das guerras de Castella, em que infructuosamente empregámos as armas: porém no mesmo anno da tomada de Arzila, Fernão Gomes, que havia arrendado a El Rey o commercio de Guiné, descobrio a Costa da Mina por meyo de João de Santarém, e de João de Escovar. Este descobrimento trouxe ao Reino muitos interesses,

fes, e deu a Fernaõ Gomes, além de honras novas, ^{Era} novo Appellido. ^{vulgar.}

Descobrio tambem Fernaõ Pó a Ilha do seu nome; o Sequeira Cabo Catharina no dia da mesma Santa; Fernaõ Gomes a Ilha de S. Thomé, que depois povoou Alvaro de Caminha por ordem de El-Rey D. João II.; e dizem muitos Authores, que por estes tempos, navegando alguns Portuguezes pelo Estreito de Gibraltar, e correndo tempo a Loeite foraõ dar à Ilha encoberta, de que já neste Livro fizemos menção, e que nella acharaõ sete Cidades povoadas de gente Portugueza, que lhe perguntaraõ por Hespanha, donde seus pays haviaõ sahido, quando os Mouros a invadiraõ.

Em tempo da guerra com Castella, governava Ceuta o Capitaõ Ruy Mendes Ribeiro, digno ^{1474.} entre as gentes de especial memoria pela constancia, e bizarría, com que se defendeo ao mesmo tempo de hum exercito de Castella, e de outro de Mouros, ambos empenhados em ganhar a Praça com tanta furia, que em professores de oppostos dogmas, não tinha differença a deshumanidade. Foy extremo o aperto, a que nos vimos reduzidos, e a não fer o valor Portuguez, desmayara a lealdade.

Porém superiores a toda a resolução humana, excedendo a magnanimidade, ostentámos Soldados os mais primorosos apices de Catholicos; porque estimulados os Mouros da incomparavel furia, com que nos atacavaõ os Castelhanos, pedindo ao Capitaõ os deixasse passar pela Cidade, para o que davaõ todas as seguranças, a fim de se combaterem com elles; propondo lhe, que vencidos, ou vencedores, sempre eraõ as ventagens para a Praça; o Capi-

Era
vulgar. Capitaõ mais attento às leys de Catholico, que levan-
do das da vingança, o não quiz consentir, antes
prompto para os trabalhos da pessoa, que facil pa-
ra as injurias da Religiaõ.

1479. Mais longe nos foraõ inquietar os Castelhanos,
perturbando o nosso resgate do ouro na Costa da
Mina. Não dissimulou este atrevimento o Principe
D. Joaõ, e mandou contra elles huma Armada, de
que era Commandante Jorge Correa, Commenda-
dor do Pinheiro, que entrou pelo Tejo com a Cas-
telhana prisioneira.

*Descobrimientos, e Conquistas de ElRey D.
Joaõ II.*

O Grande Rey D. Joaõ II. entre os Monarcas
do seu tempo teve a estimacão de primeiro:
foraõ notaveis as suas virtudes, magnanimas as
suas empresas, e altas as suas resoluções. Vendo
elle o seu Reino em paz, e o consideravel interes-
se, que davaõ os novos descobrimientos, intentou
proseguillos com mayor poder, até levar a luz do
Evangelho aos tenebrosos paizes, que são berços
do Sol.

1482. Para este grande intento mandou de Lisboa
com huma Armada a Diogo de Azambuja, que fun-
dou a Fortaleza de S. Jorge da Mina com permissaõ
do Rey Caramança, convertido à nossa Santa Fé
pelos nossos Missionarios, e com este exemplo fize-
raõ o mesmo muitos dos seus vassallos. Fabricada
a Fortaleza, concorreo logo a ella tão copioso
comercio detoda a Ethiopia, e foraõ tantos os mo-
radores, que alli se estabeleceraõ, que ElRey lhe
deu

deu o titulo de Cidade , e accrescentou aos seus o

Era
vulgare

No mesmo tempo descobrio Diogo Caõ o grande Reino de Congo , aonde plantou a Fé de Christo ; e o seu Rey , que regenerado nas aguas do Bautismo se chamou Affonso , foy o mesmo Prêgador dos seus povos. Ainda na vida lhe premiou Deos o seu ardente zelo ; porque querendo o irmão usurparlhe o Reino , favorecido de vinte mil rebeldes , elle acompanhado de vinte Portuguzes , os investio ; e em desigual batalha os venceo , e fez prisioneiro ao irmão , que lhe perguntava pelos gentis Soldados , que com forças mais que humanas foraõ gloriosos instrumentos da sua victoria.

Mas como todas estas emprezas eraõ disposições para o descobrimento das grandes Indias Orientaes , tendo ElRey D. Joaõ alcançado noticias do Preste Joaõ da Abassia por meyo da amizade do Rey de Benij , dezejou tambem travalla com aquelle Catholico Potentado , de quem tantos portentos referia a fama. Levado desta idéa , despachou ao celebre Bartholomeu Dias com dous navios bem esquiados , para que fosse correndo toda a Costa além da que havia já descoberto Diogo Caõ , até achar as noticias , porque tanto suspirava o seu dezejo.

Cumprio Bartholomeu Dias o seu regimento ; e informandose por toda a Costa de Africa das gentes , e costumes dellas , depois de imponderaveis trabalhos , houve vista daquelle horrivel Promontorio , que elle entaõ chamou Tormentoso , e El-Rey lhe poz o nome de Boa Esperança , porque lhas dava grandes de conseguir a espaçosa navegação dos mares Orientaes , havendo já manda-
do

Era vulgar. 1487. do por terra alguns descobridores à desejada India. Naõ estavaõ ociosas as nossas armas na Africa visinha, em quanto lhe navegavamos a Costa distante; antes o estrondo das nossas façanhas em repetidas Cavallarias, animando a reputação, suspendia as attensões do mundo. O nosso respeito obrigou a Cidade de Azamor a rendernos vassallagem; e o valor do Prior do Crato D. Diogo Gonçalves de Almeida, e do Conde de Borba D. Vasco Coutinho, com a destruição de muitos Aduares, fez, que os Mouros rebeldes conhecessem, que a nação Portugueza, não soffrendo injurias intentadas, mal as toleraria feitas.

Mas como estes golpes ainda não eraõ muy sensiveis, mandou El Rey a Fernão Martins Mascarenhas, que passasse à Africa, aonde unido com D. João de Menezes, e com o Conde de Borba, este Capitaõ de Arzila, aquelle de Tangere, correo toda a terra até Alcacer Quibir, ganhando huma victoria a cada passo.

1490. Com igual fortuna marcharaõ D. Fernando, e D. Antonio de Menezes, filhos do Marquez de Villa Real, sobre a Villa de Targa, que foy arruinada pela colera, saqueada pela cubiça. Mas não satisfeitos de huma expedição, que só aos seus animos heroicos se representava pequena, acompanhados de Martim de Tavora, que neste tempo governava Tangere, de mil e duzentos Infantes, e de quatrocentos Cavallos, foraõ combater nas mais ásperas ferranías de Africa a Villa de Comice, tão forte, e populosa, que a reputavaõ os naturaes inaccessible; mas entregue ao fogo, nem vestigios lhe ficaraõ da grandeza.

Era notavel o alvoroço de ElRey pelos felices ^{Era} progressos da Religiaõ no Reino de Congo, qua- ^{vulgar.} si todo convertido pelo exemplo do seu Principe D. Affonso depois da morte de seu pay D. Joaõ, que pervertido pelas caricias das concubinas, não dava vida à nova Fé com boas obras. Este glorioso empenho foy profeguido com mayores forças; e com o pezo das nossas Armadas gemia o mar Ethiopico, quando o respeito do nosso nome atroava toda a Africa.

Por terra havia ElRey mandado a Pedro de Covilhan, e a Affonso de Paiva, para que penetrassem até a India, aonde desejava levar o Nome do Senhor. Chegaraõ ambos à Ilha de Rhodes, Alexandria, e Cairo, aonde se apartaraõ, buscando o Paiva a Ethiopia, e o Covilhan a India. Este teve a fortuna de pizar a Asia, e voltando ao Cairo, porque achou o companheiro morto, continuou a sua perigrinaçaõ, e depois de observar grande parte dos Reinos Orientaes, vio o do Preste Joaõ, com a gloria de ser o primeiro Hespanhol, que trilhou aquellas remotas, e duvidadas Regiões.

E porque a fama das longas navegações dos Portuguezes era entaõ a admiraçaõ do mundo, Christovaõ Colon, que além da sua grande industria, alcançou dos Portuguezes bastante noticia das Indias Occidentaes, veyo offerecerse a ElRey D. Joaõ para este importante descobrimento, que foy desprezado com alta Providencia; porque não queria esta aos nossos braços para sujeitar povos cobardes na America, mas para abater nações ferozes na Asia.

Era
vulgar.*Successos de Africa na vida do grande Rey
D. Manoel.*

1495.

Tanto que o feliz D. Manoel occupou, e encheo o throno dos seus mayores, olhou para o mundo todo, e medindo-o pela magnanimidade do seu coração, lhe pareceo pequeno theatro para as representações do seu valor. Porém, como não havia mais mundos, dispoz-se para mostrar as suas forças a todas as quatro partes da terra, e opprimindo com as suas Armadas os mares Asiatico, Indico, Arabico, e Ethiopico, reservou a mayor para a empregar no Athlantico contra os visinhos Africanos.

Naõ logrou entaõ ElRey estes intentos; porque com estas forças foy obrigado a soccorrer os Venezianos apertados pelos Turcos, e bastou que o Papa o rogasse, para que aos preceitos da obediencia cedessem os interesses da Coroa. Mas não estavaõ ociosos os bizarros Fronteiros de Africa; porque o bravo D. João de Menezes, Capitaõ de Arzila, cujo nome ainda o mundo ouve com veneração, e espanto, e o valeroso D. Rodrigo, Governador da Tangere, e da illustre Casa de Montafanto esclarecido filho, contavaõ pelos dias as victorias, às vezes mais que as batalhas.

1506.

Era nestes tempos muy populosa a Cidade de Casim no Bucala, Próvincia do Reino de Marrocos, e por estar situada na Foz do Tensiste, frequentada de muito commercio. Desejava ElRey o dominio desta Cidade; mas antes de intentar a sua conquista, mandou a Diogo da Azambuja, que

nas

nas suas visinhanças edificasse hum Forte Real, com idéa taõ bem premeditada, que na primeira desavença dos Mouros com o seu Regulo nos entregaraõ a Cidade, que o Azambuja estimou pelas conveniencias, sentido de naõ poder chamar victoria a hum rendimento sem sangue.

Naõ se satisfazia o magnanimo Rey de ouvir as gentilezas de Diogo de Azambuja, de Francisco Pereira Pestana, e dos outros alentados Capitães, que nas Aulas de Marte traziaõ em continuo exercicio o valor, sem que penetrando a terra, fosse ampliando o Dominio. E como para facilitar esta empreza, era necessario sujeitar as Praças maritimas, mandou a D. Joaõ de Menezes, que fõy Capitão de Arzila, fonder as entradas de Azamor, de Mamora, de Cale, e de Larache. Com este projecto sahio D. Joaõ de Lisboa com huma frota, em que levava dous mil e quatrocentos homens; porque varaõ tamanho suppria com o nome a falta do numero.

D. Joaõ, medindo as emprezas pelo seu animo, se adiantou à idéa de ElRey, e resolveo-se à conquista de Azamor; mas se para conseguir o triumpho, às sobras da resolução, faltou o poder; com morte de mil e duzentos castigou nos Mouros a honrada culpa da resistencia. Daqui passou a Tangere, aonde teve a noticia do apertado cerco, que ElRey de Fez tinha posto a Arzila, defendida generosamente por seu cunhado o Conde de Borba, e estimou a nova pela occasião de naõ ser inutil a sua jornada, que lhe metia nas mãos para a honra estímulos fortes, para o valor occasião gentil.

Naõ se deu por satisfeito o bravo D. Joaõ com

Era vulgar. introduzir soccorro na Praça, sem atacar os Mouros na Campanha. Com este intento pedio soccorros a Castella, e Portugal; mas daquelle Reino, como mais visinho, lhe acodio o Conde D. Pedro Navarro com tres mil e quinhentos homens, e sem esperar mais tempo, se dispoz para em huma acção tão desigual dar ao mundo a ultima prova do seu valor.

Bastou esta singular resolução para ElRey de Fez nos largar o campo, medroso, ou circunspecto; e D. João, sem lhe chegar com a espada, o ferio mais fundo com o nome. Esta noticia impedio a ElRey D. Manoel passar à Africa em pessoa a soccorrer Arzila, com tanto empenho, que quando soube o seu aperto, sahio de Lisboa com seis Criados para o Algarve; mas na Cidade de Tavira se achou com vinte mil homens promptos a acompanhallo com alento, e fidelidade de Portuguezes.

Daqui em diante começou Africa a ouvir os nomes, e a sentir as espadas dos memoraveis, e em todas as idades famosos Heróes Nuno Fernandes de Ataide, Capitão de Çafim, e seu Adail Lopo Barriga. As nossas Historias, com penna menos escaça, referem as proezas destes Gigantes do valor, para as quaes era pequeno campo todo o volume. Este era o tempo, em que cada Portuguez representava hum Heróe: que seriaõ entãõ os Heróes Portuguezes? Baste para escurecer a fama dos antigos a defenfa da Cidade de Çafim combatida de huma multidãõ soberba, a quem abateraõ a arrogancia dous Portuguezes valentes.

Criava o valor naquelles seculos corpos de ferro. Tal parecia o do incansavel D. Duarte de Menezes,

nezes, Capitão de Tangere: era o trabalho o seu recreyo, as fadigas o descanso, e matar Mouros a sua vida. Com os botes da sua lança fez tremer o Reino, e ElRey de Fez, que abandonou com affrontosa precipitação o sitio de Tangere; e dos golpes da sua espada foraõ boas testemunhas os Alcaides de Tetuam, e Xexuam, com todos os que atrevidos, ou valerosos se exposeraõ a provarlhes os fios. Era vulgar;

Mas como ElRey D. Manoel chamava suas as expedições de Africa, todas as gentilezas eraõ poucas para encherem hum coração tamanho. Constante nesta idéa, mandou ao Duque de Bragança D. Jaime, que com dezaseis mil Infantes, e duas mil e quinhentas lanças, fosse sobre a Cidade de Azamor, que mandava o Mouro Cide Mançor. Ganhámos esta grande povoação à força de armas com morte de Mançor; mas ao respeito de tamanha victoria se desampararaõ as Cidades de Tite, e Almedina, que povoámos de Mouros, e defendémos com Portuguezes. 1513.

Recolhido o Duque ao Reino, o grande D. Joaõ de Menezes, que ficou com o governo do exercito, naõ querendo poupar o inimigo, marchou sobre a Villa de Benacafiz, em quanto D. Bernardo Manoel investia a de Tafut. Ambas experimentarãõ o nosso furor, ambas foraõ despojo do fogo; e a Cidade de Tefnest glorioso trofeo das espadas de Nuno Fernandes de Ataide, e de nosso fiel amigo o Mouro Ihe-Abent-Afut, taõ celebre nas nossas historias.

Ainda D. Joaõ se detinha em Azamor, que neste anno lhe deu sepultura, quando os Reys de Fez, e Mequinez, com todas as forças dos seus 1514.

Rei-

^{Era vulgar.} Reinos, intentaraõ fitiallo: porém desbaratados os seus Alcaides, que com a flor dos campos vinhaõ entreter as escaramuças, conceberaõ tal medo aquelles Principes, que houveraõ por melhor desistir da empreza, que arriscar a reputaçãõ das pessoas, o credito das armas.

Com huma torrente de victorias se augmentava o das nossas, em toda a parte vencedoras. Naõ podemos referir as muitas de D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, e Governador de Ceuta; as de Diogo Lopes, Almocadem de Çafim; as de D. Affonso de Noronha, Conde de Odemira; as de D. Joaõ Coutinho; as de Diogo de Mello; as de D. Henrique de Menezes, e as de outros benemeritos de eterna fama; porque fora offenderlhes a memoria delinear tantos Gigantes em quadro taõ pequeno, que mal lhes accomoda os dedos.

1518. Entre as importantes victorias de Africa, merece especial memoria o rendimento de Mazagaõ, Praça fortissima, que ainda hoje conservamos no Reino de Marrocos, e Provincia de Ducala. Está situada na Costa Septentrional, aonde desemboca no mar o rio Ommirabi, duas leguas ao Occidente de Azamor; e de tantas he a unica força, que ainda sustenta o nosso valor em Africa.

Dos negocios de Guiné, e Congo se naõ mostrou ElRey menos cuidadoso; porque estabelecida naquelles estados a Religiaõ Catholica, tanto trabalhou na policia dos costumes, que desbastados aquelles cepos brutos, se admiravaõ polidas imagens da civilidade. E bem póde venerar a terra a memoria de hum Principe, que se fez verdadeiro Athlante do mundo, sustentando-o sobre os hombros

bro da sua Monarquia com taõ poderofas forças, Era vulgar. que só das Armadas, que passaraõ à India nos vinte e seis annos do seu reinado, se averiguou pertencerem treze navios a cada anno.

Porém succedendo a este grande Monarca seu filho D. Joaõ III. as cousas de Africa começaraõ a experimentar lastimosa decadencia. Não estava esta 1539. falta da parte do nosso valor, sempre igual em todas as idades, como bem mostrou na defenfa de Çafim, cercada com todo o poder de ElRey de Marrocos; mas ElRey, occupado da errada idéa de não cuidar de outras Conquistas, que as da Asia, e America, começou a tratar com desprezo as de Africa; abandonando aos Mouros os mais fortes propugnaculos do nosso Imperio, com incomparavel 1543. lastima daquelles Varões grandes, que a preço de sangue illustre ganharaõ a terra a palmas.

Não tardou a experiencia em mostrar o alto desacordo desta resolução; porque se a destruição de Cartago affeminou a Potencia Romana, a perda de Africa abateo não pouco aquella bizzarria militar, que nos fazia ser vistos do mundo como milagres do valor. O certo he, e não o podemos negar, que depois que deixámos ao interesse tomar posse dos corações, já não buscamos nas feridas a riqueza da honra, sem que as acompanhe o oleo de ouro, que immediatamente as cure.

Mas como a summa Providencia se não esquecia de hum Reino seu, escolheo para instrumentos, que sustentassem em Africa a reputação das armas, ao famoso Luiz de Loureiro, Capitão mór de Mazagaõ, depois de Tangere, e a Tristaõ de Ataide, que lhe succedeo no primeiro governo. Estes brios

Era vulgar. **fos Cavalleiros**, estimulados da honra, se mostravaõ Portuguezes aos barbaros: e se elles tiveraõ a gloria de tirar a vida ao primeiro, elle nada sentio na morte; porque estabelecida a honra, deixou o fangue vingado.

1562. A hum D. Joaõ descuidado de Africa, se feguiu D. Sebastiaõ demasiadamente cuidadoso della; e como estes negocios andavaõ pelos extremos, bem mostravaõ, que naõ lhes tardaria a ultima ruina. Na sua menor idade triumphavaõ por todo o mundo as armas Portuguezas: entaõ soffreo Mazagaõ aquelle famoso cerco, que com forças immensas lhe poz o Xarife Abdalá, governando a Fortaleza Alvaro de Carvalho em lugar de seu irmaõ Rodrigo de Sousa. Os feitos em armas, que nesta occasiaõ obraraõ os Portuguezes, todo o mundo os sabe; e de taõ gentis façanhas os Heróes, que sujeitaraõ o mundo, invejariaõ ser dellas aucthores, e trocariã por aquellas honradas paredes a vastidaõ dos seus dominios.

Estimulado desta gloria dos seus vassallos, tanto que os annos deraõ a conhecer a El Rey D. Sebastiaõ a magnanimidade do seu coração, deixando-se governar dos seus heroicos movimentos, entrou na idéa de coroar-se Rey de Marrocõs, de se fazer Senhor de toda Africa, e de ser universal Imperador de toda a terra. Arrebatado deste catholico zelo, 1574. passou primeira vez o mar com menos ventagem, 1778. do que lhe representava a esperanza. Repetio com mayor poder o destemido intento; mas na fatal jornada de Alcacer perdeo tudo.

Daqui em diante, vendo-se o nosso valor sujeito a hum jugo estrangeiro, emmudeceon nas emprezas,

prezas, porque as repetidas desgraças nas suas Conquistas eraõ lastimosos estímulos para suspender todos os officios, que lhe embarçaßem os effeitos da dor em hum mal sem remedio. Viamos, que por Vassallos de Castella, se conjurara o mundo contra nós: que pelos particulares interesses daquelle Coõroa se exauriaõ os nossos thesouros; que faltavaõ às Praças as guarnições, e provimentos, de que resultava perdermos a Provincias o Estado, que com tanto trabalho ganhãmos a palmos; e arrastados deste pezar, nos fingimos insensiveis às injurias, em quanto não chegava tempo de vingarmos todas com hum golpe.

Era vulgar

Successos depois da Acclamação de ElRey D. João IV. até o presente.

BEm mostraraõ os Portuguezes, que a sua fraqueza lha communicara o desalentõ de hum espirito alheyo; porque tanto que se acharaõ com alma propria, fizeraõ ver ao mundo, que não haviaõ mudado de materia os seus corações altivos. Logo que foy acclamado ElRey D. João o IV. se occuparaõ outra vez com os nossos nomes as bocas da Fama, admirada da facilidade, com que as nossas vastas Conquistas reconheceraõ o novo Rey, facodindo o jugo do alheyo; attonita de vernos restaurar outras, em que inutilmente empregara Hespanha o seu formidavel poder.

A Ilha da Madeira, adjacente de Africa, foy a primeira no reconhecimento; o mesmo fizeraõ a de Porto Santo, que com os clamores do alvoroço obrigou a fugir os Turcos, que entaõ a sitiavaõ; a

Era
vulgar.

Praça de Mazagaõ, que governava Martim Correa da Silva; a Ilha de S. Miguel, e todas as Terceiras; Tangere; Moçambique, Angola, e todas as Praças em todo o mundo, menos a Cidade de Ceuta, que por ser governada por hum Hespanhol, não pode participar desta geral felicidade, e nós houemos de a ceder àquella Coroa pela paz de 1668.

Unicamente ficámos em Africa com as Praças de Mazagaõ, e Tangere, que daqui em diante não nos dão mais assumpto para a historia, que haverem os seus Commandantes em repetidos encontros, e continuas correrias, combatido quasi sempre com ventagem até o anno de 1662, no qual a Rainha D. Luiza deu Tangere em dote a sua filha D. Catharina para haver de casar com Carlos II. Rey de Inglaterra. No anno de 1684 começou este Principe a demolir taõ famoso baluarte da Christandade, e glorioso theatro do valor Portuguez, abandonando-o aos Mouros.

Hoje só dominamos Mazagaõ, o Reino de Angola, as Ilhas adjacentes, e outras Praças além do Cabo de Boa Esperança, em que até agora advertidamente não temos fallado; porque como foram conquistas dos fundadores do nosso Imperio da Asia, as involveremos na serie dos successos daquela parte do mundo, para que já nos convidava breve Historia do Livro seguinte.

LIVRO V.

Historia de Portugal na Asia.

CAPITULO UNICO.

Do descobrimento da India, e mais successos até o tempo presente.

EMpenhou-se ElRey D. Manoel em dar a ^{1497.} conhecer o mundo ao mesmo mundo, e em levar o Nome de Christo às Regiões, aonde nunca fora ouvido, ou estava das memorias apagado. Esta uniaõ dos interesses da Coroa com os avances da Relligião inclinou o Numé superior a proteger huma empresa de honra para Portugal, de gloria para o Ceo.

Depois que o Apostolo S. Thomé prégou na Asia, escurecendo o lapso do tempo com as nùvens dos vicios as luzes da Fé, que elle alli accendera, tornaraõ os seus moradores a apalpar as antigas trevas, e a adorar por Divindades Simulacros com orgãos materiaes sem exercicio. Para esta reconquista das almas já havia séculos, que o Imperador Omnipotente se tinha alliado com o nosso primeiro Rey, e repartidos os despojos dos futuros triumphos, escolheo o Ceo as almas para o seu dominio, deixando a Portugal os Reinos para o novo Imperio.

Foy ElRey D. Manoel o glorioso executor deste Tratado, garantido pela promessa de Deos, e começado a pôr em pratica a 8 de Julho de

Era
vulgar.

1497, dia, e anno memoraveis nos Fastos Lusitanos pela venturosa viagem, que empredeo o grande Vasco da Gama por mares nunca d'antes navegados; por climas desconhecidos, e remotos; pelas Regiões brutas, e distantes; e por lugares tão opostos aos pés, como às cabeças.

Duvidavaõ estas os Antipodas; porque aquelles não pizavaõ o diametro; mas o nosso Heróe com quatro navios, de que elle era primeiro Cabo, e às suas ordens os Capitães Paulo da Gama seu irmão, Nicoláo Coelho, Gonçalo Nunes, e cento e sessenta homens de guarnição, montando o Cabo de Boa Esperança, vio rayar o Sol em novo Hemisferio, e as Urfas, a pezar de Juno, afogarse nas aguas de Neptuno.

Serenada a primeira tormenta, passaraõ os Argonautas a Festa do Nascimento na Costa, a que desde entaõ ficou o nome de Natal. Foraõ adiante sem haverem vista de Çofalla; entraraõ no rio dos Bons Sinaes, e chegaraõ a Moçambique, aonde o agasalho não foy correspondente à necessidade; porque o Rey da terra simulado solicitou o nosso damno, e o conseguira por meyo de hum Piloto, que nos deu para perdernos, se a Providencia não nos guardara.

Mas nas Ilhas dos Açoutados pagou este barba-ro com tão vil pena a sua perfidia, de que se quiz vingar mettendo-nos em Monbaça: porém escapá-mos deste novo laço, e no porto de Melinde fomos achar benigna hospedagem; porque no Principe agrado, nos moradores cortejo, na Cidade delicias, e na formosura das Damas menos saudades da Europa; que tambem na adusta Africa cria a natureza primorosas maravilhas.

Da-

Daqui sahimos com Piloto destre , e fiel : em-
 proámos o grande Golfoão , e no fim de vinte e dous ^{Era}
 dias ferrámos o porto de Calecut , ultimo termo ^{vulgar.}
 da nossa navegação , havia tantos tempos suspirado ,
 e com tanta gloria , como trabalho , venturosa-
 mente conseguido. Por estes mares foy Vasco da
 Gama vendo os grandes Reinos do Malabar , Ca-
 nanor , Cranganor , Cochim , e Coulaão : avistou-
 se em Calecut com o Çamori , poderoso Monarca
 da India , que o recebeu com magestosa ostentação ;
 e estabelecida com elle paz , e amidade , conforme
 as suas ifrucções , o mundo pasmado ouvio dizer , ^{1499.}
 que Vasco da Gama entrara pelo Tejo vindo de ou-
 tro mundo.

Foy elle recebido no Reino com o alvoroço ;
 que se devia a taõ importante façanha , que não te-
 ve demora nos premios ; e vistos os preciosos finaes
 da nova terra , fervirão de incentivo para a conti-
 nuação da empreza , até nos estabelecermos na Asia.
 Com este intento mandou ElRey a Pedro Alvares ^{1500.}
 Cabral com huma esquadra de treze náos , em que
 levava mil e duzentos homens de mar , e guerra , e ¹⁰⁰⁰
 muitos Missionarios , que arrancando as espinhas da
 Idolatria , lançassem naquellas incultas terras a se-
 mente da divina palavra.

Nesta viagem , guiado pelo destino de huma
 que parecia tormenta , descobrio Pedro Alvares a
 grande Régiaõ de Santa Cruz , hoje chamada Bra-
 sil , de que fallaremos no Livro seguinte. Daqui fo-
 mos a Moçambique , Quiloa , e Melinde , aonde
 o Rey amigo nos tratou com agrados , que tive-
 raõ de segundos ser repetidos. Nas Ilhas de Ange-
 diva , já conhecidas por haver Vasco da Gama es-
 pal-

^{Era vulgar.} palmado nellas os seus navios, fomos reparar os nossos, e chegámos a Calecut com paz já estabelecida, agora com o commercio novamente segura, se o temor mal fundado, ou o conselho indiscreto não alterara para fortuna nossa, a que parecia ajustada harmonia.

Sessenta Portuguezes tínhamos já em terra com o Feitor Ayres Correa, todos com o salvo conducto da palavra do Principe; mas elle, e os seus, com o especioso titulo da amisade maquinavaõ vilmente destruiros; e a plebe furiosa tirou a vida a Ayres Correa, e a outros Portuguezes. Pedro Alvares, que pode prevenirse a tempo, por mar, e terra, não tardou em dar o merecido castigo a tamanha barbaridade: queimou no porto todas as náos, demolio na Cidade os melhores edificios, e com colera indistincta, tudo eraõ objectos da raiva, victimas do furor.

Reconhecido a Çamori por nosso inimigo, nos confederámos com os Reys de Cochim, de Cananor, e de Coulaõ, os quaes ao depois servimos, e elles nos serviraõ. Carregadas as náos, partio Pedro Alvares para o Reino; mas antes de elle chegar, havia sahido Joaõ da Nova com tres navios, e na viagem descobrio a Ilha da Conceição: derrotou a poderosa Armada de Calecut; deixou Feitorias em Cochim, e Cananor, e na volta para o Reino descobrio a pequena, mas importante Ilha de Santa Elena, que a não ser no mundo conhecida, bastara para darlhe estimaçaõ haver servido de nobre idéa à singular penna de Camões.

1502. Já o nosso Rey se intitulava Senhor da Navegação, Conquista, e Commercio de Ethiopia, Per-

Persia, e India, e para os firmar com segurança, tornou a apparecer formidavel sobre as aguas do Oriente o seu Almirante Vasco da Gama, mandando huma Armada de vinte velas, que no caminho abateraõ a arrogancia de ElRey de Quiloa, obrigado a jurar nas suas mãos humilde vassallagem à nossa Coroa. Era vulgar.

Naõ menor castigo levou a soberba Calecut, sempre infiel, nunca defenganada, e com porfiada teima parece tinha por gloria a destruição de huma gente, que a buscava cortez, e a queria amiga. De todas as suas maquinas triumphou Vasco da Gama, que depois de descobrir novas gentes, firmar novas amizades, e travar uteis correspondencias, com treze náos carregadas das preciosas drogas do Oriente, chegou a Lisboa segunda vez triumphante dos homens, e dos Elementos.

Toda a furia do Çamori se empregava no nosso amigo ElRey de Cochim, ao qual Francisco de Albuquerque, que com tres náos sahira do Reino, achou fóra dos seus Estados refugiado em huma Ilha: porém o Albuquerque lhõs restituiu, e vingou a injuria abrasando navios, degollando gente, abatendo rebeldes; e quando se dispunha para a fundação de huma casa forte para commua segurança dos nossos, e dos de Cochim, chegou àquelle porto com tres navios o grande Affonso de Albuquerque, glorioso escandalo da Asia, acompanhado do memoravel Duarte Pacheco Pereira, universal admiração do mundo em ambas as fortunas. 1503.

Meteraõ os Albuquerquees mãos à obra, e fundaraõ a Fortaleza de Santiago, com materiaes taõ debeis, que nella, antes que os reparos, nos havia de-

Era vulgar. defender o respeito: empenharaõ-se na vingança de Cochim, com taõ cruel guerra contra Calecut, que aquelle arrogante barbaro houvé de pedir a paz humilde; e deixando os seus nomes naquella parte formidaveis, voltáraõ para o Reino, aonde nunca mais se soube de Francisco de Albuquerque.

Com outros tres navios andava Antonio de Saldanha esperando as náos de Meccá entre o Cabo de Guardafú, e o mar de Arabia: desgarraraõ-se da sua conserva Diogo Fernandes Pereira, que descobrio a Ilha de Socotorá, e Ruy Lourenço, que fez tributario o Rey de Zanzibar, e unido depois com o Saldanha, castigou o de Mombaça pela guerra, que fazia a nosso amigo o de Melinde. Desta sorte eraõ as nossas armas, ainda vagabundas, arbitras das desavenças da Asia, temidas de muitos, respeitadas de todos.

Deixaraõ os Albuquerquees ao grande Duarte Pacheco com duas caravelas para focorrer ao Rey de Cochim, que na sua ausencia foy atacado com as espantosas forças do Rey de Calecut. Nesta guerra apurou Duarte Pacheco os ultimos esmeros da industria, e os primorosos apices do valor. Taõ heroicas são as suas façanhas, como vulgares, e impropria a nossa penna para referillas: em todas as idades será celebre o seu nome pelos triumphos, que ganhou na India, pelas honras, com que o recebeu Lisboa, e pela miseria, com que morreo nos Hospitaes.

1504. Chegou Lopo Soares de Albergaria a Calecut com treze náos grossas; bateo com lastimoso estrago a soberba Cidade; passou a Cranganor, reduzio a cinzas a Cidade, e muitos navios importantes.

tes; desbaratou a Armada de Calecut, composta de oitenta e cinco velas, e com o mesmo semblante appareceo sobre Panane furioso. Aqui se travou nova, e vistosa batalha entre os nossos, e dezafete náos de Mecca sustentadas por vinte fustas do Rey de Calecut: obraraõ-se neste conflicto gentilezas nunca vistas; porque cada batel dos nossos ferrou huma das náos inimigas, e com morte de quinze Portuguezes comprámos duas mil vidas barbaras: foraõ queimadas as náos com espanto novo dos contrarios, que vendo-nos preoccupados da colera, nos admiravaõ livres da cubiça.

Era
vulgar.

D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rey da India.

E Ra já taõ grande a reputaçã das nossas armas 1505.
na India, que ouviaõ com temor os seus ec-
cos os mayores Potentados da Asia. Este sobresalto
os obrigou a olhar por si, e confederarem-se em
nosso damno, atempo que o grande D. Francisco
de Almeida, primeiro Vice Rey, com vinte dous
navios bem equipados passava àquellas partes a re-
mediar os riscos de taõ pernicioza liga.

Logo de caminho mostrou D. Francisco o seu
animo marcial no estrago de Quiloa, que nadou
em rios de sangue; e deposto o Rey rebelde,
elegemos para esta dignidade ao nosso fiel servidor
Mahomet Anconi, que nos deixou levantar huma
boa Fortaleza no seu porto; justa gratidaõ a tanta
divida. O mesmo successo, com mais lastimoso
damno, teve a soberba Mombaça; porque depois
de lhe cortarem as espadas as vidas dos moradores,

Era
vulgar.

abrazou o fogo a especificidade dos edificios, que mostravaõ ao longe hum horriavel testemunho da nossa colera, huma imagem lastimosa da sua grandeza.

Na India vio as mesmas armas, com a mesma furia, a Cidade de Onor, defendida de quatro mil homens, e de quatorze náos, estas, que foraõ despojos do fogo, aquelles do ferro. Fundámos as Fortalezas de Cananor, e Angediva, e Pedro de Anhaya a de Çofalla: D. Lourenço, filho do Vice-Rey, foy levado à celebre Ilha de Ceilaõ, que affirma Bocharo, ser naõ sómente o Ofir de 1506. Salomaõ, mas a Taprobana dos antigos, e aqui fez tributario ao Rey de Gale, em quanto para mayores emprezas chamavaõ pelo seu valor os Fados.

Este grande D. Lourenço he aquelle valeroso mancebo, que com oitocentos Portuguezes em doze navios desbaratou duzentas velas de Calecut com morte de tres mil barbaros: que espantou com o estrondo das suas façanhas as bellicosas nações do Oriente, até que no anno de 1508 morreo matando, valeroso, e honrado, naquelle desigual combate, em que se empenhou com oito navios contra as Armadas unidas de Cambaya, e do Soldaõ de Babylonia, cujo numero, cobrindo os mares, só teve de victorioso havernos morto o General; mas logo tremerá a Asia, vendo empenhado hum pay valente na vingança do filho; estimavel na vida por honrado, na morte por illustre.

1506. As nossas Armadas para a India seguiaõ-se humas a outras. Na esteira do Vice-Rey marchou Pedro de Anhaya com seis velas, e a traz delle Tris-

taõ

taõ da Cunha, e Affonso de Albuquerque, que havia succeder ao Vice-Rey no cargo, com huma Armada de quinze náos. Nesta viagem descobrimos a grande Ilha de S. Lourenço, aonde passou Tristaõ da Cunha, levado das informações de Ruy Pereira Coutinho, que fora dar a ella desgarrado.

Era
vulgar,

Por toda aquella Costa foy Tristaõ da Cunha castigando rebeldes: a ferro, e fogo escalou a Cidade de Hoja; abateo a de Lama; e com golpe mais pezado arrazou a populosa, e rica Brava com morte de mil e quinhentos homens, e espanto geral de todos os barbaros visinhos, que a respeitavaõ como propugnaculo daquella Costa. Na Ilha de Socotorá combateo, e lançou della a Coje Abraham, filho do Rey de Caxem, que a governava, e continuou a sua viagem para a India.

Aqui se apartou d'elle Affonso de Albuquerque para cruzar no mar de Arabia, como El Rey lhe ordenara; mas levado pelo tempo ao da Persia, com huma corrente de victorias, conquistou o Reino de Ormuz, aonde o deixaremos occupado até o Vice-Rey D. Francisco acabar o seu governo com a estrondosa victoria, que sendo vingança da morte de seu filho, adquirio para as nossas armas a profunda veneração da Asia.

Chegado Tristaõ da Cunha à India, o Vice-Rey partio com elle a Panane para queimar as naos de Mecca, e Calecut, que estavaõ naquelle porto defendidas de quatro mil Soldados. Obraraõ os nossos maravilhas, especialmente D. Lourenço, e Nuno da Cunha, que de amigos, e contrarios eraõ respeitados como dous milagres do valor. Foraõ queimadas dezoito náos; mas não durou ao Vice-Rey o

1507.

Era
vulgar.
1508.

gosto da victoria ; porque no anno seguinte morreo seu filho às mãos de Melique-Az , como dissemos , e tamanha perda era para o Vice-Rey duas vezes sensível.

Porém elle , picado de dous estímulos tão fortes , appareceu sobre as ondas tão espantoso , que eraõ para temer só as apparencias. Levou a Cidade de Dabul o primeiro golpe com tanta força , que ficou naquellas partes em proverbio: *A ira dos Francezes venha sobreti , como veyo sobre Dabul*. Mas nada disto era vingança , em quanto se não tomava de Mirhocem , General da Armada do Soldaõ , e de Melique-Az , Governador da de Cambaya , ambos authores da morte de D. Lourenço.

Com dezafete navios appareceu o Vice-Rey sobre Dio , donde sahiraõ duzentas velas a recebello , todas guarnecidas de valentes Rumes , Mouros , e Mamelucos , tão empenhados na batalha , que sendo para temer por muitos , agora afsustavaõ valerosos : porém a nossa magnanimidade a toda a opposição superior , depois do combate mais profundo , que haviaõ visto aquelles mares , ganhou completa victoria ; depois da qual partio para o Reino o brávo D. Francisco , que na Aguada de 1510. Saldanha pagou com a vida , às mãos de Cafres covardes , buscar vingança nas batalhas , nos triumphos despiques.

Por estes annos sahiraõ de Lisboa com quatorze velas os quatro Capitães Philippe de Castro , Vasco Gomes de Abreu , Jorge de Mello , e Fernão Soares , os quaes foraõ seguidos de Diogo Lopes de Siqueira com quatro , e de Jorge de Aguiar com doze , para se empregarem em expedições diferentes.

E por-

E porque a Cidade de Calecut era o padraſto , que ſe oppunha a todas as noſſas emprezas , mandou ElRey D. Manoel ao Marichal D. Fernando Coutinho com huma Armada de quinze náos a deſtruilla : porém no ſeu ataque perdeu o Marichal a vida , Affonſo de Albuquerque ſahio mal ferido , e ainda que queimámos muitos navios de Mecca , e matámos muitos Naires , não podemos chamar victoria a hum ſucceſſo acompanhado de tantos contrapezos.

Era
vulgar.
1510.

Depois deſta infelicidade , o grande Albuquerque , que governava a India , tomou Goa ao Çabayoy ; mas reſtituiu-a o Hidalcaõ : ſegunda vez a rendeo , e toda a Ilha Capital do noſſo Imperio na Asia , e aſſento dos ſeus Governadores ; conquista tão importante , que nos ſegurou hum Eſtado permanente , theatro glorioſo das noſſas maravilhas até as preſentes idades.

Mas não contente eſte pay das façanhas com tamanho triumpho , com reſolução venturoſa , foy investir a notavel Cidade de Malaca , ſituada em huma peninſula do rio Indo além do Ganges , antigamente chamada Aurea Cherſoneſo. Eſtava ella defendida por trinta mil homens , tres mil peças de artilharia , cinco mil armas de fogo , e outros innumeraveis instrumentos de guerra. Porém o noſſo alento , deſprezador de tudo , competindo na porfia com a reſistencia , atropellou difficuldades , e engañou na Coroa de Portugal eſta precioſa pedra , que della cahio laſtimofamente quando a cingio cabeça alheya , por eſtranha , pouco cuidadoſa.

1511.

Rendeo ſe Malaca ; fundámos nella a Fortaleza famoſa , e foy tal o tremor da Asia , que os

Po.

Era
vulgár.
 Potentados mais distantes, e desconformes, mandaraõ congratulações ao Albuquerque, que respeitavaõ como milagre da fortuna, sollicitando na sua amisade a firmeza dos seus Imperios. Recolhido a Goa, não despio o Albuquerque as armas, e com a espada ainda ensanguentada, derrotou os Capitães do Hidalcaõ, e rendeo a Fortaleza de Benastarim, que fez naquelles Reys a mesma impressaõ da conquista de Malaca, e obrigou o novo Camori a offerecerlhe Fortaleza, que logo foy edificada; ficando o seu Estado sujeito às nossas armas, a sua arrogancia abatida à nossa vaidade.

1515.
 Porém este memoravel Heróe, a cujo nome emmudecia a Asia; a quem renderaõ vassallagem os Soberanos do Oriente; que com a sua espada nos conquistou hum Imperio; para o qual todos os premios não eraõ paga, todas as honras diminutas, com propriedade de Heróe Portuguez, e de Varaõ excellente, não só servio sem receber merces; mas atacado pelo furioso bruto da inveja, mal com ElRey por amor dos homens, e mal com os homens por amor de ElRey, morreo apurado de desgostos, quando soube, que a Magestade, acreditando suspeitas, mandara Lopo Soares de Albergaria a tirarlhe o governo com infamia. Foy sentida a sua morte em todo o Oriente; ainda as Cortes inimigas arrastaraõ lutos, e os seus ossos depois de cincoenta e hum annos, vieraõ ter honras ao Reino, aonde as nossas glórias sempre saõ posthumas, guardados os applausos para as cinzas.

Vingou a mão omnipotente as injurias do Albuquerque com os poucos bons successos do Albergaria; mas como mandava Portuguezes, havia ter

al,

alguma gloria: não foy pequena a da expedição ao estreito do mar Roxo; a ruina da Cidade de Zeila na Costa de Ethiopia; a sujeição do Reino de Columbo; e a fundação da Fortaleza de Coulaõ. Era vulgar.

Diogo Lopes de Sequeira, que lhe succedeo, 1518. havendo já dado mostras do seu espirito no descobrimento de Samatra, e Malaca, agora não fez pouco em domar rebeldes: conseguiu mandar Embaixador ao Preste-João: fez a Fortaleza de Chaul: declarou a guerra a Melique-Az, Senhor de Dio, que foy origem de dominarmos aquella Cidade; e no seu tempo, Antonio Correa com quatrocentos Portuguezes, 1521. conquistou em favor do Rey de Ormuz a Ilha Baharem, defendida por doze mil Arabios; façanha tão importante, que acreditou as nossas armas; e deu a Antonio Correa appellido illustre. Tambem Garcia de Sá não tinha em Malaca ociosas as armas, empenhadas em defender constantes as forças, que haviaõ ganhado valerosas.

Entrou a governar D. Duarte de Menezes, já conhecido em Africa, agora na India. 1522. E porque o Rey de Ormuz se mostrou ingrato ao precedente beneficio, D. Duarte não lhe demorou o castigo. Respeitou o Oriente o seu nome por se ouvir acompanhado das suas, e das gentilezas de seu irmão D. Luiz de Menezes, Capitaõ do mar da India, que foy glorioso theatro das suas victorias. Mas passando El Rey D. Manoel a melhor vida, começaram a declinar no Oriente as nossas armas, com sensivel falta; porque tinhaõ a do heroico espirito, que os animava. Sim obrámos daqui em diante maravilhas; mas suspendeo-se o curso aos progressos: não adiantámos as conquistas; porque rebeldes os tributarios.

Era vulgar. butarios, com alento novo por nos verem sem alma, nos fazião ser poucos para a defenfa, occupados na confervação sem cuidar nos avances.

*Continuação dos successos da India em tempo de
ElRey D. João o III.*

1523. **O** Primeiro Governador, que ElRey D. João III. mandou à India com o titulo de Vice-Rey, foy o grande D. Vasco da Gama, Almirante daquelles mares, já condecorado com o titulo de Conde da Vidigueira: porém nesta jornada, que affustou a Asia, foy elle bufcar gloriofa morte no mefmo lugar, aonde levava a melhor parte da vida.

1524. Succedeo-lhe D. Henrique de Menezes, Capitaõ de Goa, que desbaratou o poder de Calecut, e confeguiu outras victorias; de que podiamos tirar boas confequencias, se a fua morte não as atalhara, com golpe pezado para aquelle Estado, por conta das defavenças entre Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo sobre o governo. Prevaleceo o partido do ultimo, que teve por bom principio a grande victoria no rio de Bacanor sobre a Armada de Calecut.

Em quanto duraraõ estas fataes discordias, os animos zelofos não largaraõ da maõ as armas, que ao mefmo tempo triumphavaõ em Calecut; em Bintaõ, no mar Roxo, nas Molucas, e em outras partes, até que veyo governar o grande Nuno da Cunha, que com fey pay Triftaõ da Cunha, em tempo do Vice-Rey D. Francisco de Almeida, havia já mostrado na India o elegante proemio das fua fazanhas.

O fey

O seu primeiro cuidado se empregou na conquista de Dio , que tanto desejavamos ; mas gastadas as forças no formidavel ataque da Ilha de Beth , nos faltaraõ para a principal empreza. Recolheo-se o Governador a Goa , deixando Antonio de Saldanha com huma Armada para infestar as costas de Cambaya , aonde arrazou Cidades , queimou navios , e tirou tantas vidas , que era o escandalo daquelles barbaros , para a resistencia sem alentos , aos damnos insensiveis.

Erã
vulgar.
1534.

Em melhor conjunctura tornou o Governador a tentar a fortuna ; porque achou Sultaõ Badur occupado na guerra com o Mogor , e depois de render a Cidade de Baçaim , atemorizado o Sultaõ deste novo perigo , para fazer pazes com o Estado , lhe facultou a fabrica da Fortaleza de Dio na costa da Provincia de Guzarate , illustre theatro de memoraveis gentilezas por melhores pennas referidas , mas nunca affaz louvadas.

1535.

Ficou Manoel de Sousa governando Dio ; foy Martim Affonso de Sousa soccorrer o Sultaõ contra o Mogor , e veyo o Governador a Goa , aonde o esperava outra grande fortuna na cessaõ , que lhe fez Accedecan das terras firmes de Bardês , e Salsete , cujos fructos sempre semeámos , e recolhemos com sangue proprio , ou alheyo.

Naõ durou muito a boa harmonia entre o Estado , e Cambaya ; porque o Sultaõ invejoso da nossa prosperidade , attentou contra a vida do Governador , infidelidade , que castigámos , tirando-lhe a sua , ainda que a troco da morte do Capitaõ Manoel de Sousa , e de outros Portuguezes , que logo teraõ nas espadas de Antonio da Silveira , e de

Em vulgar. D. João de Menezes segundas, e repetidas vinganças.

1538. Continuava Heitor da Silveira a espantar o mar Roxo, D. Jorge de Menezes a fazer tremer as Molucas, e D. João Pereira a abater o Hidalcão, quando o Turco invitado pelos Mouros de toda a Ásia, mandou huma poderosa Armada a vingar a morte do Sultaõ com lançarnõs da India. Mas para todo este apparatus bastou o grande Antonio da Silveira com seiscentos filhos da sua disciplina, instrumentos gloriosos da mayor façanha, encerrados nas paredes da victoriosa Dio.

Naõ parou nesta victoria a corrente do nosso furor: em hum diluvio de fogo fez arder todos os portos maritimos de Cambaya, para que os brados do triumpho fossem acompanhados dos clamores da vingança. Naõ fizeram menor impressãõ no Reino as noticias da Armada Turca, cuja fama esteve para levar à India ao Infante D. Luiz; mas entendeu-se, que bastava mandar a D. Garcia de Noronha, que no valor, e experiencia segurava a esperança dos bons successos.

1539. Porém foy taõ breve o seu governo, que lhe naõ deu tempo a mostrar-se nas execuções: ajustou pazes com Calecut, e Cambaya; fortaleceo Dio, que entregou a Diogo Lopes de Sousa com huma guarnição de novecentos homens; e no fim de seis mezes faleceo com sentimento geral. Succedeo-lhe

1540. D. Estevaõ da Gama, filho do grande D. Vasco, e Capitaõ de Malaca, já conhecido pela virtude propria nas maravilhas, que havia obrado no estreito do mar Roxo.

D. Estevaõ, para desempenhar na India os
brios

brios do seu appellido, porque os Turcos no mesmo Estreito se faziaõ prestes para tornar a invadir-nos, elle se dispoz a ir buscallos no mesmo porto de Suez. A vigilancia dos Turcos frustrou o effeito desta jornada, em que chegámos a avistar o monte Sinay; mas a espada não ficou na bainha; porque descarregou sobre muitas Cidades o golpe, que havia levar a Armada; e sendo repetido, em todos a força era a mesma.

Sabendo Claudio, Imperador da Abassia, desta viagem do Governador, a tempo que o rebelde Rey de Adel, invadindo-lhe o Imperio, o tinha acantonado em huma aspera montanha, lhe mandou pedir soccorro, que o Governador enviou de baixo das ordens de seu irmão D. Christovão da Gama. Os portentos de fidelidade, e os prodigios de valor, que alli obrámos, são vulgares nas nossas Historias: mayor foy a ventura de D. Christovão, que além dos creditos de valeroso, morreo com a gloria de Martyr.

Partio do Reino Martim Affonso de Sousa para governar a India, com o seguro de que seria feliz o seu tempo, porque levava na sua companhia o mayor Soldado da de Jesus, o grande Sol do Oriente S. Francisco Xavier, para o illustrar com luzes novas, que foraõ reverberar nas remotas Ilhas do Japaõ este anno descobertas. Foy Martim Affonso bem afortunado na India; governou prudente; conservou a reputação do Estado; castigou a rebelde Rainha de Bisnaga, destruindo a Cidade de Betecalá, e com o afflicto Mealecan, taõ perseguido do Hidalcaõ, guardou o direito da hospitalidade que elle, e o seu successor defen-

Era
vulgar.
1545.

derão com armas em impertinente guerra.

O grande D. Joaõ de Castro lhe succedeo, e foy XIII. Governador, e IV. Vice-Rey da India. A sua heroica vida, que he hum dos principaes estudos das nossas primeiras idades, escreveo com elegante penna, elevado estylo, e singular pureza Jacinto Freire de Andrade. Quasi todos os Portuguezes lemos este famoso Author, quasi todos fabemos a vida de D. Joaõ, e as façanhas dos Portuguezes do seu tempo.

Alli vemos a constancia com que sustentou porfiada, e victoriosa guerra com o Hidalcaõ para segurar a pessoa, e defender a causa de Meale, que se valera do nosso amparo: a bizarrria, com que D. Joaõ Mascarenhas defendeo Dio, atacada por todo o poder do Rey de Cambaya: a gentileza com que seus filhos D. Fernando, e D. Alvaro de Castro focorreraõ a Praça: a milagrosa victoria, com que D. Joaõ a descercou em pessoa, vencendo em campal batalha forças muitas, e muitas vezes superiores; e aquelle honrado empenho dos cabellos da sua barba para reparar a fortaleza demolida.

Tãbem alli vemos, que não parou neste triumpho a guerra; porque levou a primeira injuria repetidos castigos: D. Manoel de Lima pela costa de Cambaya abrazou as Cidades de Goga, e Gandar: o mesmo Governador com tres mil Portuguezes aprezentou batalha ao Sultaõ, que acampava em Surrate com trezentos mil homens, e a não aceitou; facção a mais gloriosa, que se póde dar sem fangue. Com a mesma fortuna triumphamos em Malaca, em Ormuz, nas Molucas, na Arabia, e em todas as partes, aonde nos accomettiaõ, parece que

que se achava o espirito deste Varaõ excellente para animar os filhos da sua disciplina. Era vulgar.

Morreo D. Joaõ de Castro na India , e por haver partido D. Joaõ Mascarenhas para o Reino a cingir os louros , que cortara em Dio , foy entregue o governo a Garcia de Sá , que fez a paz com Cambaya , e confeguiu outras ventagens se não fora taõ breve a sua vida. Succedeo-lhe Jorge Cabral , velho , e experimentado Soldado , que conservou a gloria do Estado , e vio no seu tempo florecer em muitas partes do Oriente a nossa santa Fé , plantada com immensos trabalhos pelos Apóstolos Lusitanos. 1548.

Com as armas na mão , destruindo as Cidades de Capocate , Tiracole , Coulete , e Panane , o achou seu successor D. Affonso de Noronha , que levou à India o mesmo valor , que mostrara em Ceuta. Com estrondoso ecco se ouviraõ as suas armas em Columbo , no mar Roxo , em Ceitavaca , em Ormuz , por todo o Malabar , por toda a India , em Malaca , por todo o Archipelago. No seu tempo padeceo Manoel de Sousa de Sepulveda , e sua mulher D. Leonor de Sá , aquelle lastimoso naufragio , que se não póde referir sem lagrimas. 1549.

D. Pedro Mascarenhas , que fora Embaixador em Roma , partio neste anno a governar a India , aonde viveo pouco tempo. Mas logo que chegou , applicou o seu cuidado ao augmento da Religiaõ ; na fabrica da Armada para o Estreito de Mecca , e nas mais disposições prudentes , de que poderia tirar ventagens a sua conducta sabia , ainda que acompanhada de animo vaidoso. 1550.

Abertas as successões , tomou Francisco Barreto 1554.

Era reto posse do governo, em que se mostrou tão Político como Soldado. No seu triennio conseguiraõ muitos triumphos os nossos Capitães; mayores os da Religiaõ, naquelle Oriente vencedora: já não tinhaõ numero as conversões, e só em Maluco sujeitaraõ doze Reys os seus Imperios ao suave jugo de Christo. Com esta gloria acabou o piedoso Rey D. João III. a sua catholica vida, o illustre Francisco Barreto o seu prudente governo.

Successos da India desde o reinado de D. Sebastião até a Acclamação de El Rey D. João IV.

1558. **O**cupava-se o alto espirito da Rainha D. Catharina, e a madura circumspecção do Infante Cardeal D. Henrique na regencia destes Reinos na menoridade de D. Sebastião; e para que elles não experimentassem mais sensível a falta dos seus grandes Monarcas, se applicavaõ com summo cuidado aos seus interesses. E porque hum dos mayores era a conservação da India, para cujo governo já se começavaõ naquelle tempo a escusar alguns, que no ocio da Corte, esquecidos os gloriosos fueros de Africa, não queriaõ perturbar os animos com os estrondos marciaes da Asia, foy eleito com applauso universal D. Constantino de Bragança, digno pelo sangue, illustre pelo valor, este heroico, aquelle Real.

Chegou o Vice-Rey à India, e antes d'elle o seu nome acompanhado da voz da sua prudencia. Ao seu zelo catholico deveo a gentildade Oriental os proveitos da alma: castigou com a sua espada a rebelde Cananor: acrescentou o nosso Imperio com

as Cidades de Damaõ, e Bofatá: mandou a Antõnio Moniz Barreto sobre os Abexins, que foraõ derrotados em disputado conflicto; a Luiz de Mello da Silva ao Malabar, aonde venceu huma poderosa Armada, e destruiu a Cidade de Mangalor; e em pessoa se achou em muitas occasiões de honra, especiaes entre todas a conquista de Jafanapataõ, donde levou o celebre dente do Bogio, que era huma das divindades daquelle gentilismo, pela qual nos prometteraõ importante resgate.

Era vulgar.

Estas prosperidades, devidas à admiravel conducta de D. Constantino, foraõ conservadas em paz, e justiça pelo Vice-Rey D. Francisco Coutinho, Conde dô Redondo; mas antes de acabar o seu triennio, lhe faltou a vida, e teve por successor a Joaõ de Mendoça o *Caçaõ*, que tambem governou pouco tempo.

1561.

1564.

O Vice-Rey D. Antaõ de Noronha entrou na India cortando palmas; porque teve por bom principio a grande victoria, que D. Paulo de Lima ganhou com partido muito inferior da poderosa Armada de Canatale. Obrigou o Rajá a levantar o porfiado sitio de Cota; mas vendõ, que era prejudicial ao Estado aquella Fortaleza, se resolveo a abandonalla, e passar o Rey amigo a Columbo. Naõ foy sensivel esta perda; porque edificámos melhor força em Mangalor, dissipando os Mouros, que se opposeraõ ao nosso estabelecimento.

1567.

Neste anno, em que El Rey D. Sebastiaõ sahio da tutoria, elegeo para Vice-Rey da India ao grande, e em todas as idades memoravel D. Luiz de Ataide; verdadeiro Athlante daquelle Estado, que deveo a este Heróe a sua conservaçãõ na conjunctura

1568.

junctura

Era
vulgar.

junctura mais critica. Vulgarmente sabida he a famosa liga, que neste tempo fizeraõ entre si contra nós o Hidalcaõ, o Nizamaluco, o Camori, o Achem, e outros Potentados, que havendo aniquilado o poderoso Rey de Narsinga, cuja authoridade tinha em brida a sua insolencia, julgaraõ não completo o seu triumpho, se não arrancavaõ, nos Portuguezes da India, o escandalo da Asia.

Antes desta conjuraçaõ, já o Vice-Rey tinha mostrado nas emprezas de Onor, e Barcelor, que o seu corraçaõ impávido media a grandeza pelos ambitos do possível, taõ ardente, como se todo fosse alma. Agora no mayor perigo estendeo as azas à magnanimidade com mais desafogo, como fazendo ver, que bastava a sua sombra para seguro a sylo dos companheiros do seu espirito, creaturas novas do seu exemplo.

1571. Seguio-se à idéa dos barbaros a sua execuçaõ. Com homens a centenas de milhares cahio o Hidalcaõ sobre Goa, o Nizamaluco sobre Chaul, o Camori sobre Chalé, e o Achem sobre Malaca. Das façanhas, que nestas Praças obraraõ o Vice-Rey, os Capitães D. Jorge de Menezes, D. Francisco Mascarenhas, D. Diogo de Menezes, e Tristaõ Vaz da Veiga, seja preegoira a fama; que em assumpto taõ desigual à nossa penna, por não ser possível referillo, melhor he callallo.

1572. Por toda a parte victoriosas achou as nossas armas na India o Vice-Rey D. Antonio de Noronha o *Catarras*, que ainda participou das palmas de Malaca; porque não foy o Achem taõ expedito a pôr-se em campo como os seus aliados. Ajustou o novo Vice-Rey a paz com o Hidalcaõ; mas antes de acabar

bar o seu tempo , foy deposto do governo , em que Era
vulgar,
lhe succedeo Antonio Moniz Barreto.

Intentou este Governador a conquista das Minas de Monomotapa , que empredeio em pessoa com riscos consideraveis pela numerosa multidão de Cafres, que sempre o perseguiraõ: soccorreo Malaca apertada das forças navaes da Rainha de Japará ; e tendo acabado o seu tempo , por haver falecido no mar o Vice-Rey Ruy Lourenço de Tavora , tomou posse do governo D. Diogo de Menezes. 1574.

Este Fidalgo , quando as glórias Portuguezas começavaõ a experimentar lastimosa decadencia , com o seu valor , e conducta manteve na India o respeito do nosso nome. Mas como os Fados nos dispunhaõ o mais sensivel golpe , chegou o seu effeito à India , aonde continuava a criar forças a conjuraçaõ ; porque entre aquelles barbaros a compaixaõ dos estragos lhes invitava os animos para a vingança. 1577.

Receyos bem fundados tornaraõ a levar à India ao grande D. Luiz de Ataide , para que o respeito do seu nome servisse de supplemento à fraqueza das armas : porém quando o seu generoso espirito premeditava magnanimas emprezas para abater a cerviz dos revoltosos , lhe faltou a vida , que soube adquirir huma eternidade de fama. 1580.

Nos sessenta annos , que durou a nõssa sujeiçaõ de Hespanha , foraõ mayores as lastimas , que os triumphos na Asia ; porque unidas com os naturaes as nações de Europa , lá taõ longe mostraraõ contra nós os effeitos do odio , que , isentando as pessoas , era só do dominio. Em tempo de Filippe III. ainda tivemos na India , entre muitos Portuguezes de no-

Era vulgar.

me, hum André Furtado de Mendocça, que governando aquelle Estado, defendeo aos Hollandezes Malaca; derrotou rebeldes, degollou Principes, e restituiu Reinos.

Porém augmentando-se cada dia o partido de Hollanda, e Inglaterra, quando desfalecia o nosso, e o que he mais o cuidado do Principe, porque estavaõ as Praças sem guarnições, as Fortalezas sem petrechos, tomou aquella funesta guerra tanto corpo, que a pezar das gentilezas dos poucos defensores do Imperio Oriental, nos ganharaõ nelle os Persas, e Inglezes a Cidade de Ormuz, os Hollandezes Malaca; os Canarás as terras de Onor, Mangalor, e outras; os Arabes a Cidade de Mascate; e os mesmos Hollandezes com os Xingalás o Reino de Jafanapataõ, as Cidades de Columbo, e Negumbo, com as Fortalezas de Gale, Betecalo, Manar, e Triclimalé.

No Malabar nos arrancaraõ das mãos os mesmos inimigos as Cidades de Meliapor, Cochim, Cananor, Coulaõ, Cranganor, Negapataõ, e outras muitas por todo o mundo. Assim via, e chorava Portugal sem remedio a affolação do illustre patrimonio do seu valor, e desmembração do seu formidavel Imperio, e o que se fazia mais lamentavel o abatimento da reputação com descredito das Armas naquellas partes aonde foraõ temidas humas, outra respeitada.

Este foy o nosso Imperio da Asia em tempo dos nossos Principes naturaes, taõ dilatado, que começando no Cabo de Boa Esperança, o mais Austral de Africa, corria por espaço de quatro mil leguas até ao Promontorio de Liampo na China. Des-

de aquelle primeiro Cabo até o Estreito do mar Roxo, eramos Senhores dos Reinos, e Cidades de Moçambique com a Fortaleza de Çofala, de Inhambane, de Sena, e de Tette, de Mombaça, e de Pate. Era vulgar;

Fundámos a inexpugnavel Mascate entre o Estreito de Mecca, e Baçorá : entre este, e o rio Indo, dominámos Ormuz : na Persia a Fortaleza de Bander Congo : na foz do Indo a famosa Dio : entre a Costa deste Rio, e o Cabo de Comorim as Tanadarias de Asserim, Danu, Agaçaim, Sangens, Maim, Tana, Manora, e Trapor com as Cidades de Baçaim, de Damaõ, de Chaul, e a Villa de Caranja.

De tão vastos dominios era cabeça a grande Cidade de Goa, fortificada com todas as regras da Arte, defendida da Provincia de Bardés, de que he cápital a Fortaleza dos Reys Magos : seguraõ-lhe a barra as Fortalezas da Aguada, e Mormugaõ, e tem em Salfete a de Rachol, aonde reside o General da Provincia. Ao Sul de Goa tinha ella sujeitas ao seu jugo as Villas de Cananor, e Cranganor; as Cidades de Cochim, e Angamale com a Villa de Coulaõ.

Entre o Cabo Comorim, e o rio Ganges tinhamos a Cidade de S Thomé, ou Meliapor, as fortalezas de Negapataõ, e de Masulipataõ : entre o Ganges, e o Cabo de Sincapura a famosa Malaca: na Ilha de Macáo a Cidade do Nome de Deos: e livre por todo o Archipelago a prégaaõ do Evangelho.

Na celebre Ceilaõ, antiga Taprobana, fundámos as Fortalezas, e Cidades de Columbo, Ma-

Era vulgar. nar, e Gale: eraõ nossas as Ilhas de Solor, Timor, e Sumba; e nas Molucas as Fortalezas de Amboino, de Tidore, e de Ternate, as quaes tambem conquistaraõ os Hollandezes sem já mais tornarem ao nosso dominio.

1639. Até este tempo, que he o do governo dos tres Filippes em Portugal, trata Manoel de Faria e Sousa nas suas *Asias* a Historia da India, que acaba no de 1639 no Vice-Reinado de Joaõ da Silva Tello de Menezes, Conde de Aveiras, que foy o ultimo nomeado por Castella; e naquelle insigne Historiador podem os curiosos capacitar-se melhor da vasta Historia, de que aqui só lhe offerecemos o Indice.

Sucessos da India de pois da Acclamação de El-Rey D. Joaõ IV.

Governava a India no triste estado da sua decadencia o Vice-Rey Conde de Aveiras, quando alli chegou a noticia da feliz Acclamação, que foy ouvida com incomparavel jubilo daquelles corações, que prognosticos de novas felicidades no dominio de hum Rey natural, se promettiaõ com alentos resuscitados, animar o valor amortecido.

Logo o Conde Vice-Rey fez acclamar a nova Magestade, cujo nome foy ouvido por todas as Costas dos nossos dominios da Asia, e festejado ainda dos Potentados inimigos. O Vice-Rey agora mais cuidadoso, porque mais empenhado, ainda que lhe faltavaõ os meys para se oppor vigorosamente aos inimigos do Estado, fortificou, e proveo as Praças como pode, achando já os Soldados na obediencia promptos, para os perigos resolutos.

Mas

910 Mas como o Reino atacado pelas forças do maior Potentado da Europa, não podia mandar à Asia os soccorros competentes, no governo do Vice-Rey D. Philippe Mascarenhas tivemos na India as mayores perdas; porque os Hollandezes, vendo que seria infallivel o ajuste da paz com Portugal, se deraõ pressa a avançar os seus interesses nas nossas conquistas.

Era
vulgar:
1644.

Entre tantas infelicidades não nos desamparou totalmente a gloria. O Vice-Rey Conde de Obidos deu na India claros testemunhos das suas virtudes; e continuando a guerra com Hollanda além da Linha, o Vice-Rey Conde de Sarzedas obrigou os Hollandezes a levantar o sitio de Ceilaõ; prendeo o rebelde Rey daquellas Ilhas, que levou a Goa atado no banco da sua Galé; e teve outras ventagens, que promettiaõ bellas consequencias, se a morte não as atalhara.

1655.

Acabada a guerra de Hollanda, quizeramos conservar em paz o que della nos restara na India: alguns Vice-Reys o conseguiraõ; outros foraõ obrigados a valer-se das armas, e em occasiões diversas tiveraõ successos differentes. Porém nos nossos tempos se renovarã as lastimas passadas; porque tem sido muitas as nossas perdas, e mais sensiveis as da Religiaõ, bannida de muitos daquelles Estados, aonde a plantara com tantos rios de sangue o nosso incansavel zelo.

Os ultimos Vice-Reys padeceraõ na India conternações grandes. O Conde de Sandomil a sustentou sem forças nos hombros do seu valor, e prudencia: o Marquez do Lourical, com melhor fortuna, e mais poder, principiou a restituir algumas Praças,

ças,

(Era vulgar.

ças , até que passou à India hum Vice-Rey , que havendo mostrado na Europa o seu valor , e capacidade, levou consigo à Asia a fortuna do seu appellido.

Foy este D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, que passou a governar aquelle Estado com o titulo de Marquez de Castello Novo; mas o valor com que rendeo a Praça de Alorna, lhe deu outro titulo, honrando a memoria da façanha o lugar do triumpho. Com o seu marcial espirito, e admiravel conducta abateo o Marques de Alorna a soberba do Maratá victorioso: restituiu, e conquistou muitas Praças com immortal gloria do seu nome; e como ElRey D. Joáo com promptos, e poderosos soccorros, acodia a sustentar a honra da nação, a sabia disposição deste grande Cabo deu novo alento à nossa reputação, já animada com as efficazes respirações do seu espirito.

1748. Succedeo-lhe no governo, e nos triumphos D. Francisco de Assis e Tavora, Marquez de Tavora, o qual com valeroso espirito soube conservar a reputação, que haviamos adquirido entre aquelles barbaros, tomando-lhe algumas Praças, e fazendo os reconhecer, que as nossas armas não desfalecem à vista das suas bandeiras.

1750. Presentemente governa o Estado D. Luiz Mascarenhas Conde de Alva, de quem esperamos ouvir acções, que fação esquecer as dos seus antecessores.

LIVRO VI.

Era
vulgar,*Historia de Portugal na America.*

CAPITULO UNICO.

Do descobrimento , e mais successos da America até o presente tempo.

Navegava Pedro Alvares Cabral com a se- ^{1500.}
gunda Armada , que de Portugal sahio para a India , e correndo tempo , por descair muito a Loeite do Equador para o Sul , querendo fazer nova derrota para montar melhor o Cabo de Boa Esperança , a 24 de Abril foy dar a Costas nunca vistas , e observar prayas incognitas de dez até dezaseis grãos e meyo , quatrocentas e cincoenta leguas occidentaes às da conhecida Africa.

Finalmente em hum novo mundo achou Pedro Alvares abrigo , e por isso lhe chamou *Porto Seguro*. Foraõ os bateis a terra , e voltaraõ com as agradaveis noticias da sua bondade , e com dous Indios prifoneiros , que foraõ vistos , e admirados ; mas naõ entendidos dos nossos. Despedidos estes com muitas demonstrações da nossa benevolencia , tornaraõ a vir acompanhados de outros muitos , invejosos da fortuna dos primeiros ; que até homens brutos se deixaõ cativar de huma bem proporcionada beneficencia.

Entre elles , e os seus Soldados pizou o Capitão aquellas benignas terras , occupados huns , e

[Era
yulgar.

outros em pasmos iguaes na vista de objectos diferentes. Seguio-se ao desembarque o culto da Religião ; e apurada a ternura da devoção , ouviraõ os crentes o tremendo sacrificio da Missa com fé viva : os incredulos imitando com gestos os movimentos da piedade; e os demonios com tremor, e espanto os sagrados conjuros, que os lançava do principado, em que havia tantos seculos estavaõ intrusos.

Nestas vastas Regiões levantou Pedro Alvares por Estandarte do seu triumpho o sacrosanto Labaro da nossa Redempção, e poz a toda a Provincia o nome de Santa Cruz, que o vulgo, com irreligioso esquecimento, mudou no de Brasil, como se fora pão de mais preço para lhe dar mayor valor. Com esta importante nova despachou Pedro Alvares para Portugal ao Capitaõ Gaspar de Lemos, e deixando dous Portuguezes entre os salvagens Americanos para se capacitarem da sua lingua, e costumes, continuou a viagem para a India.

Começa a grande Região de Santa Cruz (como já dissemos na nossa Geografia Tom. IV.) em hum grão Austral, e acaba em trinta e cinco. Levanta o primeiro marco a Loeste do rio das Amazonas; chega ao Maranhão, que corre cento e setenta leguas Nordeste Sudueste; continúa cento e cincoenta quasi Leste Oeste até quatro grãos do Pólo Antarctico na altura do Cabo de S. Roque, donde começa a bojar o ângulo da terra algumas noventa leguas: interpoem cento e quinze à Bahia de todos os Santos; e daqui a Cabo Frio, em altura de vinte e tres grãos, cento e oitenta e cinco leguas.

Leste Oeste vinte leguas se entra no Rio de Janeiro, donde sahindo Lés-Nordeste quarenta e dous,

dous, se toma a Capitania de S. Vicente; e daqui trinta ao Nordeste, o Rio Cananea, que rega a ultima Povoação da America Portugueza: porém daqui adiante ainda corre o nosso Dominio por muitas leguas de terra inculta até quasi embocar a foz do Rio da Prata. Era vulgar;

Sobre os primeiros habitadores da America saõ muitas, e celebres as opiniões. Alguns entendem com fundamentos sofisticos, que seriaõ os Tyros perseguidos de Nabuco; os Troyanos desbaratados pelos Gregos; os Cartaginezes vencidos pelos Romanos; e outros, buscando mais remota origem, se capacitarãõ seriaõ alguns dos fundadores de Babilonia, que correndo por mar, e terra diversas fortunas, iriaõ dar à America.

O Padre Pineda he de parecer, que se derivaõ de Ofir Indo, filho de Jectan, neto de Heber; derivando daquelle nome o que os moradores, e a Regiaõ tem de Indios, e India; e com o mesmo fundamento pertende, que a America seja o Ofir de Salamaõ, contra o parecer de Bocharo, que o constitue na Ilha de Ceilaõ, e varios Authores em outras partes.

Alguns favorecidos de bons indicios, e de antigas tradições, seguem a opiniaõ, de que aquelles Judeos dos dez Tribus, de que falla Esdras no Livro IV. Capitulo XIII. levados por divino impulso a Regiões remotas, foraõ os primeiros povoadores da America, aonde se observavaõ muitos ritos, e ceremonias Judaicas. Outros presumem, que esta parte do mundo he continente, ou que algum tempo esteve pouco separada delle por aquellas partes ainda occultas, que comprehende a ter-

Era vulgar. ra da Florida, e o Estreito de Magalhães, e que esta visinhança, ou uniaõ da America com o mundo antigo, facilitaria aos homens a passagem para o mundo novo.

ElRey D. Manoel, ainda que occupado na grande obra, e conquista da India, não desprezou a noticia do descobrimento da America, aonde mandou com seis navios ao Capitão Gonçalo Coelho para se informar da nova terra. Depois de passar muitos trabalhos, voltou este Capitão ao Reino já em tempo de D. Joaõ III. que informado da importancia de taõ vasto paiz, continuou a mandar descobrillo por Pedro Lopes de Sousa, e pouco depois por Christovão Jaques.

Este Fidalgo adiantou muito aquelle descobrimento, e foy dar à Bahia, que elle chamou de todos os Santos, aonde meteo no fundo duas náos Francezas, que sem nossa licença comerciavaõ com o Gentio da terra. Bem informado ElRey das conveniencias, que podia dar a Provincia de Santa Cruz, tirando-as à Coroa, repartio as Capitaniãs por pessoas particulares, que à sua despeza as povoassem.

Já dissemos na nossa Geografia, que a America Portugueza se divide em quatorze Provincias, a que chamamos Capitaniãs, a saber, o Pará, Maranhão, Ciará, Rio Grande, Paraiba, Tamaraçá, Parnambuco, Sergipe, Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. As gentes de Malaca saõ os Antipodas dos nossos Americanos, que ainda não penetraraõ o barbaro Sertão, o qual em duvidosa estimação corre por algumas trezentas leguas ao Occidente até se pren-

prender nas encadeadas montanhas do Perú, que ^{Era} fazem verdadeiro o fabuloso Olympo. ^{vulgar}

Capitanias da Provincia de Santa Cruz.

P A R Á.

O Graõ-Pará he a primeira Capitanã do Brasil, e tomou este nome do Rio Pará, que vulgarmente dizemos das Amazonas, e os naturaes Paraguassum, que quer dizer Largo mar. Este grande Rio, hum dos mayores, ou o mayor do mundo, depois de banhar com o seu giro mais de tres mil leguas de terra, e de dar de beber a duzentas nações diferentes, vem entregar-se ao mar na costa desta Capitanã por huma boca de setenta leguas de vaõ.

Francisco Caldeira de Castello Branco foy o ^{1516.} povoador, e conquistador do Pará, de que El-Rey D. Manoel lhe fez mercê; mas pelo decurso dos tempos passou o seu dominio à Coroa, aonde se conserva.

M A R A N H A Õ.

A Grande Capitanã do Maranhão, que se estende por quatrocentas leguas de Costa, e com titulo de Estado se separa do do Brasil, foy descoberta por Luiz de Mello da Silva. He paiz delicioso, abundante de frutos, entre elles cacão, anil, e cravo. O Governador Gaspar de Sousa a mandou povoar por Jeronymo de Albuquerque, que levanto

Ggg ii tou

Era vulgar. tou hum Forte na praya do Buraco das Tartarugas ; e obrigou os Francezes , que alli queriaõ estabecerse , a retiraremse à Ilha de S. Luiz.

Mas nem aqui os deixou o Albuquerque ; porque com o soccorro , que de Parnambuco lhe trouxe Alexandre de Moura , os lançou fóra da Ilha , aonde temos a Cidade de S. Luiz , Capital do Maranhão. Não parou aqui o empenho dos Francezes , que para avançarem os seus interesses , sempre pretextaraõ duvidas à cerca dos limites deste Estado , pertendendo estenderse até o Rio das Amazonas.

Já pela paz de Nimega haviamos cedido a França a Ilha Caena ; mas como dependencia sua , quiz ElRey Luiz XIV. insinuar-se na referida Costa ; empenho , a que se oppoz com as armas na mão Antonio de Albuquerque Coelho , que entãõ governava o Pará. Na paz de Utrech se ajustou esta differença , e confessou França fer o termo do dominio Portuguez o rio de Vicente Pinçon até a sua margem Meridional. Está o Maranhão no dominio da Coroa.

C I A R Á.

O Ciará , ou Seará , he huma Capitanía ; que nunca teve Donatario , e mereceo aquelle nome por ser huma vastissima extensão de paiz inculto , aonde temos huma debil povoação , e hum Forte muy fraco. Fica assentada esta Capitanía em tres grãos e meyo Austraes entre o Maranhão , e o Rio Grande , e abunda de salinas , e de páo violeto.

RIO

R I O G R A N D E.

[Era
vulgar.

A Capitanía do Rio Grande foy descoberta por Nicoláo de Refende , e sempre da Coroa. He habitada dos mais ferozes Gentios , que cria o barbaro Sertão da America , e nella temos huma das melhores Fortalezas daquelle Estado , que dista meya legua da Cidade.

P A R A I B A.

A Capitanía , e Cidade da Paraiba , que tomaraõ o nome do Rio , que as banha , são das mais importantes da America. ElRey D. Joáo III. ¹⁵³⁵ a deu ao famoso Joáo de Barros , que a mandou povoar por seus filhos acompanhados de novecentos homens ; mas elles se perderaõ junto ao Rio Maranhão , e depois de passarem muitos trabalhos em huma Ilha , voltaraõ ao Reino , e nada conseguiraõ. Dahi a muitos annos , o Cardeal Rey D. Henrique a mandou povoar à custa da Coroa por Fructuoso Barbosa.

T A M A R A C Á.

A Ilha , e Capitanía de Tamaracá em sete grãos e meyo do Equador para o Sul , foy dada por ElRey D. Joáo III. a Pedro Lopes de Sousa , que a conquistou , e povoou. Tem poucos moradores , e muitos engenhos de assucar : na sua mayor eminençia jaz situada a Villa da Conceição , da qual , e de toda a Ilha , foy depois senhor D. Antonio de Atais

Era
vulgar.

Ataide, primeiro Conde da Castanheira, donde passou por casamento à Casa dos Marquezes de Cascaes.

PARNAMBUCO.

A Provincia de Parnambuco taõ famosa pela riqueza, como celebre pelas armas, de que logo a veremos theatro glorioso, he dos mais deliciosos paizes da America; regada de vinte e cinco rios com excellentes portos para embarcações diferentes; povoada de onze mil vizinhos repartidos por varias Villas, e Cidades, de que he Capital a de Olinda; com moradores riquissimos, e drogas estimaveis, além de cento e vinte engenhos de assucar.

Corre de oito até mais de dez grãos para o Sul da Linha, e pelo Sertão se estende tanto em campinas, e bosques, que se lhe naõ acha limite com a terra. O pão Brasil de Parnambuco he o mais fino, e de melhor estimação na Europa.

1551.

A Duarte Coelho, que chegara da India rico de cabedaes, e de serviços, fez El Rey D. Joã III. mercê desta Capitania, que por elle foy povoada, e defendida aos Indios com Soldados, e navios à sua custa. Padeceo Duarte Coelho muitos trabalhos com os Gentios Caites ajudados dos Francezes; mas a sua constancia, atropellando difficuldades, a pesar de resistencia larga, conseguiu o seu glorioso intento; constrengendo aquelles inimigos a buscarem no interior do Sertão morada com menos susto.

Depois continuaraõ seus descendentes no mes-
mo

mo empenho com mayores avances até Duarte de Albuquerque Coelho, que por mercê de Philippe III. foy Conde de Parnambuco, e Marquez de Basto, cuja casa herdou a de Vimioso. Algumas pretenderaõ o dominio de Parnambuco, que hoje se acha unido à Coroa.

Era
vulgar

S E R G I P E.

DA Capitanã de Sergipe he Capital à Cidade de S. Christovaõ, que consta de quatrocentos visinhos, e oito engenhos. A Provincia he pobre; porque como não tem portos, lhe falta o commercio, e dá consumo aos seus effeitos pela Bahia. Fica em doze grãos Austraes, e não he de Donatario.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

ABahia foy descoberta por Christovaõ Jaques, e he a mayor, que se conhece no mundo: comprehende não só o feyo, que a fórma; mas a Provincia, aonde jaz. O primeiro Portuguez, que por caminho desgraçado a povoou, foy Diogo Alvares, que perdendo-se na sua costa, escapou pelo seu agradavel modo de achar com os companheiros sepultura no ventre dos barbaros.

Entre elles se fez arbitro Diogo Alvares, e adquirio summa estimação; porque à vista do Gentio matou hum passaro com hum arcabuz, que salvara, e depois na guerra em seu favor alguns Tapuyas. Em hum navio Francez foy elle a Pariz, donde voltou para a America; mas em quanto alli se deteve, deu larga conta das singularidades da Bahia a Pedro
Fer-

Era Fernandes Sardinha , que estudava na Universidade
vulgar. daquella Corte.

Vindo este a Portugal informou a ElRey do que passara com Diogo Alvares; e porque nesse tempo chegava da India Francisco Pereira Coutinho com serviçostaes, que pediaõ premios grandes, ElRey o fez senhor da Provincia da Bahia, para que a povoasse à sua custa. Levou Francisco Pereira em paz os primeiros tempos; mas converteo-se o socego em oito annos de dura guerra, que o obrigou a retirar-se à Capitanã dos Ilheos.

Daqui ajustou pazes com o Genticio, e querendo voltar à Bahia se perdeu no mar; porém veyo encontrar mayor naufragio em terra, aonde elle, e os seus acharaõ a morte nas mãos dos Tupinambás, nos seus ventres sepulturas.

1549. Por falta do valeroso Francisco Pereira Coutinho tornou ElRey a tomar posse da Provincia, e mandou ao Capitaõ General Thomé de Sousa com cinco náos; todos os sujeitos necessarios para o governo Ecclesiastico, Politico, e Militar; muitos Casaes de moradores, trezentos e vinte Soldados; outros tantos degradados, e varios artifices mecanicos, para que fundasse a Cidade, que foy chamada de S. Salvador, Capital, e hoje Metropoli do Vice-Rey, Arcebispo, Relaçao, e Arsenal, cabeça de todo o Brasil.

1550. Empenhou-se ElRey D. Joaõ III. no esplendor da Bahia, e elegeo para primeiro Bispo a Pedro Fernandes Sardinha, que em Pariz esteve com Diogo Alvares; mas perdendo se a não, que levava muita gente, elle, e todos foraõ pasto dos salvagens. Com a mesma efficacia continuou ElRey os
annos

annos seguintes em povoar a nova Cidade, que entregava a Governadores cuidadosos, e chegou à grandeza, em que hoje a vemos. Era vulgar

I L H E O S.

A Capitanía dos Ilheos tem por Capital a Vila do seu nome, que lhe provém de tres Ilheos, que tem junto à embocadura do rio. He cortada de doze muy caudalosos, que lhe fertilizaõ os campos. El Rey D. Joaõ III. deu o senhorio della a Jorge de Figueiredo Correa, Commendador na Ordem de Christo, Fidalgo de muitos merecimentos, que na sua povoação dispendeu grossos cabe-daes. 1546.

Porém seu filho Jeronymo de Alarcão a vendeo depois a Lucas Giraldes, que trabalhou no seu augmento, e avançaria os interesses, se a monstruosa inundação dos Gentios Aimores naõ o obrigassem a abandonalla, e retirar-se à Bahia, donde o Governador Mendo de Sá acodio a reconquistalla, o que com effeito conseguiu; mas a sua primitiva opulencia nunca mais se lhe restituiu. Ultimamente a possuirão os Almirantes de Portugal da Illustre familia de Castro; hoje se acha incorporada na Coroa, e em satisfacção della El Rey D. Joseph fez Conde de Resende de juro, e herdade ao ultimo possuidor D. Antonio Joseph de Castro, Almirante de Portugal, concedendo-lhe tambem de juro, e herdade o Almirantado, e cinco mil cruzados de renda.

Era
vulgar.

PORTO SEGURO.

A Capitanía de Porto Seguro conserva o mesmo nome, que lhe poz Pedro Alvares Cabral quando a descobrio. Tem cincoenta leguas de Costa, que ElRey D. Joáo III. deu a Pedro de Campos Tourinho, natural de Viana. Este passou a ella com familia numerosa, e muitos casaes de gente: começou a cultivalla, e povoalla; mas ficando por seu falecimento a sua filha Leonor de Campos, ella a vendeo por cem mil reis de juro a D. Joáo de Lancastre, Duque de Aveiro: e ElRey Philippe IV. a deu com titulo de Marquezado a seu bisneto D. Luiz de Lancastre.

ESPIRITO SANTO.

1525. **A** Capitanía do Espirito Santo foy dada por D. Joáo III. a Vasco Fernandes Coutinho, que passou a povoalla com gente, navios, e aprestos à sua custa, e fundou a Villa do Espirito Santo, de que a Provincia tomou o nome. Nos descendentes de Vasco Fernandes continuou este senhorio até Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, Almotacé mór, que no reinado de D. Pedro II. a vendeo ao Coronel Francisco Gil de Araujo, e ElRey D. Joáo V. a comprou para a Coroa.

RIO DE JANEIRO.

A Provincia do Rio de Janeiro, deliciosa pelo clima, rica pela fertilidade, tomou o nome do primeiro dia do anno, que foy o do seu descobrimento;

brimento ; mas com impropriedade o de Rio ; porque o mesmo mar he que fórna aquelle braço restringindo-se entre eminentes penedias , e abrindo a boca , faz hum formoso seyo de vinte e quatro leguas , e oito de diametro. Os seus campos são abundantes , bem povoados , e com cento e nove engenhos.

Era
vulgar.

O Francez Nicoláo Villagailhon , já antes do nosso estabelecimento neste paiz , pertendia senho-reallo , ou ao menos o commercio : agora com foccorros novos , que trouxera de França , unido com os Tamoyos da terra , usurpava as nossas regalias , introducindo nas gentes de Europa perniciosas plantas para os Portuguezes na America.

Mendo de Sá , que governava na Bahia , veyo em pessoa espalhar esta nação ainda volante , antes que se arraigasse. Gonsseguiu-o à força de armas , e deixou recommendada a continuação daquella conquista a seu sobrinho Estacio de Sá ; porque os Tamoyos com os foccorros de França não cessavaõ de perseguirnos.

1566.

Informada a Rainha D. Catharina , Regente do Reino , do empenho dos Europeos , mandou consideraveis forças , para que unidas com as da Bahia as ordens do tio , e sobrinho , cortassem o mal pela raiz. Não especificaremos os casos desta guerra já vulgar em escritos sublimes : porém se nella perdeu a vida Estacio de Sá , o Governador seu tio lhe vingou a morte , abateo os Francezes , e domou os Tamoyos , sem valerem a huns o numero , a outros a industria.

Como os frutos desta impertinente guerra foram affolações dos povos antigos , se começaraõ a

Era
yulgar. fabricar pelos nossos povoações novas, para gozarem contentes os beneficios da paz. Entre todas he celebre a de S. Sebastião; nome, em que unimos o obsequio de ElRey com a devoção do Santo; Cidade grande, e Capital da Provincia, que está hoje na Coroa.

Mas os Francezes, e Tamoyos nem vendonos fortificados deixaraõ de perseguirnos, renovando a guerra com as suas ruinas. Governava já ElRey D. Sebastião, que mandou a Antonio Salema marchasse de Pernambuco a incorporar-se com o Governador Christovão de Barros para acabarem de hum golpe a teima dos Francezes, e a obstinação dos Tamoyos.

Por mar, e terra lograraõ os nossos o seu intento, vencendo a porfia com a constancia. Os Francezes se entregaraõ nas nossas mãos, tendo-as, ainda que inimigas, por mais piedosas, que as do Gentio confederado: este se retirou ao Sertão, deixando bem regadas com o seu sangue as plantas, de que começamos a recolher frutos pacificos.

S. VICENTE.

ELRey D. João III. deu a Capitanía de S. Vicente a Martim Affonso de Soufa, que foy Governador da India, irmão de Pedro Lopes de Soufa, Capitaõ de Tamaracá. Ella foy huma das primeiras que povoámos, e tomou o nome da Villa de S. Vicente sua Capital. O seu assento he quasi debaixo do Tropico Austral, com clima taõ benigno como o de Portugal, e por isso abundante dos frutos, que produz Hespanha. Muito tempo andou na Casa dos Marquezes de Cascaes; mas hoje he da Coroa, Ei.

Estes são os Estados, que a Coroa Portugueza domina na America com tantos interesses do Reino, como vemos cada anno nas numerosas frotas, que entraõ pelo Tejo carregadas de estimaveis drogas. Muitos trabalhos padeceraõ os Portuguezes na sua conquista; mas lograõ em paz a posse de hum mundo, que para as suas commodidades se defen-
tranha.

Era vulgar

Depois que os Portuguezes domaraõ o Gen-
tio da terra, occupados em cultivalla, depozeraõ as armas, que descansaraõ muitos annos em venturosa ociosidade; mas como as prosperidades grandes, quando se gozaõ sem moderação, produzem vicios, e os escandalos publicos gritaõ por vingança de estrondo; os peccados do Brasil clamavaõ pela sua ruina, ou para exemplo de huns, ou para emenda de outros, mas para aviso de todos.

Origem da guerra Brasílica.

TAnto que Portugal perdeo os seus Reys naturais, o odio ao dominio nos deu por contrario aquelles, que até entãõ reconheciamos mayores amigos. Taes foraõ os Hollandezes, que havendo sacodido o jugo de Hespanha, formidaveis no mundo, andavaõ abrindo os fundamentos para hum Imperio nos terrenos de Castella. Já com as forças da Companhia Oriental gemiaõ opprimidas as nossas conquistas da Asia, agora com as da Occidental começou a tremer a America.

Corria o anno de 1622, quando varios Princes, e Estados de Europa, com o pretexto da Val-
telina,

Era vulgar. telina, ajustaraõ a celebre liga de Avinhaõ, que tinha por intento occulto o abatimento de Hespanha, e dos seus parciaes. Repartidas as emprezas pelos contratantes, coube aos Hollandezes a invasaõ da nova Lusitania, para o que ordenaraõ huma Companhia semelhante à que sustentava a guerra do Oriente, aonde as suas bandeiras tremolavaõ ousadas, sem haver Estreito, e recosto, que com ditoso atrevimento naõ devassassem os seus navios.

Ordenada a Companhia por instancia do fatal arbitrista Yans Andres Mohertecan, se travou a primeira discordia, que até aquelles tempos houve entre nós, e Hollanda; preparado o theatro para aquellas tragedias, que dispoem a desordem dos governos, em que a omissaõ dos Principes faz liga com a ambiçaõ dos Vassallos.

1623. A Cidade de S. Salvador da Bahia até entaõ defendida com a justiça da posse, descuidados os nossos na segurança da terra, foy a primeira sobre que marcharaõ as armas de Hollanda seguras da victoria; porque hiaõ combater huma Praça defendida com a enganosa confiança de huma larga paz.

1624. Mas como os defensores eraõ Portuguezes, para gozarem o triumpho, lhes foy necessario avantajar-se na porfia à constancia da resoluçaõ.

Rendida a Cidade ao General Hollandez Jacques Guilhelmo, os Portuguezes, que naõ souberaõ defender muros, se sustentaraõ firmes na campanha, e com repetidos encontros, já limpas as armas da ferrugem, mostraraõ aos inimigos, que cada palmo de terra lhes havia custar huma victoria; muitas vidas, muito sangue.

Affustouse Hespanha com a nova desta perda;

Por-

Portugal não pasmou na magoa; mas preparou foccorros, que reparassem o damno. Não o entendeu assim a Corte, que por defeito da vista, olhou no desasocego menos promptidaõ. Entaõ a Nobreza Lusitana briosa, ou estimulada, fazendo da honra da Patria caso da sua honra, com illustre exemplo navegou a Provincias remotas, para ver se achava gloria em climas diferentes; como se lá não chegassem com o mesmo vicio os influxos do primeiro Astro.

Era vulgar,

Sahiraõ de Hespanha à restauraçãõ da Bahia os Generaes D. Fradique de Toledo com a Armada Hespanhola, e D. Manoel de Menezes com a Portugueza. Daqui em diante começaraõ os mares da America a gemer com o pezo de muitas Esquadras, combatendo Armadas unidas, já navios soltos, huns queimados, estes a pique, outros varados, espectaculos à humanidade horriveis, ao furor gratos. Com semelhantes catastrofes se afflige a terra, aballada com o estrondo de exercitos, regada com fangue em repetidos choques, muitos, que pareciaõ batalhas, tantos, que excediaõ o numero dos dias, muitos para taõ breve Historia: cercos de Cidades, atãques de Fortalezas, ruinas de Provincias, transmigrações de povos, incendios de fazendas, tudo foraõ objectos, que nos excessos da lastima não davaõ lugar a que a conhecesse a colera, quando a sentia a compaixaõ.

A alta Providencia favoreceo os brios Portuguezes, que já não disputavaõ tanto a causa do Imperio, como a da Religiaõ. Reconquistámos a Bahia com hum sitio de quarenta dias, e entregámos a Cidade à conduçta de D. Francisco de Moura. Porém

Era
vulgar.

rém a força da Companhia Hollandeza resistio ao golpe desta primeira perda: appareceo a sua Armada, que navegava em socorro da Bahia; retirouse atacada da nossa; e não podendo invadir Parnambuco, e a Parahiba, ficou sem acção naquelles mares.

1630. Nos annos, que se seguirão até o de 1630 se mostraraõ menos ufanas as armas Hollandezas no Brasil, convertendo em circumspecção quanto antes ostentaraõ de fastosas. Porém avançada a Companhia em grossos cabedaes, que avultaraõ com o roubo, que o General Petre fez na frota da Terra firme, que governava D. João de Benavides, se estimularaõ os Hollandezes a profeguir em Parnambuco o empenho, que principiaraõ na Bahia.

Vivia esta Provincia entregue àquellas dissoluções, que nascem da vida licenciosa nutrida com as abundancias, sem freyo, que a sopeye; e escolheu Deos aos Hereges do Norte para flagellos de Parnambuco, e aos Portuguezes depois de castigadas as culpas, para instrumentos das suas maravilhas.

Antes que os Hollandezes chegasssem a Parnambuco, com forças vagas, e resoluções incertas, se dispunha Mathias de Albuquerque para a defenfa; porém frustradas as suas idéas, que soube dissipar a fortuna de Hollanda, perdemos a Villa de Olinda, o Recife, o Forte de S. Jorge, e ficámos senhores da Campanha, interpondo na fortaleza dos peitos inaccessiveis reparos às irrupções dos vencedores soberbos, que empregaraõ os seus primeiros cuidados em levantar novas fortificações, entre ellas mais importante a da Ilha Tamaracá.

Depois de varios pareceres, reholveraõ os Conselhos de Hetpanha, que a restauração de Parnambuco

buco se intentasse por meyo de huma guerra lenta ; ^{Era} mas naõ obstante esta determinação , foy grande o ^{vulgar} soccorro , que o Almirante D. Antonio de Oquendo deixou na Provincia às Ordens do Conde de Bannholo , para que reforçado o nosso Real , sustentassemos a campanha.

Com resoluções mais promptas acodiaõ os Hol- 1631.
landezes aos nossos conquistadores ; e andando naquelles mares o General Adriaõ Patry , determinou buscar o Oquendo , e entregar à decisaõ de huma batalha a importancia da empreza. Atacaram-se as Armadas , ganhou Oquendo o triumpho ; mas Patry antes perdeu a vida , que a victoria ; porque amortalhado no Estandarte de Hollanda , com desesperação , ou com honra , se lançou à sepultura das ondas.

Foy fructo desta victoria o abandonamento de Olinda ; porque os Hollandezes entenderaõ , que a sua conservação dependia de terem unidas as forças ; mas antes de a largarem , celebraraõ as exequias da Villa com o incendio dos Templos. E por naõ terem ociosas as armas , foraõ sitiadas na Paraiba o Forte de Cabedello , aonde foy muy desigual o effeito à esperança.

Continuava a guerra com successos varios : com- 1632.
batia , e triumphava o nosso Real ; mas ao descuido de Hespanha se hiaõ seguindo as perdas no Brasil ; rendida a Ilha de Tamaracá , abandonada a Villa de Garassú , com outras ruinas , que de ameaçadas passariaõ a sentidas , se naõ chegasse aos nossos o soccorro , que Francisco de Vasconcellos da Cunha trazia a seu cargo.

Augmentavaõ-se os inimigos , e quando Sigif- 1634.
Tom. VI, liij mundo

Era
valgar. mundo se fazia senhor da Paraiba, os Tapuyas
nos atacavaõ em Parnambuco. Por toda a parte
cresciaõ os males, que o valor de Mathias de Al-
1635. buquerque naõ podia remediar. Neste máo estado
achou as cousas de Parnambuco D. Luiz de Roxas
1636. e Borja, que succedeo ao Albuquerque; porque
as Esquadras de D. Lopes de Offis, e de D. Rodrigo
Lobo, embaraçadas de accidentes fortuitos,
perderaõ a melhor occasiaõ da nossa felicidade.

Cahiraõ sobre nós os effeitos das erradas dispo-
sições de D. Luiz de Roxas, a que se seguirão os
desastres do tempo do Conde de Banholo, seu suc-
cessor no cargo, e nos desmanchos, que talvez re-
presentaria mayores a pouca satisfação dos Solda-
dos. Daqui em diante, ou em todo o discurso des-
ta guerra, sustentou nos hombros da sua constan-
cia o empenho da liberdade o memoravel Joaõ Fer-
nandes Vieira, cujas façanhas, debaixo do nome
de Valeroso Lucideno, fez publicas ao mundo mais
dilatada penna. Tambem naõ devemos esquecer o
famoso Camaraõ; porque as suas cores naõ impedi-
raõ as suas virtudes, merecedoras de distinctos pre-
mios, e de eternos applausos.

Passou ao Brasil o Conde de Nassau Joaõ Mau-
ricio, e vendo já o seu Estado com firmeza, in-
sensivelmente se adiantou o credito à soberania, e
degenerou esta em insolencia, entregue a primeira
moderação das armas aos impetos cegos da vanglo-
ria. Justamente se enfureceraõ os povos de Parnam-
buco com os seus oppressores; porque he difficulto-
so darse violencia sem desesperação, agravo sem
vingança. Estes saõ os casos, em que as ruinas
aconselhaõ ousadias, perfilhando os animos aquel-
las

las resoluções , que buscaõ atalhos breves , sem

Erã
vulgarl

attenção ao que tem de impraticaveis. Deste modo se portou Joaõ Fernandes Vieira , e os briosos moços de Parnambuco , que o elegeraõ por seu Cabo. Advertiraõ , que os adiantados progressos de Hollanda tinhaõ reduzido o Brasil a absoluto pedaço do seu dominio ; e que só do valor das suas espadas podiaõ esperar para os males remedio , para o cativeiro liberdade , ainda que alguns prudentes dessem à resolução dos seus animos o caracter de inconsiderado tumulto.

1637.

Em quanto Parnambuco afiava a espada , ganhavaõ os Hollandezes a Provincia de Seará , e invadiaõ a dos Ilheos : porém o Conde de Nassau reputando pequenas estas emprezas para serem executadas por pessoa tamanha , marchou a sitiãr a Cidade de S. Salvador da Bahia ; aonde nas mãos do Governador Pedro da Silva , e do Conde de Banholo , que largara a guerra de Parnambuco , deixou por depojos da victoria a vaidade da reputação.

1638.

Foy continuando a guerra sem alterar a variedade , com que a sua fortuna costuma mudar os aspectos , até o anno da feliz Acclamação : porém não devemos passar em silencio huma das mayores expedições , que vio o mundo , executada pelo nosso valor na America. Quando o Conde da Torre foy ao Brasil , e empregou em varias occasiões inutilmente o seu esforço , e sufficiencia , antes de navegar para as Indias de Castella , deixou na Bahia da Traição mil Soldados de soccorro às ordens do Mestre de Campo Luiz Barbalho.

Vendo-se elle naquella praya deserta em termos de morrer de fome pelo não poderem soccorrer

Era vulgar. os moradores do paiz , exhortou os seus para huma das mayores gentilezas , e à resoluçãõ se seguio o effeito. Voltou por terra para a Bahia , atravessando com a sua gente quatrocentas leguas de impraticaveis desertos , já combatendo com os Hollandezes , já brigando com as feras ; e triumphando a confiança a cada passo , o ultimo de tão trabalhosa carreira merecia mayores premios , que os dos Athletas vencedores nos jogos Olympicos.

Continuaçãõ da Historia depois da Acclamaçãõ de ElRey D. Joã IV.

1641. **C**Hegou à America a noticia da Acclamaçãõ ; sendo Vice-Rey daquelle Estado o Marquez de Montalvaõ , que com o seu ardente espirito dava grandes esperanças aos afflictos moradores de Parnambuco , se fora mais dilatada a sua assistencia no Brasil. Alvorocaraõ-se os animos com aquella nova , e já participantes das influencias de melhor Astro , começaraõ elles a influir no beneficio da liberdade.

Porém ao passo das esperanças se adiantavaõ na carreira as insolencias , que ainda nos affligiraõ quatorze annos. Ellas enfureceraõ os povos , moveraõ à compaixãõ os Indios brutos , sem alterar a primeira resoluçãõ ao clamor de tantas lastimas o Governador Antonio Telles da Silva , que para continuar insoffrivel paz , queria temperar revoluções justas. Assim se expoz , por conservar com inimigos amizade incorrupta , a padecer demonstrações sensiveis , a não encontrar nas ondas morte lastimosa.

Ainda que desamparados, continuavaõ os moradores de Parnambuco com obstinaçaõ briosa a força da guerra, sem a qual tinhaõ por impossivel haver paz. E como já viaõ hum Rey pay, esperavaõ que não tardasse o desempenho de ambos os titulos, o que lhes mostrou a experiencia com a chegada do grande Francisco Barreto de Menezes, a cuja valerosa espada deveraõ Parnambuco, e Angola a sua liberdade.

Era
vulgar!

Começaraõ a ver os Hollandezes, que a sua ferocidade até entãõ não domada pelos Hespanhoes, e Portuguezes Vassallos de hum Castelhano, se abatia sómente a Portuguezes Vassallos de hum Rey de Portugal. Não poderemos referir os muitos encontros, em que as nossas armas se mostraraõ animadas do primitivo espirito: bem o experimentou o inimigo nas duas batalhas dos Gararapes, e na expediçaõ da Bahia, aonde houveraõ de ceder valerosos a arrogancia de soberbos aquelles que pouco antes, ou nos desprezavaõ cativos, ou nos desatendiaõ cobardes.

Em quanto Francisco Barreto, Joãõ Fernandes Vieira, e os mais authores da liberdade obraõ estas maravilhas em Parnambuco, no Reino não faltavaõ zelosos, que em contraposiçaõ da Companhia Hollandeza levantassem outra, a que chamaraõ Companhia geral dos comercios do Brasil, favorecida de El Rey, e sustentada pelos interessadoss.

Na primeira frota da Companhia foy General ^{1649.} o illustre Conde de Castello Melhor, amante, e fiel patricio; e se bem a novidade affustou os moradores, a repetiçaõ das viagens lhes fez conhecer os

in-

Era
vulgar. interesses, e todo o Brasil apalpava o seu melhora-
mento, agora com esperanças mayores; porque o
rompimento de Inglaterra com Hollanda atava as
mãos a esta Republica para os soccorros do Brasil.

A certeza desta falta animou a Francisco Barreto, e aos seus Cabos João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, e Francisco de Figueiroa para apertarem os Hollandezes de forte, que não alargassem o passo fóra do recinto das fortificações.

1653. Mas como já chegava o tempo de pôr Deos os olhos no seu povo afflicto, ferrou o porto do Recife a frota da nossa Companhia formada de sessenta e quatro navios, de que era General Pedro Jacques de Magalhães, e seu Almirante Francisco de Brito Freire, que com illustre penna escreveu esta guerra, em que empregou a sua valerosa espada.

Felizmente preságo entendeu Francisco Barreto, que bastava a formosa perspectiva daquella frota para acabar de render os que haviaõ resistido a tantas, e tão poderosas Armadas. Determinou-se a tomar a ultima resolução, mais gloriosa intentada, que conseguida. Pedio ao General quizesse demorar-se naquella paragem sem esperar d'elle outra operação, que ou authorizar a victoria com a presença, ou ver acabar gloriosos os que offereciaõ à honra da mayor estimação os derradeiros cultos.

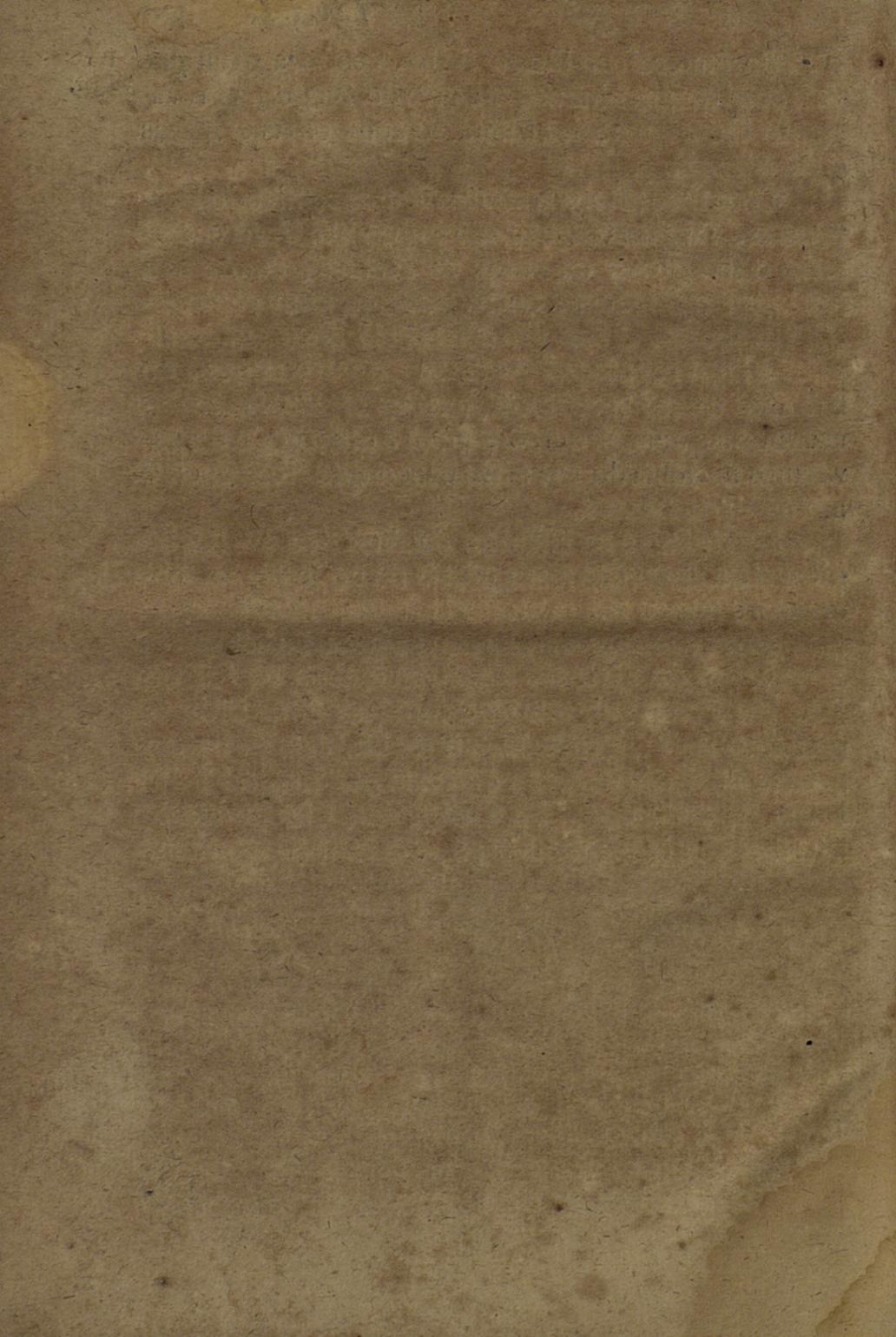
1654. Não foy esta a acceleração, que pario abortos. Era o dia 15 de Janeiro, e já caminhavaõ à execução os conselhos do dia 20 do precedente Dezembro. O movimento das nossas armas alterou ao General Sigismundo, e ao seu conselho, ignorantes de hum tentativo cheyo de apparencias de temeridade;

de: porém cresceo-lhes o susto, vendo a promptidão com que ganhámos o Forte do Rego, e o valeroso Henrique Dias Camaraõ com os seus Minas o de Altená.

Era
vulgar.

Com successivos triumphos fomos rendendo Fortalezas, largando outras o inimigo até ficar encerrado o seu poder na Praça do Recife, aonde não fez larga resistencia, entregando-se com capitulações honrosas. Assim vio o General Sigismundo espirar a fatal revolução de vinte e quatro annos, no fim dos quaes receberaõ leys os Hollandezes dos mesmos a quem as deraõ, com a differença de havermos nós obrado em onze dias o que elles fizeraõ em dobrados annos.

Restituídos os Estados da America ao seu legitimo Senhor com tanta gloria do nosso nome, começou a lograr até o presente imperturbavel sossego, sem mais inquietação, que alguns movimentos a respeito da Colonia do Sacramento na foz do Rio da Prata vulgarmente sabidos. Nos ultimos reinados de D. Pedro II., e de D. Joaõ V. descobrimos as Minas geraes, que tem por Capital Villa Rica, e as de Quiabá, e Goyazes, que podemos accrescentar às Capitaniás, que deixamos referidas.



INDICE

DO QUE CONTE'M ESTE VI. TOMO.

Os numeros denotaõ as paginas.

A

- A** *Belhas*. O primeiro que descubrio a sua cultura, pag. 26.
- Abenmarca*. Derrota a D. Rodrigo, Rey Godo, em Hespanha, 150.
- Abidis*. Criado por huma Cerua nos campos de Santarém, 26. Toma posse da Lusitania, 29.
- Academia Real*. Fundada por ElRey D. Joaõ V., 348.
- Acclamação de ElRey D. Joaõ IV.*, 305.
- D. Affonso*, Rey de Hespanha. Triunfos que conseguiu contra os Mouros, 153.
- D. Affonso*, o *Caste*, Rey de Hespanha, 156.
- D. Affonso*, o *Grande*, Rey de Hespanha, suas acções, 161.
- D. Affonso Henriques*, I. Rey de Portugal, suas heroicas acções 197. e seg. Seu casamento 204. Sua successão, 210.
- Tom. VI.
- D. Affonso II*. Rey de Portugal, ^Vo seu Elogio, 215, e seg.
- D. Affonso III*. Rey de Portugal, o seu Elogio, 221.
- D. Affonso IV*. Rey de Portugal, o seu Elogio, 231. Sua successão, 238.
- D. Affonso V*. Rey de Portugal, sua vida, e acções, 262. Porque lhe chamaraõ Africano, 265. Suas expedições, 370.
- D. Affonso V*. Rey de Hespanha, 169. Sua morte, 171.
- D. Affonso VI*. Rey de Portugal, o seu Elogio, 318. He deposto pelos Estados do Reino, 336.
- Affonso Furtado de Mendoca*. Ganha o choque de Val de la Mula, 332.
- D. Affonso de Noronha*, Vice-Rey da India, 405.
- Agila*, Rey dos Godos, desbaratado pelos Cordovezes, 130.
- Alboacem*, Rey de Marrocos; Kkk ven;

- vencido por El Rey D. Afonso IV., 233.
- Albojaque*, Rey de Sevilha, vencido em Santarém, 207.
- Alcacer Ceguer*. Tomada aos Mouros pelos Portuguezes, 369.
- Alcoçauça*. Sua fundação, 204.
- Alemquer*. Fundação dos Godos, 124.
- Amayas*. De donde deduzem a sua origem, 170.
- America*. Seus primeiros habitadores, 417. O seu descobrimento, 418. Provincias em que se divide, *ibid.* e seg.
- Amilcar*. Entra em Hespanha, e vem a Lisboa, 46.
- Andaluzes*. Vencem os Fenices de Cadiz soccorridos por sessenta mil Lusitanos, 32.
- André de Albuquerque* o que obrou na batalha das linhas de Elvas, 323.
- André Furtado de Mendoça*, Governador da India, 410.
- Anibal*. Entra a governar Hespanha, 39. Suas acções *ibid.* e seg. Derrota cem mil Hespanhoes, que lhe disputavaõ a passagem do Tejo, 51.
- D. *Antão de Noronha*, Vice-Rey da India, 407.
- D. *Antonio*, Prior do Crato, aclamado Rey em Santarém, 302.
- D. *Antonio de Noronha*, Vice-Rey da India, 408.
- Apimano*, Capitão de Lusitanos, vence a Marco Manilio, 59.
- Ariamiro*, Rey dos Suevos, 133.
- Armada*. A que El Rey D. João V. mandou a Corfú em socorro do Papa, 348.
- Armas*. Quem inventou as primeiras de ferro que se virão em Hespanha, 25.
- Arzila*. Tomada pelos Portuguezes, 371.
- Asdrubal*. Governou Hespanha, e como, 49. e seg. Entra na Lusitania, *ibid.* Vencido pelos Celtiberos, 53. E por Scipião Africano, 54. Sua morte, 55.
- Ataces*, Rey dos Alanos, vence a Hermenerico Rey dos Suevos, 121. Desbaratado por Constancio, *ibid.*
- Ataides*. Origem deste apelido, 131.
- Athlante Italo*, vem à Hespanha, e a sujeita ao seu dominio de Italia, 20.
- Atilio*. Entra na Lusitania, 61.
- Aurelio*, Rey de Hespanha, 155.

B

- B** *Acco*. De que enganou sou para que os Lusitanos acclamassem Rey a seu filho Lyfias, 24.
- Badajoz*. Nesta Cidade foy pri-

- prisioneiro El Rey D. Alfonso Henriques, 207.
- Bahia*. O seu descobrimento, 423. O seu primeiro Bispo, 424.
- Batalhas*. Na Lusitania no tempo da Historia antiga, 102. e seg. 178, e seg. Outras no tempo da Historia moderna, 357.
- Bauccio Capeto*. Vence a Mezerbal, 36.
- Beja*. Porque se chama Pax Julia, 97.
- Berlengas*. Por quem foram descobertas, 39.
- D. Bermudo*, Rey de Hespanha, 156.
- D. Bermudo II*. Rey de Hespanha, 167.
- D. Bermudo III*., 171.
- Bernardo del Carpio*, de quem era filho, 157. Suas acções, *ibid*.
- Beto*, Rey de Hespanha, 13.
- Bohodes*. Entra a governar Hespanha, 43.
- Bracarenfes*. Defendem-se com valor de Marco Manilio, 59. Vencidos pelo Pretor Lucio Posthumio, 58. Restauroão a perda vencendo, 59.
- Braga*. Suas prerogativas no tempo de Augusto, 99. Fundaçãõ da sua Sé, 109.
- Bragança*. O seu fundador, 12.
- Brasil*. O seu descobrimento, 179. 415.
- Brigo*, Rey de Hespanha, 12. Que Cidades povoou na Lusitania, *ibid*.
- Bruto*. Entra na Lusitania, 72. Suas acções *ibid*. e seg.
- Burgos*. Cidade de Hespanha, sua fundaçãõ, 43.

C

- C** *Abo de Boa Esperanca*. O seu descobrimento, 379.
- Cabo Verde*. O seu descobrimento, 368.
- Calahorra*. Sitiada por Metello, 85.
- Cancheño*, Capitaõ dos Lusitanos, 61.
- Carracena*. O que obrou em Portugal, 333, e seg.
- Cartagineses*. Entrãõ em Hespanha, 35.
- Castigos*. Os que padeceo Hespanha na entrada dos Romanos, 53.
- Cavalleiros*. Os das Ordens Militares izentos dos direitos Reaes, 282.
- Cayo Calurnio*. Investe os Lusitanos junto de Madrid, e successos deste encontro, 58.
- Ceará*, ou *Seará*. Sua situaçãõ, 420.
- Celtas*. Entrãõ em Hespanha, 31. Começãõ a povoar na Beira, 33. Vencem os Sarrios, *ibid*. Saõ vencidos pelos nossos Vetones, 48.

Celtiberos. Vencem a Asdrubal, irmão de Anibal, 53.
Censorino. Entra na Lusitania, 56.
Cesar. Vide *Julio Cesar.*
Cesaron. Eleito Capitão dos Lusitanos, 59. Sua morte, 60.
Chindasvindo, Rey dos Godos, 140.
Christovão Colon, offerecese a El Rey D. Joaõ II. para descobrir as Indias Occidentaes, 377.
Chuva. Vide *Seca.*
Cid Ruy Dias. Quando nasceu, 171. He armado Cavalleiro, 173.
Cinanta, ou *Citania.* Cidade antiga da Lusitania, 73, 109.
Cindasfunda filha de Hermenrico, della trazem origem as armas da Cidade de Coimbra, 121.
Claudio Nero. Entra em Hespanha, 54.
Claudio Unimano. Vencido por Sertorio, 65.
Clerigos. Izentos dos direitos Reaes, 282.
Coimbra. Por quem foy fundada, 12. Origem das suas armas, 121.
Companhia de Jesus. Quando entrou em Portugal, 287.
Condeixa velha. Sua fundação, 42.
Constantino. Successos da Lusitania no tempo do seu go-

verno, 116.

D. Constantino de Bragança, Vice-Rey da India, 406.
Cunhas. Origem desta Familia, 170.

D

S. *Damaço,* Papa Portuguez, em que tempo subio ao Pontificado, 116.
Decio. Successos que teve sobre Braga, 73. E na Beira, *ibid.*
Desafio celebre. O de dous Soldados hum Portuguez, outro Romano, 84.
Diana. Fundação do seu Templo em Hespanha, 24.
D. Diniz, Rey de Portugal, o seu Elogio, 227.
Diogo de Azambuja. Edifica hum Forte Real nas visinhanças de Casim, 378.
D. Diogo de Menezes, Governador da India, 409.
Diomedes. Vem à Lusitania, 27.
Donzelas. Tributo infame que dellas se pagava aos Mouros de Cordova, 155.
D. Duarte, Rey de Portugal, sua vida, e accões, 260.
D. Duarte, Infante de Portugal, sua prizaõ em Alemanha, 310.
D. Duarte de Menezes, seu valor no sitio de Tangere, 381.

E

- E** *Burico*, Rey dos Suevos, 134.
Egica, Rey dos Godos, 144.
Elvas. Sua fundaçãõ, 31. Vi-
 stória que nella ganhámos,
 321. e seg.
Embaisada. A de El Rey D.
 Manoel ao Papa, 281. A
 do Conde de Soure a Cor-
 te de França, 324.
Emiliano. Vencido por Serto-
 rio, 68.
Eminio, Cidade antiga da Lu-
 sitania, sua fundaçãõ, 42.
Ervigo, Rey dos Godos, 143.
Espirito Santo, Capitania, o
 seu primeiro povoador,
 426.
Esterilidade. Vide. *Seca*.
D. Estevão da Gama, Gover-
 nador da India, 402.
Estremoz. Sitiada pelo Mar-
 quez de Carracena, 334.
Evora. Nella fez assento Serto-
 rio, quando entrou na Lu-
 sitania, 76. Obras que fez
 nella, 80. Que privilegios
 lhe deu Julio Cesar, 97.
 Porque se chama Liberali-
 tas Julia, ibid. He sitiada por
 D. Joãõ de Austria, 328.

F

- F** *Fenices*. O que obraraõ
 em Hespanha, 31. e seg.

Vencidos pelos Andaluzes?

32.
D. Fernando, Rey de Portu-
 gal, o seu Elogio, 232.
D. Fernando, Duque de Bra-
 gança, sua lastimosa morte,
 269.
Figueiredo, *Figueirõa*, ori-
 gem destes appellidos, 156.
Filippe II. Rey de Hespanha,
 entra em Portugal, 301.
Filippe III. Rey de Hespanha,
 303.
Fome. Vide *Seca*.
Francisco Barreto, Governador
 da India, 405.
D. Fruela, Rey de Hespanha,
 triunfos que conseguiu con-
 tra os Mouros, 153. Sua
 morte, 155.
D. Fruela II. Rey de Hespa-
 nha, 163.
D. Fuas Roupinho. Vence a
 Gami Rey de Valença, 208.

G

- G** *Alba*. Vem à Hespanha,
 e o que nella obrou, 62.
Gallegos. Vencidos pelos Ga-
 yos, 37.
Galliza. O primeiro que lhe
 deu leys, 28.
Gami, Rey de Valença, ven-
 cido por D. Fuas Roupin-
 lho, 208.
Garcia de Sá, Governador
 da India, 405.
Gayos. Vencem aos Gallegos
 que

- que pertendiaõ estabecer-se no Minho , 37.
- Gerião*, Rey de Hespanha, 13, 14. O seu reinado tyrannico, *ibid.* Morto por Osiris, 15. Succedem-lhe no governo os tres Geriões seus filhos, *ibid.* Rebelãõ-se contra Osiris, e lhe maquinaõ a morte, 16. Morte dos tres Geriões , 17.
- Godos*. Entraõ em Hespanha, 123.
- Gorgoris*, Rey da Lusitania, o seu governo , 26. e seg. Quando faleceo, 29.
- Guerra Braslica*, sua origem, 429.
- Guimarães*. Foy Corte de Portugal, 195.
- Gundemaro*. Rey dos Godos , 138.

H

- H** *Amilcar*. Entra em Hespanha, 46.
- Hanon*. Vem governar a Hespanha, 31. Fica prisioneiro de Marco Sileno , 55.
- D. Henrique*, tronco dos Reys de Portugal, sua vida, e accões, 180, e seg. 194. Seus pays, e patria, 182. Mostra se ser legitimo Rey de Portugal, 186. Sua successãõ, 196. O seu Elogio, 298.
- D. Henrique*, Infante de Portugal, seus descobrimentos, 364.
- D. Henrique de Meneses*, Governador da India, 400.
- Hercules*, filho de Osiris, vinga a morte de seu pay, dando-a aos tres Geriões de Hespanha, 17. Edifica hum Templo na Lusitania, 18.
- Hermenerico*, Rey dos Suevos, vencido por Ataces, Rey dos Alanos, 121.
- Herodes*. Veyo à Hespanha, e nella morreo, 109.
- Hespanha*. Dividida em duas Provincias, 56.
- Hespero*, Rey de Hespanha, o seu governo, 19.
- Hibero*. Vide *Ibero*.
- Hispalo*, Rey de Hespanha, inavidade do seu governo, 18.
- Hispano*, Rey de Hespanha, que tempo governou, e como, 18, 19.
- Hollandezes*. Pertenderãõ introduzir-se no Brasil, 429. e seg.
- Homem marinho*. O que appareceo na Costa de Lisboa, 108.
- Homero*, Poeta, veyo à Hespanha, 30.
- Huesca*. Sitiada por Pompeo, e Metello, 85.
- Hymilcon*. Entra na Lusitania, e o que nella obrou, 38, e seg.

I

- I Bero.** Quando entrou a governar a Lusitania, 10. Foy inventor das pescarias, *ibid.*
- D. Ignex de Castro,** sua morte, 237.
- Ilha da Madeira.** Seu descobrimento, 366.
- Ilheos,** Capitania, o seu primeiro povoador, 425.
- India.** O seu descobrimento, 279, 280, 387. Terras que nella possuímos, 410, 411.
- Inquisição.** Sua instituição em Portugal, 287.
- Joanne Mendes de Vasconcellos.** Derrota o Duque de S. German na batalha do Forte de S. Miguel, 319.
- D. Joao I.** Rey de Portugal, sua vida, e acções, 249. O seu casamento, 256.
- D. Joao II.** Rey de Portugal, 268. Seus descobrimentos, e conquistas, 374.
- D. Joao III.** Rey de Portugal, o seu Elogio, 286.
- D. Joao IV.** Rey de Portugal, sua feliz Acclamação, 305. Seu casamento, e successo, 317. Sua morte, 315.
- D. Joao V.** Rey de Portugal, o seu Elogio, 351. e seg. Seu casamento, e successo, 357.
- João,** Abbade de Lorvaõ, o seu valor, 159. Mata sua irmã, e sobrinhos, e porque motivo, 160.
- D. Joao de Austria,** General do exercito Castellhano, vem sobre as nossas Fronteiras, 325. Poem sitio a Evora, 328, e seg.
- D. Joao de Castro,** Vice-Rey da India, 404.
- João Fernandes Pacheco.** Vence em Trancofo hum exercito dos Castellhanos, 254.
- João das Regras.** Defende a causa do Mestre de Aviz, 253.
- Jorge Cabral,** Governador da India, 405.
- D. Joseph I.** Rey de Portugal, o seu Elogio, 351. e seg. Seu casamento, e successo, 357.
- S. Iria.** Seu glorioso martyrio, e sepultura, 141.
- Ismar,** ou *Ismael.* Vencido por ElRey D. Affonso Henriques, 201.
- Jubalda,** Rey de Hespanha, quando começou a governalla, 11. Onde foy sepultado, *ibid.*
- Judeos.** Bautizados por ordem de ElRey D. Manoel, 281.
- Julio Cesar.** Vem à Hespanha com o titulo de Pretor, 89. Suas acções na Lusitania, *ibid.* e seg. Volta a Roma, 91. Torna a Hespanha,

92. Successos militares do seu tempo, *ibid.* e seg. Entra na Cidade de Béja, 96.
Jupiter Osiris. Vence os Lusitanos, e mata ao seu Rey Gerião, 15.

L

L *Agos.* Por quem foy fundada esta Cidade, 44.
D. Leonor Telles, Rainha de Portugal, de quem era filha, 244.
Lays. As primeiras porque se governou Hespanha, por quem foraõ promulgadas, 9.
Lisboa. O seu fundador, 27. Tomada aos Mouros, 205.
Liuba, Rey dos Godos, despojado do Throno, 137.
Lucio Mumio. Eleito Pretor de Hespanha, 60. Chega a Villa Viçosa, *ibid.* Vence a Cesaron, *ibid.*
D. Luiz de Ataide, Vice-Rey da India, 407. 409.
D. Luiz de Menezes, Marquez de Lourical, Vice-Rey da India, 413.
Lusitanos. De donde trazem a sua origem, 7.
Luso, Rey de Hespanha, quanto favoreceo a Lusitania, 22.
Luto. Quem o inventou em Hespanha, 18.
Lycínio Caco, Governador de Hespanha, 25. Vence a Pa-

latuo, Rey de Andaluzia; *ibid.*

Lysias. Acclamado Rey da Lusitania, e porque modo, 25.

M

M *Aharbal.* Entra a governar a Hespanha, 44.
D. Manoel, Rey de Portugal, sua vida, e acções, 277. e seg. Sua successão, 284, e seg. Suas virtudes, 282.
Manoel Freire de Andrade. Morre de huma balla na defen-
 sa de Evora, 329.
Maranhaõ. O seu primeiro povoador, e sua extensão, 419.
Marco Manilio. Vencido pelos Bracarenfes, 59.
Martim Affonso de Sousa, Governador da India, 403.
SS. Martyres de Lisboa. Em que tempo padeceraõ martyrio, 116.
Matheus, Bispo de Lisboa. Desbarata os Reys de Cordova, Sevilha, e Jaem, 216.
Mathias de Albuquerque. Triunfa do Baraõ de Molinguen na batalha de Montijo, 313.
Mauregato. Tributo infame, que pagava aos Mouros de Cordova, 155.
Mazagaõ. Sua situaçãõ, 382.
 Cerca

- Cerco famoso** que pade-
ceo, 384.
- Merida.** Por quem foy funda-
da esta Cidade, 99.
- Merobriga,** antiga Cidade da
Lusitania, sua situação, 45.
- Mertola.** Villa de Portugal,
sua fundação, 46.
- Mesa da Consciencia.** Sua ins-
tituição, 288.
- Metello.** Victoria que alcan-
çou contra os Lusitanos, 84.
- Mexerbal.** Vencido por Bau-
cio Capeto, 36.
- Miramolim,** Rey de Marro-
cos, morto na batalha de
Santarém, 208.
- Mithridates,** Rey do Ponto,
manda Embaixadores a Ser-
torio, 78.
- Montijo.** O que neste sitio
obrarão os Portuguezes,
313, 314.
- Moro.** Cidade antiga na Lusi-
tania, 73.
- Mouros.** Entraõ em Hespanha,
151.
- Mulheres.** O que obrarão al-
gumas na Lusitania vendo-
se cativas dos Romanos,
67. Valor das da Serra da
Estrella na opposição a Ju-
lio Cesar, 90.
- Mumio.** Vence aos Lusitanos,
61.

N

- N** **Abuco.** Vem à Hespa-
nha, 33, 34. Sahe
Tom. VI.

- della com affronta, *ibid.*
- Negidio,** Pretor Romano,
vencido por Sertorio, 66.
- Nembrot.** Pertendeo escalar o
Ceo, e de que modo, 7.
- Nicoláo Villagailhon,** Francez,
pertende senhorear o Río
de Janeiro, 427.
- Noé.** Veyo à Hespanha, 9.
- D. Nuno Alvares Pereira.** As
suas acções militares, 248,
252, 255. Ganha a bata-
lha dos Atoleiros, 252.
- Nuno da Cunha,** Governador
da India, 400.

O

- O** **Rdenações** As de El-
Rey D. Manoel, 282.
De ElRey D. Joaõ III. 288.
- D. Ordonho,** Rey de Hespa-
nha, 161.
- D. Ordonho II.** Rey de Hespa-
nha, 162.
- Ormia,** famosa Lusitana, o
que fez, vendose ultrajada
dos Romanos, 67.
- Osiris.** Vem à Hespanha con-
tra Gerião, 15. Crueldade
que se executou na sua
morte, 16. Vence aos Lu-
sitanos, 15.

P

- P** **Alatuo.** Vencido em Hes-
panha por Lycinio, 25.
- Palmella.** Nella desbaratou El-
Lil Rey

- Rey **D. Affonso Henriques** ao Rey de Badajoz , 206.
- Pará.** O seu primeiro povoador , 419.
- Paraíba.** O seu povoador, 421.
- Pernambuco.** Sua descripção , e o seu primeiro povoador , 422.
- Patriarcado de Lisboa.** Sua erecção , 357.
- P. Pedro I.** Rey de Portugal , o seu Elogio , 238. Seu casamento , 240.
- D. Pedro II.** Rey de Portugal , Acções militares no seu reinado , 337, e seg. Seu casamento , e successão , 343, 344.
- D. Pedro de Almeida,** Marquez de Alorna , Vice-Rey da India , 414.
- Pedro Alvares Cabral.** Descobre o Brasil , 389 , 415.
- Pedro Jaques de Magalhães.** Ganha a batalha de Castello Rodrigo , 332.
- D. Pedro Mascarenhas,** Vice-Rey da India , 405.
- Perpena.** Mata aleivosamente a Sertorio , e fica senhor da Lusitania , 87. Sua morte , *ibid.*
- Plaucio.** Vem à Hespanha em soccorro dos Romanos , contra Viriato , 65.
- Pompeo.** Vence a Viriato junto de Evora , e de quem modo , 69. He derrotado por Sertorio , 81. Fim do seu governo , 88.
- Ponte.** A de Chaves por quem foy feita , 112.
- Popilio.** Entra em Hespanha contra Viriato , 68.
- Porto Santo,** Ilha , o seu descobrimento , 365.
- Porto Seguro,** Capitania , o seu descobrimento , 426.
- Portugal.** Com que condições foy dado em dote ao Conde D. Henrique , 192.
- Pretores.** Os primeiros que vierão à Hespanha , 56.
- Proserpina.** Edificafelhe hum Templo na Lusitania , e em que parte , 61.

R

- D. Ramiro,** Rey de Hespanha , 158.
- Recaredo,** Rey dos Godos , irmão de S. Hermenegildo , 136.
- Recesuindo,** Rey dos Godos , 140.
- Rechilla,** Rey dos Suevos , vence , e mata a Andebalo General do Imperador Valentiniano , 126.
- Ricciario,** Rey dos Suevos , sua morte , 128.
- Rio Grande,** o seu descobrimento , 421.
- Rio de Janeiro,** sua situação , 426.
- D. Rodrigo,** ultimo Rey Godo , Calamidades que padecco Hespanha no seu governo ,

verno, 147. e seg. Derrotado pelo Mouro Tarif Abemzarca, 150. Vencido se refugiou em Portugal, *ibid.* Sua morte, 151. *Roma.* O seu fundador, 20. *S. Rosendo*, Portuguez, de quem era filho, 168.

S

D. *Sancho I.* Rey de Portugal, suas heroicas acções, 211. e seg. Sua morte, 213. Sua successão, 214. *D. Sancho II.* Rey de Portugal, o seu Elogio, 218. *Santarem.* Por quem foy fundada esta Villa, 29. *Santiago.* Vem à Hespanha, 108. *Sarrios.* Vencidos pelos Turdulos, e Celtas, 33. *Scipião.* Entra em Hespanha com maõ armada, 52. *Scipião Nasica.* Succede na Lusitania a Censorino, 56. *Sé.* A de Sevilha por quem foy edificada, 162. *Seará,* ou *Ceará.* Sua extensão, 420. *D. Sebastião,* Rey de Portugal, o seu Elogio, 291. *Seca.* Huma notavel de vinte e seis annos em Hespanha, 30. *Sepulchro.* O do Gigante Anteo por quem foy descuberto, 75.

Sergipe. Sua situação, 423. *Sertorio.* Suas acções na Lusitania, 75. e seg. Sua morte, 86. *Serviliano,* Consul Romano, vem em soccorro contra Viriato, 69. *Setubal.* Primeira fundação de Tubal na Hespanha, 8. *Sevilha.* Por quem foy fundada, 18. *Sicano,* Rey de Hespanha, suas acções, 21. *Sicoro.* Rey de Hespanha, 20. *Sic-celeo,* Rey de Hespanha, fundou a Cidade de Troya, 21, 22. *Sic-ulo,* Rey de Hespanha, passa à Italia, onde morreu, 23. *Sisebuto,* Rey dos Godos, 138. *Sisenando,* Rey dos Godos, 139. *Sventila,* Rey dos Godos, 138. Sua morte, 139.

T

T *Ago,* Rey de Hespanha, 12. *Tamaracá.* O seu primeiro povoador, 421. *Tangere.* Tomada pelos Portuguezes, 366. *Tanque.* Hum prodigioso no termo de Offel, 130. *Tavora.* Origem desta Familia, 170, 172. *Teive.* De donde se deriva esta Familia, 170.

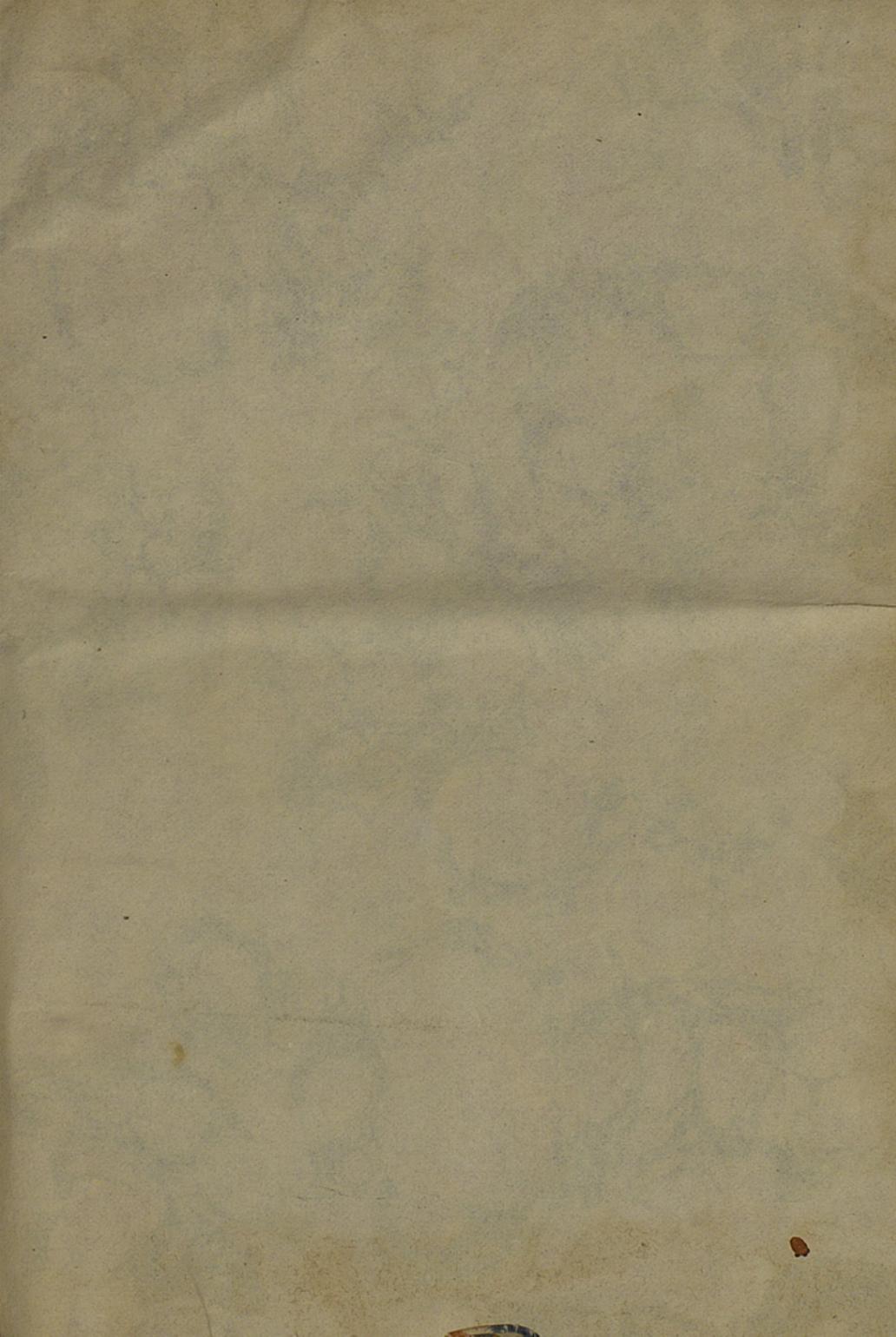
Tem:

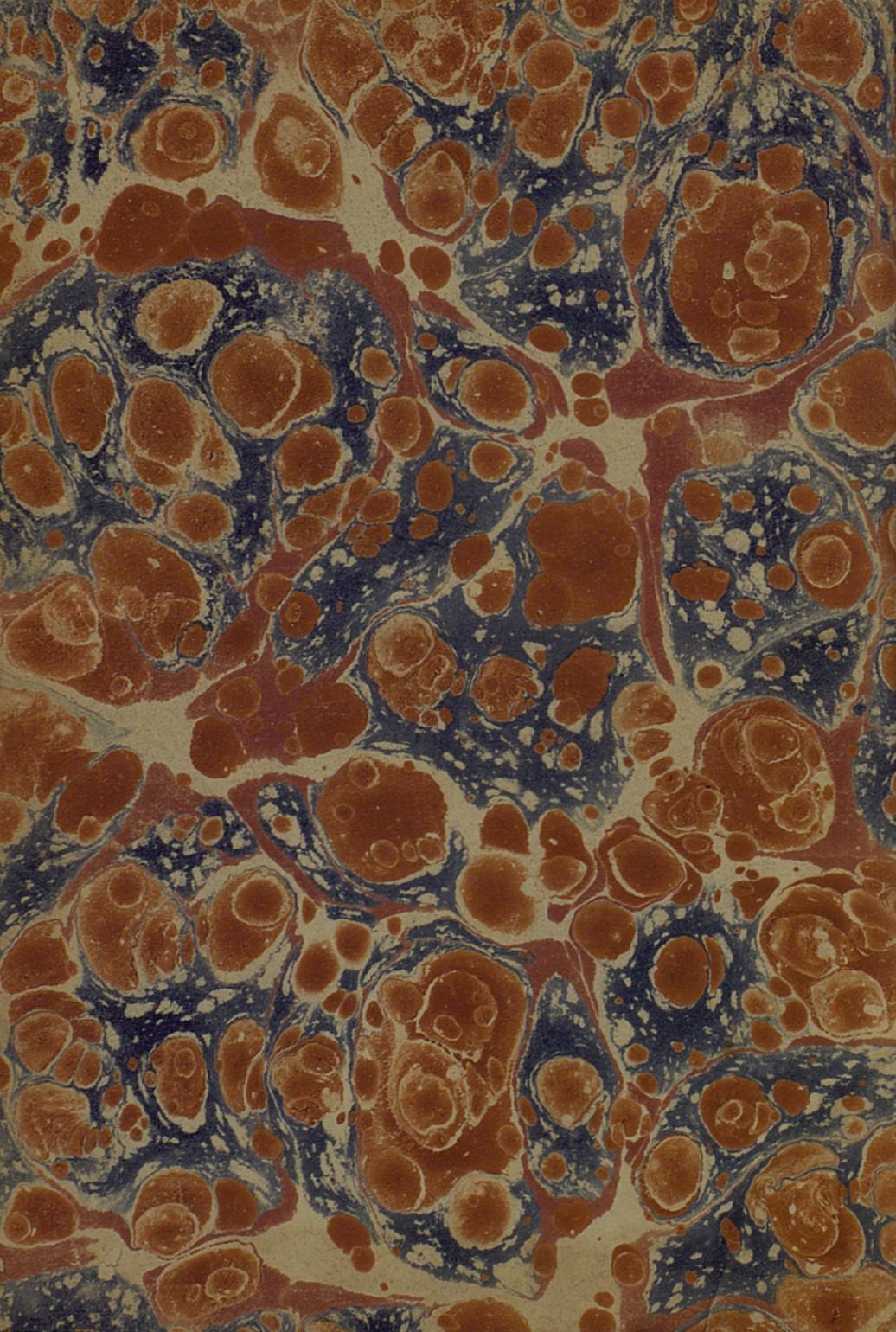
Templo. O de Diana quem o fundou em Hespanha, 24.
 O da Ninfa Salacia junto a Alcacere, 98. O de Hercules destruido pelos Lusitanos, 32. O de Proserpina onde, e porquem foy edificado, 61. O de Jupiter junto do rio Enxarrama, 82.
D. Theodon. Encontro que teve com os Mouros, 172.
Theodorico, Rey dos Godos, derrota, e mata a Riciario Rey dos Suevos, 128.
Theodosio, Imperador, successos da Lusitania no tempo do seu governo, 117.
D. Thereza, mulher do Conde D. Henrique, mostra-se fer filha legitima de El Rey D. Affonso VI. de Castella, 183. E legitima Rainha de Portugal, 186.
Tiberio Graco. Sitia huma das Cidades da Lusitania, 58.
S. Torpes. O seu corpo apparecido nas prayas de Sines, 109.
Trajano. O que obrou na Lusitania, 112. Sua morte, 113.
Troya. O seu fundador, 22. Quando foy destruida, 27.
Tubal. Veyo à Hespanha, 7. Qual foy a sua primeira povoação, 8. Onde foy sepultado, 10.
Turdalos. Oppoem-se aos Sar-

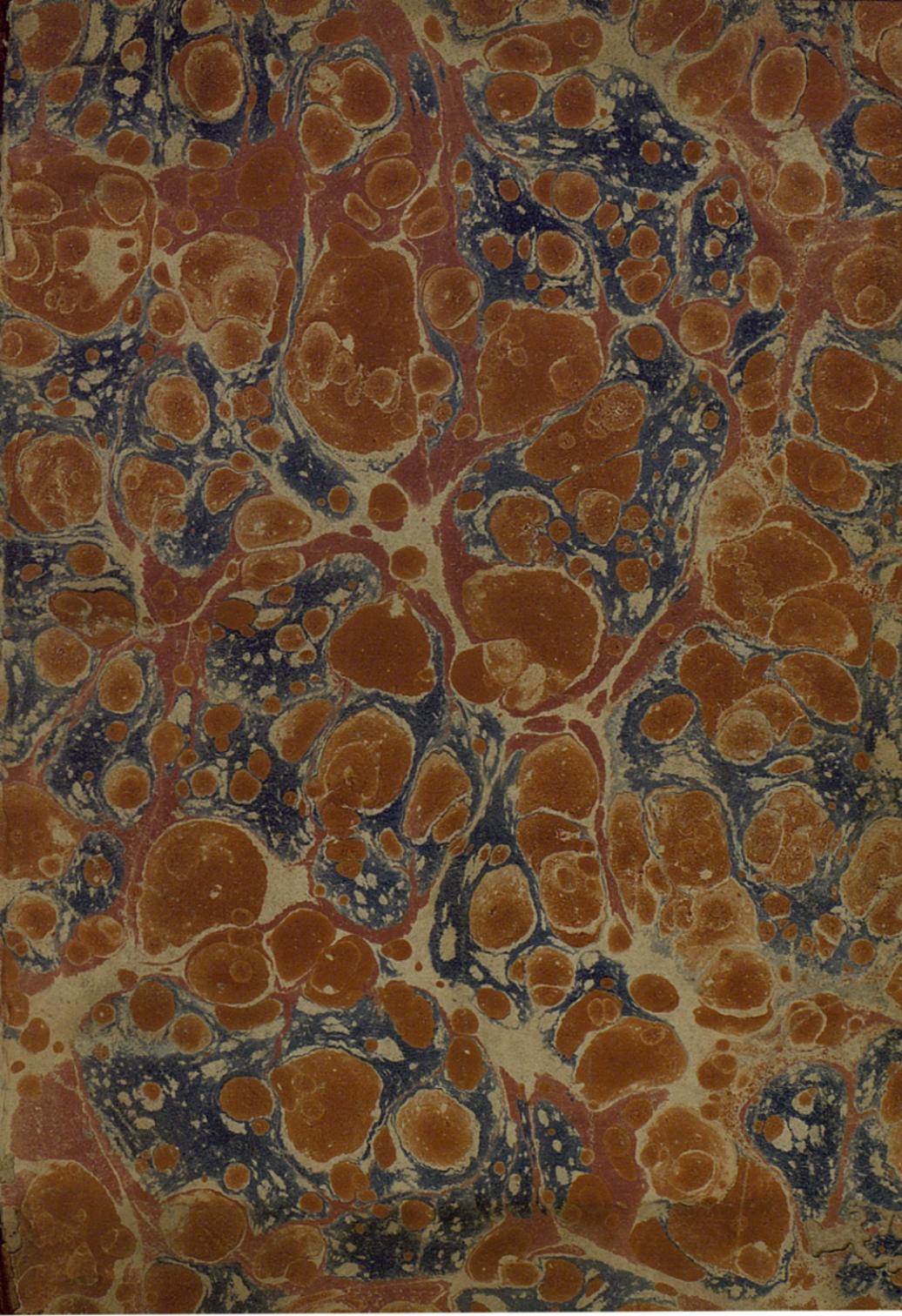
rios na povoação da Beira, 33.

V

Vasco da Gama. Descobridor da India, 388.
Vetúlio. Perseguido de Viriato, 64.
Vetones. Vencem aos Celtas, 48.
S. Vicente. Prezo em Evora no tempo de Diocleciano, 116.
S. Vicente, Capitania, sua fittuação, 428.
Villa Viçosa. Sitiada pelo Marquez de Carracena, 334.
Viriato. Acompanha a Anibal na batalha de Canas, 51. Suas acções famosas contra os Romanos, 63, e seg. Sua morte, 71.
Ulyffes. Vem à Lusitania, 27. Volta para Ithaca, 28.
Universidade. A de Osca por quem foy instituida, 75.
Wamba, Rey dos Godos, 142.
Wimariano. Morto por seu irmão D. Fruella, 154.
Witerico, Rey intruso dos Godos, 137. Sua morte desestrada, *ibid.*
Witisa, Rey dos Godos, 145. O seu governo tyrannico, *ibid.*







NB



000001000000EFG